

Universidade do Porto  
Faculdade de Letras



**Representações linguísticas e semióticas na  
estatuária urbana europeia**

Ana Paula Gil Soares

Doutoramento em Linguística

Tese Orientada pela Professora Doutora  
Olívia Maria Figueiredo

2009

**Representações linguísticas e semióticas na estatuária urbana europeia**

**Volume 2 – Componente informática**

**CD**

**Sistema informático para semiolinguística da escultura**

**Requisitos de sistema:**

Windows XP ou mais recente. Microsoft Office 2003 ou posterior.

Internet explorer 6.0 ou posterior.

**Instruções :**

Ao introduzir o disco no aparelho este abrirá automaticamente a interface passados alguns segundos. Caso não abra automaticamente (por o sistema não ter o autorun operacional) clicar no ficheiro **Iniciar.htm**, situado na raiz do CD.

**Ao João Filipe**  
**Ao Alexandre, à Ana Carmo**

## Agradecimentos

Expresso os meus agradecimentos e reconhecimento à Professora Doutora Olívia Maria Figueiredo pela orientação desta tese e pelo gosto e incentivo ao prosseguimento desta investigação.

Devo também um reconhecido agradecimento à Faculdade de Letras da Universidade do Porto pelo acolhimento desde a primeira hora a este trabalho de investigação.

Manifesto um agradecimento muito especial ao João Filipe Vieira pelo trabalho de construção informática do volume 2 e pela colaboração de campo na recolha conjunta de *corpora*.

Agradeço aos meus pais a constante ajuda ao longo de todo o trabalho.

Manifesto ainda a minha gratidão ao Professor Doutor Mário Vilela pelo apoio e atenção demonstrados na fase inicial deste trabalho.

À Malgorzata Sleziak e família agradeço a calorosa recepção em Żywiec e o acompanhamento através da cidade às esculturas bem como pelas interessantes conversas acerca da cultura local e da Polónia na vivência quotidiana.

Os meus agradecimentos vão também para a Professora Doutora Clotilde Almeida pelo apoio e incentivo ao projecto de doutoramento.

Agradeço ainda às seguintes entidades individuais e colectivas a disponibilidade e o cuidado pelo fornecimento das informações solicitadas:

- Max Riedlsperger, Ph.D., Prof. of History (emeritus)  
Cal Poly State University

- Autobahn-Rasthof  
Vierwinden Süd GmbH

- Tank und Rast GmbH  
Abteilung Öffentlichkeitsarbeit

- Bundesministerium für Verkehr, Bau und Stadtentwicklung  
Referat Bürgerservice und Besucherdienst

- Office de Tourisme d'Amiens Metropole  
Service Accueil  
Amiens

- Dr. Klaus Reinsch  
Georg-August-Universitaet  
Institut fuer Astrophysik  
Goettingen

- Christiane Matz  
Landeshauptstadt Düsseldorf  
Institut für Denkmalschutz und Denkmalpflege  
Düsseldorf

- Karl-Henning Seemann (escultor)

Löchgau

- Hannes Jank

Stadt Villach

Stadtservice - Rathaus

Villach

- Kath-Pfarre Kaernten

Villach

- Sr. Hubert Malyszczuk

Turysty Zielona-Gora

Zielona-Gora

- Sra. Nicole Mueller

Stadt Knittlingen

Knittlingen

- Sra. Heike Gärtner

Bestandsreferentin

Stadt Leipzig, Der Oberbürgermeister

Hauptamt

Stadtarchiv Leipzig

- Dr. R. Eschenbrücher

Stadtbezirkskonservator

Stadt Leipzig, Der Oberbürgermeister

Amt für Bauordnung und Denkmalpflege

Abteilung Denkmalpflege

Leipzig

- Centro de Documentação  
Câmara Municipal de Loulé  
Loulé

- Sr. João Monteiro (Biblioteca Municipal)  
Município de Murça  
Murça

- Sra. Carla Sofia Martins  
Assessora de Imprensa  
Camara Municipal de Viana do Castelo  
Viana do castelo

- Stadt Grevenbroich  
Büro des Bürgermeisters /  
Öffentlichkeitsarbeit  
Grevenbroich

## **Representações linguísticas e semióticas na estatuária urbana europeia**

(resumo)

Partindo do fundamento geral da semântica cognitiva de que as representações linguísticas se fundam no universo da experiência e são determinadas culturalmente, apontam-se as relações de semelhança conceptual através das afinidades semânticas entre várias imagens escultóricas implantadas em diferentes regiões etnolinguísticas.

As representações semióticas e linguísticas presentes na estatuária urbana reportam dimensões vivenciais locais quer através da descrição de eventos associados à origem primordial das localidades, como por exemplo as lendas e os contos tradicionais, quer através da apresentação de actividades de cariz sócio-económico, seja nas figurações de profissões locais, ou ainda de personalidades reais ou do universo lendário. Estas representações semiolinguísticas enformadas na estatuária urbana têm um papel relevante no quotidiano das populações na medida em que tornam vivas na memória aspectos da história, da vivência e do folclore local.

Através de um corpus de amostra constituído por 300 contextos semiolinguísticos de estatuária urbana, os quais foram inseridos numa base de dados, comprova-se que a conceptualização é um fenómeno cognitivo que se situa num espaço de confluência entre o conceito visual representado pela imagem escultórica e o conceito linguístico representado pela dimensão verbal que lhe está associada. Isto significa que a representação do significado no património escultórico edificado resulta de estruturas que operam ao nível da experiência, i.e. ao nível da interacção do sujeito com o mundo físico e cultural que o rodeia, donde as metáforas e as metonímias, os esquemas cognitivos idealizados e os *frames* conceptuais se revelam instrumentos cognitivos essenciais para interpretação e conhecimento do mundo. Estes instrumentos articulam o mundo da percepção visual, o mundo da experiência social ou cultural e o mundo baseado na imaginação.



Assim, confirma-se que a linguagem verbal é apenas uma forma de representação conceptual de todo o universo semiótico.

## **Représentations linguistiques et sémiotiques dans la statuaire urbaine européenne**

(résumé)

En partant du fondement général de la sémantique cognitive dont les représentations linguistiques s'établissent dans l'univers de l'expérience et sont déterminées culturellement, il s'indique les relations de similitude conceptuelle à travers les affinités sémantiques entre plusieurs images de sculptures implantées dans les différentes régions ethnolinguistiques.

Les représentations sémiotiques et linguistiques dans la statuaire urbaine reportent des dimensions existentielles locales soit à travers la description d'événements associés à l'origine primordiale des localités, comme par exemple les légendes et les histoires traditionnelles, soit à travers la présentation d'activités socio-économique, soit dans les figurations de professions locales, ou encore de personnalités réelles ou de l'univers légendaire. Ces représentations semiolinguistiques formées dans la statuaire urbaine ont un rôle important dans le quotidien des populations dans la mesure où ils rendent vivants dans la mémoire aspects de l'histoire, de l'expérience et du folklore local.

À travers un corpus de données constitué par 300 contextes semiolinguistiques de la statuaire urbaine, qui ont été stockés dans une base de données, il se vérifie que la conceptualization est un phénomène cognitif qui se place dans un espace de embranchement entre le concept visuel représenté par l'image sculpturale et le concept linguistique représenté par la dimension verbale qui lui est associée. Ceci signifie que la représentation de la signification dans le patrimoine sculptural édifié résulte de structures qui opèrent au niveau de l'expérience, i.e. au niveau de l'interaction du sujet avec le monde physique et culturel qui l'encercle, dont les métaphores et les métonymies, les modèles cognitifs idéalisés et *frames* conceptuels ils si révèlent des instruments cognitifs essentiels pour l'interprétation et connaissance du monde. Ces instruments articulent le monde de la perception visuelle, le monde de l'expérience sociale ou culturelle et le monde de l'imagination.

Ainsi, il se confirme que la langue verbale est seulement une forme de représentation conceptuelle de tout l'univers semiotique.

## **Linguistische und Semiotische Darstellungen in der europäischen Bildhauerei im öffentlichen Raum**

(Resümee)

Gemäß der allgemeinen Grundlage der kognitiven Semantik, daß die Sprachdarstellungen sich auf der Erfahrung gründen und von der Kultur bestimmt werden, werden auch die Beziehungen von konzeptuellen Ähnlichkeiten durch die semantischen Verwandtschaften zwischen einigen Bildern in dem öffentlichen Raum in unterschiedlichen ethnolinguistischen Regionen gezeigt.

Die semiotische und linguistische Darstellungen der Bildhauerei im öffentlichen Raum berichten lokalen und kulturellen Erfahrungen nicht nur durch die Beschreibung von Ereignissen, die streng mit der ursprünglichen Gründung der Städte verbunden sind, wie Märchen und andere Sage, sondern auch durch die Vorstellung von sozioökonomischen Tätigkeiten entweder in der Figuration der lokalen Berufe oder sogar in den wirklichen Persönlichkeiten oder in den Persönlichkeiten von der legendären Welt. Diese in der Bildhauerei gestalteten semiolinguistischen Darstellungen spielen eine notorische Rolle im Alltagsleben der Bevölkerungen, weil sie Erinnerungen im Gedächtnis der Leute, die mit der Geschichte, der Erfahrung und der lokalen Folklore zu tun haben, wecken.

Anhand eines Beispielkorpus, das 300 semiolinguistische Zusammenhänge von Bildhauerei im öffentlichen Raum enthält und in einer Datenbank zusammengestellt wurden, wird geprüft, dass die Konzeptualisierung ein kognitives Phänomen in dem Zwischenraum vom Sichtkonzept, durch das Bild dargestellt, und dem linguistischen Konzept, durch die Sprache dargestellt, ist. Das heißt, daß die Darstellung der Bedeutung in dem bildhauerischen Patrimonium das Resultat von den Strukturen, die auf dem Niveau der Erfahrung, d.h. auf dem Niveau der menschlichen Interaktion mit der physischen und kulturellen Welt, funktionieren. Innerhalb dieser Rahmen, sind Metaphern und Metonymien, idealisierte kognitive Schemata und *frames* wesentliche kognitive Instrumente für die Interpretation und Kenntnis der Welt. Diese Instrumente

artikulieren die Welt der Sichtvorstellung, die Welt der Sozial- oder kulturellen Erfahrung und die Welt, die auf der Einbildungskraft basiert.

So wird es bestätigt, daß die Sprache nur eine Möglichkeit der Begriffsdarstellung der ganzen semiotischen Welt ist.

### **Linguistic and semiotic representations of the urban statuary in Europe**

(abstract)

Bearing the general tenet of cognitive semantics that linguistic representations are grounded in the universe of experience and are culturally determined, we point out the relations of conceptual similarity throughout the semantic affinities between some sculptoric images in different ethnolinguistic regions.

Semiotic and linguistic representations in the urban statuary report local experiential dimensions both through the description of events connected with the prime origins of the places, such as traditional legends and stories, and through the presentation of socio-economic activities, either in the figuration of local professions or even in real personalities or personalities from the legendary world. These semiolinguistic representations shaped out in the urban statuary have a notorious role in the everyday lives of the populations since they recall in the memory aspects of the history, the experience and the local folklore.

The sample corpus contains 300 semiolinguistic contexts of urban statuary, designed in a database, which proves that conceptualization is a cognitive phenomenon located in a confluence space between the visual concept represented by the image of the sculpture and the linguistic concept represented by the verbal dimension which it is associated to. This means that the representation of meaning in the sculptoric patrimony is the result of structures that operate at the level of experience, i.e. at the level of human interaction with the physical and cultural world. Within this framework metaphors and metonymies, idealized cognitive schemas and conceptual frames are essential cognitive instruments for interpretation and knowledge of the world. These instruments articulate the world of visual perception, the world of social or cultural experience and the world based on the imagination.

Thus, it is confirmed that verbal language is only one way of conceptual representation of whole semiotic universe.

**Palavras-chave**

conceptualização – linguística – semiótica – representação – estatuária

**Mots-clefs**

conceptualisation – linguistique – sémiotique – représentation – statuaire

**Schlüsselwörter**

Konzeptualisierung – Linguistik – Semiotik – Darstellung – Bildhauerei

**Key words**

conceptualization – linguistics – semiotics – representation – statuary

## Abreviaturas e siglas

### Utilizadas no volume 1

**Ex.** – exemplo.

**Fig.** - figura, gráfico, ilustração ou fotos.

**IDSL** - anotação no texto do registo de cada obra escultórica pelo número em que aparece na ficha da base de dados (volume 2 desta tese).

**prfv** - plástico reforçado com fibra de vidro.

**REM** - rede de espaços mentais.

### Utilizadas no volume 2 (componente informática)

**BBL** (= bibliografia consultada).

**IDSL** (= identificador semiolinguístico), identifica na ficha da base de dados o registo de uma entrada no corpus semiolinguístico.

**mrc.tpn.num** (= marcas, toponímia ou números e outros casos semelhantes.).

**s.e.-----** (= sem elementos para esse registo, campo por completar.).

**s.i.-----** (= quando nos campos inscrições e idioma aparece esta sigla significa que a obra não tem nenhuma inscrição linguística e logo nessa obra não está expresso nenhum idioma.).

"Todas as coisas humanas têm dois aspectos [...] Para dizer a verdade, tudo neste mundo não passa de uma sombra e de uma aparência, mas o fato é que esta grande e longa comédia não pode ser representada de outra forma.[...] Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos certificar-nos de nenhuma verdade."

(Erasmus, *Elogio da Loucura*)

## Índice

|                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução .....                                                               | 17  |
| 1. O paradigma cognitivo .....                                                 | 22  |
| 1.1 A semântica cognitiva .....                                                | 36  |
| 1.1.1 A linguística.....                                                       | 36  |
| 1.1.2 A semiótica.....                                                         | 43  |
| 2. A semântica enquanto fenómeno cognitivo .....                               | 64  |
| 2.1 A teoria semiótica da linguagem .....                                      | 64  |
| 2.2 Conceptualização e percepção visual .....                                  | 76  |
| 3. Conceptualização e diversidade .....                                        | 89  |
| 3.1 O modelo cultural .....                                                    | 89  |
| 3.2 Significado, representação e apresentação .....                            | 115 |
| 4. Representações linguísticas e semióticas Na estatuária urbana europeia..... | 147 |
| 4.1 O corpus.....                                                              | 147 |
| 4.2 Análise semântica .....                                                    | 164 |
| 4.2.1 Onomástica .....                                                         | 164 |
| 4.2.2 Vitivinicultura.....                                                     | 198 |
| 4.2.3 Região.....                                                              | 201 |

|        |                                     |     |
|--------|-------------------------------------|-----|
| 4.2.4  | Lendas e contos .....               | 203 |
| 4.2.5  | Espiritualidade .....               | 212 |
| 4.2.6  | Música .....                        | 217 |
| 4.2.7  | Aforismos .....                     | 219 |
| 4.2.8  | Justiça .....                       | 222 |
| 4.2.9  | Figuras populares.....              | 225 |
| 4.2.10 | Tempo.....                          | 240 |
| 4.2.11 | Cidade.....                         | 242 |
| 4.2.12 | Educação.....                       | 251 |
| 4.2.13 | Militar .....                       | 254 |
| 4.2.14 | Jogo.....                           | 257 |
| 4.2.15 | Alegoria .....                      | 258 |
| 5.     | Observações finais.....             | 260 |
| 6.     | Apêndice(s).....                    | 267 |
| 7.     | Anexo(s) .....                      | 280 |
|        | Bibliografia .....                  | 290 |
|        | Páginas da Internet.....            | 306 |
|        | Recursos informáticos .....         | 323 |
|        | Outros recursos <i>online</i> ..... | 336 |
|        | Dicionários.....                    | 340 |
|        | Corpora .....                       | 343 |
|        | Índice remissivo.....               | 344 |
|        | Índice de figuras .....             | 350 |



## Introdução

O trabalho que agora apresentamos no âmbito do doutoramento em Linguística – *Representações linguísticas e semióticas na estatúária urbana europeia* – surge na sequência de um projecto de investigação que tem na sua base a análise do significado manifesto na narrativa visual presente nas obras de estatúária urbana no espaço público europeu.

Através do levantamento bibliográfico que efectuámos para esta investigação verificámos que não existiam quaisquer estudos respeitantes à análise linguística e semiótica no âmbito da arte da escultura no espaço público europeu, designadamente da *estatúária urbana*, quer em dissertações académicas quer em obra publicada.

Por um lado, não é comum nos estudos em linguística uma abordagem convergente através de *corpora* do material verbal e do material visual, apesar de este entrosamento ser frequente, quer nos manuais para o ensino de línguas estrangeiras quer no discurso publicitário ou no discurso político. Por outro lado, a emergência do cognitivismo abria possibilidades a novos campos de investigação, dada a importância que a cultura e a experiência bem assim os processos cognitivos têm na conceptualização, donde a dimensão semiótica das representações escultóricas em inter-relação com a vertente linguística se afigurava um universo a explorar no âmbito da semântica cognitiva.

Assim, partindo da intuição e de uma observação inicial de que a estatúária figurativa no espaço público apresenta um discurso assente na imagem visual e na componente linguística, os quais são relevantes para um entendimento do seu significado, julgámos interessante certificar num universo mais amplo estas suposições. Então, delineamos este estudo no espaço geográfico europeu. Por conseguinte, foi necessário considerar a importância que nos merecem os estudos das línguas europeias em articulação com a arte pública, designadamente a *estatúária urbana*, pois ambas

denotam aspectos culturais e mentais relevantes na construção das identidades colectivas. A questão da interdisciplinaridade foi outro factor a considerar, tendo em conta a diversidade linguística e a extensão geográfica na disposição de *corpora* semiolinguístico e dos respectivos espécimes iconográficos.

Assim, recorreremos em muitas das fases da investigação ao método experimental próprio das ciências naturais, pois a mesma envolveu um trabalho de campo na recolha do *corpora*, i.e. da amostra, partindo de hipóteses com base na intuição, as quais foram analisadas e testadas após selecção do material recolhido, visando os objectivos de análise. Utilizámos durante o processo de recolha no local a fotografia digital e a anotação manuscrita em pequenos cadernos de toda a informação relativa a cada imagem escultórica, tal como referências de natureza toponímica, inscrições afixadas às obras ou em muitos casos outro tipo de informação verbal adjacente às mesmas, por exemplo placas ou cartazes de natureza turística, muitas vezes com factos históricos sobre as esculturas e as regiões. A pesquisa etnolinguística foi mais tarde complementada com material diverso consultado no ciberespaço (páginas pessoais, sítios de edilidades, páginas de universidades, wikipedia, mapas linguísticos, etc.), o qual foi devidamente examinado e comparado, a fim de verificar e aferir a autenticidade da informação. Recorreremos ainda a fontes lexicais *online*, por exemplo dicionários etimológicos e aplicações gestoras de dicionários, tais como *Babylon* e *Lingoes*, os quais indicamos na bibliografia para melhor esclarecimento acerca dos mesmos. A informação linguística recolhida no local bem assim o tratamento da mesma e das respectivas imagens através de dados recolhidos na *internet* revelou-se essencial para a análise e estudo semiolinguístico das obras.

Uma vez que as imagens escultóricas revelam a dimensão étnica e cultural das comunidades, situando-se as mesmas em espaços geográficos e etnolinguísticos que ultrapassam a configuração política dos territórios, a geografia e a linguística tornaram-se áreas do conhecimento que mereceram especial cuidado e atenção durante a investigação:

*Geografia* - A disposição territorial da escultura urbana e o campo de investigação e recolha de *corpora* linguístico abrangendo o espaço da Europa constituiu um eixo de estruturação da investigação, donde realçamos a importância da consulta de mapas especializados de natureza etnolinguística, histórica e política, para melhor entendimento da localização dos itens iconográficos e da sua dimensão semântica na

cultura e experiência local. Nesta linha, foi importante dar atenção aos estudos de distribuição etnolinguística, para um melhor estudo do *contexto e significado* de algumas das obras<sup>1</sup>;

*Linguística* – No sentido de transmitir a importância do envolvimento linguístico das obras pelo que este representa na formação de uma consciência multilingue europeia como forma de valorizar as línguas dos países e os dialectos das regiões e como valor de cultura local. Esta atenção ao envolvimento linguístico local manifesto nos títulos das obras, na toponímia onde estas se inserem, nas inscrições afixadas às mesmas ou ainda através das narrativas que evocam permitem um entendimento da dimensão cultural europeia e também um enquadramento político, cultural e geolinguístico das línguas bem assim das conceptualizações que corporizam e enformam as representações semânticas nas diferentes línguas e regiões através da estatúária na Europa.

Efectivamente, um dos princípios que dirigiu a investigação no terreno foi a intuição de que a escultura urbana no espaço público encerra um discurso *scripto*-visual, ou seja um conceito visual materializado na imagem e uma conceptualização linguística imaterial, a qual pode estar afixada à obra ou ser por ela evocada. Tal como Lagoa Henriques, escultor português e autor da obra *Os tripeiros* [IDSL:407], afirma, a escultura pública enquanto suporte signifiante contém sempre uma mensagem, i.e. um texto portador de significado: "De resto, toda a arte medieval, fundamentalmente, é uma arte pública, mas enraizada numa determinada intenção de comunicação. Nessa altura ainda não se tinha inventado a imprensa, portanto a comunicação era feita através da imagem. Não era dada pela palavra; a palavra também se escrevia, mas não era difundida, era feita pelos copistas, nos manuscritos. Toda a comunicação se baseia neste contraponto permanente entre a palavra e a imagem. [...] Qualquer objecto artístico, segundo as teorias modernas - e estou a lembrar-me de Saussure - tem estes três aspectos: o referente, o signifiante e o significado. No meu tempo, o referente chamava-se o tema, agora chama-se referente; o signifiante é a própria obra de arte; e o significado é o que ela pretende dizer ao tal público. [...] A arte pública dirige-se a toda uma população, eventualmente anónima, mas que, pelo olhar, pode receber uma

---

<sup>1</sup> Consultar o anexo 1, o anexo 2, o anexo 3 e o anexo 5.

mensagem, o tal significado de que falámos."<sup>2</sup> Este argumento vai de encontro à hipótese fundamental colocada e à pertinência da investigação gizada a partir do paradigma da semântica cognitiva, segundo a qual a dimensão experiencial norteia a conceptualização e toda a representação simbólica, donde a análise do significado deve considerar os elementos de estrutura conceptual.

A investigação semiolinguística que encetámos desenrola-se entre duas vertentes: o entendimento e a análise. A investigação semiolinguística no âmbito do paradigma cognitivista tem como principal enfoque a natureza conceptual do discurso ou da narrativa *scripto*-visual, e de que modo o mesmo reflecte os conceitos e a própria cognição. Por isso, a análise da metáfora e da metonímia e da narrativa metafórica foi um dos procedimentos da investigação, visando descrever e explicar a função e a natureza conceptual da linguagem e das representações semiolinguísticas presentes no conceito visual e no conceito linguístico da estatuária urbana. Portanto, um dos objectivos consistiu na recolha da informação necessária no discurso *scripto*-visual presente na estatuária urbana, o qual é um discurso centrado na dimensão cultural e na sua narrativa, não para um entendimento do discurso simbólico, mas antes para descrever a relação da dimensão linguística e semiótica do significado com a dimensão conceptual do mesmo.

As conclusões que traçamos quanto ao tratamento estatístico do *corpus* foram devidamente acauteladas, considerando a limitação da amostra aos 300 exemplos. O volume 2 de leitura informática define ainda as categorias conceptuais de teor semiolinguístico no campo representação gerando instrumentos interpretativos do ponto de vista numérico a partir de apontadores contextuais. Consideramos que esta base de dados semiolinguística da escultura urbana europeia é um instrumento inovador para a análise em ciências da linguagem, pois ao invés das bases de dados de teor linguístico disponíveis *online*, as quais são constituídas por listas estáticas, temos agora uma base de dados dinâmica quer para a análise semântica quer para a interpretação conceptual de domínios da experiência representados nos diversos idiomas.

Julgamos interessante observar com este trabalho linguístico e iconográfico, o alcance do património cultural e conceptual das diferentes línguas europeias,

---

<sup>2</sup> Cf. (04.12.2008) - metrópoles #8 4.º Trimestre 2004. "Arte Pública Urbana". Área Metropolitana de Lisboa  
[http://www.aml.pt/webstatic/publicacoes/periodicas/metropoles/\\_html/\\_docs/metropoles08.pdf](http://www.aml.pt/webstatic/publicacoes/periodicas/metropoles/_html/_docs/metropoles08.pdf)

inclusivamente as minoritárias, nas representações sociais, profissionais, gastronómicas, onomásticas e toponímicas, em particular, ou outras, no domínio do folclore local (lendas, provérbios, expressões idiomáticas, etc.), e que surgem frequentemente associadas a imagens escultóricas figurativas.

## 1. O PARADIGMA COGNITIVO

A Linguística Cognitiva, enquadrada numa posição de ruptura epistemológica, quer com o Objectivismo quer com o Subjectivismo, postula uma nova perspectiva de entendimento da realidade designada por realismo experiencialista.<sup>3</sup>

Segundo o paradigma objectivista, os objectos no mundo (as categorias e os conceitos) existem independentemente do sujeito e da sua interacção com eles. Definem-se por um conjunto de condições necessárias e suficientes inerentes aos próprios objectos, constituindo entidades discretas, que integram conjuntos de estrutura lógica.

Em contrapartida, o Subjectivismo, ao aceitar o primado exclusivo do sujeito, dos seus sentimentos e intuições como condição de verdade, atribui à conceptualização uma dimensão puramente individual.

Da óptica do realismo experiencialista, as línguas, construções mentais, são o resultado da nossa interacção com o mundo físico, mediada através da representação de esquemas imagéticos, padrões abstractos da experiência. Parte-se do princípio de que a conceptualização é corporizada – “Thought is embodied” conforme postulado por Lakoff (1987) e por Lakoff/ Johnson (1999) no próprio título da obra “The embodied mind” – resultado de uma conjugação dos vários processos cognitivos, a saber, a memória, a atenção, a consciência, os sistemas perceptivo e motor, na razão e na formulação dos conceitos.

Este princípio da Linguística Cognitiva decorre das recentes descobertas no contexto do paradigma cognitivo, segundo as quais, a conceptualização se encontra ligada ao nosso corpo, às peculiaridades do nosso cérebro e à nossa interacção com o

---

<sup>3</sup> Cf. Lakoff (1987: xv): “I will refer to the new view as *experiential realism* or alternatively as *experientialism*. The term *experiential realism* emphasizes what experientialism shares with objectivism: (a) a commitment to the existence of the real world, (b) a recognition that reality places constraints on concepts, (c) a conception of truth that goes beyond mere internal coherence, and (d) a commitment to the existence of stable knowledge of the world.”.

meio físico e cultural, i.e., “our bodies, brains, and interactions with our environment provide the mostly unconscious basis for our everyday metaphysics, that is, our sense of what is real” (Lakoff/ Johnson, 1999: 17).

Esta abordagem de índole experiencialista, segundo a qual as categorias e a própria cognição são metafóricas, constitui uma alternativa às correntes objectivista e subjectivista<sup>4</sup>. Assim, as línguas enquanto construções simbólicas fundam-se num sistema conceptual edificado a partir da esfera da experiência.

A nossa experiência interactiva com o mundo está presente na nossa língua influenciando o conteúdo cognitivo e consequentemente a estrutura linguística. Como tal, a categorização resulta em grande parte da experiência física do corpo e com o corpo, com especial destaque para as capacidades perceptivas e motoras.

É a natureza biológica do nosso corpo que forma as nossas possibilidades de conceptualização e categorização em interacção com o mundo. Esta interdependência de categorias, conceitos e experiência é reflectida na própria língua do seguinte modo: os conceitos são estruturas neuronais que nos permitem caracterizar as categorias em termos de protótipos.

A teoria do protótipo foi primeiramente introduzida por Rosch<sup>5</sup> no seu estudo sobre as cores, onde defende que os membros de uma categoria se organizam segundo diferentes graus de saliência, encontrando-se os mais representativos no centro da categoria (os protótipos) e os menos representativos na periferia da categoria. Na realidade, a noção de prototipicalidade desenvolvida por Rosch apresenta alguns princípios já referidos por Wittgenstein (1945), especificamente aquilo a que designou por “Familienähnlichkeit” (“parecenças de família”): os membros de uma categoria agrupam-se por semelhanças parciais, pelo que se regista uma intersecção entre as categorias, decorrente das fronteiras fluidas entre as mesmas. Assim, Wittgenstein (1945) verifica que a categoria *jogo* “*Spiel*” se encontra estruturada em rede através de uma série de intersecções parciais designadas metaforicamente por “parecenças de família”<sup>6</sup>:

<sup>4</sup> Sobre os mitos objectivista e subjectivista, cf. Lakoff/ Johnson (1980: 185 e ss.).

<sup>5</sup> Sobre categorias e protótipos, nomeadamente o estudo de Rosch sobre as cores, cf. Ungerer/ Schmid (1996: 3 e ss.).

<sup>6</sup> O conceito de “parecença de família” / “Familienähnlichkeit” foi introduzido primeiramente por Wittgenstein na sua obra *Philosophische Untersuchungen* (1945).

“Betrachte z.B. einmal die Vorgänge, die wir ‘Spiele’ nennen. Ich meine Brettspiele, Kartenspiele, Ballspiel, Kampfspiele, usw. Was ist allen diesen gemeinsam? – Sag nicht: ‘Es *muß* ihnen etwas gemeinsam sein, sonst hießen sie nicht ‘Spiele’”[...]

Und so können wir durch die vielen, vielen anderen Gruppen von Spielen gehen. Ähnlichkeiten auftauchen [...].

Und das Ergebnis dieser Betrachtung lautet nun: Wir sehen ein kompliziertes Netz von Ähnlichkeiten, die einander übergreifen und kreuzen.[...]

Ich kann diese Ähnlichkeiten nicht besser charakterisieren als durch das Wort ‘Familienähnlichkeiten’” (Wittgenstein, 1989: 277 e 278)<sup>7</sup>.

Também Taylor (1995: 38) corrobora esta visão sobre a categorização, i.e., a estrutura prototípica duma categoria apresenta elementos mais centrais e outros mais periféricos ao protótipo, e quanto mais afastados do protótipo, menos atributos ou semelhanças em comum com ele apresentam:

“[...] the category is not structured in terms of shared criterial features, but rather by a criss-crossing network of similarities. There are indeed attributes typically associated with the category. Some members share some of these attributes, other members share other attributes. Yet there are no attributes common to all the members, and to them alone. It may even be the case that some members have practically nothing in common with others.”.

A linguagem enquanto sistema simbólico de organização da realidade também requer uma análise das suas categorias de acordo com a sua estrutura prototípica. De facto, no seio, quer das categorias lexicais, quer das gramaticais, distingue-se o significado central das suas extensões semânticas<sup>8</sup>, resultantes da adaptação por modulação a novos contextos de uso.

A categorização é um processo cognitivo por excelência, na medida em que consiste no processo mental de identificação e classificação das entidades em categorias.<sup>9</sup> Para tal, tendo por base o protótipo das categorias, entram em acção processos de analogia e de contiguidade fundados em esquemas imagéticos. Deste

---

<sup>7</sup> Sublinhados nossos.

<sup>8</sup> Dirven/ Verspoor (1998: 31) elucidam-nos acerca do modo de determinar o significado mais saliente ou prototípico de um item. Segundo estes autores, há três modos interrelacionados: 1) qual o significado que nos surge primeiro no nosso pensamento; 2) qual o significado da palavra mais frequentemente usado; 3) qual o significado mais básico da palavra, i.e., que tem mais probabilidades de ser usado na explicação dos outros significados.

<sup>9</sup> Tal como Lakoff (1987: 6) evidencia: “Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.”.



modo, formam-se as categorias polissémicas através de extensões semânticas por metáfora e por metonímia.<sup>10</sup>

Desde *The Body in the Mind* (Johnson, 1987), obra de índole neo-kantiana, é referida a importância da imaginação para a teoria da linguagem e em particular para a semântica cognitiva.

Assim, a metáfora assume um papel de destaque enquanto processo cognitivo de teor imaginativo no âmbito da conceptualização. Uma vez que o nosso sistema conceptual está fortemente ligado a conceitos metafóricos que estruturam numa forma sistemática a língua, é possível recorrer a esses mesmos conceitos metafóricos para entender (e explicar) o fenómeno da conceptualização:

“Since metaphorical expressions in our language are tied to metaphorical concepts in a systematic way, we can use metaphorical linguistic expressions to study the nature of metaphorical concepts and to gain an understanding of the metaphorical nature of our activities.” (Lakoff/ Johnson, 1980: 7).

De facto, é esta a tese central e mais inovadora do realismo experiencialista: a metáfora não é uma mera figura de retórica, ela é antes um fenómeno e um instrumento conceptual<sup>11</sup> que necessariamente se converte em instrumento de análise.

A natureza metafórica dos conceitos estrutura as nossas actividades quotidianas, e isso está patente nas expressões metafóricas convencionais da nossa linguagem quotidiana, determinada pelo modelo cultural:

“Human reason is not an instantiation of transcendental reason; it grows out of the nature of the organism and all that contributes to its individual and collective experience: its genetic inheritance, the nature of the environment it lives in, the way it functions in that environment, the way of its social functioning and the like.” (Lakoff, 1987: xv).

Em suma, partindo de uma base experiencialista, a Semântica Cognitiva preconiza a importância da linguagem na estruturação do conhecimento do mundo<sup>12</sup>, a indissociabilidade entre este e o conhecimento linguístico.

Nesta linha, a linguagem constitui um meio de conhecimento em conexão com a experiência humana do mundo, não sendo, portanto, um sistema autónomo: o

---

<sup>10</sup> Sobre a teoria dos protótipos e o processo de categorização, cf. ainda Lakoff (1987: 8): “The approach to prototype theory [...] suggests that human categorization is essentially a matter of both human experience and imagination – of perception, motor activity, and culture on the one hand, and of metaphor, metonymy, and mental imagery on the other.”.

<sup>11</sup> Cf. Lakoff e Johnson (1980).

<sup>12</sup> Cf. Johnson (1987).

significado está inserido numa cultura e num contexto específico, o que nos remete para a indissociabilidade entre semântica e pragmática. Logo, é através da linguagem que tomamos conhecimento do mundo.

Saliente-se ainda que, na perspectiva cognitiva, a estrutura semântica decorre das representações simbólicas que, por sua vez, são cunhadas na base da experiência. Assim, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico são indissociáveis. Como tal, a análise do significado não se restringe à análise dos semas, manifestamente insuficientes, visto que, tal como afirma Silva (1999: 29): “As categorias [e, portanto, o significado] não podem ser definidas por um conjunto de ‘condições necessárias e suficientes’.”.

Segundo a Linguística Cognitiva, o léxico e a gramática<sup>13</sup> constituem um contínuo conceptual formado a partir de estruturas ou esquemas que estão na origem dos conteúdos conceptuais decorrentes das capacidades cognitivas dos falantes.

É o nosso corpo que corporiza o próprio pensamento – os conceitos são estruturas neuronais que nos permitem caracterizar as categorias e pensar sobre elas, e fazer inferências em termos de protótipos<sup>14</sup>:

“prototype-based reasoning constitutes a large proportion of the actual reasoning that we do.” (Lakoff/ Johnson, 1999: 19).

A corporização dos conceitos resulta não só do facto biológico aplicável a todos os seres vivos em geral, que é a capacidade de categorizar em termos de protótipos a partir da experiência com o corpo, especialmente na dimensão sensório-motora, mas também das estruturas neuronais humanas (o cérebro) que possuem a capacidade mental do raciocínio inferencial<sup>15</sup>. A corporização do pensamento funda-se no facto de todo o nosso sistema conceptual ter uma base experiencial física, determinada social e culturalmente.

Aliás, tal como sustenta Gibbs<sup>16</sup>, a nossa cognição é dominada pelas interacções corporais com o mundo cultural:

“cognition is what happens when the body meets the world. One cannot talk about, or study, cognition apart from our specific embodied interactions with the cultural

<sup>13</sup> Léxico e gramática formam um continuum.

<sup>14</sup> Cf. Lakoff e Johnson (1999).

<sup>15</sup> Cf. *supra*.

<sup>16</sup> Cf. Gibbs (1999: 153 e ss.).

world (and this includes the physical world which is not separate from the cultural one in the important sense that what we see as meaningful in the physical world is highly constrained by our cultural beliefs and values). [...] Theories of human conceptual systems should be inherently cultural in that the cognition which occurs when the body meets the world is inextricably culturally based.” (Gibbs, 1999: 153).

Gibbs (1999) defende a tese da dimensão experiencial e cultural da metáfora, pelo que todos os nossos conceitos e enunciados linguísticos se encontram ancorados na esfera da experiência. Assim, é através do estabelecimento de mapeamentos que se formam modelos cognitivos idealizados (ICMs – *idealized cognitive models*)<sup>17</sup>. Estes ICMs, que estão na base de conceptualizações abstractas, têm na sua origem experiências concretas, partilhadas por uma mesma comunidade cultural, e constituem um modelo cognitivo interiorizado de representações culturais comuns, manifesto na nossa linguagem quotidiana através de metáforas conceptuais.

Sendo a cognição motivada culturalmente, a metáfora na Linguística Cognitiva é determinada pela cognição<sup>18</sup>, reconhecendo o papel fundamental da cultura, i.e., a base cultural empírica (“people’s folk understanding”)<sup>19</sup>, e da corporização da experiência física no pensamento metafórico.

As metáforas conceptuais fazem parte destes modelos cognitivos idealizados (ICMs), que reflectindo um modelo cognitivo supra-individual, é partilhado por todos os membros duma mesma comunidade cultural.

Radicalizando posições assumidas por Lakoff (1987), Quinn (1991) defende a tese de que toda a cognição ou actividade cognitiva resulta apenas duma corporização de situações culturais partilhadas por todos os membros dessa comunidade. A cognição e a conceptualização estão para além da esfera individual e são motivadas pelos indivíduos em interacção com o meio:

“metaphors, far from constituting understanding, are ordinarily selected to fit a preexisting and culturally shared model[...] metaphors do not typically give rise to new, previously unrecognized entailments, although they may help the reasoner to follow out entailments of the preexisting cultural model and thereby arrive at complex inferences.” (Quinn, 1991: 50).

<sup>17</sup> Cf. Lakoff (1987).

<sup>18</sup> Segundo Lakoff, a cognição é metafórica.

<sup>19</sup> Cf. Gibbs (1999: 145).

Ao estabelecer uma relação unilateral entre metáfora e cultura, Quinn (1991) postula a existência de um modelo cultural na base de toda a conceptualização, constituído por modelos cognitivos idealizados (ICMs – *idealized cognitive models*), que são muitas vezes edificados tendo por base os esquemas imagéticos.

De acordo com Quinn, são os modelos culturais que estão na base da produção das metáforas. Porém, Kövecses (2000) rejeita este postulado, uma vez que a interdependência entre a dimensão cultural e os registos metafóricos não se aplica ao domínio da conceptualização das emoções.<sup>20</sup>

Assim, em virtude da experiência física, a conceptualização da *raiva* afigura-se semelhante em dimensões culturais diversas, conforme patenteado pela SUBSTÂNCIA NUM CONTENTOR SOBRE PRESSÃO, Kövecses (2000).

Através da análise linguística de conceptualizações da raiva em diferentes línguas (o inglês, o húngaro, o japonês e o chinês), Kövecses aponta que estas remetem para processos fisiológicos idênticos, aquando da experiencição da raiva. Se as respostas fisiológicas para a *raiva* são iguais (calor no corpo, pressão interna, vermelhidão na face e pescoço, devido a uma possível combinação da pressão com o calor), então é natural que as conceptualizações linguísticas para a mesma emoção também sejam semelhantes, quer no domínio das imagens metonímicas quer no domínio das imagens metafóricas.

Na realidade, verificamos que as respostas fisiológicas às emoções são relevantes para a abordagem cognitiva do estudo da linguagem e do sistema conceptual das emoções. Mais, em virtude de as respostas fisiológicas da raiva se afigurarem semelhantes em vários contextos culturais, as representações linguísticas de índole metonímica (e mesmo de cariz metafórico) da referida emoção denotam uma certa convergência nas diversas línguas:

“The universality of actual physiology might be seen as leading to the similarities (though not equivalence) in conceptualized physiology (i.e., the conceptual metonymies), which might then lead to the similarity (though again not equivalence) in the metaphorical conceptualization of anger and its counterparts (i.e., the CONTAINER metaphor).” (Kövecses, 2000: 160).

<sup>20</sup> Cf. também Soares (2003) sobre uma abordagem cognitiva à conceptualização da raiva em alemão.

Retomando, mais uma vez, o princípio da corporização da conceptualização, Lakoff (1987), ao referir Fauconnier, estabelece uma relação entre a metaforização ou conceptualização metafórica na teoria cognitiva e na cognição, que se realiza entre espaços mentais e modelos cognitivos que estruturam esses espaços, rejeitando a possibilidade de uma ligação icónica entre as representações simbólicas e os objectos do mundo real.

Registe-se que a estrutura desses modelos cognitivos assenta em esquemas imagéticos decorrentes da experiência física com o corpo, como por exemplo: o esquema do CONTENTOR, o esquema da TRAJECTÓRIA, o esquema da LIGAÇÃO, o esquema PARTE-TODO, o esquema CENTRO-PERIFERIA, o esquema ACIMA-ABAIXO, o esquema FRENTE-TRÁS; que estruturam todo o pensamento metafórico e que são resultado da corporização da experiência.

Remetidos para o âmbito pré-conceptual, os esquemas são definidos como padrões abstractos recorrentes da experiência, resultantes da manipulação dos objectos, das acções, da percepção e do movimento, consistindo num pequeno número de partes e relações necessárias à interacção e reconhecimento no mundo. Por exemplo, o esquema do CONTENTOR, um dos esquemas mais recorrentes na nossa estruturação inconsciente do conhecimento e da realidade e na nossa conceptualização do mundo, apresenta uma estrutura *gestaltiana* directamente ligada à percepção, na qual os sistemas perceptivo e motor, aliados à cognição, desempenham um papel determinante:

“There is no such fully autonomous faculty of reason separate from and independent of bodily capacities such as perception and movement [...] reason uses and grows out of such bodily capacities.” (Lakoff/ Johnson, 1999: 17).

Portanto, existe uma interdependência entre a experiência física, a conceptualização e a linguagem, donde aspectos da experiência física com o corpo funcionam como domínios de origem para as metáforas conceptuais.

A dimensão da corporização da experiência presente na linguagem, nomeadamente na conceptualização metafórica de domínios físicos da experiência em domínios abstractos, também se verifica na necessidade de essas metáforas terem que fazer sentido, i.e., serem compreendidas à luz de um modelo cultural. Isto significa que não são os itens linguísticos ou as expressões linguísticas

isoladamente que determinam o significado, mas o contexto em que estão inseridos.

Assim, a contextualização do significado está ligada à concepção fillmoreana de “frame”, segundo a qual a estruturação linguística de um evento depende do respectivo enquadramento cénico. Esta perspectiva experiencial imposta à estruturação da experiência está presente no conteúdo conceptual e proposicional dos conceitos e das palavras nos enunciados linguísticos.<sup>21</sup>

A estruturação dos *frames* linguísticos (o conteúdo gramatical e lexical duma proposição) que representam determinadas cenas (*scenes*) dentro de quaisquer cenários (*scenarios*) decorre de operações cognitivas:

“Communicators operate on these scenes and frames by means of various kinds of procedures, cognitive acts such as filling in the blanks in schematic scenes, and so on.” (Fillmore, 1977: 84).

De facto, as cenas e os ‘frames’, alicerces da conceptualização, são construídos pela cognição:

“The world is not something objectively given, it is something ‘construed’ by human cognition.” (Taylor, 1995: 4).

Em síntese, a cognição abarca as estruturas imaginativas, os processos metonímicos e metafóricos, que são instrumentos conceptuais de entendimento e de interpretação da realidade.

Convém sublinhar, então, que para a teoria cognitiva, a metáfora não constitui um desvio semântico, nem uma violação das regras da competência linguística do falante. Pelo contrário, todo o nosso sistema conceptual é metafórico, pelo que a metáfora se afigura um instrumento cognitivo:

“Primarily on the basis of linguistic evidence, we have found that most of our ordinary conceptual system is metaphorical in nature.” (Lakoff/ Johnson, 1980: 4).

---

<sup>21</sup> A noção de perspectiva, de acordo com o princípio da proeminência que tem por base a distinção entre figura e fundo, é apresentada por Fillmore (1977: 80) na descrição semântica e sintáctica do evento comercial. Neste ‘frame’ linguístico, os verbos *buy*, *sell*, *pay* and *cost* cunham a perspectiva semântica e sintáctica do evento. Segundo Ungerer/ Schmid (1996: 209), os ‘frames’ não são apenas construções linguísticas, mas interpretações cognitivas da realidade (experiência).

Weinrich, autor que na nossa opinião lançou as bases da teoria cognitiva da linguagem na Europa<sup>22</sup>, rejeita veementemente um dos postulados fundamentais da teoria da metáfora defendida na Antiguidade Clássica, no qual assenta a concepção aristotélica e quintiliana, i.e., a metáfora enquanto recurso linguístico e estilístico assente na comparação. Exemplificando, Weinrich ilustra que não é possível comparar conceitos tão desiguais como “luz” e “verdade”, pois põem em causa a existência do *tertium comparationis*:

“[...] bei den Metaphern, die in der Sprache die geläufigsten sind, müssen wir mühsam nach dem tertium suchen und haben uns gewöhnlich damit zu begnügen, die eine Metapher mit einer zweiten zu erläutern, von der wir auch kein tertium wissen. Zwischen Wahrheit und Licht gibt es kein tertium, das nicht selber metaphorisch wäre. Seltsames tertium, das wir am schwierigsten finden, wo wir am geläufigsten metaphorisieren!” (Weinrich, 1976: 308).

A criatividade da metáfora reside no facto de ela não representar uma semelhança pré-existente com a realidade, mas antes constrói a sua analogia:

„[...] unsere Metaphern gar nicht, wie die alte Metaphorik wahrhaben wollte, reale oder vorgedachte Gemeinsamkeiten abbilden, sondern daß sie ihre Analogien erst stiften, ihre Korrespondenzen erst schaffen und somit demiurgische Werkzeuge sind.“ (Weinrich, 1976: 309).

Por outro lado, a construção de analogias só é possível devido ao uso da imaginação, sendo que, tal como a imaginação, este instrumento linguístico e conceptual que é a metáfora é infinita<sup>23</sup>, existindo sempre a possibilidade de se instanciar novas metáforas a partir de imagens já existentes:

“Steht jede Metapher in einem Bildfeld? Das Wäre bei weitem zu viel gesagt. Denn jedes Wort kann metaphorische Bedeutung annehmen, jede Sache kann metaphorisch bezeichnet werden, und der Phantasie sind keine Grenzen gesetzt. Die beliebige, isolierte Metapher ist allezeit möglich.” (Weinrich, 1976: 286).

<sup>22</sup> Segundo Jäkel (1999a: 9 e ss.).

<sup>23</sup> Cf. também Lakoff/ Johnson (1980: 53).

Tal como Jäkel (1999a: 9 e ss.) documenta, o delinear dos princípios metodológicos quer para uma investigação da metáfora a partir de uma abordagem semasiológica ou onomasiológica quer o lançamento das bases para uma teoria cognitivista da metáfora encontra o seu advento em Weinrich.

A nossa investigação situa-se numa área de confluência da semântica cognitiva, a qual abrange a componente linguística e semiótica.

Em sentido lato, a semântica cognitiva surge como uma teoria acerca dos constituintes cognitivos e psicológicos presentes na construção de um conteúdo mental. Ou seja, seria mais ou menos o mesmo do que linguística cognitiva. No entanto, verificámos que para melhor compreendermos o significado dos objectos artísticos escultóricos, a dimensão linguística revelava-se insuficiente, pois os mesmos encerram um discurso notoriamente *scripto-visual*.

Assim, a análise no âmbito semiótico vem completar o estudo das obras escultóricas na medida em que articula de um ponto de vista mais restrito duas teorias: a semiótica cognitiva e a linguística cognitiva.

Efectivamente, na semiótica cognitiva, as propriedades essenciais das estruturas linguísticas e a construção do significado inserem-se numa teoria geral de organização das formas (o conteúdo e as formas naturais das coisas) visando entender o princípio de organização do mundo fenomenológico a partir da sua percepção por um sujeito cognitivo.

Assim, o significado não é um fenómeno exclusivamente linguístico, donde a combinação formal e simbólica dos elementos presentes numa qualquer língua é manifestamente insuficiente. Por outro lado, a linguagem não é um sistema fechado, composto de regras pré-definidas, consistindo antes na capacidade de articular e atribuir significado ao mundo, sendo ela própria um sistema cognitivo, paralelamente a outros como a percepção, a atenção, ou a memória, donde o sistema visual assume particular importância. Nesta óptica, a organização de uma cena perceptiva pode ser transposta para um sistema linguístico, sendo que o inverso também é possível, ou seja, a representação por diversas formas tridimensionais ou bidimensionais como, por exemplo, a escultura ou a pintura.



O significado articulado linguisticamente não é mais do que uma forma de expressão de um sentido pré-linguístico que encontra os seus princípios de organização na dimensão experiencial. O sistema linguístico é apenas um meio de expressar gramaticalmente o conteúdo da experiência, afigurando-se o conteúdo da experiência como o verdadeiro objecto da semântica cognitiva.

Nesta linha, é importante explicar de que modo a percepção e a conceptualização determinam a expressão do significado linguístico e de que modo é atribuído significado aos objectos no mundo, i.e., ao mundo fenomenológico. A semântica cognitiva articula duas formas de representação do significado: o significado expresso na gramática da língua e o significado expresso no conteúdo das formas dadas pela experiência.

A representação do significado resulta então de factores ambientais e culturais, os quais são regidos por factores humanos, donde decorre a corporização como fundamento de toda a conceptualização.

Realmente, a organização linguística e a organização do mundo natural da experiência apresentam um princípio basilar comum, o qual consiste no reconhecimento de estruturas pré-linguísticas de natureza conceptual ou visual que atribuem significado à nossa experiência. É neste pressuposto que convergem a linguística cognitiva e a semiótica cognitiva para o estudo da semântica.

Notamos, porém, que enquanto a linguística cognitiva desenvolve uma análise semântica unicamente a partir das características fisiológicas do ser humano representado na metáfora O PENSAMENTO É CORPORIZADO, para a semiótica cognitiva o mundo físico ou fenomenológico bem assim o sistema cognitivo são princípios fundamentais na organização semântica dos conteúdos dados pela experiência.

Portanto, quer a linguística cognitiva quer a semiótica cognitiva operam a um nível pré-linguístico da dimensão fenomenológica da experiência organizando e articulando as estruturas da experiência através do sistema linguístico. A dimensão empírica da linguística cognitiva surge ainda complementada pelas estruturas esquemáticas da semiótica, operando ambas ao nível conceptual. Deste modo, a representação do significado advém de estruturas empíricas e esquemáticas ao nível ontológico, nas quais se fundam os esquemas cognitivos idealizados, os *frames*, as metáforas, as metonímias e outros instrumentos cognitivos.

É neste enquadramento que consiste o nosso estudo semântico das representações linguísticas da arte pública de exterior, sobretudo das obras escultóricas, contemplando as dimensões da identidade e da alteridade no plano cultural.

Assim, pretendemos demonstrar a importância da alteridade e da identidade linguística no intercâmbio entre as línguas, através de outras realizações culturais manifestas na dimensão artística.<sup>24</sup>

Como tal, este estudo requer uma investigação no terreno, no espaço sociocultural europeu, um espaço de múltiplas identidades regionais, culturais e linguísticas, e do qual julgamos fundamental registar e difundir elementos culturais e aspectos geográficos e etnológicos, de modo a contextualizar as subjacentes designações linguísticas atribuídas às obras<sup>25</sup>, bem como a sua envolvência semiótica.

Esta estrutura de investigação em semio-linguística, contemplando a relação cultural das línguas com a *arte pública*, com a *geografia*, a *antropologia* e outras ciências afins, permite estudar a língua numa perspectiva interlinguística, considerando as dimensões cultural e cognitiva, a partir de um *corpus* com expressão semelhante numa quantidade relevante de línguas europeias.

Nesta ordem de ideias, o nosso estudo enquadra-se numa perspectiva cognitivista, de acordo com o postulado do realismo experiencialista, segundo o qual a conceptualização, as línguas, bem como a dimensão semiótica dos objectos de arte, são modos de representação e construção do significado, resultado da nossa interacção com o mundo físico.

Parte-se do princípio de que a conceptualização é corporizada – “Thought is embodied” conforme postulado por Lakoff (1987) e por Lakoff/ Johnson (1999) no próprio título da obra “The embodied mind” – resultado de uma conjugação dos vários processos cognitivos, a saber, a memória, a atenção, a consciência, os sistemas perceptivo e motor, na razão e na formulação dos conceitos e representação do significado.

<sup>24</sup> Neste âmbito, a dimensão interdisciplinar exige alguma atenção, pois, constitui um enquadramento necessário para a própria análise e entendimento linguístico e semiótico dos elementos em estudo.

<sup>25</sup> Na breve pesquisa que efectuámos no ciberespaço, não encontramos quaisquer estudos ou até registos de muitos dos elementos recolhidos até ao momento, quer do âmbito do *corpus* linguístico quer da abordagem que tencionamos elaborar.

Verificamos um vazio de estudos publicados e investigação no domínio da interlinguística, intercultura e multiculturalidade na Europa, pelo que esta abordagem poderá firmar um contributo para a difusão e conhecimento da realidade europeia.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Dada a natureza desta investigação, a mesma surge em articulação com o Doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa – *Dispositivos de Identidade na Estatuária Urbana Europeia* – situando o estudo na dimensão artística e cultural dos espécimes.

## 1.1 A semântica cognitiva

### 1.1.1 A linguística

Já Lakoff (1987) ao explicar a metaforização ou conceptualização metafórica que se realiza entre espaços mentais e modelos cognitivos que estruturam esses espaços rejeita a possibilidade icónica de qualquer correspondência dos símbolos com os objectos do mundo real.

No entanto, esses espaços mentais têm uma base experiencial e dependem de estruturas cognitivas. A estrutura desses modelos cognitivos assenta em esquemas imagéticos decorrentes da experiência física com o corpo, como por exemplo: o esquema do CONTENTOR, o esquema da TRAJECTÓRIA, o esquema da LIGAÇÃO, o esquema PARTE-TODO, o esquema CENTRO-PERIFERIA, o esquema CIMA-BAIXO, o esquema FRENTE-TRÁS; que estruturam todo o pensamento metafórico e que são o resultado da corporização da experiência.

Também Lakoff (1987) partilha do postulado que define esta abordagem em semântica cognitiva como uma filosofia de realismo experiencial, onde a interacção humana com o meio exterior é caracterizada pela gestalt / percepção, a imagem mental e o movimento motor.

Os esquemas imagéticos enquanto conceptualização e corporização do pensamento são eles próprios esquemas cinéticos que possuem uma energia potencial (Johnson, 1987): o esquema do contentor com as respectivas orientações interior+limite+exterior e o esquema da trajectória caracterizado pelo ponto de partida ou origem e o ponto de chegada ou alvo, o trajecto percorrido visto na relação perto+longe, desde domínios mais concretos espaciais até domínios mais abstractos, elaborando estados em locais físicos (estes dois esquemas surgem frequentemente associados).

O modo como a língua estrutura domínios físicos da experiência concreta em domínios abstractos de categorias emocionais, define a experiência perceptiva e

sensorio-motora e as imagens mentais, fixando o significado no corpo humano como o centro organizador da realidade:

“We consider ourselves to be at the centre of the universe, and everything around us is seen from our point of view. This egocentric view of the world also shows in our use of language.” (Dirven e Verspoor, 1998: 5).

Mais, Brandt (1995: 143 e ss.) marca os diferentes níveis da metáfora do seguinte modo:<sup>27</sup>

1) As metáforas reflectem duplas representações ao nível icónico. No exemplo, *Ele parece um macaco aos saltos*, um dos ícones tem como referência o alvo da conceptualização metafórica, i.e., ele, o outro ícone é o domínio fonte (o comportamento genérico dos macacos) e não apresenta semanticamente qualquer referência.

2) As metáforas são motivadas, i.e., contém uma informação implícita. O conteúdo implícito e a figura explícita representam semanticamente o estado emocional, neste caso a agitação ou inquietude.

3) As metáforas são ocasionais, no sentido em que realçam uma circunstância referencial específica, i.e., os macacos nem sempre estão aos saltos; portanto, o domínio alvo nem sempre reporta o conteúdo da expressão metafórica.

4) As metáforas têm significados genéricos, i.e., os macacos saltam, donde o mapeamento metafórico do domínio fonte para o domínio alvo é semanticamente estável. Por outro lado, as comparações explícitas, por que são semanticamente instáveis apresentam uma relação predicativa, a qual estabelece a relação entre a fonte e o alvo: *Ele salta como um macaco*.

5) A figura ou imagem metafórica não pertence directamente ao domínio alvo, antes estabelece a relação ou ligação entre os dois domínios da experiência. Este elo conceptual tem por base uma relação de semelhança ou analogia.

Conferimos que alguns pressupostos do paradigma cognitivo já tinham sido registados por outros autores, designadamente na área da linguística. Por exemplo, a capacidade de analogia enquanto base do processo metafórico já tinha sido referida por Bréal (1924), ao lançar tópicos que constituem as bases do

---

<sup>27</sup> Exemplos nossos.

pensamento cognitivista. De facto, o espírito<sup>28</sup> humano possui essa capacidade de associar ideias por grupos, a que chamamos conceptualização/ categorização; a analogia é o próprio motor da linguagem, ela não ocorre ao acaso, mas tem um fundamento inserido na própria razão:

“Le langage nous révèle ici un fait de psychologie: l'esprit, qui associe volontiers les idées par couples, aime à souder entre eux les contraires, en leur donnant même extérieur. En même temps que cela aide la mémoire, cela donne plus de relief à la parole. Rien n'est plus naturel, dit le philosophe anglais Bain, quand nous considérons une qualité, que la disposition à retourner à l'autre qualité, qui en fait le contraste’.” (Bréal, 1924: 68).

E ainda:

“l'Analogie [...] elle est, au contraire, au service de la raison, raison un peu courte, un peu dénuée de mémoire, mais qui n'en est pas moins le vrai et nécessaire moteur du langage.” (Bréal, 1924: 76).

A analogia decorre das capacidades cognitivas humanas de produzir a linguagem<sup>29</sup>:

“Mais c'est grâce à l'analogie que l'enfant, sans apprendre l'un après l'autre tous les mots de la langue, sans être obligé de les essayer un à un, s'en rend maître dans un temps relativement court. C'est grâce à elle que nous sommes sûrs d'être compris, même s'il nous arrive de créer un mot nouveau. Il faut donc regarder l'analogie comme une condition primordiale de tout langage si elle a été une source de clarté et de fécondité.”. (Bréal, 1924: 78).

Continuando a análise do significado, o autor defende a tese cognitivista, segundo a qual a estrutura conceptual é independente dos sistemas das línguas. Na realidade, ao compararmos diversas línguas, verificamos que existe uma capacidade conceptual única manifesta na estrutura linguística, nomeadamente na sua lexicografia (classes abertas e fechadas de palavras) e na sua morfologia (classes fechadas de palavras), manifestando uma estrutura conceptual que expressa o conteúdo semântico.

Este facto vem atestar a existência de um vínculo entre a estrutura e o conteúdo, presente em esquemas que determinam o próprio significado:<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Entenda-se “espírito” ou “Geist” como “mental” ou “conceptual”.

<sup>29</sup> Não apresentamos aqui qualquer terminologia estruturalista. Aliás, o próprio Bréal também se manteve um pouco à parte do pensamento estruturalista.

<sup>30</sup> É por isso que, por exemplo, a tradução entre diversas línguas é possível, apesar das diferenças na morfologia e na gramática. Portanto, a natureza do significado é de ordem conceptual, está na mente dos indivíduos.

“Cognitive research leads to the assumption that conceptual structure does not ontologically depend on linguistic manifestation (as the Sapir-Whorf culturalism would assume. Conceptual structure rather depends on general neural evolution and prepares the formal ground for iconic representations whether expressed grammatically by language(s) or by other semiotic means, such as drawing or gestures, or apparently not systematically expressed at all, but still at work in the spontaneous understanding of situations (only externalized, for instance, by sporadic grunting).” (Brandt, 1995: 147-148).

Conforme esta perspectiva, a estrutura do significado tem um motivo icónico fundado em esquemas conceptuais, os quais determinam que as representações icónicas organizem os diversos contextos verbais e não-verbais a partir de representações e princípios estruturais organizados *a priori* pelo aparelho cognitivo em modelos narrativos, argumentativos e descritivos.

Esta natureza intencional do significado, presente nas suas estruturas e na própria conceptualização, é apresentada como se segue:

“They are considered as structures of meaning, generally pre-intentional, but present in interpretive consciousness as it decodes intentional expressions, which do not only denote free thinking, but also connote these structurally bound, pre-intentional patterns, or image schemas.” (Brandt, 1995: 145).

Novamente, encontramos noutros cognitivistas, por exemplo Johnson (1987), este princípio esquemático fundamental na morfologia do significado.

Efectivamente, um esquema é um modelo e uma forma recorrentes na organização da experiência que se situa ao nível das operações cognitivas permitindo “a generality that raises them [schemata] a level above the specificity of particular rich images.” (Johnson, 1987: 24), e contendo características estruturais resultantes da manipulação dos objectos, das acções, da percepção e do movimento, consistindo num pequeno número de partes e relações necessárias à interacção e reconhecimento no mundo.

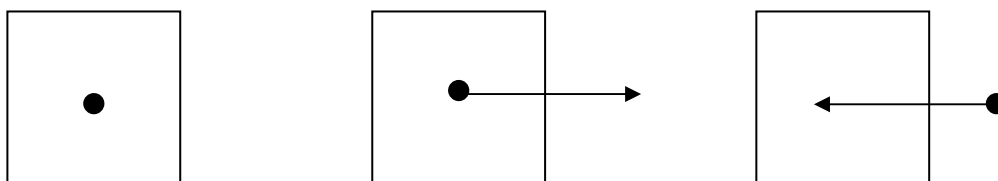


Fig. 1- Esquema imagético do contentor.

O esquema imagético é caracterizado como *gestalt* na nossa experiência e cognição, pois é um todo coeso, coerente e com significado que delimita a nossa interacção com o meio.

O contentor é uma conceptualização numa lógica espacial, conceptualizando as categorias através duma metáfora espacial que denota uma estrutura hierárquica das categorias desde os protótipos conceptuais até às suas extensões.

Estar dentro de alguma coisa é uma estrutura recorrente na organização da nossa experiência, assente numa base de orientação e localização decorrente do contacto com o espaço prototipicamente tridimensional.

A orientação física dentro+fora, i.e. a experiência do contentor contém implicaturas ou consequências – separação, limite, resistência e protecção de forças externas – actuando como conceptualizações impostas ao espaço. As construções subjacentes ao esquema orientacional do ‘contentor’, dentro+fora, podem ser espaciais (físicas), temporais ou metafóricas, estruturando-se estas por analogia ao protótipo e como extensões ao mesmo, partindo-se de dimensões físicas/ espaciais para dimensões abstractas, devendo-se distinguir um esquema puramente físico de um puramente conceptual.

Um outro esquema recorrente na nossa interacção experiencial é o esquema imagético da trajectória, o qual surge muitas vezes associado ao do contentor e da ligação.

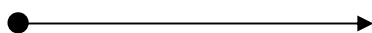


Fig. 2- Esquema imagético da trajectória.

Este esquema tem uma estrutura interna que consiste num ponto de partida ou origem, num ponto de chegada ou alvo e o trajecto (sequência de acções contíguas) entre eles, situando-se quer ao nível físico, quer ao nível da percepção corporal e do movimento. Ao situar-se em domínios mais abstractos que marcam a nossa relação com



o mundo físico, por exemplo, o domínio psicológico, a conceptualização é marcada em termos de movimento no espaço, ou transformações como movimento de um ponto para outro em relação ao contentor/ corpo.

O esquema da ligação faz activar também o do contacto (podendo ser associado ao da trajectória pelo movimento realizado por duas entidades até se tocarem, ligarem), resulta das nossas capacidades perceptivas em interacção com o meio envolvente, desde as nossas relações físicas umbilicais, relações familiares, institucionais, etc., que determinam a nossa identidade na comunidade.

A estrutura interna prototípica do esquema da ligação/ contacto consiste em duas entidades ligadas por uma estrutura numa relação de contiguidade espacial no nosso campo perceptivo. Há casos em que estas relações podem envolver mais entidades relacionadas no espaço ou no tempo, por exemplo descontinuamente.

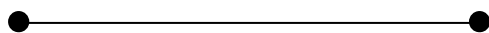


Fig. 3- Esquema imagético da ligação.

Johnson<sup>31</sup> distingue cinco tipos de ligações:

(1) Ligações entre objectos físicos

Resultam da nossa experiência quotidiana de ligação com as coisas e das coisas entre si numa contiguidade espacial – uma criança dá (segura) a mão ao pai, uma ficha e uma tomada.

(2) Ligações temporais

Não se trata aqui duma ligação física. Por exemplo, acontecimentos estão ligados porque os experienciamos numa contiguidade e sequência temporal.

(3) Ligações causais

<sup>31</sup> cf. Johnson (1987).

Compreendemos o nosso mundo como um espaço coerente, ligado em redes causais (*networks*) que lhe dão consistência.

#### (4) Ligações funcionais

Estabelecem-se indirectamente entre as entidades dentro de uma unidade funcional, criando ligações de interdependência fundamentais para o funcionamento da unidade.

As projecções metafóricas que têm como base o esquema da ligação/ contacto partilham características que nos são perceptivas pela *semelhança*, e entre as quais poderá existir contacto físico, activando o esquema do contacto.

Johnson dá uma definição da interpretação metafórica do esquema da ligação:

“Two or more objects might be related, for instance, by sharing the abstract metaphorical link of ‘solubility’ or ‘compressibility’”. (Johnson, 1987: 119).

Brandt acrescenta ainda que, a noção da metáfora enquanto instrumento conceptual firma-se na condição intencional da dupla imagem e no seu mapeamento realizado por meio de uma operação cognitiva que é a analogia:

“What makes metaphors so philosophically attractive is their *intentional* double icon and mapping, but even intentional mapping relies on *pre-intentional*, schematic structures guiding its analogical evidence. Analogies must have formal causes.” (MM, 145).

A capacidade de analogia da cognição humana, i.e., a associação entre domínios diferentes da experiência humana na compreensão de certos conceitos, deve-se ao potencial criativo e imaginativo da metáfora. A metáfora contribui para a organização coerente da nossa experiência, estruturando o próprio pensamento. Este facto deve-se à capacidade criativa do pensamento abstracto:

“[...] perhaps the most impressive of the powers of metaphorical thought: the power to create, with naturalness and ease.” (Lakoff/Turner, 1998: 80).

Já em Weinrich podemos antever este aspecto da metáfora como instrumento criativo. Tal como na teoria cognitiva, a metáfora não consiste numa representação

objectiva da realidade mas antes num instrumento criativo de interpretação da realidade, criando analogias e correspondências com o mundo fenomenológico:

“[...] unsere Metaphern gar nicht, wie die alte Metaphorik wahrhaben wollte, reale oder vorgedachte Gemeinsamkeiten abbilden, sondern daß sie ihre Analogien erst stiften, ihre Korrespondenzen erst schaffen und somit demiurgische Werkzeuge sind.” (1976: 309).

É este aspecto criativo da metáfora que a torna num sistema sincrónico aberto de associações linguísticas do quotidiano ou da literatura, que permite a introdução ao nível diacrónico de novas expressões linguísticas metafóricas num campo conceptual (Bildfeld):

“Man kann diese Metaphern geradezu parallel verschieben und erhält auf diese Weise neue Metaphern, die uns entweder aus der Umgangssprache bekannt sind oder aber bei der Lektüre auf Schritt und Tritt begegnen, so daß wir oft gar nicht recht sagen, können ob wir sie nun schon gehört haben oder nicht [...]” (1976: 280).

Portanto, Weinrich define alguns princípios linguísticos da metáfora que encontram eco na teoria cognitiva, uma vez que um dos postulados principais consiste na ubiquidade da mesma, ou seja, a metáfora abarca todas as formas de construção linguística:

“Es soll daher im folgenden der Versuch gemacht werden, zugleich mit der Einzeluntersuchung in Grundzügen eine Methodologie der Metaphernlehre zu entwickeln. Ich verwende dabei den Begriff Metapher, dem Sprachgebrauch der modernen Metaphernforschung folgend, in seiner weitesten Bedeutung für alle Formen des sprachlichen Bildes.” (1976: 277).

### **1.1.2 A semiótica**

Embora os estudos de Lakoff e Johnson dedicados às metáforas, com especial relevo *Metaphors We Live By* (1980), sejam considerados primordiais para a teoria cognitiva, é necessário sublinhar que a visão cognitivista do significado,

designadamente no plano linguístico e semiótico, encontra fundamentos no campo teórico europeu, por exemplo em Weinrich<sup>32</sup> (1976) e em Brandt (1995).

Sendo, pois, de grande importância a teoria da construção do significado aliada à dimensão experiencial humana, parece-nos ser de especial pertinência demonstrar a relevância da experiência na apreensão dos objectos estéticos e o seu papel na representação de experiências culturalmente significantes, presentes na estatuária urbana.

Do ponto de vista da semiótica dos objectos estéticos, o significado experiencial tem um fundamento de natureza perceptiva, o qual advém das propriedades perceptivas do sujeito. Ou seja, a experiência estética supõe um aparelho mental, i.e. uma cognição estética, que forma, categoriza e esquematiza o objecto de acordo com as suas propriedades, as quais estão presentes nas suas manifestações fenomenológicas.

Brandt (1995) propõe uma definição de semiótica enquanto estudo da esfera da comunicação na dimensão do significado. A semiótica pressupõe então uma descrição universal da organização linguística e das estruturas do signo, donde a sua organização formal está subjacente à própria organização linguística e às estruturas do signo.

Deste modo, a análise comparativa das estruturas do signo e dos fenómenos linguísticos permite aceder a uma competência semiótica universal e às propriedades morfodinâmicas do significado, uma vez que a abordagem semiótica se situa no campo das humanidades, permitindo através da investigação interdisciplinar recolher dados sobre as formas da experiência e do significado na esfera da comunicação humana:

“but there are still important historical differences between cognitive and semiotic approaches; whereas the former are closely connected to natural sciences, the latter are traditionally connected to humanities [...]. The ideal version of contemporary semiotics would abolish these differences and go explicitly for scientific knowledge of the morphologies of meaning [...]. Such an initiative, however, would suppose a collective intellectual enterprise, not only interdisciplinary, but also trans-academic [...]. (Brandt, 1995: 8).<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Apesar de Weinrich ainda se situar na corrente estruturalista, a sua perspectiva teórica acerca da metáfora como recurso linguístico na linguagem do quotidiano, recusando a sua função ornamental ou de estilo da retórica, vem lançar as bases da teoria cognitivista. *Sprache in Texten* (1976) consiste numa compilação de cinco textos escritos entre 1958 e 1976: “Münze und Wort: Untersuchungen an einem Bildfeld” (1958), pp. 276 – 290; “Semantik der kühnen Metapher” (1963), pp. 295 – 316; “Metaphora memoriae” (1964), pp. 291 – 294; “Allgemeine Semantik der Metapher” (1967), pp. 317 – 327; e “Streit um Metaphern” (1976b), pp. 328 – 341.

<sup>33</sup> Sublinhados nossos.

A investigação semiótica não é portanto independente dum estudo da dimensão linguística nem da cognição enquanto elemento modelador da realidade experiencial. De facto, a relação entre a semiótica, a cognição e a linguística assenta na noção de significado, o qual enquanto entidade formal surge intimamente ligado à realidade experiencial.

Esta tríade, na qual a semiótica surge como elemento de ligação, tem a sua base numa consciência partilhada, designada por cultura, regulando a experiência através de modelos metafóricos e esquemas cognitivos. O objecto desta competência semiótica geral é então uma semio-linguística, que tem na sua origem o significado enquanto entidade dinâmica, permitindo-nos aceder ao conhecimento inferencial através de estruturas esquemáticas e/ ou metafóricas:

“meaning is what connects experience, communication, and reflection; it is that which circulates between the three known object domains of consciousness – nature (experienced), society (communicated), and our inner estates (reflected) [...]” (*idem*: 11).

Ao referir-se à interdependência entre a semiótica, a cognição e a linguística, Brandt (1995) defende que a semiótica é mais ampla no seu objecto de estudo do que a linguística, uma vez que a semiótica aborda o significado nas suas múltiplas interacções, i.e. na esfera linguística, cognitiva e cultural.

Apesar de a língua ser um meio estruturante na interacção comunicativa, sendo a percepção um processo cognitivo determinante na estruturação da experiência, a linguagem e a iconicidade perceptiva enquanto processos independentes recorrem ambas a esquemas e formas conceptuais na estruturação do mundo fenomenológico e mental.

Assim, o conhecimento resulta da dimensão inferencial do signo a partir das suas componentes icónicas, simbólicas e indexicais. Do ponto de vista dos signos íconicos, dos signos simbólicos e dos signos indexicais, o significado é respectivamente referente à percepção, à linguagem e à imaginação.

Segundo esta linha teórica, a experiência estética detém dois níveis: o nível da apresentação e o nível da representação. O nível da apresentação nos objectos estéticos está relacionado com a apreensão independentemente daquilo que é representado. Neste caso, o fundamento perceptivo do significado experiencial estético dos objectos estéticos reside nas propriedades perceptivas do objecto.

É, pois, esta experiência perceptiva juntamente com as informações provenientes da memória e da linguagem que se combinam no pensamento em representações.

O processo inferencial através do qual se acede ao conhecimento, i.e. as inferências, constitui aquilo a que Brandt (1995) chama o quarto signo:

“there is a fourth sign type, by which knowledge is obtained from the three first or primary sign types, namely this neutral representation that takes over the proto-meaning of primary signs and produces other, now neutral and plainly meaningful representations by what we call inferences.” (*idem, ibid*: 15).

Podemos ainda afirmar que a imaginação colabora de uma forma evidente na matriz inferencial do conhecimento, delimitando a estrutura semântica do signo nas áreas do significado e do significante.

Ainda de acordo com o autor, este quarto signo não possui uma natureza linguística mas ele é projectado linguisticamente em redes discursivas, as quais ligam os modelos verbais às sequências narrativas e descritivas. Consequentemente, o texto é sempre uma manifestação da linguagem, mas a sua apreensão só é possível a partir do domínio abstracto inferencial e da sua dinâmica contextual, uma vez que o seu significado é de natureza esquemática.

De facto, no paradigma cognitivo reconhece-se que o significado está ligado à conceptualização enquanto experiência mental, não apenas em conceitos abstractos mas também sensorio-motores e decorrentes da experiência emotiva e perceptiva, desde a apreensão do contexto físico, social e linguístico. Realmente, e por contraste com a visão objectivista que defendia a universalidade das propriedades das categorias partilhadas por todos os membros duma categoria, o pensamento/conhecimento estão agora dependentes duma situação e dum contexto entendidos respectivamente como a interacção dos objectos no mundo real que remetem para as categorias cognitivas (conceito mental) e a representação cognitiva dessa interacção entre os conceitos (Ungerer e Schmid, 1999: 46).

Efectivamente, o conhecimento é de natureza esquemática e tal como Brandt demonstra, os três espaços de interacção humana – a natureza, a sociedade e a mente – sucedem de princípios de estruturação firmados em modelos gramaticais. Mas, os princípios linguísticos não existem fora do universo linguístico, donde a combinação

das estruturas linguísticas com as estruturas do mundo se opera através de um número finito de esquemas e modelos conceptuais.

Salienta-se no entanto que, apesar da sintaxe e das morfologias gramaticais (regras de concordância verbal e outros paradigmas gramaticais) não terem uma realização no mundo exterior ao sujeito, o mesmo não acontece no domínio do léxico, pois, algumas classes de palavras têm uma representação espacial e temporal assim como uma organização em termos de *gestalt*.

Todavia, a dualidade conceptual que se impõe entre semântica e pragmática (uso linguístico) procede da motivação semântica da sintaxe, do léxico e da gramática. E como Brandt demonstra (1995: 17 e ss.), a natureza esquemática do significado deve-se à dinâmica do uso em contextos concretos e abstractos de uma forma indiferenciada. Por isso, o estudo do texto proposto pela semiótica dinâmica aborda o domínio abstracto e inferencial, segundo o qual a organização discursiva pressupõe estruturas conceptuais de natureza esquemática, como por exemplo inferências, analogias, metáforas.

"The meaning of a text can only be grasped indirectly, by paraphrasing it [...]."  
(idem: 17).

Note-se que também Heine (1997) defende a organização conceptual do léxico e da gramática. As construções são formadas a partir de estruturas ou esquemas que estão na origem dos conteúdos conceptuais<sup>34</sup> decorrentes das capacidades cognitivas dos falantes, designadamente da capacidade de categorização linguística.

Na verdade, prototipicidade, categorização, polissemia, metáfora e imagens mentais mais não são do que o reflexo de esquemas conceptuais intimamente ligados a aspectos culturais, sociais e contextuais, os quais permitem a estruturação da língua em domínios cognitivos.

Também Brandt (1995), como temos vindo a expor, reconhece a organização esquemática de índole inferencial e metafórica do texto, ao admitir que no estudo da dimensão textual do significado, o contexto avoca uma oscilação do significado entre níveis concretos e níveis mais abstractos:

---

<sup>34</sup> Os casos morfológicos no alemão revelam um padrão semântico estruturado a partir do protótipo até às extensões semânticas e as construções sintácticas também reflectem uma organização cognitiva motivadas por factores semânticos e conceptuais.

“for both epistemic, pragmatic, and performative contexts, [meaning] it is neutral to the difference between abstract and concrete meanings: it is schematic.” (*idem, ibid.*: 17).

Estes domínios cognitivos são o resultado da experiência interactiva com o meio e da própria corporização do pensamento<sup>35</sup> em permanente relação com todos os sistemas cognitivos (a percepção, a memória, a atenção). Por conseguinte, a motivação do léxico e da gramática deve-se a projecções metafóricas que se firmam na sequência da interacção entre cultura e cognição, na dualidade conceptual entre sintaxe e semântica de índole pragmática (com base no uso linguístico), ou seja, na relação entre linguagem e pensamento.

Em suma, os esquemas cognitivos explicam não só a estrutura das palavras, i.e. do léxico mas também a organização mental manifesta na representação gráfica linear das diversas línguas, i.e. na sua estrutura sintáctica. A dualidade conteúdo-representação fonológica atestada por Saussure apoia a ideia de uma dimensão cognitiva inerente à estrutura palavra-texto:

“[...] linguistic semantics may have to study mental graphics. [...] Theories of *language* proper, that is, not of consciousness in general, but of this particular form of human communication by phonological oral strings and their semiological (partial) equivalents, such as writings, would rather have to elaborate technically the issue of understanding how mental graphics or inferential structure gets sufficiently represented by strings and are built up from string information.” (*idem*: 23).

Da mesma maneira, torna-se claro que a esfera contextual quer das semiologias linguísticas, quer das semiologias não linguísticas, encontra-se inserida em *frames*, para os quais a categorização e a prototipicidade icónica são basilares:

“i tis reasonable to think that meaning in language is organized, on a discursive level, as well as on the level of phrase struture, by modal patters, settings or *frames* [...] operating in an unframed iconicity, as non-linguistic semiological subsystems sometimes are [...]. Non-linguistic semiologies may sometimes be simpler, because nominal signs are immediately re-processed by second order signs [...] then instantiated by the pragmatic situations [...]” (*idem, ibid.*: 22).

<sup>35</sup> A posição filosófica da Linguística Cognitiva é o não- objectivismo ou experiencialismo. (cf. Lakoff e Johnson, 1980).



Tal como Brandt (1995) afirma que o significado se situa num *frame* dinâmico a partir do qual emergem imagens no sentido do mais concreto para o mais abstracto até ao sentido figurativo ou metafórico mais afastado da prototipicidade icónica, também Heine (1997) chega à mesma conclusão quando analisa as formas gramaticais.

Por exemplo, o autor mostrou uma teoria da gramaticalização onde palavras que pertenciam inicialmente a classes abertas se tornaram itens de classes fechadas. O mesmo princípio teórico também está presente no léxico: as unidades lexicais também podem evoluir e adquirir novos significados.

O princípio subjacente à evolução de toda a estrutura linguística é a própria capacidade de conceptualização, ou mais especificamente, o *transfer* conceptual ao qual são inerentes as metáforas e as metonímias.

Algumas características do *transfer* conceptual que têm como domínio o corpo humano são:

(1) Do objecto para a parte do corpo – as partes do corpo podem ser decalcadas de outros conceitos, por exemplo, a noção “Muskel” do latim *musculus* que significa ‘ratinho’, ou ‘Pupille (do olho) poderá ter a sua origem num pequeno objecto à semelhança do homem como ‘Puppe’, ou ‘Handteller’, ‘Augapfe’, ‘Regenbogenhaut’ devido a uma semelhança na forma e na função.

(2) Duma parte do corpo para outras, i.e. o transfer conceptual entre diferentes partes do corpo está associado à taxonomia empírica ou experiencialista ‘folk taxonomy’ (Heine, 1997: 133) envolvendo dois princípios – ‘top- down strategy’ e ‘part-to-whole strategy’ – compreendendo partes do corpo elementares (linguisticamente curtas ‘Blut, Arm, Hand, Bein, Fuß, Mund’); no português encontramos ‘nota de rodapé’, ‘água-pé’, ‘martelo de orelhas’.

(3) As partes do corpo podem ser usadas para criar termos para outros conceitos que nada têm a ver com o corpo humano, como por exemplo a orientação deíctica dos objectos (cf. *supra*), e ‘Kohlkopf’, ‘Zeitungskopf’ e ‘Fußnote’. Em português, temos ‘cabeça do alfinete’, ‘cabeçalho’. Em brasileiro (português do Brasil), ‘pé de página’.

Na base de qualquer *transfer* conceptual está principalmente o modelo antropomórfico na maior parte das línguas. A mudança conceptual é unidireccional, estando sempre presentes dois domínios: o domínio de origem e o domínio de chegada, sendo as metáforas linguísticas conceptuais a expressão de modelos cognitivos,

inseridas em estruturas de cognição e sistematizadas na linguagem quotidiana, estruturando o próprio mundo.

Já Blumenberg, autor também referido por Heine, afirma “Nicht nur die Sprache denkt uns vor und steht uns bei unserer Weltsicht gleichsam ‘im Rücken’; zwingender sind wir durch Bildervorrat und Bilderwahl bestimmt, ‘kanalisiert’ in dem, was überhaupt sich uns zu zeigen vermag und was wir in Erfahrung bringen können. Hier läge die Bedeutung einer Systematik der Metaphorologie“.

A unidireccionalidade da evolução semântica (itens lexicais específicos de certos domínios evoluem e passam a significar ou designar outros itens) é um princípio da semântica cognitiva já referido por Weinrich: “die Bildfelder, die als traditionelle und soziale Gebilde gewöhnlich *einsinnig* sind. Die Metapherntradition hat hier einer Metaphernrichtung den Vorzug gegeben, und mit dieser *Gerichtetheit* hat sich die Metapher zum Bildfeld entfaltet, ist zu einer nicht mehr nur stilistischen, sondern sprachlichen Realität geworden.“.

É de sublinhar ainda que a noção de léxico e gramática como um *continuum* em interdependência e mudança já tinha sido constatada por outros linguistas, designadamente por Porzig, o qual reconheceu a importância da espiritualidade<sup>36</sup> para o sistema conceptual das línguas:

“Daraus folgt sofort, dass das Weltbild nicht starr ist. Der Wortschatz der Sprache ändert sich, wie wir wissen, von Tag zu Tag. [...] Aber die Veränderungen, die so das Weltbild laufend erfährt, bewegen sich in einem Rahmen, der durch den Gesamtbau der Sprache vorgezeichnet wird. [...] Nicht nur ein Bild der Welt, auch ein Bild des eigenen geistigen Daseins entwerfen die Völker in ihren Sprachen – eben dadurch werden sie Völker.” (Porzig, 1950: 366).

Para além dos aspectos teóricos já focados, sobre os quais Brandt (1995) fundamenta a aproximação do estudo do significado à teoria cognitiva, o autor aponta também alguns contributos da etnicidade e da identidade para a análise das propriedades linguísticas e semióticas do significado.

Segundo Brandt (1995), a identidade é uma componente essencial do significado narrativo e experiencial. De facto, o significado narrativo é importante para o

<sup>36</sup> Da noção de espírito vigente do princípio do século até aos anos '50 surge a noção de conceptualização.

entendimento dos fenómenos históricos experienciais da natureza humana e é com base no mesmo que se giza a estruturação dos factores temporais.

Assim, reconhecem-se dois elementos do tempo e da identidade que contribuem para o entendimento da esfera semântica experiencial: o elemento causal e descritivo e o elemento intencional.

O autor define então identidade causal como um princípio semanticamente abstracto de organização da realidade, o qual permite a identificação das entidades através de esquemas icónicos<sup>37</sup> de cariz prototípico.

Quanto à identidade intencional, ela tem uma base concreta, apontando e identificando as entidades no mundo através de elementos deícticos ou de marcas simbólicas<sup>38</sup>:

"Identity is an essential component in experienced, narrative meaning. [...]

Most of the material entities that occupy our experience are of course identified only by causal identity. But persons, territories, pet animals, and material works of art (objects of worship) – precisely these four concrete types – are good candidates for receiving a proper name."<sup>39</sup> (Brandt, 1995: 39).

Mais, o autor acrescenta que a língua é um elemento imaterial de representação da identidade nas comunidades, apesar da diversidade dialectal que possa conter. Na verdade, as comunidades étnicas ou culturais são essencialmente comunidades linguísticas não podendo ser em qualquer circunstância definidas por sistemas sociais, os quais resultam sempre de imposições funcionais, como por exemplo a dimensão política de exercício da soberania:<sup>40</sup>

"Languages evolve formally, as human conditions of collective existence do, and it seems that such linguistic changes are directly reinforced by the feeling of

<sup>37</sup> Lakoff e Johnson (1987) propõem a designação de "esquemas imagéticos".

<sup>38</sup> Brandt (1995) dá especial relevo aos nomes próprios enquanto elementos simbólicos de identificação. De acordo com o autor, os nomes próprios também são usados para identificar as entidades abstractas, i.e. imateriais, uma vez que elas são frequentemente associadas a nomes próprios. Ou seja, são definidas por uma identidade intencional, a qual se mantém mais ou menos estável espacialmente e temporalmente, apesar de poderem ocorrer mudanças nas propriedades das entidades (objectos).

<sup>39</sup> É o caso das obras de estatúária. Estas são sempre identificadas através de uma identidade causal, observável nas representações linguísticas afixadas ou que podem evocar.

<sup>40</sup> Na região do Benelux podemos verificar que existem diversos países com diversas línguas, as quais não coincidem com as delimitações políticas. A Bélgica é um caso paradigmático, já que no mesmo território político existem várias comunidades linguísticas diferentes.

intentional identity uniting quasi-religiously the speakers. [...] The idiom thus represents ideally the ethnic standard claim for a spiritual content of the simple feeling of sharing something [...] Ethnic communities are therefore, I think, always and perhaps by definition linguistic communities. But they do not have to be social systems.” (*idem*: 41-42).

Voltando à teoria do protótipo, é pertinente rememorar que esta foi primeiramente introduzida por Rosch<sup>41</sup> no seu estudo sobre as cores, onde defende que os membros de uma categoria se organizam segundo diferentes graus de saliência, encontrando-se os mais representativos no centro da categoria (os protótipos) e os menos representativos na periferia da categoria. Na realidade, a noção de prototipicalidade desenvolvida por Rosch apresenta alguns princípios já referidos por Wittgenstein (1945), especificamente aquilo a que designou por “Familienähnlichkeit” (“parecenças de família”): os membros de uma categoria agrupam-se por semelhanças parciais, pelo que se regista uma intersecção entre as categorias, decorrente das fronteiras fluidas entre as mesmas. Assim, Wittgenstein (1945) verifica que a categoria *jogo* “*Spiel*” se encontra estruturada em rede através de uma série de intersecções parciais designadas metaforicamente por “parecenças de família”<sup>42</sup> :

“Betrachte z.B. einmal die Vorgänge, die wir ‘Spiele’ nennen. Ich meine Brettspiele, Kartenspiele, Ballspiel, Kampfspiele, usw. Was ist allen diesen gemeinsam? – Sag nicht: ‘Es muß ihnen etwas gemeinsam sein, sonst hießen sie nicht ‘Spiele’” [...]

Und so können wir durch die vielen, vielen anderen Gruppen von Spielen gehen. Ähnlichkeiten auftauchen [...].

Und das Ergebnis dieser Betrachtung lautet nun: Wir sehen ein kompliziertes Netz von Ähnlichkeiten, die einander übergreifen und kreuzen.[...]

Ich kann diese Ähnlichkeiten nicht besser charakterisieren als durch das Wort ‘Familienähnlichkeiten’” (Wittgenstein, 1989: 277 e 278)<sup>43</sup>.

Também Taylor (1995: 38) corrobora esta visão sobre a categorização, i.e., a estrutura prototípica duma categoria apresenta elementos mais centrais e outros mais periféricos ao protótipo, e quanto mais afastados do protótipo, menos atributos ou semelhanças em comum com ele apresentam:

---

<sup>41</sup> Sobre categorias e protótipos, nomeadamente o estudo de Rosch sobre as cores, cf. Ungerer/ Schmid (1996: 3 e ss.).

<sup>42</sup> O conceito de “parecença de família” / “Familienähnlichkeit” foi introduzido primeiramente por Wittgenstein na sua obra *Philosophische Untersuchungen* (1945).

<sup>43</sup> Sublinhados nossos.

“[...] the category is not structured in terms of shared criterial features, but rather by a criss-crossing network of similarities. There are indeed attributes typically associated with the category. Some members share some of these attributes, other members share other attributes. Yet there are no attributes common to all the members, and to them alone. It may even be the case that some members have practically nothing in common with others.”.

A linguagem enquanto sistema simbólico de organização da realidade também requer uma análise das suas categorias de acordo com a sua estrutura prototípica. De facto, no seio, quer das categorias lexicais, quer das gramaticais, distingue-se o significado central das suas extensões semânticas<sup>44</sup>, resultantes da adaptação por modulação a novos contextos de uso.

A categorização é um processo cognitivo por excelência, na medida em que consiste no processo mental de identificação e classificação das entidades em categorias.<sup>45</sup> Para tal, tendo por base o protótipo das categorias, entram em acção processos de analogia e de contiguidade fundados em esquemas imagéticos. Deste modo, formam-se as categorias polissémicas através de extensões semânticas por metáfora e por metonímia.<sup>46</sup>

Prosseguindo a sua glosa acerca da tríade cultura-sociedade-etnicidade, Brandt (1995) acrescenta que a língua constitui o exemplar imaterial mais notório da esfera simbólica da cultura.

É por esse motivo que a língua fixa a referência das coisas, ou seja, retém o significado das entidades no mundo por referência à sua dimensão simbólica. Consequentemente, a simbolicidade linguística traça o próprio carácter arbitrário do signo linguístico, donde a normatividade da língua funciona como um princípio geral de regulação e de descrição e classificação das coisas. Assim, a teoria do protótipo, a qual

---

<sup>44</sup> Dirven/ Verspoor (1998: 31) elucidam-nos acerca do modo de determinar o significado mais saliente ou prototípico de um item. Segundo estes autores, há três modos interrelacionados: 1) qual o significado que nos surge primeiro no nosso pensamento; 2) qual o significado da palavra mais frequentemente usado; 3) qual o significado mais básico da palavra, i.e., que tem mais probabilidades de ser usado na explicação dos outros significados.

<sup>45</sup> Tal como Lakoff (1987: 6) evidencia: “Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.”.

<sup>46</sup> Sobre a teoria dos protótipos e o processo de categorização, cf. ainda Lakoff (1987: 8): “The approach to prototype theory [...] suggests that human categorization is essentially a matter of both human experience and imagination – of perception, motor activity, and culture on the one hand, and of metaphor, metonymy, and mental imagery on the other.”.

opera com a função normativa da língua, tem na sua base a noção de protótipo enquanto elemento determinante na classificação genérica dos objectos.

O princípio que norteia esta classificação genérica é de natureza mental ou cognitiva, pois deve-se à dimensão simbólica dos objectos físicos, materiais, mas também das representações linguísticas imateriais:

“A language is a wholly normative creation, built on a natural and generic faculty of syntactically linking cognition and expression [...] They are, by constitution, ethnically specified but anchored in the causal, natural faculty. This is why they are both motivated and arbitrary: arbitrariness is introduced by symbolic over-determination.” (Brandt, 1995: 49).

Segundo a obra em análise, é igualmente pertinente observar que o lugar da arte na esfera cultural, ou étnica, se localiza no plano da cultura material e imaterial.

No plano imaterial, a arte projecta uma dimensão estética que pode fixar uma norma social.<sup>47</sup> Quanto à sua intencionalidade, a arte pode descrever acções sociais, e/ou políticas. Neste ponto, a preocupação estética dos objectos artísticos tem o propósito de imprimir uma orientação mental à cultura:

“Political life receives a substantial contribution from culture on this point; in fact, what modern democracies do is to formalise the open conflict between culturally based *criticism* and ethnically based *beliefs* on the societal level of community being. Societies where culture and ethnicity are confused at the societal level obtain *kitsch* as the prevailing expression of identity [...]” (*idem*: 51-52).

Também a cultura imaterial, i.e., as línguas sofrem um choque conflitual no encontro e imposição de línguas dominantes, causando confusão na sua dimensão simbólica ao nível cultural e semântico, em nome de uma pretensa objectividade e rigor. Neste caso, Brandt (1995) fala de vacuidade e substituições patéticas da cultura e da etnicidade:

“ Both subjectivity and objectivity are in fact damaged by the resulting confusion of the two functions of symbolicity, and we get flagrant, hollow, pathetic substitutions for both culture and ethnicity [...] the situation also affects the phrasing of language, as

---

<sup>47</sup> É o caso da estatuária figurativa pelo realismo ou *semiosis* que evoca.

doubts and beliefs become indistinct, and acclaim and ridicule coincide [...]. (*idem, ibid*: 52).<sup>48</sup>

Ainda de acordo com Brandt (1995), este conflito estrutural aniquila a própria expressão da identidade através da injunção de uma cultura global:

“Social [...] logic is in and by itself unbounded, especially because it is independent of language (i.e. independent of the specificity of idioms). [...] The problem is, in this situation, that trans-nationalisation, by the same occasion, disturbs the vital dynamics opposing and relating ethnic and cultural expressions [...]” (*idem, ibid*: 53).

O resultado deste problema estrutural é uma perda de identidade através de uma globalização que aniquila progressivamente a dimensão cultural e criativa<sup>49</sup> das sociedades:

“The result seems to be an ever increasing tension between identity claims of ethnicity and identity-free civilizational globality on the social and cultural level [...] Ethnic passions are natural and inextinguishable; furthermore, they are stimulated by the need for personal resistance to both technical and cultural de-personalization.” (*idem, ibid*: 54).

Voltando ao estudo da dimensão semiótica da estética, Brandt continua a explorar a constituição do significado estético num enquadramento fenomenológico e cognitivo. Assim, paralelamente à delimitação teórica associada aos signos, é abordada também a parte estética referente às obras de arte.

Face a uma semiótica geral que contempla a experiência da significação, explana-se a arquitectura do significado à luz da filosofia morfo-dinâmica. O significado tem uma base topológica, ou seja, para além de contemplar um transporte de algo interno para algo externo designado por significação expressa, ou de algo externo manifesto num signo para algo interno, tratando-se neste caso de uma significação representacional, estes dois níveis operam numa interface que liga a mente (esfera interna) ao mundo (esfera externa). A semiótica estuda então esta interface da relação mente-mundo, a qual é activada por meio de uma *semiosis* dinâmica.

---

<sup>48</sup> As duas funções da simbolicidade às quais o autor se refere são a apresentação e a representação na esfera do significado semiótico e linguístico.

<sup>49</sup> A dimensão criativa corresponde, segundo Brandt (1995), à técnica *techné*, ou seja, ao acto de criar artefactos culturais.

Ao explorar, nesse sentido, toda a dinâmica do processo de significação, Brandt (1995) defende dois modos morfo-dinâmicos: o modo feno-físico e o modo feno-psíquico. Na realidade, qualquer fenómeno é feno-físico e feno-psíquico, porque tem duas representações gestaltianas, ou seja, uma forma física e uma forma psíquica.

A dinâmica entre estas duas formas é estruturada pela competência semiótica, designadamente nas esferas da percepção, do pensamento, da memória, da acção, da comunicação e da vontade, as quais processam a apreensão concreta, a retenção e o entendimento das formas das coisas.

Brandt (1995) define assim estes dois níveis:

“If emergent pheno-physical form prevails, we get impressive signification (perception and inference); if projected form prevails, we get expressive signification (expression and communication).” (*idem*: 58).

Trata-se, pois, de uma morfologia dinâmica do significado, a qual envolve três fases fenomenológicas, arquitectadas em dois níveis (o nível físico e o nível psíquico): a fase da inscrição, a fase do reconhecimento e a fase do entendimento.

No que se refere à fase de inscrição, a organização do material exterior ao sujeito no nível psíquico ou interior processa-se através de esquemas cognitivos inseridos em enquadramentos de dinâmica icónica, sendo que a coisa percebida no mundo exterior é memorizada, i.e., inscrita na memória recebendo o estatuto de tipo.

Na fase fenomenológica de reconhecimento, o objecto reconhecido pela nossa atenção é identificado como um exemplar desse tipo. Finalmente, o conhecimento ou entendimento realiza-se quando a informação sensorial que funciona como um predicado do exemplar é representada cognitivamente por uma lógica proposicional binária, na qual se destacam o tipo (função proposicional), a forma do exemplar (sujeito lógico) e o conteúdo, o qual reflecte a dimensão reflexiva.

Na óptica da teoria que temos vindo a expor, é a sequência destas três fases fenomenológicas que constitui a base do significado experiencial.<sup>50</sup>

“The series A-B-C describes a dynamic system, whose formal and energetic interactions constitute a basis for meaning. Perception is first deictic (A), then purely thetic (B), and finally predicative (C). We get three dynamically interrelated

---

<sup>50</sup> Significado experiencial refere-se sempre a significado semio-linguístico, de acordo com a corrente cognitivista europeia.



phenomenologies of perception (of object reconstruction in learning, recognition, and knowledge, respectively). The last of these is logical, propositional in a classical sense (predicative) and prepares the ground for the semiotics of experience.” (Brandt, 1995: 62).

O autor enfatiza ainda que esta estratégia envolve unicamente o registo fenomenológico dos objectos concretos e da sua realização linguística, devido à sua proximidade com as representações linguísticas e as relações internas dos signos nas línguas naturais, através dos verbos, das preposições ou da flexão.

Esta estratégia semiótica inclui uma operação mental, a qual permite através do elo icónico que se estabelece entre o objecto e a sua apreensão e o signo antever uma relação de semelhança entre os dois:

“Na elementary instance of semiotic restabilization is na *iconic* operation. [...] These pure forms are now replaced, substituting for the hidden forms of the subject (as in metaphor), and an *iconic relation* between the two objects is established. The sign will now resemble the object, by virtue of this substitutive operation.” (*idem*: 64).

Trata-se, pois, de mais um pressuposto teórico que a corrente cognitivista também difunde. Ou seja, o nosso sistema conceptual inconsciente funciona como uma mão oculta “hidden hand” que conceptualiza todos os domínios da nossa experiência. Todo o nosso sistema conceptual metafórico modela o nosso inconsciente cognitivo permitindo-nos apreender as realidades que nos circundam.

É do reconhecimento da existência do inconsciente cognitivo que se admite a noção de sistema conceptual:

“All of our knowledge and beliefs are framed in terms of a conceptual system that resides mostly in the cognitive unconscious. Our unconscious conceptual system functioning like a ‘hidden hand’.” (Lakoff e Johnson, 1999: 13), descrevendo relações paradigmáticas (o léxico, campos semânticos) e sintagmáticas (nas frases).

Todavia, a comunicação requer a existência de um código externo reconhecido pelos sujeitos e que possibilite a identificação das entidades e o entendimento da realidade objectiva e subjectiva.

Neste caso, é o símbolo que aporta o significado e que funciona como expressão do conteúdo. Uma vez que a inferência é determinante para a produção de conhecimento, a norma, ou o código, consiste no conjunto de inscrições armazenadas na memória, provenientes da experiência, e que nos permitem estabelecer o elo conceptual

e icónico dos objectos no mundo fenomenológico com os objectos inscritos no mundo normativo conceptual, aos quais correspondem os campos semânticos nas línguas naturais.

Portanto, não existe simbolicidade *a priori* mas *a fortiori*, uma vez que o significado opera ao nível do sistema conceptual:

“Meaning something to somebody becomes Meaning as such by generalization of the inner icon [...] Meaning is dependent on previous inferences establishing knowledge about the code [...]” (Brandt, 1995: 70).

Sendo o símbolo portador do significado, é usado na comunicação para expressar o conteúdo de uma enunciação. Neste âmbito, o autor utiliza a noção de “enunciação” num enquadramento mais lato, comportando as vertentes linguísticas e semióticas, também ao nível icónico.

Assim, o significado resulta de um mapeamento entre o código normativo e as interpretações eligidas pelo símbolo:

“Understanding symbols is a participatory activity [...] symbols make subjects be singular instances of a locally generic Subject. This generic Subject is equivalent to the idea of a Code [...] essential to the principle of Meaning.” (*idem*: 71).

Seguidamente, Brandt (1995) apresenta uma exposição acerca daquilo que denomina a super-estrutura da semiótica. Esta super-estrutura é designada por *Simulacra* e é portadora de várias interrelações icónicas, as quais suportam os diferentes níveis do significado.

Esta dimensão de iconicidade da *Simulacra* é precisamente equivalente ao conteúdo simbólico apresentado pelos símbolos e representados através de ícones, os quais são o resultado dos vários processos de *Simulacrum*, i.e., a cópia, a impressão e a construção:

“A simulacrum of the first order is a simple *copy* of na original. It resembles another copy of this original. There are simulacra of the second order; we could call them *prints* of a matrix (a model, a template, a prototype). Prints of the same matrix will resemble each other. Finally, we have simulacra of the third order, let us call them *fictions*; they are series of objects interrelated by their common principles of construction ...” (*idem, ibid.*: 72).

Brandt (1995) descreve ainda a *Simulacra* como a manifestação de relações icónicas, cujo significado é o seu conteúdo simbólico, decorrente dos seguintes processos:

“a copying procedure, a printing procedure or a constructing procedure; that is, in the first case an iconic control (of mutual resemblance between original and copy), in the second case a causal event accessible to inference or, in the third case, the existence of a set of explicit or implicit instructions followed in their construction. Simulacra are symbols of icons as icons by iconicity, indexicality or symbolicity.” (*idem, ibid.*: 72).

Dado que o código é algo socialmente partilhado, é também importante mencionar que todos os objectos culturais resultam de uma percepção codificada socialmente, motivo pelo qual a percepção de um ícone adquire o estatuto de símbolo.

Em suma, as cópias são membros de uma classe aberta de objectos, representando ícones de um objecto original, sendo que partilham com estes algumas das suas propriedades; as impressões relacionam-se com a matriz ou o protótipo por uma relação causal, sendo que a relação icónica entre os seus membros é sustentada por um elo indexical; e as ficções resultam de acções puramente intencionais através de operações inferenciais a partir de um objecto já existente no universo cultural, representando uma dimensão do significado unicamente simbólica. O significado é de ordem imaterial se expresso pela palavra, ou material, se expresso por um elo indexical com o ícone que representa.

Tal como o autor defende, os contos, assim como os mitos, são um exemplo da dimensão estrutural identitária da língua:

“Fictions are *identity machines* at work in any culture at any moment; to share the knowledge of them, to take part in their transmission, is to receive and eventually enjoy the irradiation of value they convey. [...] It is worth noting that good examples of this simulacrum type are always performances displayed in the dimension of *time*; fiction is a temporal unfolding. Where the structure of objects, in this sense, is essential to their serial being – as in language (phrase structure, word and word order schemes [...])” (Brandt, 1995: 77).

Neste sentido, torna-se óbvia a conexão das estruturas de significado dos contos com aspectos da identidade étnica<sup>51</sup> das comunidades, tal como são descritos na obra em análise. Convém realçar também que os contos adquirem a mesma estrutura de significação de outras manifestações culturais ou étnicas, como por exemplo, os provérbios, as línguas, composições musicais, esculturas, religiões, danças, os mitos, porque o seu entendimento, ou seja, o seu significado, só se processa mediante a partilha de competências comuns pelos membros de uma comunidade:

“Understanding, for example, the narrative structure of a tale destroys its arbitrariness and therefore the performer’s symbolic self-projection. Instead of performing by following the temporal articulation of the *substance of expression* overlying the *form of expression*, the analytic approach tends to relate the *form of content* to the underlying *substance of content*.” (*idem*: 78).

Estas perspectivas teóricas são igualmente focadas nas teses cognitivistas. Efectivamente, o mesmo equivale ao postulado, segundo o qual a dimensão enciclopédica do significado está presente nas estruturas do mundo, ou seja, num sistema fora dos processos mentais dos sujeitos mas que são determinados na sua interpretação, i.e., no seu significado por processos cognitivos. Por isso, uma mesma forma pode englobar várias significações:

“[...] a myth analysis is or can be a new discursive manifestation of the myth. Nevertheless, this type of analysis tries to give a non-linear picture (iconic) of *form of expression and of content* in a symbolic series – that is, an analysis of *structure* – by a comparative superimposition of competent experiences of a corpus of versions as articulated in perception and reproduction.” (*idem*: 79).

Também segundo Lakoff (1987) e Weinrich há uma realidade supra-individual, um modelo cultural, produto inconsciente duma comunidade linguística, que nos dá uma imagem objectiva do mundo:

“eine überindividuelle Bildwelt als objektiven, materialen Metaphernbesitz einer Gemeinschaft.”<sup>52</sup>

<sup>51</sup> “Étnico” equivale a “cultural”, de acordo com a perspectiva do autor abordada nesta obra.

<sup>52</sup> Weinrich *apud* Jäkel (1997: 135).

São esses modelos culturais que, aliados a modelos cognitivos, estão na base da construção do significado que, por sua vez, resulta de experiências sensorio-motoras com o corpo e determinam o modo como agimos e inter-agimos, falamos, e as nossas próprias experiências individuais e colectivas no meio. Por exemplo, as metáforas conceptuais, enquanto estruturas e processos de significação, fazem parte destes modelos cognitivos idealizados (ICMs), reflectindo assim um modelo cognitivo supra-individual<sup>53</sup> partilhado por todos os membros duma mesma comunidade cultural.

Por conseguinte, a motivação semântica depende de fenómenos perceptivos e de esquemas de ordem experiencial, pertencendo ao campo do enciclopédico.

O carácter enciclopédico do significado resulta da relação de inter-dependência entre a linguagem e o pensamento através da experiência das culturas e do homem no meio.<sup>54</sup>

É o caso dos contos, das parábolas, das crenças, cuja significação reside em redes de referência de natureza imaterial, ou seja verbal, e de ordem experiencial:

“A normative world densely loaded with inner causality in its temporal, syntactic transformations (Process) and with inner similarities in its spatial, paradigmatic unfolding (System): na immaterial, normative frame around our expectations.” (Brandt, 1995: 81).

No paradigma cognitivo, o contexto assume uma importância central na determinação do significado. De facto, o valor do significado é definido pela intenção do significado, reproduzindo e imprimindo por contacto uma identidade colectiva através das ficções (parábolas, contos, histórias, crenças e outros rituais não-verbais) e da sua representação icónica das entidades da esfera da experiência quotidiana:

“[...] signification of na object – there is a definable semantic context [...] Social, simulacral signification inserts the object in a context, gives it a horizon, and thus ascribes to it a transcendent limited semiosis. Valorized objects are perceived through a semantics of contextual fields of relevance, normative worlds.” (*idem*: 81).

<sup>53</sup> Ou seja, um sistema, um código, segundo Brandt (1995).

<sup>54</sup> Em teoria cognitiva, a estrutura semântica não é autónoma, pois coincide com o conhecimento enciclopédico: conhecimento do mundo e estrutura conceptual e semântica estão ligados.

A propósito da cognição e da semântica da metáfora, Brandt (1995) continua a realçar o carácter interdisciplinar da investigação cognitiva, no âmbito da semiótica e da linguística.

Assim, começa por distinguir três tópicos na avaliação do enquadramento cognitivo da metáfora: 1) o signo e a representação, 2) a estrutura conceptual e o significado, 3) a referência e a autonomia semântica.

Conforme refere (*idem*: 140 e ss.), as metáforas constituem uma área de representação do significado através de imagens, a qual é independente da representação referencial ou fenomenológica dos objectos no mundo exterior ao sujeito. Partindo da concepção husserliana que define a experiência humana como algo apartado do mundo objectivo exterior, o significado objectivo assenta em estruturas formadas por representações de ordem imagética.<sup>55</sup>

Do ponto de vista da semiótica, o significado precede e sucede ontologicamente o sujeito e o objecto. Consequentemente, a representação enquadra a imagem cognitiva do objecto, impondo-lhe uma organização simbólica:

“The iconic level is not only relevant in metaphorical contexts, but is generically relevant in any interpretive process, such as what we could describe as feeling, thinking, understanding, imagining, etc., in so far as structured content is made present to our mind, and iconic representations are implied in its elaboration.

Metaphors will therefore appear as specific iconic phenomena [...]” (*idem, ibid.*: 142).

Então, podemos concluir que a estrutura conceptual tem um paralelo nas representações icónicas (verbais ou não-verbais), o que nos permite entrever a relação entre o significado e a semântica.

De facto, esta correspondência funda-se numa intersecção entre os três mundos do universo humano: o mundo da percepção (limitado pela fisiologia individual), o mundo da experiência social ou cultural e o mundo baseado na imaginação. Deste modo, e conforme realça o autor, as possibilidades do significado são de dois níveis, ou

---

<sup>55</sup> Todavia, a visão saussureana do significado contemplava sempre uma entidade, o Sujeito, enquanto mediador do processo de significação, donde o signo X representava o objecto O por referência a um significado expresso num código.

seja, por um lado, temos o significado decorrente da projecção conceptual e, por outro lado, o significado resultado de mapeamentos semânticos.

Estas três esferas semânticas equivalentes aos mundos da Percepção, da Comunicação e da Imaginação, constituem as fontes de conteúdo do significado, sendo, porém, distintas da estrutura conceptual:

“There is no direct relationship between the physiological body implied by W1, the symbolized, social and personal (ethical) body in W2, and the imaginary, emotional body in W3. It would be absurd or at least wrong to unify these worlds by reference to a same body instance. But these worlds – and maybe others that we might have access to – are all as such distinct from conceptual structure.” (Brandt, 1995: 149).

Para finalizar, podemos notar que a língua e a estética são duas vertentes da cognição e do significado, contribuindo igualmente para o entendimento da dimensão semântica.

Os referentes semióticos e linguísticos do significado apontam para os mundos da Percepção, da Comunicação e da Imaginação, donde se torna necessário considerar o respectivo contexto e a natureza conceptual na organização do significado.

## 2. A SEMÂNTICA ENQUANTO FENÓMENO COGNITIVO

### 2.1 A teoria semiótica da linguagem

Também a metonímia constitui um processo cognitivo que, porém, consigna o estabelecimento de uma contiguidade conceptual no contexto de um mesmo domínio cognitivo ou de domínios cognitivos vizinhos.

Segundo Blank (1999), a metonímia tem um fundo conceptual assente na contiguidade dos conceitos e integrado numa rede conceptual caracterizada por “frames” (enquadramentos), “scenes” (cenas), “scenarios” (cenários) e domínios.<sup>56</sup>

Assim, de acordo com Blank (1999)<sup>57</sup>, os ‘frames’ não só representam situações ideais e, portanto, prototípicas, como estão directamente dependentes do meio cultural de onde surgem, da nossa experiência e do nosso conhecimento do mundo, constituindo-se como uma motivação cognitiva necessária para a criação duma metonímia conceptual.

Verificamos que um dos contributos semânticos mais relevantes no paradigma cognitivo para a formação de palavras é a metonímia. Podemos observar na nossa iconografia que vários modelos conceptuais têm na sua base *frames*, os quais resultam de relações de associação entre os elementos mais salientes de um *frame*, ou seja, de relações de contiguidade que se estabelecem entre os elementos mais prototípicos a partir de aspectos de natureza gestaltica, tais como a percepção figura-fundo. Este é um

---

<sup>56</sup> Segundo Fillmore, os enquadramentos, as cenas e os cenários são representações mentais prototípicas de acontecimentos. Estas representações podem ser estáticas ou dinâmicas. Também em Lakoff (1987: 77-90) encontramos na teoria dos ICMs (modelos cognitivos idealizados) um paralelo na descrição dos acontecimentos: “metonymic models play an important role in prototype theory. [...] When such a conventional metonymic model exists as part of a conceptual system, *B* may be used to stand, metonymically, for *A*. If *A* is a category, the result is a metonymic model of the category, and prototype effects commonly rise.” (id., *ibid.*: 84-85).

<sup>57</sup> Blank (1999: 173) exemplifica a teoria dos ‘frames’ linguísticos através de dois ‘frames’ muito próximos para o inglês: o ‘frame’ do pequeno-almoço inglês e o do almoço. A partir da exemplificação proposta, o autor conclui que a metonímia enquanto dispositivo linguístico firma-se em aspectos conceptuais salientes que emergem dentro dum determinado ‘frame’, nomeadamente: (1) relações entre os conceitos num ‘frame’; (2) relações entre os conceitos num ‘frame’ supraordenado e (3) relações entre ‘frames’ próximos.



*gestalt* conceptual fundamental em muitos lexemas que resultam de dispositivos metonímicos.<sup>58</sup>

Tal como temos vindo a notar, a metonímia funciona como um instrumento conceptual, cujos fundamentos cognitivos se devem às relações de proximidade entre os seus elementos, estabelecendo desta forma uma contiguidade semântica entre os mesmos. Koch (1999: 142) começa por ilustrar a definição de metonímia e metáfora no âmbito da teoria linguística preconizada por Saussure. Ou seja, a metonímia assenta numa relação de contiguidade sintagmática entre as entidades linguísticas, enquanto na metáfora essa relação opera-se ao nível das relações associativas de semelhança e analogia entre as entidades, situando-se a metonímia no eixo sintagmático e a metáfora<sup>59</sup> no eixo paradigmático.

No entanto, apesar de parecer que a teoria linguística resolve o problema linguístico, a mesma não compreende o fenómeno linguístico enquanto fenómeno conceptual. Não é o nosso conhecimento das palavras e dos seus traços semânticos que determinam as relações de contiguidade entre as entidades no mundo. É antes o nosso conhecimento extra-linguístico que modela o nosso conhecimento linguístico, i.e., a relação entre a língua e o mundo. Portanto, existe uma questão de natureza semiótica, donde se deduz que é o nível semiótico que atribui designação linguística às entidades e que este é de natureza conceptual:

“It is not our knowledge of words (and their semantic features), but our knowledge of the world that determines contiguities. So metonymy is not a problem of linguistic structure, but a problem that concerns the relation between language and the extralinguistic world. Contiguity has to be considered as constituting a conceptual, extralinguistic and not an intralinguistic relationship.” (Koch, 1999: 145).

Uma vez que a relação de contiguidade não é uma relação entre signos linguísticos mas uma relação conceptual entre conceitos, ou seja, a contiguidade é de natureza extra-linguística<sup>60</sup>, Koch (1999, *passim*) propõe um esquema conceptual alternativo para a definição do dispositivo metonímico: contiguidade é a relação que

<sup>58</sup> É o caso de La Puntaire [IDSL:513], cf. capítulo 4.2.

<sup>59</sup> A metáfora também é um instrumento conceptual em semântica cognitiva. Cf. Capítulo 1.

<sup>60</sup> É a contiguidade conceptual entre as entidades no mundo que determina a sua representação linguística.

existe entre os elementos de um *frame*. Assim, *frame* é o modelo que representa as redes de contiguidade dentro de determinado domínio onomasiológico, onde as relações de contiguidade apenas operam com os membros salientes de determinada categoria, pois os mesmos detêm uma natureza prototípica.<sup>61</sup> Do ponto de vista onomasiológico, os *frames* situam-se ao nível conceptual, i.e., os conceitos designados por determinado item lexical são percebidos num ambiente figura/fundo em relação a outro conceito contíguo. Tal como verificamos com o termo lexical “*puntaire*” em La Puntaire [IDSL:513], o mesmo encerra uma contiguidade semântica com “*punta*” e “*punte*”.<sup>62</sup>

Nesta óptica, é importante realçar a função da metonímia (e da metáfora) não apenas num eixo linguístico mas paralelamente numa dimensão cognitiva do significado a partir do universo semiótico. Complementando a abordagem de natureza exclusivamente linguística defendida por Jakobson<sup>63</sup> acerca dos tipos de afasia e da sua explicação fundada nos pólos metafórico e metonímico, realçamos a natureza cognitiva destes dois instrumentos conceptuais presentes também na arte visual. Efectivamente, a observação de que a metáfora é um recurso presente no surrealismo e no romantismo e de que a metonímia é mais utilizada no realismo<sup>64</sup> vem suportar a nossa tese, agora fundamentada e verificada através da nossa iconografia de estatúária figurativa urbana, sobre a dimensão visual do pensamento e de toda a conceptualização com base em relações de semelhança e contiguidade semântica não ao nível das entidades linguísticas mas ao nível das entidades fenomenológicas.

A linguagem verbal é apenas uma forma de representação conceptual de todo o universo semiótico. Jakobson defende na sua teoria uma relação entre signos linguísticos (e não entre conceitos). Porém, podemos antever na sua tese algumas linhas de análise que utilizámos na nossa investigação e que pudemos comprovar.

<sup>61</sup> Acerca da teoria dos protótipos e categorização linguística, cf. também Taylor (1989/1995) e capítulo 1.

<sup>62</sup> Cf. capítulo 4.2.

<sup>63</sup> Cf. Jakobson (1956/1971: 75-82).

<sup>64</sup> De acordo com Jakobson (1956/1971: 81): “For the same reason, it is generally realized that romanticism is closely linked with metaphor, whereas the equally intimate ties of realism with metonymy usually remain unnoticed.”.

Por exemplo, a fonte romântica *Neptunbrunnen* (Fig. 4) com todas as suas representações alegóricas (um imaginário de animais, o deus grego Neptuno ao centro com as quatro mulheres à volta representando os quatro principais rios alemães: Elbe, Rhine, Vístula e Oder) está naturalmente orientada por uma estratégica metafórica, enquanto o realismo da figura do pilha-galinhas *Hühnerdieb* [IDSL:205] dos contos populares, da ardina de Cáceres *Homenaje al vendedor de prensa* [IDSL:416] ou da já citada *La puntaire de L'Arboç* [IDSL:513] denotam um dispositivo de contiguidade com a realidade.



Fig. 4- Neptunbrunnen (Berlim).

É, pois, a assunção de que estes dois processos ocorrem alternadamente noutros sistemas que não apenas o verbal, que julgamos pertinente realçar:

“The alternative predominance of one or the other of these two processes is by no means confined to verbal art. The same oscillation occurs in sign systems other than language. A salient example from the history of painting is the manifestly metonymical orientation of cubism, where the object is transformed into a set of synecdoches; the surrealist painters responded with a patently metaphorical attitude.” (Jakobson, 1956/1971: 78).

Tal como evidenciamos na nossa análise da obra de estatúária Der Ulenköper [IDSL:126]<sup>65</sup>, a representação linguística do significado insere-se numa dimensão mais abrangente ao nível do discurso *scripto*-visual, o qual está dependente de um universo semiótico para o qual contribuem níveis de simbolização e mesclagens que se constituem em redes de espaços mentais (REM) e que permitem a efectivação do sistema comunicacional.

É por este motivo que advogamos a construção do significado assente na forma, i.e. no discurso visual, e no significado enquanto estrutura conceptual de outra natureza, semelhante àquilo que Brandt (2001:69-70) propõe para a definição de integração linguística:

“MSNs are fed by perception, memory, imagination, and communication. In their turn, they feed into higher notional processes, probably by exporting schemes, embedded in final blends, ‘upwards’ and into higher symbolic instances where they are treated as notions. [...] Construction grammar defines a ‘construction’ as a pairing of form and meaning. ‘form’ being a grammatical format, and ‘meaning’ being a conceptual structure of some kind.”.

Em nosso entender, este formato mental alarga-se também ao discurso *scripto*-visual da escultura figurativa no espaço urbano enquanto marco de identidade. É, pois, no âmbito do enquadramento teórico preconizado pela semiótica cognitiva que, em sentido mais restrito, procura a articulação de duas teorias - a semiótica e a linguística cognitiva - que desenvolvemos a nossa investigação.

Então a nossa investigação situa-se numa área de confluência da semântica cognitiva, a qual abrange a componente linguística e semiótica. Em sentido lato, a semântica cognitiva surge como uma teoria acerca dos constituintes cognitivos e psicológicos presentes na construção de um conteúdo mental. Ou seja, seria mais ou menos o mesmo do que linguística cognitiva.

Porém, verificámos que para melhor compreendermos o significado dos objectos artísticos escultóricos, a dimensão linguística revelava-se insuficiente, pois os mesmos encerram um discurso notoriamente *scripto*-visual. Portanto, a análise no âmbito semiótico vem completar o estudo das obras escultóricas na medida em que articula de

<sup>65</sup> Cf. capítulo 4.2.

um ponto de vista mais restrito duas teorias: a semiótica cognitiva e a linguística cognitiva.

Uma vez que o significado não é um fenómeno exclusivamente linguístico, a combinação formal e simbólica dos elementos presentes numa qualquer língua é manifestamente insuficiente. Por outro lado, a linguagem não é um sistema fechado, composto de regras pré-definidas, consistindo antes na capacidade de articular e atribuir significado ao mundo, sendo ela própria um sistema cognitivo, paralelamente a outros como a percepção, a atenção, ou a memória, donde o sistema visual assume particular importância. Nesse sentido, a organização de uma cena perceptiva pode ser transposta para um sistema linguístico, sendo que o inverso também é possível, ou seja, a representação por diversas formas tridimensionais ou bidimensionais como, por exemplo, a escultura ou a pintura.

Ora, em semiótica cognitiva as propriedades essenciais das estruturas linguísticas e a construção do significado inserem-se numa teoria geral de organização das formas (o conteúdo e as formas naturais das coisas) visando entender o princípio de organização do mundo fenomenológico a partir da sua percepção por um sujeito cognitivo. Por isso, o significado articulado linguisticamente não é mais do que uma forma de expressão de um sentido pré-linguístico que encontra os seus princípios de organização na dimensão experiencial. O sistema linguístico é apenas um meio de expressar gramaticalmente o conteúdo da experiência, afigurando-se o conteúdo da experiência como o verdadeiro objecto da semântica cognitiva.

Nesta linha, é importante explicar de que modo a percepção e a conceptualização determinam a expressão do significado linguístico e de que modo é atribuído significado aos objectos no mundo, i.e., ao mundo fenomenológico. A semântica cognitiva articula duas formas de representação do significado: o significado expresso na gramática da língua e o significado expresso no conteúdo das formas dadas pela experiência. A representação do significado resulta então de factores ambientais e culturais, os quais são regidos por factores humanos, donde decorre a corporização como fundamento de toda a conceptualização.<sup>66</sup> Realmente, a organização linguística e

---

<sup>66</sup> Uma das teses defendidas pela linguística cognitiva é a corporização do pensamento e a natureza esquemática do mesmo. A sua representação decorre a partir de modelos cognitivos idealizados (ICMs) segundo Lakoff (1987) e Lakoff&Johnson (1999). Cf. ainda o capítulo 1.

a organização do mundo natural da experiência apresentam um princípio basilar comum, o qual consiste no reconhecimento de estruturas pré-linguísticas de natureza conceptual ou visual que atribuem significado à nossa experiência. É neste pressuposto que convergem a linguística cognitiva e a semiótica cognitiva para o estudo da semântica.

Notamos, todavia, que enquanto a linguística cognitiva desenvolve uma análise semântica unicamente a partir das características fisiológicas do ser humano representado na metáfora O PENSAMENTO É CORPORIZADO, para a semiótica cognitiva o mundo físico ou fenomenológico bem assim o sistema cognitivo são princípios fundamentais na organização semântica dos conteúdos dados pela experiência.

Em suma, quer a linguística cognitiva quer a semiótica cognitiva operam a um nível pré-linguístico da dimensão fenomenológica da experiência organizando e articulando as estruturas da experiência através do sistema linguístico. A dimensão empírica da linguística cognitiva surge ainda complementada pelas estruturas esquemáticas da semiótica, operando ambas ao nível conceptual. Deste modo, a representação do significado advém de estruturas empíricas e esquemáticas ao nível ontológico, nas quais se fundam os esquemas cognitivos idealizados, os *frames*, as metáforas, as metonímias e outros instrumentos cognitivos.

Os objectos estéticos detêm um nível de apresentação, o qual corresponde ao comportamento perceptivo e à apreensão do objecto, e um nível de representação directamente relacionado com o significado. Tal como Husserl defende, o significado está ligado à interpretação, sendo que esta decorre da dimensão experiencial projectando no sujeito a representação visual do objecto. Por isso, do ponto de vista fenomenológico, a significação é um acto que implica como condição necessária a apresentação visual:

“Die verstehende Auffassung, in der sich das Bedeuten eines Zeichens vollzieht, ist, insofern eben jedes Auffassen in gewissem Sinne ein Verstehen oder Deuten ist, mit den (in verschiedenen Formen sich vollziehenden) objektivierenden Auffassungen verwandt, in welchen uns mittels einer erlebten Empfindungskomplexion die anschauliche Vorstellung (Wahrnehmung, Einbildung, Abbildung usw.) eines Gegenstandes (z. B. „eines äußeren“ Dinges) erwächst.“ (Husserl, 1900/ 1993b: §23).

Sendo, pois, a apresentação visual construída na base da percepção, da imaginação e da representação, o significado decorrente da experiência estética é também determinado pela nossa capacidade perceptiva e pelos caracteres perceptivos do próprio objecto ao nível da apresentação.

Deste modo, a experiência estética abarca diferentes patamares de apreensão ao nível da apresentação e representação, sendo que as suas propriedades são apreendidas de acordo com aquilo que o objecto representa, ou seja, de acordo com o seu significado simbólico. Nesta linha, Husserl atesta que a construção do significado assenta na experiência de apreensão das características do próprio objecto, ou seja, na sua apresentação visual:

“Oder rein phänomenologisch gesprochen: das Bedeuten ist ein so und so tingierter Aktcharakter, der einen Akt anschaulichen Vorstellens als notwendiges Fundament voraussetzt. In dem letzteren konstituiert sich der Ausdruck als physisches Objekt.“ (Husserl, 1900/ 1993b: §23).

Porém, relevamos ainda que a construção do significado estético não se reduz apenas ao objecto *per se* e às suas propriedades concretas mas encontra-se fundado na própria experiência cognitiva, de certa maneira independente da sua manifestação fenomenológica.

Efectivamente, devemos considerar que a experiência cognitiva pressupõe a existência de um sujeito e um sistema cognitivo, o qual interage com o mundo fenomenológico, i.e., com as coisas, esquematizando e categorizando a própria experiência cognitiva, determinando assim todo o conteúdo mental de organização da própria realidade<sup>67</sup>. Pretendemos, assim, descrever a partir das esculturas e conjuntos escultóricos as suas características e propriedades materiais e imateriais a fim de explanarmos o seu significado.

Se bem que é relativamente fácil identificar vários aspectos do nível de apresentação destes objectos estéticos como, por exemplo, o material (bronze, pedra, alumínio, prfv, etc., ou outros materiais efémeros), a textura (mais ou menos impressionista, polido, etc.), o género (cabeça, torso, vulto completo, equestre, cimeira

<sup>67</sup> Segundo Brandt (1995, passim).

em fonte, etc.), aspectos essenciais a todas as esculturas, eles podem contudo não ser meramente ocasionais e não determinam o significado estético da obra isoladamente.

É neste contexto que propomos uma análise à relação que se estabelece entre o nível da apresentação e representação e à possibilidade de o nível de apresentação determinar já por si uma organização estrutural do ponto de vista cognitivo, i.e., de categorização da própria experiência.

A dimensão figurativa dos objectos remete-nos logo para um significado da obra, pois podemos identificar através do sistema perceptivo as propriedades fenomenológicas do objecto escultórico numa dimensão objectiva. A informação acerca da mesma obra pode ser completada com inferências de outra ordem se atendermos ao título, ao local onde a mesma se encontra implantada, ou a outros dados provenientes do nosso conhecimento enciclopédico que nos podem transportar para a dimensão referencial da mesma.

Por exemplo, o *Monumento Quijote y Sancho* [IDSL:516] apresenta todos os ícones significantes que representam as aventuras protagonizadas pelas figuras de D. Quixote e Sancho Pança. Tal como narra a obra de Cervantes *Dom Quixote de La Mancha*, Quixote, influenciado pelas leituras dos romances de cavalaria, investe-se dos ideais de paz, amor e justiça e deambula pelo mundo com o seu amigo Sancho, o seu cavalo escanzelado Rocinante e a sua amada Dulcinea del Toboso no pensamento, pretendendo viver o seu próprio romance de cavalaria. Conta Cervantes que Quijote parte em busca de façanhas que lhe dessem fama no futuro: “Dichosa edad y siglo dichoso aquel adonde saldrán a luz las famosas hazañas mías, dignas de entallarse en bronces, esculpirse en mármoles y pintarse en tablas, para memoria en lo futuro.”<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> “Feliz idade e feliz século aquele onde sairão à luz as minhas famosas façanhas, dignas de entalhar-se em bronzes, esculpidas em mármoles e pintadas em telas para a memória do futuro.”, cf. Cervantes (1605/ 2004: 35-II Capítulo), trad. nossa.



É importante notar como o significado de uma escultura se torna mais claro se observarmos com atenção toda a sua composição: a junção de toda a informação que possuímos sobre a mesma e que possui já um significado referencial adquire ainda um valor representacional. Uma outra representação escultórica deste monumento junto ao moinho, imediatamente activa na nossa memória a hilariante Batalha dos Moinhos de Vento travada por Quixote, bem como todo o enquadramento cénico, i.e. D. Quixote lutando contra os moinhos, julgando que se tratavam de gigantes, e Sancho Pança alertando o seu amo para a realidade.



Fig. 5- Monumento Quijote e Sancho (Munera).

De facto, a própria estrutura configuracional da escultura que nos permite identificar os seus elementos individualmente transforma-se num conjunto em que as partes e o todo confluem de um modo de percepção para outro que se representa no significado de toda a obra escultórica. É este discurso *scripto*-visual que nos permite uma interpretação da escultura e o acesso ao significado. É uma primeira interpretação



Fig. 6- Pormenor do Monumento Quijote e Sancho (Munera).

acompanhar este conjunto escultórico temos ainda a inscrição que reforça a objectividade (*Gegenständlichkeit*<sup>69</sup>): "La tierra, el agua, las montañas, los bosques y los paisajes de Castilla la Mancha no solo son una herancia de nuestros padres sino un prestamo de nuestros hijos recuerdalo tu recuerdalo a otros." Isto são saltos semânticos, ou seja, mudamos alternadamente de um nível de percepção dos objectos configurados no espaço para outro nível de percepção mais abstracto que é o nível da representação ou do significado.



Fig. 7- Pintura no Taller de Especialización Profesional (Munera).

<sup>69</sup> Husserl (op.cit.).

<sup>70</sup> Husserl (op. cit.).

Podemos considerar três etapas na interpretação das imagens: a escultura enquanto coisa física, a escultura enquanto manifestação do motivo representado e o tema da escultura. Estes três passos correspondem à construção do significado estético. No caso da escultura figurativa, o nível da apresentação já detém as propriedades ontológicas que nos permitem apreender o objecto e o seu significado. Portanto, existe uma sobreposição entre nível da apresentação e o da representação.

Enquanto o nível da apresentação consiste na exploração das propriedades dos objectos tridimensionais e figurativos da escultura, os quais entram no sistema visual através das informações perceptivas, o nível da representação corresponde ao significado que nos é dado pela presença da escultura figurativa sobreposto às significações simbólicas e culturais, as quais não são mais do que propriedades perceptivas e conceptuais do objecto estético.

Também na imagem *la Caputxeta Vermella* [IDSL:427], a interpretação da mesma tem na sua base não só os elementos perceptivos mas também os traços de natureza conceptual que nos permitem identificar e aceder à dimensão verbal que é o conto tradicional *O Capuchinho Vermelho*.

Então, os aspectos figurativos, i.e. o significado experiencial, estão fundados nas propriedades de *gestalt* dos objectos, donde o significado representacional é limitado pelas condições culturais e pela percepção.

O nível da representação contém não só o significado dos objectos presentes na obra (emoções, personalidades históricas, acontecimentos históricos, lendas, contos, etc.) mas também a dimensão narrativa que é apresentada na mesma.

A linguística cognitiva e a semiótica (morfodinâmica) têm uma concepção comum, segundo a qual a construção do significado assenta em princípios transversais. De facto, a teoria do significado em linguística cognitiva e em semiótica funda-se num princípio comum que está na base da experiência estética: tal como o significado linguístico é construído a partir do conhecimento pré-linguístico, conhecimento de natureza esquemática (*frames* e esquemas pré-conceptuais de natureza perceptiva e visual), também as representações estéticas assentam em propriedades perceptivas, as quais são descritas no nível de apresentação dos objectos figurativos.

## 2.2 Conceptualização e percepção visual

A nossa abordagem às obras de arte escultóricas consiste numa investigação de índole semântica, mais especificamente onomasiológica, pois partimos das obras recolhidas no local como forma de expressão da diversidade e identidade das localidades. Ou seja, o significado da estatuária e da representação escultórica figurativa aparece-nos como a ideia e o conhecimento que nos permite entender os nomes e os conceitos que aparecem associados às obras e às culturas e identidades locais. Por isso, o nível iconográfico das representações escultóricas constitui o elemento principal na nossa análise por ser o portador do conteúdo temático ou significado da estatuária.

A percepção formal de uma acção ou objecto presente numa escultura, quaisquer que eles sejam, é manifestamente insuficiente para acedermos ao conteúdo conceptual da mesma. Por exemplo, a identificação da acção de saudação através do acenar com a

mão [IDSL:547] ou da despedida através do acenar com um lenço na mão e segurando um ramo de flores na outra mão [IDSL:281] fixa apenas um nível factual do significado.



Fig. 8 – Escultura em Stillhorn [IDSL:281].

Tal como descreve Panofsky (1986: 19 e ss.), o significado tem uma dimensão formal e uma dimensão simbólica para a qual convergem não só a representação dos objectos naturais (as coisas, as pessoas e os animais) identificados como factos, mas também uma dimensão convencional e simbólica, a qual se situa ao nível das crenças e costumes, i.e., ao nível cultural dos objectos simbólicos. Nesta óptica, podemos concluir que aquilo que Panofsky designa por iconografia mais não é do que o significado conceptual:

“Concebendo assim as formas puras, os motivos, as imagens, as histórias e as alegorias como manifestações de princípios fundamentais, interpretamos todos estes elementos como sendo aquilo a que Ernst Cassirer chamou valores ‘simbólicos’. [...] iconografia num sentido mais profundo: um método de interpretação que surge mais como síntese do que como análise. E como a identificação correcta dos motivos é a condição prévia para uma correcta análise iconográfica no sentido mais estrito, a análise correcta de imagens, histórias e alegorias é a condição prévia duma correcta interpretação iconográfica num sentido mais profundo [...]” (Panofsky, 1939/1986: 22-23).

Porém, elaborando a sua teoria acerca da iconografia e iconologia, Panofsky propõe mais tarde uma especialização destes conceitos, delimitando a sua intervenção na interpretação e significado nas artes visuais. Assim, através de uma explicação dos dois termos a partir dos respectivos sufixos “-grafia” em iconografia e “-logia” em iconologia, a primeira consiste numa descrição e classificação de imagens e a segunda numa interpretação das mesmas:

“Porque assim como o sufixo ‘grafia’ denota um processo descritivo, também o sufixo ‘logia’ – derivado de *logos*, que significa ‘pensamento’ ou ‘razão’ – denota um processo interpretativo. [...] Concebo assim a iconologia como uma iconografia tornada interpretativa, que se transforma então numa parte integral do estudo da arte, ao invés de estar confinada a um levantamento estatístico preliminar.” (Panofsky, 1955/1989: 34).

Da mesma maneira, a iconografia que armazenámos na nossa base de dados e que consiste na recolha de *corpora* autêntico *in loco*, o qual foi descrito e classificado segundo os nossos critérios de análise, apresenta-se com os elementos de análise e síntese ao nível do significado, para o qual conflui de uma forma notória a descrição na entrada ‘apresentação’ e a classificação na entrada ‘representação’ bem como o título das obras.

Assim, a rede de espaços mentais que norteia a semânticidade das obras escultóricas adquire o seguinte formato:

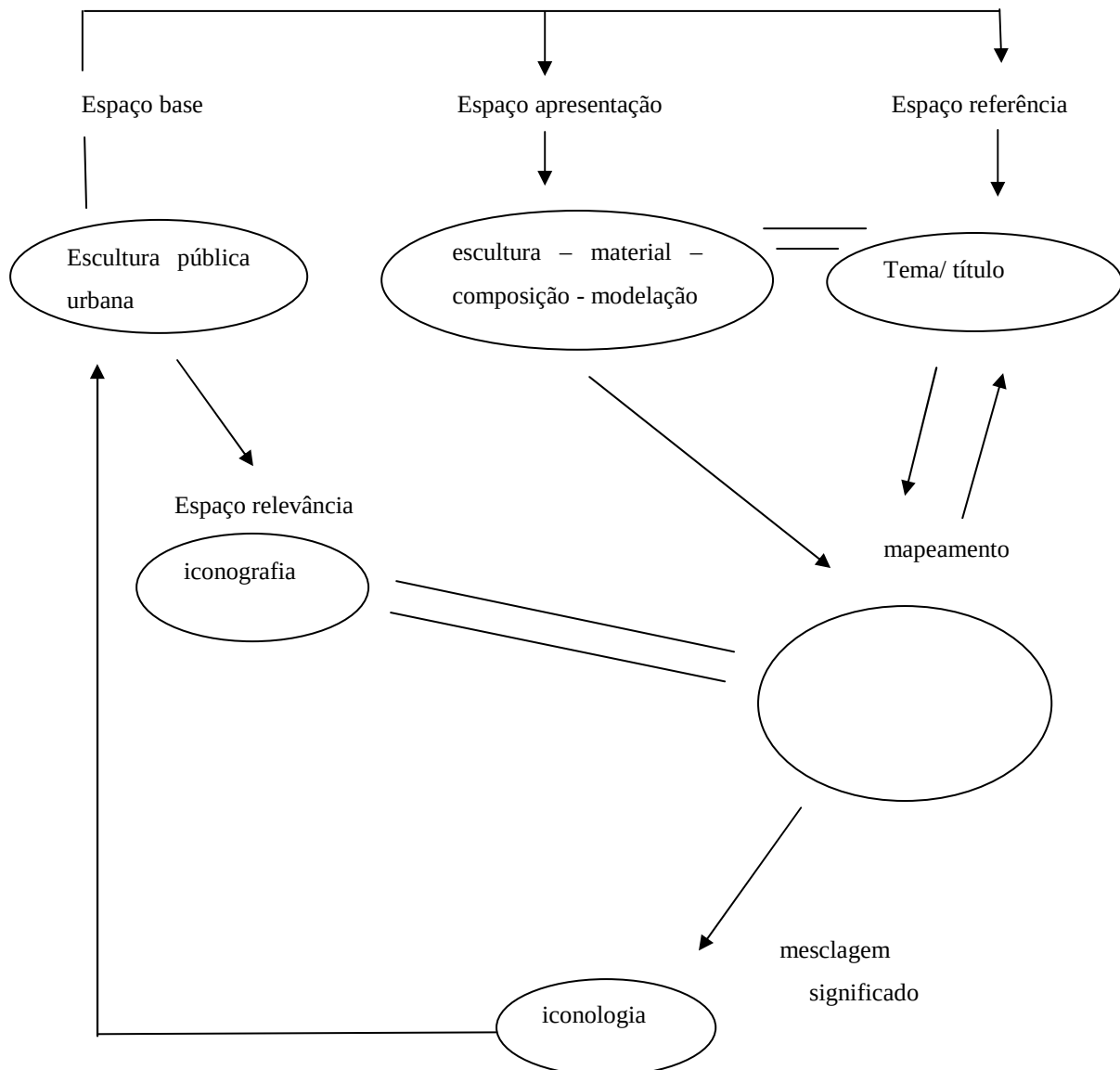


Fig. 9 – Rede de espaços mentais das obras escultóricas.

A estrutura da rede de espaços mentais adquire um formato que deriva da reação entre a apresentação e a referência. Desta reação resulta uma mesclagem estética baseada na actividade perceptiva e no conhecimento enciclopédico e de natureza contextual e experiencial que nos permite interpretar a obra de arte escultórica e entender o seu significado. Ou seja, os espaços de *input*, denominados espaço base e espaço de apresentação, coincidem no seu conteúdo derivando num mapeamento entre a forma e o conteúdo.

O conteúdo dos espaços de *input* é situacional, sendo que um deles canaliza a nossa atenção para a forma. O outro espaço de *input* ilustra o cenário urbano e a representação do tema. No espaço de referência localiza-se um mapeamento que liga as estruturas do espaço de apresentação com as estruturas do espaço de referência.

Assim, enquanto o espaço de apresentação nos transmite a forma, o espaço de referência comunica-nos o conteúdo. A mesclagem consiste precisamente no significado estético de fruição da obra, o qual apela ainda à dimensão afectiva e emocional da mesma, por exemplo através de processos de identificação simbólicos ou outros processos cognitivos como a memória ou a atenção focalizada em determinado aspecto do conteúdo.

Como temos vindo a ponderar, a actividade cognitiva desempenha um papel importante no entendimento da dimensão estética do significado. Segundo Arnheim (1969/ 1997: 13), o termo cognitivo designa uma actividade mental de recepção, processamento e armazenamento da informação sensorial, a qual se realiza através da intervenção de processos como a visão ou a memória. O mesmo autor afirma também que todo o entendimento é gizado a partir da percepção visual e que o pensamento opera ao nível da visão. Por conseguinte, a percepção visual é também um fenómeno conceptual que se realiza no domínio sensorial de apreensão das imagens, o qual se encontra igualmente presente no entendimento e fruição estética das obras de arte. O sentido visual não é apenas uma gravação mecânica do objecto físico percebido mas antes um entendimento e reconhecimento de características estruturais das formas que denotam esquemas pré-conceptuais de natureza categorial, os quais permitem a sua identificação com formas simples e categorias:

“Perception consists in fitting the stimulus material with templates of relatively simple shape, which I call visual concepts or visual categories.” (Arnheim, 1969/ 1997: 27).

Assim, a percepção da forma opera ao nível cognitivo da formação dos conceitos, donde a imagem visual de uma coisa já apresenta atributos que a identificam com uma categoria, um modelo. Por isso, a percepção visual e o conceito visual confluem para o entendimento de características estruturais das coisas atribuindo significado às mesmas. Efectivamente, podemos concluir que a noção de conceito visual encerra os mesmos princípios de natureza esquemática e pré-conceptual do conceito linguístico, tal como

atestam Arnheim e Lakoff (entre outros)<sup>71</sup>. Ou seja, a percepção da forma opera ao nível cognitivo da formação dos conceitos:

“I am describing the perception of shape as the grasping of generic structural features. This approach derives from gestalt psychology. [...] shape perception operates at the high cognitive level of concept formation.” (Arnheim, 1969/ 1997: 29).

Podemos subentender na teoria sustentada por Arnheim princípios ancorados no mundo da experiência e vinculados no contexto. A percepção que decorre da atitude estética é um dos modos que melhor permite conhecer o objecto e o seu contexto. A percepção da cor, do material, da localização espacial e de toda a informação que contribuem para o carácter e para os atributos da forma ou da coisa percebida constituem o seu contexto. É a percepção do contexto e do objecto (ou da forma) que permite a identificação de uma escultura e a sua categorização, ou seja a sua representação linguística e visual. A esta identificação e definição, i.e. classificação, Arnheim chama conceito visual:

“But there is another way of acknowledging the distinction between context and object, which does not aim at eliminating the effect of the setting upon the object. [...] the object unfold its identity in a multitude of appearances. [...] A concept from which everything is subtracted but its invariants leaves us with an untouched figment of high generality. Such a concept is most useful because it facilitates definition, classification, learning, and the use of learning.” (*op.cit.*: 44 e 45).

Por exemplo, verificamos que a representação da República tem uma apresentação contínua de uma figura feminina, cuja identidade mostra através da sua imagem visual uma sequência de atributos circunstanciais, tais como: a figura feminina e a equidade. Perante a representação da República de Poligny, [IDSL:170] *La Republique*, e a de Gigan, [IDSL:548] *Republique Française*, observamos que a primeira, segurando uma espiga (símbolo da fertilidade) e situada ao nível dos peões, denota igualdade e equidade bem assim abundância para todos os cidadãos. Também na representação da República em Gigan, perscrutamos o mesmo significado de equidade e justiça, embora associadas à colocação elevada da imagem, a qual anuncia a sua

<sup>71</sup> Sobre esquemas conceptuais, ver também o Cap. 1.



autoridade. Efectivamente, é no feixe de setas que a mesma agarra e no qual se lê "Droit de l'homme" que vislumbramos o garante da justiça, igualdade e direito para todos os cidadãos. Mais, a República de Giguean, datada de 1893, foi erigida pouco depois da Revolução Francesa (cerca de um século depois), o que vem reafirmar os ideais da Revolução Francesa expressos na união, simbolizados no feixe de setas.



Fig. 10 - Escultura République Française [IDSL:548] em Giguean.

A constância do realismo na representação das diferentes imagens da República comprova que o contexto e o objecto se articulam em interdependência. A percepção destas imagens escultóricas no espaço urbano em duas localidades em França permite

identificar o conceito visual da imagem, a saber, objecto escultórico de uma figura feminina representando a República, e a dimensão linguística da escultura associada ao conceito “República”.

Não só o conceito visual mas também a representação linguística estão enquadradas numa dimensão contextual (o local, a espiga, o feixe de setas, as datas de implantação e a composição do objecto) que permitem a categorização e identificação da República. Ou seja, a percepção do objecto físico e a sua comparação com o conceito



Fig. 11- Pormenor da imagem Republique Française [IDSL:548] em Giguean.

visual que dele temos não consiste apenas numa gravação mecânica das suas características e atributos mas antes num entendimento das suas características estruturais e a sua identificação com uma categoria conceptual.

Quando falamos acerca de “representação” *scripto*-visual, referimo-nos à existência ontológica de um objecto tridimensional no mundo exterior ao sujeito, i.e. uma escultura ou conjunto escultórico, e à dimensão simbólica que o mesmo encerra. De acordo com Albertazzi (2006), o conceito de “representação” é importante não só para um melhor entendimento da dimensão da visão e do espaço visual e pictórico mas também do domínio linguístico. Por isso, julgamos ser fundamental discorrer uma

definição deste termo, dada a dupla dimensão das obras de arte que nos propomos analisar.

Se por um lado, o sistema perceptivo nos fornece a informação acerca das propriedades dos objectos, é também claro que a representação dos mesmos contém uma vertente simbólica necessária à sua interpretação. Esta abordagem simbólica parte do princípio segundo o qual existem dois níveis no espaço visual pictórico: o espaço da apresentação que coincide com a apreensão do conteúdo e o espaço da representação que consiste no objecto da actividade perceptiva. É nesta linha que Albertazzi propõe uma teoria da representação fundamental para a análise do espaço pictórico, a qual evidencia um espaço base denominado por “apresentação” e que expõe à visão a estrutura do objecto:

“A presentation as such *presents, exhibits the structure of what appears in the now* (the time of presentation) bracketing off the physical and the neuronal levels of the objects of vision.” (Albertazzi, 2006: 16).

Esta tese de Albertazzi vem de encontro aos princípios defendidos por Arnheim (1974). Tal como Arnheim atesta, o espaço pictórico não tem qualquer suporte físico, sendo que o bronze, a pedra, o alumínio, a tela, o filme, o livro, etc. são apenas o canal ou o meio para a representação de uma cena, um evento, um objecto. Por este motivo, uma imagem é já um conceito visual, uma vez que a sua apresentação reside na dimensão fenomenológica dos eventos e não apenas nos estímulos sensoriais, pelo que o entendimento da mesma decorre da nossa actividade perceptiva, intelectual, afectiva e cultural bem assim de situações espacio-temporais complexas. A apresentação é uma estrutura espacio-temporal complexa, necessária para a análise da experiência, e que atribui significado à imagem. Assim, qualquer imagem é portadora de significado e pode tornar-se num conceito visual:

“Parece que a verdade é que qualquer proposição abstracta pode ser traduzida em algum tipo de forma visual e como tal torna-se uma parte genuína de um conceito visual”. (Arnheim, 1974: 146).

Os objectos visuais têm uma estrutura complexa, donde a sua apresentação não se resume a uma simples gravação do mesmo nas estruturas neuronais do cérebro.

Realmente, o momento da percepção já é um momento de construção visual de um conceito (visual), sendo que o contexto e a estrutura espacial e temporal da apresentação envolvem aspectos conotativos determinantes na representação do conceito visual e do objecto. É por esse motivo que na análise dos objectos visuais devemos atender não só ao espaço de apresentação do objecto mas também ao seu conteúdo.

Tal como Albertazzi repara, os objectos pictóricos, i.e. as obras de arte, evidenciam duas dimensões ontológicas: a apresentação dos atributos físicos e o conteúdo, ou significado. Albertazzi defende ainda que os objectos estéticos, independentemente da sua natureza (literários ou pictóricos), detêm sempre uma componente intencional. Paralelamente a um número finito de atributos do objecto, o mesmo abre ainda a possibilidade de complemento com outros atributos subjectivos fixados cognitivamente durante o momento da percepção pelo observador.

Por exemplo, no objecto estético apresentado numa escultura, registamos vários níveis que impõem limitações à sua representação, ou seja, aos seus atributos semânticos: a fisicidade tridimensional, o cenário envolvente, o conteúdo simbólico e universal manifesto no objecto e o seu contexto cultural, histórico e social, bem como as características do sujeito. Note-se que são estas limitações que conferem um carácter dinâmico aos objectos estéticos, tornando-os construções dinâmicas.

Em suma, podemos distinguir nos objectos estéticos o nível físico (uma tela, uma estátua em bronze, pedra ou madeira, etc.), o nível fenomenológico que corresponde ao nível perceptivo do conteúdo e o nível pictórico que comporta o objecto no espaço, tal como salienta Albertazzi:

- “1. A *physical* level (seeing a canvas covered with pigments in a certain simultaneous order).
  - 2. A *phenomenal* level (seeing a perceptive object as depicted content).
  - 3. A *pictorial* level (seeing in it an object in the space of the depiction).”
- (Albertazzi, 2006: 24).

Note-se que a faculdade de representação organiza-se numa rede de espaços mentais em interdependência a partir do espaço de apresentação, o qual fornece o conteúdo semiótico (de natureza perceptiva e linguística), ou seja, a base da enunciação. O espaço de apresentação é também o suporte da comunicação, pois permite a construção do significado através da integração progressiva dos espaços mentais da

apresentação, da referência e da relevância. Assim, o nível físico a que nos referimos acima consiste no espaço da imagem, i.e. na percepção da coisa e na sua imagem mental; no espaço da referência a nossa atenção é focalizada no assunto, ao qual corresponde o nível fenomenológico e a relevância surge como o modo de ver a coisa, ou seja o nível pictórico da mesma.

Nesta linha, o significado resulta de um processo gradual a partir do espaço semiótico base, o qual fornece o *input* no espaço de apresentação e o *input* no espaço de referência, os quais por sua vez se integram numa mesclagem através de esquemas de relevância, sendo que podem ainda ser mais elaborados originando ainda uma outra mesclagem mais abstracta, à qual corresponde o significado último da coisa, e, logo, mais afastado do sentido mais concreto da coisa. Na nossa opinião, este é o nível de interpretação onde se situa o conceito: o conceito visual e o conceito linguístico da estatuária urbana. Nas conceptualizações metafóricas, o conteúdo icónico do espaço de apresentação corresponde ao domínio fonte da metáfora, o conteúdo simbólico do espaço de referência corresponde ao domínio alvo da conceptualização metafórica. O espaço da relevância é aquele que fornece as estruturas esquemáticas indexicais que permitem o transporte do significado de um nível mais concreto para um nível mais abstracto, ou seja, o entendimento do conceito.

Segue-se o desenho da rede de espaços mentais que descreve a representação conceptual:

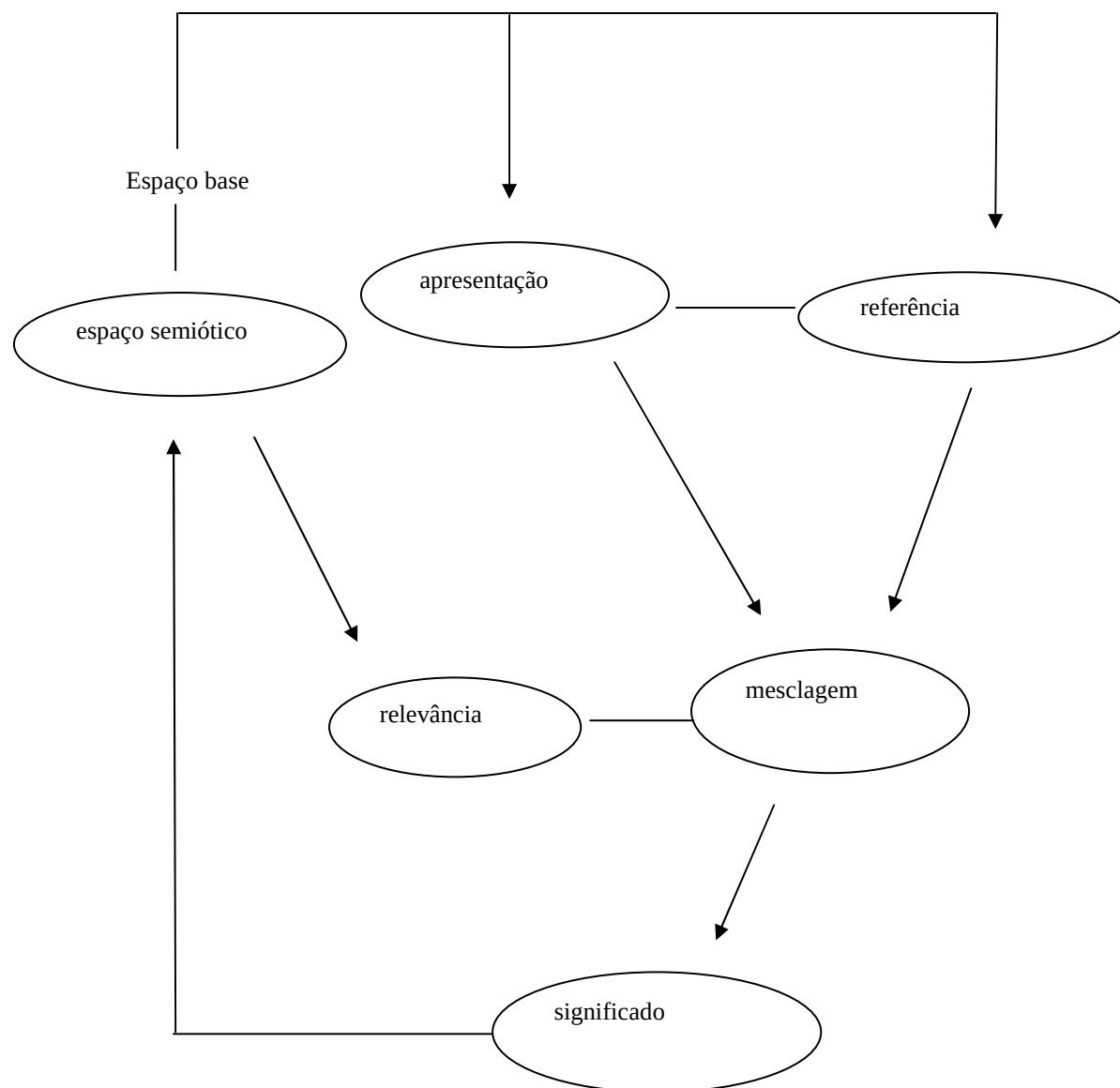


Fig. 12- Rede de espaços mentais da representação.

Dada a dimensão *scripto*-visual do discurso da estatuária no espaço urbano público, as onomasiologias resultam da mescla dos espaços mentais da apresentação da imagem, da referência e da relevância, donde o significado articula o conceito visual e o conceito linguístico.

A título ilustrativo, podemos analisar a natureza metafórica e metonímica do significado em *Hühnerdieb* [IDSL:205].



Fig. 13-- Vista de Hühnerdieb com o galo.



Fig. 14-- Vista de Hühnerdieb com a galinha.

Trata-se de uma construção, cujo espaço semiótico do domínio fonte apresenta um ladrão de galinhas com um dos galináceos a descoberto, i.e. inesperadamente a descoberto, dado o ar surpreendido da figura humana masculina e a sua manifesta incapacidade em segurar o animal com as mãos.

A contiguidade semântica com a figura do ladrão de galinhas é clara, pois, de acordo com a história que está na base desta obra de estatuária, o pilha-galinhas roubou durante a noite uma galinha mas no momento da fuga, o canto de um galo denunciou-o.

Ou seja, em vez de uma galinha, roubou um galo. O ladrão foi então colocado no pelourinho da aldeia e exposto à zombaria dos seus concidadãos por não saber a diferença entre um galo e uma galinha.<sup>72</sup>

O espaço de relevância indica-nos a inabilidade do ladrão de galinhas e bem assim a sua singeleza, pois nem um roubo tão simples conseguiu concretizar. O domínio alvo da referência transporta o assunto concreto, i.e. o roubo das galinhas, para um significado mais abstracto que articula o conceito visual e o conceito linguístico ou verbal. Para além da contiguidade semântica presente no *frame* do pilha-galinhas, notamos que a construção do significado encerra ainda uma dimensão metafórica que conceptualiza o pacóvio como o indivíduo que facilmente se deixa enganar.

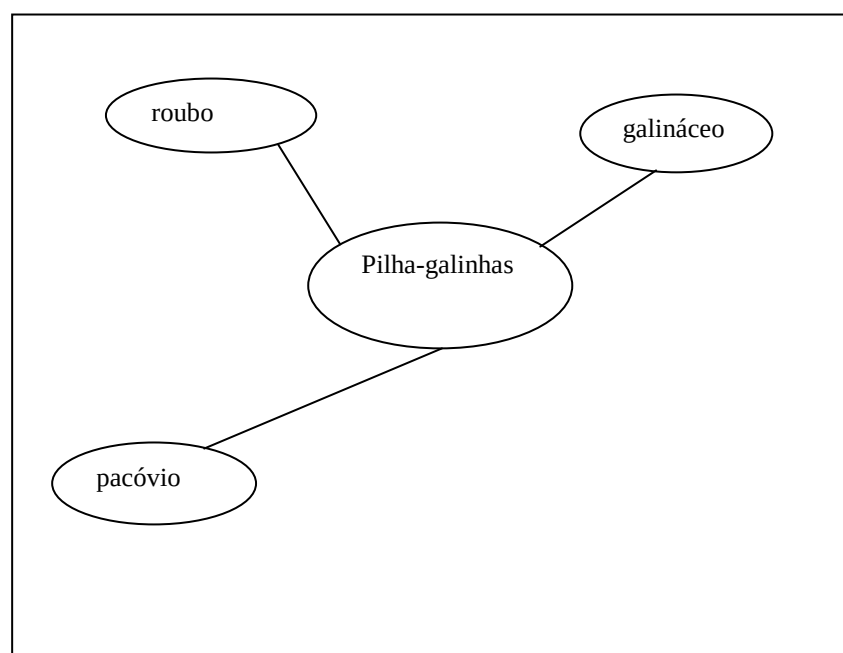


Fig. 15 – Frame de Hühnerdieb.

<sup>72</sup> Cf. (21.07.2009) - Virtuelle Stadtansichten des Vereins INTER-AKTION e.V.  
Das gemeinnützige und bürgernahe Internetportal für Aachen  
Rund um Dom und Rathaus  
[www.aachen-markt.de](http://www.aachen-markt.de)



### 3. CONCEPTUALIZAÇÃO E DIVERSIDADE

#### 3.1 O modelo cultural

Dado que a história da cultura se apresenta como uma progressão no sentido da resolução de necessidades específicas do homem no mundo, manifesta no confronto entre as dimensões experiencial, emotiva e cultural, propomo-nos demonstrar o papel das línguas na descrição e na construção de experiências colectivas relevantes, no âmbito da arte pública de exterior, especificamente na estatuária urbana.



Fig. 16 – Hans Hummel (intervenção urbana em Hamburgo em 2003 e 2004).

Consideramos que este património denota sempre, ou na maioria dos casos, um envolvimento linguístico, presente em lendas escritas ou orais, associado à gastronomia local, ou à toponímia, ou a categorias sociais e/ ou profissionais. Este facto foi por nós observado numa investigação preliminar: na cidade de Hamburgo, as figuras de Hans

Hummel<sup>73</sup> evocam os aguadeiros do passado e a expressão linguística que lhe está associada e que se tornou típica da cidade, i.e., “Mors, Mors!”.<sup>74</sup> A mesma reporta uma dimensão experiencial que se tornou uma expressão convencionalizada de cumprimento, típica da cidade de Hamburgo, e que tem a sua origem numa lenda local directamente relacionada com um tipo sócio-profissional.

Embora as representações linguísticas possam muitas vezes denotar alguma



Fig. 17 - Hiob (Nürnberg).

complexidade, uma vez que reportam dimensões vivenciais particulares e até subjectivas, dado o carácter emotivo que encerram na descrição dos eventos, facilmente reconhecemos aspectos do significado e da representação simbólica que assumem um carácter relevante nas manifestações culturais<sup>75</sup>. Estes aspectos encerram uma herança cultural, transmitida socialmente, possibilitando um entendimento comum no seio de uma comunidade.<sup>76</sup> Os fundamentos destas representações simbólicas, linguísticas ou icónicas, encerram processos cognitivos, que determinam o reconhecimento de experiências ou modelos identitários

<sup>73</sup> **Hans Hummel – Figuren in der City:** intervenção urbana a decorrer até Setembro de 2004, e que consiste em 100 figuras em fibra de vidro do ícone e símbolo da cidade de Hamburgo.

<sup>74</sup> Esta expressão refere-se a uma variante de Plattdeutsch, traduzida normalmente por “Hintern”. A ela está igualmente associada uma lenda da cidade, patente na expressão linguística “Hummel, Hummel!/ Mors, Mors!”.

<sup>75</sup> As manifestações culturais que constituem o objecto da nossa investigação centram-se na estatuação, na toponímia, nos nomes representativos de tipos sociais e profissionais, nas lendas que lhe estão associadas e nos itens linguísticos pertinentes, por exemplo, no âmbito da gastronomia, da agricultura, etc.

<sup>76</sup> A cabeça e o corpo reclinados denotam desde a Antiguidade uma forma convencionalizada de expressão quer da melancolia, quer da dúvida ou da actividade reflexiva intensa. É o caso da figura *O Pensador*, de Rodin (1840-1917) ou da representação de Jó “Hiob” de Gerhard Marcks, 1957, em Nürnberg. Ambas representam simbolicamente a intensa actividade do pensamento.

comuns, assentes na percepção, na memória e na abstractização.

Na óptica do Cognitivismo<sup>77</sup>, os modelos culturais reflectem a organização cognitiva não só dos indivíduos *per si*, mas destes enquanto membros de uma sociedade. O reconhecimento dum sistema cultural fundado nas capacidades e funções cognitivas dos sujeitos permite-nos estabelecer relações de identidade comuns em diferentes aspectos da realidade social e cultural.

Desde *The Body in the Mind* (Johnson, 1987), obra de forte influência kantiana, é referida a importância da imaginação para a teoria da linguagem e em particular para a semântica cognitiva. Neste âmbito, a metáfora assume um papel de destaque como estrutura imaginativa do pensamento humano, pois, actuando como um instrumento conceptual, determina o significado e as nossas inferências no espaço de um determinado contexto de uso linguístico.

Os conceitos detêm uma organização metafórica que estrutura as nossas actividades quotidianas, e isso está patente na nossa linguagem quotidiana, determinada pelo modelo cultural:

“Human reason is not an instantiation of transcendental reason; it grows out of the nature of the organism and all that contributes to its individual and collective experience: its genetic inheritance, the nature of the environment it lives in, the way it functions in that environment, the way of its social functioning and the like.” (Lakoff, 1987: xv).

Embora nos escritos de Kant não exista o termo metáfora mas antes símbolo, o postulado de que o conhecimento e a representação têm uma dimensão metafórica, pois não se pode aceder aos mesmos apenas pela via da experiência (*Anschauung*), é amplamente defendido. Segundo Kant, o conhecimento manifesto na realização linguística com base em processos de analogia, i.e. representar uma coisa em termos de outra (o que é equivalente à definição de metáfora conceptual de Lakoff & Johnson), ou seja os conceitos aos quais não correspondem nenhuma intuição experiencial são construídos através de um transfer conceptual a partir de um processo cognitivo como a imaginação:

---

<sup>77</sup> Cf. Jäkel (1997).

“Unsere Sprache ist voll von dergleichen indirekten Darstellungen, nach einer Analogie, wodurch der Ausdruck nicht das eigentliche Schema für den Begriff, sondern bloß ein Symbol für die Reflexion enthält. [...] Hypotyposen, und Ausdrücke für Begriffe nicht vermittelt einer direkten Anschauung, sondern nur nach einer Analogie mit derselben, d.i. der Übertragung der Reflexion über einen Gegenstand der Anschauung auf einen ganz andern Begriff, dem vielleicht nie eine Anschauung direkt korrespondieren kann.“ (Kant, 1790/ 1974: 296 §59).

Ainda, tal como Kant já havia referido, a imaginação é um processo que intervém na construção do significado, traçada a partir de relações de analogia entre diferentes domínios da experiência concreta:

“Die Rücksicht auf diese Analogie ist auch dem gemeinen Verstande gewöhnlich; und wir benennen schöne Gegenstände der Natur, oder der Kunst, oft mit Namen, die eine sittliche Beurteilung zum Grunde zu legen scheinen.“ (Kant, 1790/ 1974: 298 §59).

Assim, partindo de uma base experiencialista, a Semântica Cognitiva preconiza a importância da linguagem na estruturação do conhecimento do mundo<sup>78</sup>, a indissociabilidade entre este e o conhecimento linguístico, a interligação entre semântica e pragmática.

Nesta linha de orientação, a linguagem constitui um meio de conhecimento em conexão com a experiência humana do mundo, não sendo, portanto, um sistema autónomo: o significado está inserido numa cultura e num contexto. Logo, é através da linguagem que tomamos conhecimento do mundo (“Weltwissen”).

Na construção destas representações simbólicas, para as quais a imaginação é fundamental, estão ainda presentes a capacidade visual da representação e a capacidade de produção linguística, i.e., a língua. Por exemplo, o conjunto de estatúária cívica António Aleixo<sup>79</sup> [IDSL:155] constitui uma homenagem a Aleixo e surge integrado no café *Calcinha* (outrora frequentado pelo poeta), cujo interior apresenta materiais textuais e gráficos sobre o mesmo e documentos de época. Este ambiente cultural

---

<sup>78</sup> Cf. Johnson (1987).

<sup>79</sup> Conjunto de estatúária cívica do escultor Lagoa Henriques, em Loulé, na Avenida da República.

presente na figuração e na memória da comunidade constitui um suporte de análise interdisciplinar, nas suas vertentes linguísticas e artísticas.

A própria literatura de cariz popular de António Aleixo denota um elenco relevante de metáforas conceptuais, algumas recriadas pelo poeta e que se afiguram como extensões semânticas de metáforas mais gerais, facilmente reconhecidas por qualquer falante competente do português. Podemos verificar empiricamente que, algumas destas expressões linguísticas apresentam equivalentes semânticos noutras línguas europeias. Do mesmo modo, a designação linguística do café – *Calcinha* – encontra eco no folclore da região.

Logo, podemos inferir que a motivação semântica para os nomes de diversos locais e de obras de estatuária tem possivelmente uma índole cultural, independente do seu significado etimológico. Estas expressões linguísticas resultam de estratégias metonímicas de forte motivação cultural, que determinam quer as representações toponímicas quer as designações das figuras representadas.

Ao reflectirmos sobre a designação linguística do conjunto escultórico “Os gaiteros de Soutelo de Montes” [IDSL:5] na Galiza, em Espanha, verificamos que esta resulta de uma extensão a partir de elementos topográficos. Assim, as designações da estatuária, da escultura figurativa, reportam-se frequentemente à cultura local. Ilustrativo deste facto são as designações que aqui apresentamos (e cujas imagens anexamos), e que comprovam respectivamente estratégias diversificadas da função de representação das línguas.

Assim, podemos observar que as expressões linguísticas utilizadas na representação do mesmo fenómeno cultural, i.e., um grupo de músicos, são diferentes: em Malmö, na Suécia, um conjunto escultórico em bronze representando um grupo de músicos é metonímico-metaforicamente designado por “Optimistorkestern” [IDSL:114].

No segundo caso, o significado surge associado a uma palavra composta, directamente relacionada com o domínio dos humores<sup>80</sup>, e no primeiro caso, a designação linguística inscreve-se no próprio local de origem, tal como se lê respectivamente nas placas fixadas às obras.

---

<sup>80</sup> Vislumbra-se no morfema morfologicamente complexo a origem latina do mesmo.

Nesta linha, torna-se importante salientar os contributos da análise semiótica no estudo dos signos enquanto inferências, ou seja, enquanto sistema aberto. De facto, a semântica cognitiva, relegando as posições dos modelos teóricos da semântica formal<sup>81</sup>, partilha com a semiótica a noção de conhecimento enciclopédico.

Isto significa que a semântica de uma língua não pode ser isolada duma semiótica geral de partilha de componentes intersubjectivos no seio de uma comunidade cultural.

Advoga-se, assim, que o significado lexical tem um potencial inferencial que depende directamente dum sistema simbólico social:

“Hjelmslev sustained that each semantic field is based not only on intrasystemic meaning relations, but also on the evaluations adopted by a given community, and on the social opinion that it expresses. In this way the same physical ‘thing’, to use Hjelmslev’s expression, may receive very different semantic descriptions depending on the culture that is considered.” (Violi, 2001: 232).

Na verdade, se observarmos duas manifestações de estatuária cívica em dois pontos geograficamente e culturalmente diferentes na Europa, comprovamos que a mesma “coisa física” (cf. *supra*) assume extensões semânticas diferentes.

Nesta sequência, verificamos que a representação plástica da mulher em localidades costeiras, como por exemplo Schevegeningen e Malmö, apresenta descrições semânticas diferentes. Tal como se pode ler nas inscrições fixadas às obras, no primeiro caso denota um carácter emotivo relacionado com a partida para o mar e o não regresso – “voor allen die uitvoeren en niet terug kaerchen” [IDSL:72] – e no segundo caso, a representação linguística refere o domínio sócio-profissional, i.e., a mulher que vende peixe no mercado – “Fiskegumma” [IDSL:111].

Este facto remete-nos para a própria *plasticidade da linguagem*<sup>82</sup>, segundo a qual a língua é um sistema semiótico composto por um número infinito de unidades discretas que descrevem o contínuo indefinido da nossa experiência não-linguística.

Deste modo, o significado constitui-se como o mapeamento entre a experiência e o carácter discreto da língua, criando relações dinâmicas de índole inferencial. Estas

<sup>81</sup> Para a semântica formal, o significado era analisado com base na identidade dos termos, como equivalência, segundo traços categoriais rígidos que implicavam um código igualmente fechado de deduções pré-estabelecidas.

<sup>82</sup> Linguagem é aqui usado no sentido de ‘language’ do inglês.

relações determinam a natureza plástica da língua, uma vez que assentam na noção de signo como um referente aberto a várias configurações e realizações possíveis:

“ (...) the inherent plasticity of the linguistic sign, which must continually stretch and adjust in order to describe new possible configurations (...). The relation which is thus created between expression and content is dynamic and inferential (...).” (id.:88).

Partindo de uma base experiencialista, a Semântica Cognitiva preconiza a importância da linguagem na estruturação do conhecimento do mundo<sup>83</sup>, a indissociabilidade entre este e o conhecimento linguístico.

Nesta linha, a linguagem constitui um meio de conhecimento em conexão com a experiência humana do mundo, não sendo, portanto, um sistema autónomo: o significado está inserido numa cultura e num contexto específico, o que nos remete para a indissociabilidade entre semântica e pragmática.

Na perspectiva cognitiva, a estrutura semântica decorre das representações simbólicas que, por sua vez, são cunhadas na base da experiência. Aliás, tal como sustenta Gibbs<sup>84</sup>, a nossa cognição é dominada pelas interações corporais com o mundo cultural:

“cognition is what happens when the body meets the world. One cannot talk about, or study, cognition apart from our specific embodied interactions with the cultural world (and this includes the physical world which is not separate from the cultural one in the important sense that what we see as meaningful in the physical world is highly constrained by our cultural beliefs and values). [...] Theories of human conceptual systems should be inherently cultural in that the cognition which occurs when the body meets the world is inextricably culturally based.” (Gibbs, 1999: 153).

Portanto, torna-se relevante reconhecer o papel fundamental da cultura, i.e., a base cultural empírica (“people’s folk understanding”)<sup>85</sup>, e da corporização da experiência física no pensamento e na conceptualização.

Radicalizando posições assumidas por Lakoff (1987), Quinn (1991) defende a tese de que toda a cognição ou actividade cognitiva resulta apenas duma corporização de situações culturais partilhadas por todos os membros dessa comunidade. A cognição

---

<sup>83</sup> Cf. Johnson (1987).

<sup>84</sup> Cf. Gibbs (1999: 153 e ss.).

<sup>85</sup> Cf. Gibbs (1999: 145).

e a conceptualização estão para além da esfera individual e são motivadas pelos indivíduos em interacção com o meio.

Ao estabelecer uma relação unilateral entre metáfora e cultura, Quinn (1991) postula a existência de um modelo cultural na base de toda a conceptualização:

“metaphors, far from constituting understanding, are ordinarily selected to fit a preexisting and culturally shared model[...] metaphors do not typically give rise to new, previously unrecognized entailments, although they may help the reasoner to follow out entailments of the preexisting cultural model and thereby arrive at complex inferences.” (Quinn, 1991: 50).

A ideia de uma fenomenologia corporizada decorre não só dos estudos elaborados pelo antropólogo Berlin mas também das investigações de Rosch em psicologia cognitiva. De acordo com os mesmos, as categorias detêm um nível base, cuja configuração morfológica é determinada pela relação forma-função dos objectos. Esta configuração morfológica advém dos atributos perceptivos partilhados pelos

objectos, atribuindo-lhes uma organização cognitiva que determina a sua percepção como um todo, i.e., como um *gestalt* estruturado. Logo, as características perceptivas dos objectos no nível base dependem da relação forma-função dos mesmos, estabelecendo a sua prioridade cognitiva.

Embora o nível base apresente um maior grau de generalização, as categorias subordinadas também têm atributos comuns, atendendo à sua especialização. Por exemplo, as representações ecultóricas de *Scheveningse vissersvrouw* e *Fiskegumman* apresentam uma configuração morfológica que nos permite identificar características comuns que estão na origem de todos os objectos que apresentam a mesma



Fig. 18- Scheveningse vissersvrouw IIDL:721. configuração, i.e., a mulher.



No entanto, analisando o conceito “mulher de pescador” e “velha pescadora”, podemos verificar gradativamente, no sentido da especialização, o seguinte: (1) representação figurativa de uma mulher; (2) representação figurativa de uma mulher numa localidade costeira, apresentando determinados artefactos; (4) representação figurativa de uma mulher, em cujas placas fixadas às obras se observam elementos linguísticos.

Estas duas estátuas anunciam um *gestalt* comum, na medida em que apresentam aspectos perceptivos e morfológicos comuns que nos permitem detectar pelo menos um elemento intencional assente na relação forma-função: a actividade da pesca associada à mulher. Logo, a nossa classificação da realidade está consolidada no nosso conhecimento enciclopédico, para o qual contribui toda a informação extra-linguística. Neste caso, todo o conhecimento que temos acerca dos termos “mulher” e “pesca” fazem parte não só da representação figurativa mas também da representação conceptual.

Assim, a própria representação semântica é gizada no carácter cultural do signo:

“Eco outlined a semantic representation that was openly and explicitly encyclopedic, in which single sememes are points of access to the mass of overall knowledge that constitutes the encyclopedia. [...] It is virtually infinite because it takes into account multiple interpretations realized by different cultures.” (Violi, 2001: 158).

A dimensão enciclopédica do significado está patente não só na vertente semiótica mas também na semântica.<sup>86</sup> De facto, o signo enquanto elemento linguístico não se restringe à



Fig. 19- Fiskegumma [IDSL:111].

informação codificada no dicionário da língua, mas abarca toda a informação

<sup>86</sup>

Aqui, entendemos “semântica” por “semântica cognitiva”.

perceptiva, cultural e histórica armazenada no conhecimento associado a determinada palavra ou expressão linguística.

Nesta linha, a competência enciclopédica e a competência semântica confluem na delimitação do próprio significado linguístico, sendo que a língua resume apenas uma parte de todo o nosso conhecimento, i.e., de todas as inferências possíveis acerca de um termo ou expressão linguística.

Deste modo, podemos concluir que as designações linguísticas destas duas obras de estatuária urbana, a saber, *Scheveningse vissersvrouw* [Mulher de Pescador de Scheveningen] [IDSL:72] e *Fiskegumman* [Velha Pescadora] [IDSL:111], atestam aspectos de identidade e de alteridade de duas culturas determinadas geograficamente, i.e., Scheveningen (Holanda) e Malmö (Suécia), e cuja representação semântica não é possível definir apenas em termos de traços categoriais, mas englobada em toda a dimensão experiencial. Ou seja, o significado consiste num *continuum* conceptual entre o conhecimento linguístico e extralinguístico:

“Lexical competence is not competence regarding a kind of information that is inherently linguistic and qualitatively different from extralinguistic world knowledge. Everything that we know about the meanings of words depends on our experience of the world [...]” (Violi, 2001: 160).

Aliás, poderíamos apontar inúmeras representações de estatuária, nas quais verificamos a relação forma-função como elemento mental, integrador das representações figurativas nos contextos culturais e linguísticos onde estão implantadas.

É a partir do enquadramento mental proposto pela semântica cognitiva, que fundamentamos o nosso estudo: a integração e interrelação do sistema linguístico com outros processos cognitivos, geralmente de natureza perceptiva e, portanto, de índole não-linguística.

Deste modo, a relação entre a língua e o mundo, i.e., entre as expressões linguísticas e os seus referentes externos, situa-se num plano mental, segundo o qual as expressões linguísticas estão fortemente ligadas às experiências não-linguísticas.

O postulado que define a língua, não como um sistema autónomo, mas como um sistema que interage com a percepção, é igualmente partilhado pela semiótica:

“In this way, the relation between linguistic expressions and ‘referents’ is assured by the connection between the concepts expressed by the terms on the one hand, and perception and action on the other. Note that this position is not at all new to

semiotic thought [...] the problem of reference of linguistic expressions, Eco explicitly associated linguistic meaning and perceptual meaning. In this perspective, the linguistic act of referring to something of an extralinguistic nature becomes a comparison between two semiotic objects of different orders, the content of an act of perception on the one hand and the content of a linguistic expression on the other.” (Violi, 2001:36-37).

Assim, o estudo do significado linguístico surge como parte integrante da própria estrutura conceptual, sendo que o campo de análise abrange necessariamente processos de categorização, processos perceptivos e estruturas esquemáticas abstractas comuns, ou seja, padrões abstractos de inferência partilhados culturalmente, e determinantes na representação linguística e simbólica.

Ainda de acordo com Violi (2001: 34), o carácter enciclopédico da semântica cognitiva, assente na indissociabilidade entre conhecimento linguístico e conhecimento do mundo, determina a própria estrutura conceptual.

Ou seja, os conceitos e a descrição do significado linguístico estão directamente relacionados com a experiência:

“In both systems [linguistic and visual-perceptual structures] there is a primitive notion of an entity or physical object and an equally similar identification process: the 3D level of visual representation corresponds to basic constituents of the conceptual level (conceptual categories like 'entity') expressed in linguistic categories like Noun. Furthermore, the perception of each particular object always occurs in association with other objects related within a schema, a fundamental structure in both the structuring of meaning and in visual experience, with analogous categorizing functions.”.

De acordo com as linhas teóricas que mencionámos, o nosso estudo consiste numa abordagem cognitiva da língua a partir da relação entre os significados e os conceitos, i.e., da estrutura da língua e da estrutura conceptual.

Em suma, a construção da identidade, especificamente da identidade linguística e cultural, assenta em processos vários, fundados na capacidade cognitiva de categorização. Deste facto exemplificativo, podemos inferir que a categorização linguística é um fenómeno decorrente da experiência.

Este princípio da Linguística Cognitiva decorre das recentes descobertas no contexto do paradigma cognitivo, segundo as quais, a conceptualização se encontra ligada ao nosso corpo, às peculiaridades do nosso cérebro e à nossa interacção com o meio físico e cultural, i.e., “our bodies, brains, and interactions with our environment provide the mostly unconscious basis for our everyday metaphysics, that is, our sense of

what is real” (Lakoff/ Johnson, 1999: 17). Esta abordagem de índole experiencialista, segundo a qual as categorias e as línguas enquanto construções simbólicas se fundam num sistema conceptual edificado a partir da esfera da experiência, influenciando o conteúdo cognitivo e a estrutura linguística, constitui uma alternativa às correntes objectivista e subjectivista<sup>87</sup>.

Na realidade, o significado está estruturado em modelos cognitivos organizados em redes complexas que constituem a ligação das palavras (conceitos) às nossas experiências no mundo.

Numa primeira fase da nossa investigação em semântica cognitiva (nos seus aspectos linguísticos e semióticos), pareceu-nos importante examinar os envolvimento sociais, políticos e culturais atribuídos a noções tão frequentemente referidas actualmente, quer ao nível nacional quer ao nível internacional, a saber, *património, memória, identidade, diversidade, urbanidade, multiculturalidade, multilinguismo e globalização*.

Iniciamos então uma abordagem às concepções de cultura e cognição, porquanto estas oferecem um enquadramento basilar para os nossos estudos.

Assim, começaremos por enquadrar as dimensões linguística e semiótica no universo da cognição humana e da cultura.<sup>88</sup>

O espaço público das localidades e regiões é frequentemente um espaço dinâmico de interacção e intervenção. Esta dinâmica urbana constitui também um espaço social interpessoal e multicultural de identidade e de trocas culturais.

Apesar da generalização do conceito de *globalização* com o qual se pretende etiquetar a rapidez e a facilidade de acesso à informação mundial<sup>89</sup>, forçando até a sua permeabilização nas diferentes regiões, há hábitos, atitudes, comportamentos e modos de pensar fortemente enraizados nas populações das diferentes localidades e que

<sup>87</sup> Sobre os mitos objectivista e subjectivista, cf. Lakoff/ Johnson (1980: 185 e ss.). As categorias e os conceitos não existem independentemente do sujeito e da sua interacção com eles; não se definem por um conjunto de condições necessárias e suficientes inerentes aos próprios objectos, constituindo entidades discretas, que integram conjuntos de estrutura lógica. Por outro lado, a conceptualização não apresenta uma dimensão puramente individual.

<sup>88</sup> Para o efeito, iremos delimitar os conceitos indicados a partir da obra de Tomasello (2003).

<sup>89</sup> Isto no caso informacional, a mesma globalização manifesta-se nos domínios económicos (OMC) e políticos, com intervenções concertadas do sentido de estabelecer regimes semelhantes e no caso linguístico com o estabelecimento do inglês como língua do fenómeno. Ainda ao nível político, globalização pode subentender uma forma de modelar a política e os interesses mundiais com base na vontade de um país mais poderoso, nesse caso os EUA.

determinam não só a sua interacção com a escultura pública mas também reflectem a sua grande diversidade cultural. As línguas enquanto fenómenos urbanos identitários são um notório exemplo dessa diversidade cultural. Também a estatúária está intrinsecamente ligada ao simbolismo das diferentes regiões representando vivências comuns relacionadas com as localidades onde são implantadas.

A estatúária representa sempre uma forma particular de conceptualizar domínios cognitivos da experiência comum, sendo assim muitas vezes acompanhada por elementos linguísticos afixados à mesma ou denotando de alguma forma um envolvimento linguístico ligado às tradições orais do local, como lendas ou contos, expressões idiomáticas, ou ainda conceptualizando áreas de actividade que assumiram ou ainda assumem alguma relevância nos afectos e na memória das populações locais.<sup>90</sup>

De facto, parece-nos claro através da investigação que temos realizado no espaço europeu que a construção das regiões, cidades e localidades se prende a mecanismos e estratégias para a formação de uma coesão social assente em aspectos de identidade/ alteridade. É precisamente a partir dos séculos xix e xx que as localidades alcançam o estatuto de urbanidade, sendo também a partir desta altura que a implantação pública de património, quer estatutário quer arquitectónico se torna mais evidente. O estudo deste património estatutário permite-nos fazer uma leitura do passado e dos seus reflexos em várias expressões urbanas: nas representações figurativas edificadas nas cidades e nas suas associações à dimensão linguística.

Deste modo, o conhecimento do património imaterial escultórico público permite-nos conhecer a especificidade funcional de cada região, como por exemplo as actividades sócio-profissionais e económicas (a agro-pecuária, a pesca, o artesanato, etc.), as crenças e religiões, as lendas e as rotinas quotidianas. A estatúária presente no espaço urbano constitui, pois, um património vivo material que apela à interacção dos transeuntes e forasteiros, como também representa níveis de conceptualização das dimensões vivenciais e da própria realidade, narrando e criando dimensões da identidade. Este facto deve-se ao referente das representações figurativas, o qual constitui sempre uma motivação semântica, não só na sua realização material mas também na sua realização imaterial.

---

<sup>90</sup> Por exemplo, o Monumento à Justiça de Fafe, em frente ao Palácio da Justiça, conceptualiza o domínio cognitivo da justiça, representando “a justiça pelas próprias mãos com uma vara de lóvão”, evocando uma lenda da localidade.

A convicção apontada por Ernesto de Sousa (1973: 14) acerca da dimensão discursiva e social da escultura vislumbra um aspecto de coesão social associada à mesma, enquanto memória da experiência colectiva:

“A escultura tem o carácter discursivo da pintura, e simultaneamente tem da arquitectura a propriedade de definir um espaço, que é já um espaço social. Uma peça escultórica é, neste sentido, e objectivamente, menos ambígua que uma pintura. Por outras palavras: uma escultura é, antes de mais, um objecto em acção.”.

Consideramos que o espaço social é um espaço de urbanidade, no qual a cultura ocupa o espaço da representação. Assim, a escultura representa a referência concreta estabelecendo a ligação entre os sujeitos e a referência, através de processos cognitivos como a memória, as emoções e a capacidade de linguagem.

Deste modo, a relação entre as mensagens linguísticas e não-linguísticas pode consistir numa simultaneidade ou numa contiguidade dos signos ou, ainda, numa representação. Parece-nos, assim, claro definir a complementaridade notória entre a linguística e a semiótica, uma vez que a mesma permite-nos alargar as perspectivas sobre o nosso objecto de investigação nas suas dimensões linguísticas e não-linguísticas.

De facto, além das três áreas comumente aceites como partes integrantes da semiótica linguística, i.e. a sintaxe, a pragmática e a semântica, corroboramos da necessidade de uma linguística no âmbito da cultura, que nos permita ter uma visão de contexto das representações visuais, verbais e não-verbais que denotam aspectos da identidade/ alteridade da escultura urbana na Europa:

“Die semiotische Erweiterung der Linguistik erfordert danach die Berücksichtigung des kulturellen Kontexts der Sprache, insbesondere die Modalitäten der nonverbalen und visuellen Kommunikation. Die Beziehung zwischen den sprachlichen und den nicht sprachlichen kulturellen Botschaften kann eine der Simultaneität und Kontiguität der Zeichen oder eine der Repräsentation sein. (Nöth, 2000: 326).

Neste âmbito, propomos algumas abordagens à noção de cultura – cognição, a partir da qual pretendemos enquadrar as noções acima referidas na dimensão da cognição humana.

O património construído que é objecto do nosso estudo assenta em duas dimensões claramente relacionadas, i.e. a dimensão linguística imaterial e a dimensão figurativa urbana, as quais evocam memórias, afectos e identidades. O alcance deste património cultural é visível na sua expressão em diferentes línguas europeias, associado a representações sociais, políticas, profissionais, gastronómicas, toponímicas, ou outras, no domínio do folclore local, tais como lendas, contos, provérbios, expressões idiomáticas, conceptualizando assim domínios da experiência.

Estas representações urbanas, espalhadas por muitas vilas e cidades da Europa, apelam não só a uma interacção afectiva e emocional com os cidadãos na dimensão lúdica que possibilitam, como reproduzem diversidades culturais assentes em padrões vivenciais comuns. Este aspecto pode ser definido como um fenómeno identitário de urbanidade, resultante do próprio carácter narrativo do objecto urbano, donde quase sempre se observam intervenções e dinâmicas de interacção no mesmo.

De acordo com Chomsky<sup>91</sup>, não existe nenhuma relação entre comunidade/cultura e língua, porque a língua é perspectivada na óptica de um sistema biológico. Isto significa que a língua é uma faculdade inata do organismo biológico humano, na qual a comunidade e a cultura não representam qualquer papel. Nesta mesma linha de argumentação, a noção de “multilinguismo” é considerada muito vaga e intuitiva, donde se conclui que o multilinguismo faz parte da normal diversidade que genericamente todas as espécies apresentam.

Contudo, advoga-se que a faculdade de linguagem detém propriedades que não existem nem na mente humana nem noutros organismos biológicos, tais como a propriedade de *infinidade discreta*, a qual determina que a partir de um número limitado de signos linguísticos se possa construir um número ilimitado de frases. Aliás, Chomsky defende que a única propriedade parecida com esta é a capacidade aritmética, donde esta poderá bem ser um ramo da capacidade de linguagem. Tomasello (*op. cit.*) reforça a tese de Chomsky ao afirmar, por exemplo, que a analogia entre a língua e a matemática reside precisamente na utilização de símbolos gráficos. Porém, a matemática, tal como a língua, tem uma base social, sofrendo alterações ao longo dos

---

<sup>91</sup> Cf. Chomsky (2000).

tempos face às necessidades e aos problemas com os quais os indivíduos se vão defrontando ao longo da história, i.e. deriva de um processo de sociogenese:

“The history of mathematics is an area of study in which detailed examination has revealed myriad complex ways in which individuals, and groups of individuals, take what is passed on to them by previous generations and then make modifications as needed to deal with new practical and scientific problems more efficiently. [...]

In both the cases of language and mathematics, then, the structure of the domain as it now exists has a cultural history (actually, many different cultural histories), and there are processes of sociogenesis that historical linguists and historians of mathematics have the opportunity to study.” (Tomasello, 2003: 46-47).

Segundo a visão estruturalista que norteia as teses de Chomsky, a semântica não existe autonomamente, pois ela é considerada como uma parte integrante da sintaxe, das suas representações mentais, sendo que a sua principal característica se manifesta no uso da língua e, portanto, na sua estrutura conceptual, ao atribuir significado aos enunciados linguísticos.<sup>92</sup>

Porém, no sentido de reformular os próprios conceitos estruturalistas associados ao estudo da linguagem, Chomsky já reconhece em *Language and Mind* (1998) algumas assumpções mentalistas na linguística ao corroborar os estudos desenvolvidos por Karl Popper acerca da evolução da linguagem. Isto significa que, paralelamente aos estádios mais básicos da evolução da linguagem, os sons articulados são usados para a expressão do pensamento.<sup>93</sup>

No entanto, a grande lacuna da gramática generativa é, em nosso entender, a rejeição do papel fundamental do meio cultural na determinação dos enunciados linguísticos e na própria atribuição de significado aos sistemas comunicativos, em geral. De facto, podemos claramente observar que quer a língua quer a comunicação, num sentido mais lato, não se baseiam unicamente num sistema de ligações do tipo estímulo-resposta, decorrentes de uma rede de associações e de uma hierarquia de hábitos apta a responder a estímulos específicos.<sup>94</sup>

<sup>92</sup> Cf. Chomsky, ( *id.*).

<sup>93</sup> Segundo os termos de Popper, para a descrição e o argumento crítico.

<sup>94</sup> Os conceitos mentais propostos por Saussure são substituídos por conceitos behaviouristas do tipo estímulo-resposta, uma vez que apenas o comportamento observável no falante é objecto de análise. Assim, a morfologia e a sintaxe são consideradas disciplinas mais importantes do que a semântica.



Pelo contrário, a língua é antes um sistema simbólico, resultado de um processo de sociogenese baseado na interacção social e na troca de experiências numa comunidade. Este sistema está ancorado em estruturas universais da cognição humana e no aparelho fonológico:

“[...] each of the thousands of languages of the world has its own inventory of linguistic symbols, including complex linguistic constructions, that allow its users to share experience with one another symbolically. [...] linguistic symbols and constructions evolve and change and accumulate modifications over historical time as humans use them with one another, that is, through processes of sociogenesis.” (Tomasello, 2003: 42).

Assim, parecem-nos relevantes as contribuições disciplinares tão diversas como a etologia e a antropologia na análise dos diferentes níveis de comunicação, designadamente aqueles que se prendem com o nosso tema de investigação, i.e. a estatutária urbana e os seus envolvimento linguísticos.

Apesar de qualquer sistema de comunicação animal partilhar das características atribuídas<sup>95</sup> à linguagem humana, não podemos rejeitar um princípio fundamental que subjaz à própria organização mental da linguagem e da comunicação humana, o qual se prende com a própria natureza da mente humana, ou seja, o seu nível de abstracção.

Tomasello (2003: 179) ao defender o primado da cognição social, enquanto parte integrante do desenvolvimento ontogénico, indica três componentes integrantes da comunicação humana e necessárias ao seu entendimento: (1) a intencionalidade, (2) o comportamento sensorio-motor e perceptivo e (3) o objectivo ou a mensagem. Deste modo, as contribuições da obra de Lévy-Strauss na abordagem das camadas de comunicação icónica e linguística que pretendemos analisar vêm sustentar uma linha teórica, segundo a qual o homem tem uma actividade mental e, portanto, realiza actos mentais como a categorização e a classificação das entidades,<sup>96</sup> sendo que outros subsistemas culturais confluem na construção do significado, tais como a política, a mitologia, os ritos, as tradições e outras estruturas de interacção. No entanto, devemos

<sup>95</sup> As características da comunicação humana e da linguagem têm sido definidas como (a) intencionalidade (há sempre uma intenção definida em transmitir algo a alguém), (b) sintáctica (um enunciado é sempre uma realização com uma organização e estrutura interna), (c) proposicional (transmite uma informação).

<sup>96</sup> Cf. também Lakoff (1987: 8): “[...] human categorization is essentially a matter of both human experience and imagination – of perception, motor activity, and culture on the one hand, and of metaphor, metonymy, and mental imagery on the other.”. Cf. ainda Taylor (1995).

sublinhar que o estruturalismo, ao colocar o primado do significado ou do referente num sistema, relegou a experiência subjectiva do sujeito, sendo muitas vezes considerado um anti-humanismo, tal como afirma Nöth (2000: 46):

“Der Strukturalismus richtet seine analytische Aufmerksamkeit auf die Tiefenstrukturen der kultur. Hinter der Fassade des Individuellen und Subjektiven verbergen sich für den Strukturalisten kulturelle Tiefenstrukturen, die von den Konventionen und Kode des Systems geprägt sind und die letztlich das semiotische Handeln des Individuums im Unterbewußten steuern. Die Tendenz des Strukturalismus, mehr auf den Kode als auf seinen Gebrauch durch das Individuum zu achten, hat dem Strukturalismus gar den Vorwurf des Antihumanismus eingebracht.“.

Neste âmbito, relevamos também as contribuições de Wilhelm von Humboldt<sup>97</sup> acerca do papel do meio cultural na determinação da estrutura da língua. Se a construção da língua se deve a um sistema universal de processos que subjazem ao acto mental de emissão estruturalmente organizada de sinais para expressar o pensamento, então podemos inferir que a competência linguística assenta num conhecimento abstracto de um conjunto de regras que interagem de modo a determinar a forma e o significado de um número potencialmente infinito de frases. Estas regras que subjazem a qualquer sistema comunicativo são predeterminadas culturalmente pelo meio ou comunidade.

As recentes investigações em cultura e cognição, como por exemplo Tomasello (2003), vêm consolidar o alcance da herança biológica e cultural na definição das capacidades cognitivas humanas, enquanto produto cultural e histórico. Aliás, o homem é o único organismo que adquire informação não apenas do seu meio físico mas também do seu meio cultural. Este postulado da dupla herança biológica e cultural, a qual é designada por Tomasello (2003: 15) como Teoria da Dupla Herança, é definido do seguinte modo:

“[...] most, if not all, of the species-unique cognitive skills of human beings are not due to a unique biological inheritance directly, but rather result from a variety of historical and ontogenetic processes that are set into motion by the one uniquely human, biologically inherited, cognitive capacity.”

<sup>97</sup> Cf. Humboldt (1836/1960).

É esta característica da cognição humana que simultaneamente gera o fenómeno identitário na espécie, i.e. o processo de ontogenia que permite a identificação com os seus pares, sendo regulado por aspectos comportamentais intencionais e mentais assentes em atitudes e comportamentos e crenças respectivamente. Deste modo, a herança cultural tem os seus fundamentos nas próprias capacidades cognitivas, as quais decorrem da projecção do sujeito enquanto sujeito intencional direccionado para a acção. As capacidades cognitivas reconhecidas à espécie humana advêm de processos históricos e ontogenicos, os quais originam o reconhecimento de manifestações da própria identidade:

“Understanding other persons as intentional agents like the self makes possible both (a) processes of sociogenesis by means of which multiple individuals collaboratively create cultural artifacts and practices with accumulated histories, and (b) processes of cultural learning and internalization by means of which developing individuals learn to use and then internalize aspects of the collaborative products created by conspecifics.” (Tomasello, 2003: 232).

Nos domínios cognitivos da linguagem e da comunicação humana, facilmente reconhecemos aspectos do significado e da representação simbólica que são o resultado de vários processos de sociogenese. Estes aspectos denotam “histórias” culturais, as quais são o resultado de uma evolução cultural cumulativa. Esta sociogenese, ou seja, a faculdade de criar artefactos culturais (símbolos linguísticos, religiões, governos, sistemas económicos, sistemas de produção agrícola, sistemas de actividade profissional, tradições orais e lendas ou contos, ou outras crenças) deve-se não só à capacidade cognitiva humana de entender o outro como sujeito intencional, mas também à cooperação e interacção social:

“[...] human beings currently have the social-cognitive and cultural learning skills to create, as a species, unique cognitive products based on cumulative cultural evolution.” (Tomasello, 2003: 40).



Fig. 20- Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443].

Estas representações simbólicas determinam o reconhecimento de experiências ou modelos identitários comuns ou divergentes, conforme as mudanças ocorridas nas diferentes comunidades. No entanto, o estabelecimento de associações de relação e interacção dos artefactos com a sua intenção e os sujeitos, assentes na percepção, na memória e na abstractização, pode confluír para a mudança estrutural dos artefactos culturais ao longo dos tempos.<sup>98</sup>

A imagem escultórica [IDSL:443] refere-se a um grande monumento ao vinho composto por um obelisco e duas tartarugas com parras de uva na cabeça (uma adulta e uma cria), na cidade de Bordeaux em França.

Podemos observar neste conjunto escultórico que o significado associado à representação duma actividade bastante comum nesta região de França, i.e. a vitivinicultura, está manifesto na própria iconicidade da obra escultórica. De facto, o



Fig. 21 - Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443].

espaço de representação deste conjunto escultórico situa-se no conhecimento abstracto da sua dimensão cultural e no conhecimento intersubjectivo que permite a participação e a acção dos sujeitos numa língua e numa cultura. É importante sublinhar que

a dimensão semiótica do significado surge entrelaçada com a cultura social, a cultura material e a cultura mental, ou seja a dimensão linguística, tal como é postulado por Nöth (2000: 513):

“Semiotische Themen der Kulturanthropologie betreffen die soziale Kultur (Gesellschaft), die materielle Kultur (Artefakte) und die mentale Kultur (Sprache und Literatur).”.



Fig. 22- Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443].

Assim, para além das figuras já mencionadas, o mesmo monumento de estatuária cívica inclui ainda vários baixos-relevos de matrizes de imprensa de jornais de época (com representações linguísticas), com incrustações em *rond-boss*, as quais representam



Fig. 23- Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443].

várias cenas da vindima e da produção do vinho. Todo este conjunto, sendo muito rico iconograficamente, refere toda a cultura báquica extensiva à Europa ocidental, através da representação de mapas cartográficos, onde se vêem, por exemplo a Itália, a Espanha e Portugal.

A referencialidade de todo o conjunto escultórico urbano está presente nas suas camadas linguísticas e nos objectos, os quais também reportam a dimensão económica desta actividade através da representação de cunhagem de moedas antigas.

Em suma, a semantividade desta obra resulta da sua iconicidade, da sua indexicalidade e do carácter simbólico do objecto de referência.

<sup>98</sup> É o caso da gramaticalização nas construções linguísticas (cf. Traugott, E. C. & E. König. 1991, e Heine. 1997) e das mudanças associadas a domínios da experiência concreta, como a actividade vitivinícola.

Na obra *Hoschemer Käs- u. Weinskulptur* [IDSL:274], somos informados através da placa afixada à obra que o *Spitznamen* [alcunha] dos naturais de Horcheim tem a sua base nos caracteres etnológicos associados à importância que a actividade vinícola e de produção de queijo teve nesta localidade.<sup>99</sup> Isto significa que o conjunto de conhecimentos que temos acerca de um termo, ou de um conceito, faz parte da sua própria representação, donde se conclui da impossibilidade em fazer a distinção entre a informação codificada na língua (num dicionário, por exemplo) e a informação extralinguística. De facto, o signo, nas suas vertentes linguística e material, tem antes uma base cultural. É nesta linha de orientação que Violi (2001: 158) define o primado do conhecimento enciclopédico:

“Once it is recognized that it is impossible to make a theoretical distinction of principle between dictionary and encyclopedia (or between information codified in language and extralinguistic information), one can assume that the whole encyclopedia, that is, the total set of knowledge we have about a certain concept, must be included in the representation of the corresponding term. [...] Every word, then, should at least ideally refer to everything that we connect with it [...] to all the culturally and historically stratified knowledge relating to that term.”.



Fig. 24- Pormenor de Hoschemer Käs- u. Weinskulptur [IDSL :274].

capacidades cognitivas como o pensamento relacional e inferencial e a factores de intersubjectividade que permitem o entendimento de *frames* contextuais. Tal como é ilustrado na imagem [IDSL:274], o significado desta estátua urbana remete para uma dimensão física e uma dimensão metafórica a partir da actividade funcional concreta associada à região. Tomasello

Ainda, de acordo com Fillmore (1977 e 1982), o uso de determinado termo linguístico resulta da própria perspectiva do contexto no qual ele surge, donde as construções metafóricas denotam a própria flexibilidade na categorização dos eventos, isolando uma função no contexto. Assim, o funcionamento dos símbolos quer linguísticos quer não verbais deve-se a

<sup>99</sup> Por exemplo, no português e em Portugal, os naturais de Setúbal são “charrocos” – nome de peixe abundante na zona – e os naturais de zonas serranas são “ratinhos”.



(2003: 123) advoga que o significado é edificado com base em factores de intersubjectividade e depende da perspectiva que é atribuída ao evento:

“A linguistic symbol is intersubjective in the sense that it is something the user produces, understands, and understands that others understand, but this intersubjectivity may also be characteristic of other types of communicative symbols, including everything from the symbolic gestures of eighteen-month-olds to the flags of nations. Therefore, intersubjectivity is of crucial importance for understanding the way linguistic symbols work [...] but it does not single out linguistic symbols among other types of human symbols.”.



Fig. 25- Pormenor de Hoschemer Käs- u. Weinsulptur [IDSL :274].



Fig. 26- Pormenor de Hoschemer Käs- u. Weinsulptur [IDSL :274].

A noção de perspectiva, ou de *frame* contextual, importante na construção do significado, decorre do ponto de vista que é seleccionado de um evento qualquer e, o qual é depois transposto para a sua representação estatuada, transmitindo então o movimento discursivo e narrativo do evento. Ernesto de Sousa (1973: 87) explica que o movimento discursivo das obras escultóricas é o resultado do acto de isolar um pormenor, dando-lhe existência na memória:

“Uma noção rica do conceito de Memória é indispensável para qualquer estudo de estética. A memória-antes-da-memória, solidária com a imaginação,<sup>100</sup> é com certeza

<sup>100</sup> Sublinhado nosso. O mesmo autor afirma que a memória é solidária com a imaginação e que aí reside a origem do referente. Johnson (1987) e Lakoff/ Johnson (1980) advogam amplamente o papel da imaginação e da memória na construção do significado.

uma das componentes a estudar para o estabelecimento de um método de entendimento das imagens escultóricas.”.

Na realidade, a língua é apenas uma parte de todo o conhecimento que podemos ter acerca de uma escultura. A escultura urbana ocupa um espaço de representação semântica mais amplo, o qual não se resume ao conhecimento e à competência linguística. Ou seja, o espaço de representação da estatúria cívica está inscrito no nosso conhecimento enciclopédico, i.e. no nosso conhecimento linguístico e extra-linguístico.

Deste modo, partilhamos o princípio da competência enciclopédica na representação semântica da realidade, segundo a qual “Everything that we know about the meanings of words depends on our experience of the world.” Violi (2001: 159-160).

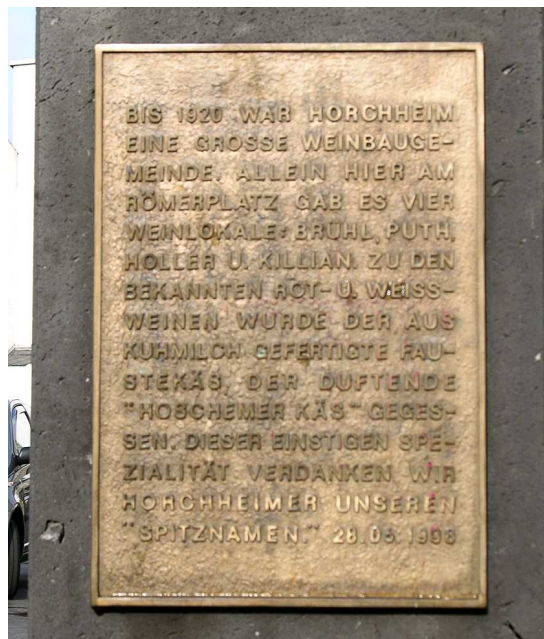


Fig. 27- Inscrição de Hoschemer Käs- u. Weinskulptur [IDSL :274].

Por exemplo, a estátua [IDSL:1] “Pastor Peregrino”<sup>101</sup> em Leiria reúne os símbolos do peregrino – a cabaça, o bordão e o borreguinho – sendo que as representações parcelares “cabaça” e “bordão” aparecem noutros conjuntos escultóricos. É o caso do “Peregrino” [IDSL:58] em Puente la Reina. Estes dois conjuntos escultóricos representam conceptualmente o mesmo domínio da *espiritualidade*.

Acrescentamos ainda que, neste segundo exemplo mencionado, a estátua contém um elemento linguístico fixado à mesma, a saber, “y desde aqui todos los caminos a Santiago se hacen uno solo”, o qual reporta a dimensão física do caminho para Santiago de Compostela através duma mesclagem com o domínio conceptual da religião e da

<sup>101</sup> Estátua “Pastor Peregrino” de Pedro Anjos Teixeira, em Leiria. Esta estátua é uma homenagem ao poeta Francisco Rodrigues Lobo (1580-1623) e, para além dos símbolos do peregrino, apresenta também os símbolos do pastor, i.e., a ovelha e a sua cria. No entanto, o símbolo da ovelha é também um símbolo da religiosidade cristã evocando o próprio cordeiro divino, pelo que, no todo, a dimensão da religiosidade e espiritualidade está presente de uma forma muito pregnante.



dimensão da espiritualidade. Esta construção denota a dimensão literal e a dimensão figurativa do significado. Por um lado, trata-se da dimensão física, do percurso físico, efectivamente traçado no mapa, que indica os caminhos dos peregrinos até à cidade de Santiago de Compostela. Por outro lado, representa metaforicamente a dimensão da espiritualidade que é una, e que o modo de alcançá-la consiste numa união através da conjugação das acções de todos os intervenientes para um mesmo objectivo. Neste mapeamento metafórico, este “caminho” corresponde à espiritualidade que culmina em Santiago.

Outro exemplo de estatúária urbana semelhante na conceptualização da espiritualidade através da metáfora conceptual ESPIRITUALIDADE É UM CAMINHO situa-se em Varberg [IDSL:91]. Esta obra, em cuja placa se lê “På kyrkstigen” representa o longo caminho que se percorria naquele tempo para ir à igreja, naturalmente associado à importância assumida pela dimensão religiosa e espiritual da época. A mesma adquire igualmente a dimensão simbólica da espiritualidade.

Logo, claramente se compreende que o significado depende de factores contextuais, uma vez que a interpretação destas construções seria totalmente diferente se um natural de Puente la Reina indicasse a um turista que existe apenas um caminho dali até à cidade de Santiago de Compostela.

Seana Coulson refere-se a esta capacidade humana de conceptualizar uma coisa em termos de outra como “saltos semânticos” na sua obra *Semantic Leaps* (2001). Esta obra constitui uma reformulação da teoria da metáfora de Lakoff/ Johnson (1987). Coulson defende que a capacidade humana de conceptualizar domínios da experiência física em termos de domínios abstractos consiste numa rede composta por diversos espaços mentais, estruturados na base da experiência física, denominados espaços mentais de integração conceptual ou redes conceptuais integradas. Esta teoria designada por teoria da mesclagem, reequaciona a teoria da metáfora, na medida em que admite vários espaços de *input*, ou de origem, activados na esfera de um espaço genérico, na conceptualização linguística e na construção simbólica em geral.

Assim, analisando as construções *supra*, verificamos uma mescla, formada a partir do espaço de *input* 1 “caminho” e do espaço de *input* 2 “espiritualidade”, configurados no espaço genérico pela conceptualização de um movimento de deslocação física espacial.

Este facto vem corroborar o postulado cognitivo geral da importância da experiência física na construção da dimensão simbólica do significado.<sup>102</sup>

A construção do significado depende das capacidades cognitivas gerais dos falantes. São essas capacidades que atestam a construção do significado através de inferências baseadas em mapeamentos entre domínios diferentes da experiência:

“In particular, word use reflects knowledge of typical situations, an ability to recognize abstract commonalities between domains, and an ability to conceptualize one domain in terms of another.” (Coulson, 2001: 11).

Para a semântica cognitiva, os processos cognitivos, tais como a memória, estão na base da construção dos conteúdos conceptuais. Assim, a actividade cognitiva estabelece a relação entre os conteúdos linguísticos e semânticos e o mundo, cunhando os contextos das construções linguísticas.

Deste modo, podemos verificar afinidades no plano conceptual entre diferentes representações simbólicas, figurativas ou linguísticas, designadamente através do elo evocado entre estas e a esfera da experiência.

É neste âmbito que Coulson (2001: 17) define a ubiquidade do contexto extra-linguístico e os processos cognitivos na assunção de representações mentais:

“[...] interdependence of meaning and background knowledge is no accident. Contextual variation in meaning is ubiquitous because context is an inherent component in the meaning construction process. Because cognitive activity mediates the relationship between words and the world, the study of meaning is the study of how words arise in the context of human activity, and how they are used to evoke mental representations.”.

Portanto, a relação forma-função que fixa o significado linguístico (designações das obras) e semiótico depende do conhecimento extra-linguístico. O entendimento dos conceitos de *peregrino* e da *espiritualidade* operam ao nível da analogia e de processos de inferência, regendo a sua semanticidade e o seu funcionamento semiótico.

<sup>102</sup>

Cf. Violi (2001: 30-31).

### 3.2 Significado, representação e apresentação

Consideramos importante bosquejar alguns pontos introdutórios, nos quais assentam as dimensões do significado e da representação da estatuária urbana.

Numa perspectiva da história da semiologia, os problemas do signo e da significação estiveram sempre aliados à esfera da comunicação, ultrapassando, pois, o espaço individual do sujeito. As aplicações da semiologia saussureana à interpretação dos objectos artísticos encontraram eco em alguns autores da Escola de Praga, entre os quais Mukarovsky.<sup>103</sup> Neste panorama, o objecto artístico funcionava como símbolo exterior, i.e. significante, ao qual correspondia uma significação na consciência colectiva.

De acordo com a nossa análise, é possível vislumbrar em Mukarovsky alguns princípios cognitivistas no enquadramento semiológico da obra de arte. De facto, o *continuum* conceptual que se estabelece entre o objecto e a “consciência colectiva” mais não é do que o conhecimento enciclopédico que estrutura toda a conceptualização.

Assim, a representação semântica envolve processos perceptivos, culturais e sociais, tal como é registado por Mukarovsky (1981: 13):

“[...] o signo é um facto sensorial que se refere a uma realidade, que por meio dele se pretende evocar [...] Qual é então essa realidade indefinida a que se refere a obra de arte? É o contexto geral dos fenómenos ditos sociais, como por exemplo, a filosofia, a política, a religião, a economia, etc.”.

Deste modo, parece-nos claro arrazoar um princípio inerente à obra do realismo, segundo o qual a exactidão do contexto do tema limita a quantidade de associações subjectivas, determinando o carácter objectivamente semiológico da obra.

Enquadramos a estatuária cívica neste aspecto, uma vez que a mesma apresenta um tema, i.e. evidencia uma relação comunicativa com a coisa designada, donde o seu referente é sempre algo concreto e preciso.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> Cf. Mukarovsky (1981).

<sup>104</sup> A significação semiológica da coisa artística pode ser um acontecimento, uma personagem, uma profissão, etc.

Dado que a escultura tem um carácter manifesto de signo, nas suas dimensões materiais e imateriais, corroboramos dos fundamentos de uma investigação aplicada a este objecto. Partilhamos, assim, das premícias apresentadas por Mukarovsky (id.: 17) acerca das funções semiológicas deste tipo de obra de arte:

“C) Toda e qualquer obra de arte é um signo autónomo constituído por:

1) a ‘obra-coisa’, que funciona como símbolo sensorial;

2) o ‘objecto estético’, que se encontra na consciência colectiva e funciona como ‘significação’

3) a relação com a coisa designada, relação que se não refere a uma existência especial e diferente – visto que se trata de um signo autónomo – mas sim ao contexto geral dos fenómenos sociais (a ciência, a filosofia, a religião, a política, a economia, etc.) do meio ambiente concreto.

D) As artes ‘temáticas’ (com conteúdo) têm ainda outra função semiológica: a função *comunicativa*. [...] é o tema da obra. A relação com a coisa designada refere-se, como em qualquer outro signo comunicativo, a uma existência diferente (um acontecimento, uma personagem, uma coisa, etc.). Esta qualidade faz com que a obra de arte se assemelhe aos signos puramente comunicativos.”.

É esta analogia do objecto-coisa com a palavra, ou seja, os “signos puramente comunicativos”<sup>105</sup>, mediada pelo contexto cultural e social, que assume o formato de representação na semântica cognitiva.

A assunção cognitivista da corporização do pensamento “Thought is embodied” (Lakoff, 1987) – *the embodied mind* (Lakoff/ Johnson, 1999), segundo a qual as línguas são construções mentais, resultantes da nossa interacção com o mundo físico, determina que o significado decorre de uma conjugação dos vários processos cognitivos, a saber, a memória, a atenção, a consciência, os sistemas perceptivo e motor, na razão e na formulação dos conceitos.

Deste modo, a razão humana encontra-se ligada ao nosso corpo, às peculiaridades do nosso cérebro e à nossa interacção com o meio físico e cultural, i.e. “our bodies, brains, and interactions with our environment provide the mostly unconscious basis for our everyday metaphysics, that is, our sense of what is real” (Lakoff/ Johnson, 1999: 17).

Esta abordagem de índole experiencialista define as línguas como construções simbólicas fundadas num sistema conceptual edificado a partir da esfera da experiência. Assim, os conceitos não são o reflexo de uma realidade exterior objectiva mas decorrem

<sup>105</sup>

Cf. *supra*.

da própria interacção entre o sistema conceptual e o sistema sensorio-motor, sendo por este modelados.

Os pressupostos do realismo experiencialista vêm abalar o paradigma objectivista, o qual sustentava que os objectos no mundo (as categorias e os conceitos) existiam independentemente do sujeito e da sua interacção com eles. Estes descreviam-se por um conjunto de condições necessárias e suficientes inerentes aos próprios objectos, constituindo entidades discretas, que integravam conjuntos de estrutura lógica. Consequentemente, o significado nada tinha a ver com a corporização do pensamento, a imaginação e os sentimentos. A semântica era regida por significados objectivos e condições de verdade, donde o significado consistia na relação abstracta entre as palavras e os objectos no mundo.

A filosofia analítica constitui uma das vertentes mais notórias na tradição intelectual do Ocidente, a qual, ao postular o pensamento como uma metáfora da linguagem<sup>106</sup>, apresenta os símbolos linguísticos vazios de qualquer significado, sendo que o estudo da linguagem se confunde com a própria análise do pensamento.

De acordo com a linha teórica que norteia o Objectivismo, nomear os objectos no mundo é atribuir significado aos mesmos, tal como regista Lakoff/ Johnson (1999: 442):

“Thought as Language metaphor, according to which concepts are seen metaphorically as linguistic symbols (words), then concepts (represented by linguistic symbols) are seen as picking out things in the world and thus assigning meaning to words.[...] Of course, from a cognitive science perspective, the Naming and Meaning folk theories are oversimplifications[...].”

Ainda no âmbito da dimensão cultural e experiencial da conceptualização, Wierzbicka apresenta uma teoria do significado, segundo a qual a estrutura cognitiva de determinado conceito se desenvolve num “cenário” prototípico independente das relações entre os vários itens lexicais num mesmo domínio cognitivo.

Assim, no seguimento da teoria semântica proposta por Wierzbicka (1996)<sup>107</sup> - existem dois aspectos do significado, i.e., o significado central, universal, de um termo, enquanto propriedade discreta duma categoria, e o significado periférico ou conotativo, que envolve propriedades culturais e afectivas e, portanto, de índole empírica.

<sup>106</sup> Cf. “Thought as a Language metaphor” (Lakoff/ Johnson, 1999: 442 e ss.). “Linguagem” é aqui usada no sentido de “language” do inglês.

<sup>107</sup> Wierzbicka defende que o significado é composto por primitivos semânticos universais (“universal semantic primitives”).

Por isso, e de acordo com Wierzbicka (1996), ao estudo do significado está subjacente a noção de primitivo semântico: as palavras são elas próprias compostas por elementos irreduzíveis no seu significado, elementos mais básicos, i.e., primitivos semânticos, através dos quais se definem significados mais complexos, sem os quais todas as descrições dum significado seriam manifestamente redundantes.

A sintaxe de primitivos semânticos proposta por Wierzbicka (*op. cit. id.*) vem ao encontro duma definição semântica até aos elementos mais irreduzíveis dos conceitos, pois, todos os conceitos possuem conceptuais mais simples tais como ALGUÉM (SOMEONE), ALGUMA COISA (SOMETHING), DIZER (SAY), FAZER (DO), ACONTECER (HAPPEN), BOM (GOOD), MAU (BAD), etc.

Além disso, como estes conceitos abstractos são configurações conceptuais (“conceptual configurations”)<sup>108</sup> são suficientemente simples de modo a serem simplificados nos seus primitivos, uma vez que detêm uma base empírica do conhecimento quotidiano e, por esse motivo, são facilmente explicados intuitivamente por qualquer falante linguisticamente competente.

A necessidade de redução do significado aos seus elementos mais simples como exigência semântica de descrição e compreensão do mesmo é para Wierzbicka um princípio fundamental:

“[...] best semantics descriptions are worth only as much as the set of primitives on which they are based. [...]

Semantics is a search for understanding, and to understand anything we must reduce the unknown to the known, the obscure to the clear, the abstruse to the self-explanatory.” (Wierzbicka, 1996: 11).

Os termos para os conceitos são descrições dos próprios conceitos; são expressões complexas que descrevem situações<sup>109</sup> paradigmáticas concretas. Nesta perspectiva, podemos inferir que as representações cognitivas, i.e. as conceptualizações, apresentam uma estrutura semântica precisa, segundo a qual os itens linguísticos são definidos dentro duma determinada estrutura cognitiva de acordo com a respectiva acção ou evento.

---

<sup>108</sup> Para Wierzbicka (1996), os conceitos abstractos são configurações conceptuais (“conceptual configurations”) e os conceitos concretos constituem *gestalts* (unidades perceptíveis).

<sup>109</sup> Na óptica da semântica cognitiva, referimo-nos a acções.

Assim, a noção de configuração (“configuration”) apresentada por Wierzbicka vem relevar a existência de relações estruturais entre as palavras que contribuem para o seu agrupamento em campos semânticos mais ou menos arbitrários. Esses campos semânticos constituem-se em sequências que descrevem o significado conceptual dos “scripts” ou “cenários”, aos quais estão associados.

A definição de um conceito corresponde à descrição duma situação paradigmática para esse conceito.

Ao analisar o significado central de um termo, Wierzbicka defende a universalidade dos primitivos semânticos, dado que estes formam o conteúdo conceptual dos eventos nas diferentes culturas.

Aliás, Wierzbicka (1996) sustenta que os primitivos semânticos representam um instrumento de investigação da estrutura semântica dos conceitos:

“Thus, semantic primitives offer us a tool for investigating the structure of semantic groups or fields. “ (Wierzbicka, 1996: 171).

O postulado teórico do cognitivismo advoga que a linguagem enquanto sistema simbólico de organização da realidade também requer uma análise das suas categorias de acordo com a sua estrutura prototípica.

De facto, quer as categorias lexicais, quer as gramaticais, detêm um conteúdo conceptual simbólico na base do seu cariz semântico, distinguindo-se o seu significado mais central, i.e., mais prototípico, e as suas extensões semânticas<sup>110</sup>. De acordo com esta abordagem teórica, Taylor (1989) define o protótipo de uma categoria semântica do seguinte modo:

“The prototype can be understood as a schematic representation<sup>111</sup> of the conceptual core of a category. On this approach, we could say, not that a particular entity is the prototype, but that it instantiates the prototype.” (Taylor, 1989: 59).

---

<sup>110</sup> Dirven/ Verspoor (1998: 31) elucidam-nos acerca do modo de determinar o significado mais saliente ou prototípico de um item. Segundo estes autores, há três modos interrelacionados: 1) qual o significado que nos surge primeiro no nosso pensamento; 2) qual o significado da palavra mais frequentemente usado; 3) qual o significado mais básico da palavra, i.e., que tem mais probabilidades de ser usado na explicação dos outros significados.

<sup>111</sup> Sublinhados nossos.

Saliente-se ainda que, na perspectiva cognitiva, a estrutura semântica, as representações simbólicas decorrem da nossa interacção com o meio. Esta, porém, não é autónoma, uma vez que abarca o conhecimento enciclopédico. Assim, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico são indissociáveis.

Como tal, a análise do significado não se restringe à análise dos semas, manifestamente insuficientes, visto que, tal como afirma Silva (1999: 29): “As categorias [e, portanto, o significado] não podem ser definidas por um conjunto de ‘condições necessárias e suficientes’.”. Logo, o significado não é uma entidade abstracta baseado em relações intra-linguísticas.

Por outro lado, para a semântica filosófica, o significado detém propriedades análogas a um “construct” matemático, donde se sublinham as relações externas da língua com o mundo fenomenológico. Em suma, qualquer destes modelos representacionais do significado rejeita a dimensão mental ou conceptual das representações semânticas.

É o movimento da semântica generativa, preconizado inicialmente por Fillmore (entre outros), que vem deslocar o conceito categorial de significado, no qual a relação entre a língua e o mundo é baseada na descrição e na noção de verdade arredada do uso e entendimento dos falantes, para a esfera de uma teoria do entendimento. O mundo não é uma realidade objectiva, ele é antes um elemento integrante dos próprios processos cognitivos de entendimento.

Assim, o significado é um elemento de estrutura conceptual determinante no nosso entendimento do mundo exterior.<sup>112</sup>

A semântica enquanto teoria do entendimento é explanada por Violi (*id*: 27) a partir dos contornos delineados por Fillmore:

“This is explicitly expressed by Fillmore, who argues that semantic issues without any application to the processes of understanding cannot really be considered important for semantic theory.”.

<sup>112</sup> Fillmore *apud* Violi (2001: 27).



Segundo a Linguística Cognitiva, o léxico e a gramática constituem um contínuo conceptual formado a partir de estruturas ou esquemas que estão na origem dos conteúdos conceptuais decorrentes das capacidades cognitivas dos falantes.

Os modelos cognitivos (ICMs)<sup>113</sup> apresentam relações estruturais complexas entre símbolos, envolvendo dois tipos de estruturas simbólicas: “building-block structures” (estruturas metafóricas ligadas em sistemas de implicação e inferência que estruturam as metáforas conceptuais e formam os modelos cognitivos) e “gestalt structures” (estruturas gestaltianas). São estes modelos cognitivos idealizados que conferem significado às nossas representações linguísticas e constituem o próprio sistema conceptual, conforme é mencionado por Lakoff (1987: 68):

“[...] we organize our knowledge by means of structures called *idealized cognitive models*, or ICMs, and that category structures and prototypes effects are by-products of that organization. [...] Each ICM is a complex structured whole, a gestalt, which uses four kinds of structuring principles:

- propositional structure, as in Fillmore’s frames
  - image-schematic structure, as in Langacker’s cognitive grammar
  - metaphoric mappings, as described by Lakoff and Johnson
  - metonymic mappings, as described by Lakoff and Johnson.
- Each ICM, as used, structures a mental space, as described by Fauconnier.”

Os esquemas imagéticos (estruturas abstractas que configuram e explicam a conceptualização), decorrendo da nossa experiência com o corpo, constituem a própria corporização da experiência, apresentando aspectos salientes da interacção do corpo com o meio físico.

Um esquema é um modelo e uma forma recorrentes na organização da experiência que se situa ao nível das operações cognitivas permitindo “a generality that raises them [schemata] a level above the specificity of particular rich images.” (Johnson, 1987: 24). Apresenta características estruturais resultantes da manipulação dos objectos, das acções, da percepção e do movimento, consistindo num pequeno número de partes e relações necessárias à interacção e reconhecimento no mundo.

Esta tenção permite-nos apontar um elemento de partilha da semântica cognitiva com a semiótica: a semântica actua numa relação de osmose com uma semiótica geral do mundo, donde o significado linguístico provoca necessariamente uma referência ao

<sup>113</sup> De acordo com Lakoff (1987), os ICMs classificam-se do seguinte modo: (a) esquemas imagéticos, (b) proposicionais, (c) metafóricos, (d) metonímicos, (e) simbólicos.

nosso conhecimento enciclopédico. Do ponto de vista semântico, o signo funciona como um sistema aberto a um número infinito de inferências.<sup>114</sup>

Nesta linha, a estrutura semântica surge integrada na dimensão conceptual, sendo que os processos de categorização, nos seus aspectos linguísticos e perceptivos materiais contribuem para a identificação de estruturas esquemáticas comuns.<sup>115</sup>

Portanto, existe uma interdependência entre o corpo, o pensamento, a linguagem e o meio, donde aspectos da experiência física com o corpo funcionam como domínios de origem para a própria conceptualização.

A corporização do pensamento e da linguagem em interdependência com o meio foi largamente documentada por Lakoff e Johnson (1999), sendo diferenciados três níveis de corporização:

“what we take to be true in a situation depends on our embodied understanding of the situation [...]. Neural embodiment concerns structures that characterize concepts and cognitive operations at the neural level [...] The phenomenological level is conscious or accessible to consciousness. It consists of everything we can be aware of, especially our own mental states, our bodies, our environment, and our physical and social interactions. The cognitive unconscious is the massive portion of the iceberg that lies below the surface, below the visible tip that is consciousness. It consists of all those mental operations that structure and make possible all conscious experience, including the understanding and use of language.” (Lakoff/ Johnson, 1999: 102).

A corporização da experiência e do pensamento presente na linguagem, nomeadamente na conceptualização de domínios físicos da experiência em domínios abstractos, fixa o nível de entendimento em determinado modelo cultural, fazendo parte integrante dele. Isto significa que não são os itens linguísticos ou as expressões linguísticas isoladamente que determinam o significado, mas o significado refere-se ao significado num dado contexto, resultante do domínio semântico em que se situa, por exemplo, cultural, espácio-temporal e simbólico.

Assim, a contextualização do significado está ligada à concepção fillmoreana de “frame”. A estruturação dos *frames* linguísticos (o conteúdo gramatical e lexical duma

<sup>114</sup> Os princípios aristotélicos do significado consistiam na dualidade expressão-conteúdo atribuída ao signo. A noção de equivalência ou sinonímia implicava um sistema fechado de deduções pré-estabelecidas. Contrariamente, para a semântica cognitiva, o significado detém um potencial inferencial baseado em inferências e não na identidade dos termos.

<sup>115</sup> Cf. também Talmy (2001).

proposição), os quais representam determinadas cenas (*scenes*) dentro de quaisquer cenários (*scenarios*), implica operações cognitivas de origem esquemática:<sup>116</sup>

“Communicators operate on these scenes and frames by means of various kinds of procedures, cognitive acts such as filling in the blanks in schematic scenes, and so on.” (Fillmore, 1977: 84).

Naturalmente, a semântica cognitiva apresenta uma posição mais radical ao defender que o significado (linguístico e material) não existe separado da dimensão conceptual.<sup>117</sup>

Efectivamente, a realidade é construída pela cognição:

“The world is not something objectively given, it is something ‘construed’ by human cognition.” (Taylor *apud* Jäkel, 1997: 38).

O experiencialismo cognitivista<sup>118</sup> propõe não só a análise do significado linguístico inserido na conceptualização como também a integração de outros processos cognitivos no estudo da representação semântica.

Portanto, na investigação do significado confluem a semântica cognitiva e a semiótica, pois, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico formam um todo indissociável, fundado na nossa experiência perceptiva, física, psicológica, mental, cultural e social.

Tal como regista Violi (2001: 30), é o nosso conhecimento enciclopédico que determina as nossas representações semânticas:<sup>119</sup>

“Indeed, there is a widespread conviction in semiotics that the semantics of language cannot be separated from a general semiotics of the world; the meanings of words entails reference to the set of our knowledge, or more precisely, our encyclopedia.”.

---

<sup>116</sup> Contudo, é importante ressaltar que Fillmore apresenta dois níveis de abstracção completamente distintos: os esquemas cognitivos, os quais detêm o conteúdo conceptual, e os “frames” linguísticos que descrevem as categorias ao nível lexical e gramatical, estabelecendo a sua relação cognitiva.

<sup>117</sup> Cf. Violi (2001, *passim*).

<sup>118</sup> Terminologia nossa.

<sup>119</sup> Fillmore e Lakoff também defendem a conexão entre semântica cognitiva e semiótica.

A relação da língua com o mundo enunciada pela semântica cognitiva define a estreita afinidade e correspondência dos enunciados linguísticos às experiências não linguísticas. Este postulado que norteia a investigação em semântica cognitiva assenta numa investigação integrada da língua com outros sistemas, geralmente de natureza perceptiva.

Logo, o modelo representacional não é exclusivamente linguístico, mas consiste num mapeamento dos conceitos, da percepção e da acção. Deste modo, a noção de referência não existe separada do fenómeno mental. “Referir” consiste em comparar dois objectos semióticos de naturezas diferentes: o conteúdo linguístico de uma dada expressão linguística e o conteúdo perceptivo de uma coisa.<sup>120</sup> Consequentemente, a definição de signo enquanto elemento cultural abre novas possibilidades de análise à semântica cognitiva através da noção de conhecimento enciclopédico. Assim, na base da construção do significado estão princípios de semelhança e analogia que não se reduzem a um sistema codificado mas a toda a informação experiencial e extra-linguística.

Tal como podemos observar na análise do *corpora* que apresentamos, a interpretação das representações figurativas é orientada por princípios de inferência e correlações possíveis que asseguram a sua semanticidade.

Para o efeito, torna-se importante considerar a teoria das categorias<sup>121</sup>, uma vez que o protótipo firma-se como o ponto cognitivo de referência, quer por razões perceptivas quer culturais. Assim, pretendemos demonstrar que existem diferentes tipos de propriedades na representação semântica das categorias e que o sistema conceptual é determinante para a representação semântica.<sup>122</sup>

Pretendemos delinear alguns pontos sobre o significado linguístico e a sua representação mental, dada a importância que estes tópicos assumem para a investigação em linguística e em semiótica<sup>123</sup>.

<sup>120</sup> Cf. Violi (2001, passim).

<sup>121</sup> Cf. *supra*.

<sup>122</sup> Cf. também os princípios do enciclopedismo definidos por Eco.

<sup>123</sup> Tem havido vários escritos nos últimos vinte anos que resumem as áreas de influência da linguística e da semiótica ao estudo do significado, designadamente os contributos da filosofia analítica anglo-americana e da semiótica europeia (assim como da psicologia e da inteligência artificial). É o caso da obra *Meaning and Mental Representations*, a qual consiste numa compilação de diversos estudos sobre o significado e as representações mentais.

Esta colectânea apresenta algumas reacções às correntes da semântica formal, considerando as duas perspectivas mais recentes no estudo da noção de significado: a perspectiva lógica formal e a perspectiva da linguística geral e cognitiva.

Assim, no âmbito da filosofia da linguagem e da lógica filosófica, a teoria de Frege é comumente citada nos estudos linguísticos, uma vez que assenta a análise do significado linguístico e da sua representação mental em dois pressupostos: o sentido e a referência. Esta filosofia da linguagem parte do princípio segundo o qual as línguas formais e as línguas naturais são equivalentes, ou seja, não apresentam qualquer diferença na sua natureza, pelo que ambas são passíveis de ser analisadas a partir de modelos da lógica formal.

Sublinhamos, todavia, que esta teoria do significado merece algumas críticas, uma vez que defendemos a tese do significado assente no uso linguístico.

Nesta linha teórica, o significado nada tem a ver com os valores de verdade ou de referência tal como é proposto pelas teorias semânticas lógico-formais, pois a competência linguística com base no uso da língua não era considerada. A assumpção que contemplava o significado determinado por condições de verdade, baseada na objectividade da referência, segundo a qual as proposições se referiam aos objectos no mundo independentemente da sua apreensão e das concepções que os mesmos adquirem na mente dos sujeitos é substituída na investigação em semântica cognitiva pela noção de significado enquanto construção mental.

De facto, a semântica cognitiva consiste essencialmente numa teoria do entendimento e do uso da língua gizada a partir de várias teses do significado, a saber, a tese decomposicional e das redes semânticas, a tese baseada nas noções de protótipo e “frame” e a tese assente na noção de modelo mental.

Violi *et al.* apresenta a seguinte definição de semântica cognitiva:

“Cognitive semantics, as we are using the term here, is not itself a well-defined theory of meaning, or even a program for such a theory; it is rather a way of construing the notion of meaning. [...] Cognitive semantics is first of all a theory of understanding and of language use, as opposed to a theory of abstract entities called ‘meanings’”. (Eco/ Santambrogio/ Violi, 1988: 10).

As noções de protótipo e *frame* que constituem um dos fundamentos da tradição cognitiva remetem a sua origem para Wittgenstein e para a psicologia, visando esclarecer o modo como as pessoas reconhecem os significados das palavras e as

categorias naturais. A concepção de protótipo postula que a pertença de uma entidade a qualquer categoria não é determinada por um conjunto de condições necessárias e suficientes, mas antes pelas relações de semelhança que se estabelecem entre os exemplares dessa categoria.

Nesta linha, é necessário destacar a importância da percepção no entendimento e na construção do significado. É por este motivo que a semântica cognitiva é também frequentemente considerada uma teoria *gestalt*, uma vez que o reconhecimento das entidades no mundo se opera através da interacção entre o meio e os princípios activos da mente humana, os quais estruturam a realidade, atribuindo significado ao mundo.

Da mesma maneira, os *frames* actuam como um instrumento que explicam a dependência conceptual entre as coisas e as acções e as palavras e as proposições, possibilitando um leque de inferências acerca da organização da informação. Deste modo, os *frames* actuam como componentes dinâmicas do conhecimento dado que possibilitam estruturas de representação do significado receptivas a nova informação através de diversos processos cognitivos como a atenção, a memória e a percepção.

Também os estudos de Jackendoff vêm acentuar a importância da noção de referência para a investigação semântica bem como a noção de construção enquanto representação mental.

Efectivamente, a noção de referência não pode ser considerada independentemente da realidade, já que o comportamento verbal consiste numa estrutura informacional que depende da nossa construção do mundo:

“Ray Jackendoff claims that the notion of reference which is of interest to semantics cannot be that concerning an independently existing reality; people have things to talk about only by virtue of having mentally represented them and whatever is not represented is simply not available and thus cannot be referred to in an utterance.”  
(Eco/ Santambrogio/ Violi, 1988: 14).

Ainda segundo Jackendoff, as categorias ontológicas não existem no mundo além da cognição, pelo que o objecto da semântica edifica-se a partir do processamento cognitivo da informação, transposto quer no discurso verbal quer numa perspectiva mais lata, no discurso semiótico. A anáfora presente nas categorias deícticas (aqui, ali, isto, aquilo, etc.) e as expressões idiomáticas sustentam a dependência conceptual mundo-cognição:

“Jackendoff, on the contrary, considers pragmatic anaphora and the behaviour of idioms of identity and difference to be evidence that in the universe of discourse at least the following major ontological categories must be countenanced: places, directions, actions, events, manners and amounts.” (Eco/ Santambrogio/ Violi, 1988: 14).

Tal como Jackendoff advoga, as categorias ontológicas são relevantes para a semântica, pois elas são reais, ou seja, existem no mundo tal como ele é construído pela própria cognição. Portanto, todas as referências às entidades no mundo, tais como locais, direcções, acções, acontecimentos, modos, quantidades, bem como a anáfora pragmática, i.e., a deixis, e as expressões idiomáticas, revelam o elo conceptual que se estabelece entre o sujeito e o mundo.<sup>124</sup>

O postulado mentalista advoga que a semântica é um elemento duma teoria mais ampla da psicologia, integrada no estudo da mente, e não no estudo da linguagem ou da lógica. Assim, o significado na linguagem natural é uma estrutura informativa, codificada na mente humana, para a qual contribuem as representações mentais e a conceptualização, sendo que a partir destes princípios desenvolve-se uma teoria semântica, a qual pressupõe uma correlação estreita dos objectos mentais com os objectos do mundo.<sup>125</sup>

Esta teoria semântica define o fenómeno da conceptualização, ou seja da atribuição de significado, como uma construção mental. É assim claro o afastamento da semântica formal, a qual definia os enunciados linguísticos na base de descrições sistemáticas em termos de estruturas fonológicas e sintácticas a partir de propriedades de representação semântica dos enunciados, tais como a inferência, a pressuposição, a semelhança e a diferença.

“At the basis of any formal semantics is the notion that utterances of a language must receive systematic descriptions not only in terms of phonological and syntactic structure, but in terms of an independent level of representation that may be called *semantic or conceptual structure*. This level is responsible for an account of semantic properties of utterances such as inference, presupposition, anomaly, and sameness and difference of meaning.” (Jackendoff, 1988: 81).

Esta perspectiva defende que a estrutura conceptual dos enunciados, ou seja, a sua semanticidade, é determinada pela forma, donde a análise componencial constitui

<sup>124</sup> A referência não existe numa realidade exterior ao sujeito, i.e. à cognição. A referência faz a ligação entre o mundo e o sujeito, contribuindo para a construção do significado.

<sup>125</sup> Esta correlação é mediada pela experiência e pela cultura.

um instrumento para a interpretação das expressões linguísticas a partir do significado das palavras que as compõem e da sua estrutura sintáctica:

“In addition, any formal semantics of natural language must provide an account of compositionality: how the meaning of an utterance is built up from the meanings of its constituent words plus its syntactic structure. Different approaches take different views on the stringency of compositionality – the extent to which each syntactic constituent of a sentence must correspond to a constituent of conceptual structure.” (Jackendoff, 1988: 82).

No entanto, aquilo que Jackendoff sublinha é o facto de os significados serem representados mentalmente:

“A more subtle consequence of the premise of meanings as mental information structures is the view of reference that it entails: People have things to talk about only by virtue of having mentally represented them.” (Jackendoff, 1988: 83).

Esta premissa implica uma noção de referência, segundo a qual o discurso verbal só é possível, porque ele detém uma estrutura conceptual. Assim, cada elemento sintáctico de uma frase corresponde a um elemento de estrutura conceptual, sendo que a percepção intervém como factor de construção do mundo pelo sujeito em interacção com o meio:

“Hence, we cannot take for granted the ‘real world’ as the domain of entities to which language refers. Rather, the information that speakers can convey must be about their *construal* of the external world, where one’s construal is the result of an interaction between external input and the means available internally represent it.” (Jackendoff, 1988: 83).

Na óptica da semântica, o sentido das expressões linguísticas assenta num plano mental, donde a sua referência é gizada não a partir do mundo real das coisas exteriores ao sujeito, mas antes no mundo construído pelo sujeito.

Por conseguinte, podemos antever este postulado ontológico pelo recurso na linguagem à anáfora pragmática a partir da qual se edifica a organização conceptual imposta pelos sujeitos ao mundo exterior:

“One sufficient condition for believing that a speaker construes there to be an entity in the world is that he refers to it by means of ‘pragmatic anaphora’ – a deictic



expression accompanied by a pointing gesture which indicates to the hearer the intended referent. [...] I bought that yesterday – isn't it nice? In order to interpret the pragmatically controlled pronoun *that*, the hearer must pick out the intended referent in his visual field, i.e. *form an appropriate mental representation*, perhaps with the aid of speaker's pointing gesture." (Jackendoff, 1988: 84).

A representação mental consiste na relação dos *inputs* linguísticos e visuais com a semântica da língua, atribuindo significado às entidades no mundo, pois a percepção das entidades (objectos físicos, causas, locais, acontecimentos, música, tempo, etc.) apresenta características equivalentes às dos objectos físicos, tais como propriedades de *gestalt* e contextuais.

Assim, o postulado da semântica conceptual define vários componentes da estrutura conceptual, ordenados por categorias ontológicas, tais como: coisa, lugar, direcção, acção, acontecimento, modo, quantidade, olfacto, tempo. Estas categorias ontológicas são constituintes internos da representação mental, as quais podem ser expressas linguisticamente, por exemplo através da anáfora pragmática:

"The major ontological category features appear in constituents of mental representation, as part of the senses of linguistic expressions. Corresponding to each of them is an ontological category of entities in the world as we construe it; and linguistic expressions may refer to these entities, for instance by means of pragmatic anaphora." (Jackendoff, 1988: 87).

Então, os processos cognitivos e perceptivos são determinantes para o entendimento das entidades e das categorias no mundo. A tese que norteia a semântica conceptual apresenta uma perspectiva que defende o primado da percepção de todas as entidades semelhante à percepção dos objectos físicos, ou seja, propriedades de *gestalt* e de dependência do contexto. Por isso, visionamos através da anáfora pragmática (a *deixis* demonstrativa, a identidade e diferença – o mesmo que [objecto], no mesmo lugar que [lugar], da mesma maneira que/ de outro modo [modo], aconteceu o mesmo que ontem [acontecimento], comparação da quantidade/ dimensão [quantidade], etc. – os vários constituintes presentes na estrutura conceptual das categorias ontológicas.

Nesta linha teórica, é ainda necessário referir a importância da categorização para o postulado mentalista. Jackendoff (88 e ss.) define ainda a semântica conceptual assente na representação das coisas a partir de dois modelos de categorização: o exemplar (TOKEN) e o tipo (TYPE). Estes dois conceitos permitem-nos estabelecer

uma comparação entre a teoria conceptual e a teoria sintáctica da língua, ressaltando que as línguas são limitadas e os conceitos não o são.

A partir da tese da sintaxe generativa de Chomsky<sup>126</sup>, um tipo corresponde a um número finito de regras, as quais são usadas para categorizar novos exemplares, ou seja, criar um número infinito de frases:

" Its function parallels that in syntactic theory of the grammar of a language, a finite set of rules used to recognize and produce novel sentence tokens. Since [TYPE] concepts can be constructed creatively, the total set of possible [TYPES] must itself be characterized by a finite set of conceptual formation rules." (Jackendoff, 1988: 89).

No entanto, é importante mencionar também que a ideia comum, segundo a qual as palavras têm significados precisos e definidos tal como é definido pelas teorias decomposicionais do significado, donde as condições que constituem o significado de uma palavra ou conceito são todas as necessárias e suficientes para determinar a sua referência, revela-se árida. O princípio de parecença de família explanado por Wittgenstein<sup>127</sup> acerca da categoria *jogo* vem demonstrar a existência de excepções discretas quanto à definição das condições de uma categoria.

O postulado mentalista traça a importância da informação extra-linguística, da interacção entre a percepção e a cognição e do contexto para a semântica conceptual. Por isso, a referência não existe numa realidade exterior ao sujeito (e à cognição), não sendo por conseguinte uma realidade psicologicamente independente. É esta tese que norteia a teoria dos domínios mentais proposta por Fauconnier.

Ou seja, a linguagem não está directamente associada a um mundo real ou metafísico; ela existe antes numa esfera intermédia, a qual corresponde ao nível cognitivo, independente da estrutura linguística. Este é o nível da construção mental, o qual é diferente do conteúdo objectivo e até da estrutura linguística.

De acordo com a teoria dos espaços mentais, a representação do significado concreto ou central e do significado mais abstracto ou periférico opera-se do mesmo modo. Assim, as propriedades semânticas de uma expressão linguística são determinadas pelo uso e pelo contexto, i.e. pela sua estrutura pragmática, envolvendo

<sup>126</sup> Chomsky, N. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press.

<sup>127</sup> Wittgenstein, L. 1945/ 1989. *Tractatus Lógico-Philosophicus. Tagebücher 1914-1916. Philosophische Untersuchungen*. 277 e 278. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag.

implicaturas ou a estruturação de um domínio em termos de outro (metáforas e metonímias), donde a produção do significado literal e figurado decorre dos mesmos processos de representação mental.

Os espaços mentais reflectem a organização semântica e pragmática do significado, i.e. a sua representação através da construção de domínios e da sua relação interna ao nível das mesclagens e de outras operações cognitivas de índole esquemática e de natureza extra-linguística:

"Following current fashion, this intermediate level may be called cognitive; it is distinct from objective content, and distinct from linguistic structure. The construction takes place when language is used, and is determined jointly by the linguistic forms which make up a discourse, and by a wide array of extralinguistic cues, which include background information, accessible schemata, pragmatic manifestations, expectations, etc." (Fauconnier, 1988: 62).

Portanto, as expressões linguísticas não são *per se* portadoras de significado ou de conteúdo proposicional.<sup>128</sup> O significado constrói-se no plano cognitivo através da correlação entre espaços mentais delimitados pelas expressões linguísticas e pelos seus componentes lexicais e estruturas gramaticais, tal como define Fauconnier:

"The constructions studied in MS are those involving interconnected domains - 'mental spaces'. Spaces are set up (at level C)<sup>129</sup> by various grammatical constructions - adverbials (maybe, really, possibly, otherwise, ...), preposition phrases (in reality, in John's mind, in that movie, from that point of view, on that account, ...), subject-verb complexes (George believes, Pablo painted, it is likely, ...), conjunctions (if, or, when, ...), and others; they are referred to as 'space builders'." (Fauconnier, 1988: 63).

Por outro lado, nem sempre a configuração de uma imagem ou espaço deriva da estrutura gramatical de uma expressão linguística. Podemos antever nas metáforas e metonímias exemplos de realizações linguísticas que configuram propriedades e relações entre domínios e espaços mentais, atribuindo às construções elos conceptuais de identificação e equivalência através de funções metonímicas e metafóricas.

---

<sup>128</sup> No sentido formal do termo.

<sup>129</sup> No nível cognitivo.

A nossa abordagem pretende colocar no mesmo plano de representação simbólica o significado a partir das representações linguísticas e das representações icónicas, pois entendemos que o significado engloba um processo social e cultural, o qual apresenta referências a outras dimensões simbólicas codificadas na *semiosis*.

A representação do conhecimento apresenta-se numa esfera enciclopédica do conhecimento do mundo, para a qual confluem o significado lexical e a interpretação textual, donde a representação semântica se apresenta como um processo semiótico ancorado nas imagens e na linguagem.

O postulado cognitivista assente no problema da categorização e na decorrente percepção das formas estuda a função das categorias na estruturação do mundo bem como na organização de todo o significado. Assim, não existe uma realidade objectiva exterior ao sujeito que a representa linguisticamente nem um significado objectivo fundado numa relação objectiva entre a linguagem e o mundo.

Além disso, esta visão contempla ainda uma estruturação do conhecimento a partir da noção de processo cultural e social na representação do significado. Nesta linha estruturalista, é pertinente referirmos alguns argumentos sustentados por Hjelmslev, já que os mesmos nos permitem clarificar alguns postulados estruturalistas e a sua relevância para as noções de representação, apresentação e significado.

Primeiramente, importa definir domínio semântico a partir de duas funções do signo: a forma ou expressão e o conteúdo, os quais correspondem respectivamente ao mundo da experiência e ao referente.<sup>130</sup> Por conseguinte, podemos especificar diferenças conceptuais que dizem igualmente respeito a uma distinção semiótica: o conteúdo é entendido como algo mental enquanto a forma ou referente engloba a experiência perceptiva, sendo que a denotação incide numa relação entre a forma e o conteúdo e a conotação relaciona dois signos, i.e. duas unidades de forma e conteúdo.

Se relermos com atenção o texto de Hjelmslev (1943: 103)<sup>131</sup> verificamos que são comentados dois níveis de conotações, ou seja as conotações que derivam da forma

<sup>130</sup> Esta cogitação é também consistente com a tese de Saussure.

<sup>131</sup> Hjelmslev, L. 1943. *Omkring Sprogteoriens Grundlæggelse*. København: Ejnar Munksgaard.

e estão presentes na linguagem denotativa, nas quais as unidades de denotação e conotação são idênticas e outras que resultam da sua substância e que, por isso, são entendidas como uma metalinguagem:

"De enkelte led i hver af disse klasser og deres kombinationsenheder vil vi benævne *konnotatorer*. Af disse konnotatorer kann nogle være solidariske med givne sprogbygningssystemer, andre med givne sprogbrugssystemer, andre igen med begge dele. Dette er det umuligt at vide paa forhaand, da det kann skifte fra situation til situation. Det er, for blot at nævne muligheder der maaske forekommer extreme, umuligt paa forhaand at vide om et fysiognomi (en enkeltpersons ytringer i modsætning til en andens) kun repræsenterer en specifik sprogbrug og ikke tillige en specifik sprogbygning (der maaske kun afviger lidet fra en anden, men dog afviger), eller om et nationalsprog repræsenterer en specifik sprogbygning eller om det i modsætning til et andet givet nationalsprog kun repræsenterer en specifik sprogbrug, medens de to nationalsprogs sprogbygninger er identiske."

Por isso, é importante assinalar a distinção apresentada por Hjelmslev entre linguagem conotativa e metalinguagem. De facto, a conotação situa-se num plano oposto à denotação e à metalinguagem, donde a linguagem conotativa é definida como um sistema de signos que expressa uma outra linguagem e a denotação funciona como o elo de ligação entre a expressão<sup>132</sup> e o conteúdo do signo. No entanto, quer a conotação quer a metalinguagem relacionam dois signos distintos, cada um com a sua própria expressão e conteúdo:

"*Konnotationssprog og metasprog* – Medens vi i de tidligere paragraffer vede n bevidst simplifikation har behandlet det «naturlige» talesprog som sprogteoriens eneste emne, har vi i den sidste paragraf (21), trods en betydelig udvidelse af perspektivet, endu handlet som om sprogteoriens eneste emne var *denotationssprog*, hvorved vi mener sprog af hvis planer ingen er sprog. Det staar endnu tilbage, gennem en sidste udvidelse af synskredsen, at vise at der ogsaa findes sprog hvis udtryksplan er et sprog, og sprog hvis indholdsplan er et sprog. De første vil vi kalde *konnotationssprog*, de sidste *metasprog*." (*op. cit.*: 101).

Também, as linguagens conotativas abarcam signos e não apenas partes do signo ou conteúdos. Segundo Hjelmslev (*op. cit.*), os símbolos são veiculados pelas linguagens conotativas, as quais implicam uma dimensão contextual do domínio

<sup>132</sup> O termo expressão usado por Hjelmslev é equivalente a forma (do signo).

semântico ao nível da representação, sendo que a denotação se situa ao nível deíctico da apresentação. Hjelmslev (*op. cit.*: 105) enfatiza ainda o carácter social<sup>133</sup> da linguagem conotativa:

"Efter tilendebringelsen af denotationssprogets analyse skal med andre ord konnotationssproget underkastes en analyse efter ganske den samme procedure. Atter her vil der være at skelne mellem en sprogbygning og en sprogbrug. Konnotatorerne vil være at analysere paa grundlag af deres indbyrdes funktioner, ikke paa grundlag af den indholdsmening der er tilordnet dem eller kann tilordnes dem. Læren om konnotationssprogets sprogbygning omhandler altsaa ikke selve de forestillinger af social eller sakral karakter [...]"

Podemos então concluir que o modelo enciclopédico semiótico ancora o significado na língua e na cultura, não sendo uma competência semântica psicológica ou individual dos falantes.

A representação semântica assenta na memória histórica e na dimensão experiencial, donde o seu significado só pode ser entendido através da referência a outras unidades culturais de significado.

Através da análise da escultura urbana de exterior, propomo-nos demonstrar a relevância da experiência e da percepção, assim como da dimensão social, nas representações semânticas, ilustrando os seus aspectos conceptuais mais relevantes ao nível da topicalidade manifesta quer nas construções linguísticas quer semióticas.

A semântica cognitiva, ao emergir numa posição de ruptura com as correntes objectivistas, postula que o significado não é um assunto unicamente linguístico, limitado à combinação de formas simbólicas segundo um conjunto de regras pré-definidas numa qualquer língua.

A linguagem e a sua capacidade de transmitir uma mensagem, ou seja de comunicar, resultam da atribuição de um significado à experiência, articulando-o com vários outros sistemas cognitivos, de entre os quais se destaca o sistema visual. Do ponto de vista cognitivista, o significado linguístico é antes uma particularidade de designação de um sentido pré-linguístico, o qual assenta em padrões da experiência e na

---

<sup>133</sup> No estruturalismo, *social* equivale também a *cultural* no paradigma cognitivista.

realidade fenomenológica exterior ao sujeito. É este sentido ou significado anterior à formulação linguística que constitui o objecto da semântica cognitiva.<sup>134</sup>

Talmy<sup>135</sup> defende que o sistema visual enquanto processo cognitivo impõe uma organização perceptiva ao mundo das formas naturais, de tal modo que as mesmas possam ser transpostas para um sistema linguístico. Ou seja, existe um princípio de organização das formas naturais no mundo fenomenológico, o qual é articulado com um princípio geral de percepção ou re-construção das mesmas por um sujeito cognitivo. O sistema linguístico e as suas estruturas lexicais e gramaticais, ao contribuir para a construção do significado, derivam do conteúdo e da organização das formas naturais.

Na realidade, em semântica cognitiva, o objecto da linguística não é linguístico no sentido restrito do termo, mas pré-linguístico, i.e. de ordem conceptual ou esquemática. De acordo com Talmy, uma proposição evoca sempre um domínio experiencial, ou seja, uma representação cognitiva de ordem conceptual. A representação semântica ao nível linguístico opera através de dois sub-sistemas linguísticos: a gramática e o léxico, os quais enquadram conceptualmente a estrutura e o conteúdo das representações cognitivas, respectivamente:

“The grammatical and lexical subsystems in a sentence seem generally to specify different portions of a CR.<sup>136</sup> Together, the grammatical elements of a sentence determine the majority of the *structure* of the CR, while the lexical elements together contribute the majority of its *content*.” (Talmy, 2001a: 20).

É ainda importante realçar que, do ponto de vista da linguística cognitiva, o termo “semântica” descreve qualquer construção do significado aliada ao pensamento. Não se trata aqui da abordagem formalista das correntes estruturalistas aplicadas ao estudo da linguagem, segundo as quais o estudo do significado era um meio para aceder à análise das categorias formais da língua. Em semântica cognitiva, o termo “semântica” constitui uma forma específica de abordar e analisar a organização conceptual da língua, já que a própria gramática detém conteúdo conceptual. Talmy justifica a semântica cognitiva do seguinte modo:

<sup>134</sup> Na nossa investigação, pretendemos abordar a teoria da metáfora de Lakoff & Johnson, a semântica gestaltica de L. Talmy e a teoria da integração conceptual de espaços mentais de G. Fauconnier & M. Turner, uma vez que estas assimilam as dimensões cognitivas do significado nos seus aspectos semióticos e linguísticos.

<sup>135</sup> Cf. Talmy (2001).

<sup>136</sup> CR significa “cognitive representation”, i.e. representação cognitiva.

“The Word «semantics» in the new term has the advantage of indicating the particular approach, the conceptual, within which this research<sup>137</sup> is based and from which it considers the concerns of other approaches to language. The word provides this indication because, as noted earlier, semantics is specifically concerned with the conceptual organization of language.<sup>138</sup>” (Talmy, id: 4).

Assim, parece-nos fundamental revelar de que forma os diferentes modos de conceptualização estão presentes na representação de domínios conceptuais. A teoria da metáfora de Lakoff & Johnson assim como os quatro sistemas esquemáticos<sup>139</sup> de Talmy vêm explicar a intervenção das características psico-físicas do organismo em interacção com o meio cultural. A corporização do significado resulta precisamente da nossa interacção física e mental com o meio, tal com explica Lakoff & Johnson (1999: 20):

“All [...] conceptual structures are, of course, neural structures in our brains. This makes them embodied in the trivial sense that any mental construct is realized neurally. But there is a deeper and more important sense in which our concepts are embodied. What makes concepts concepts is their inferential capacity, their ability to be bound together in ways that yield inferences. An embodied concept is a neural structure that is actually part of, or makes use of, the sensorimotor system of our brains. Much of conceptual inference is, therefore, sensorimotor inference.”.

Esta linha teórica demonstra claramente que o sistema simbólico não está directamente ligado ao mundo referencial, i.e. o significado não pode ser determinado em termos de valor referencial (condições de verdade estabelecidas num sistema fechado) mas antes o sistema simbólico representa uma conceptualização de uma cena referencial.

A semântica cognitiva caracteriza-se por estabelecer uma interface que combinando as estruturas da percepção com as estruturas linguísticas constrói diferentes dimensões do significado em função de outros processos cognitivos, independentemente dos mapeamentos referenciais que se estabelecem entre os elementos das proposições.

<sup>137</sup> Semântica cognitiva.

<sup>138</sup> Sublinhados nossos.

<sup>139</sup> Talmy (2001a: 42-84) expõe as diferentes categorias esquemáticas que intervêm na organização conceptual da língua, a saber: *Domain*, *Configurational structure*, *Perspective* e *Distribution of attention*, ou seja, domínio, configuração, perspectiva e atenção, respectivamente.



A investigação em semântica cognitiva a partir da tríade “arte pública – língua/semiótica – cognição” permite-nos ter uma visão alargada das representações simbólicas numa perspectiva multicultural, uma vez que, segundo o cognitivismo, os modelos culturais reflectem a organização cognitiva dos indivíduos *per se* e destes enquanto membros de uma sociedade.

Dado que a conceptualização envolve processos mentais, os quais necessariamente incluem as dimensões culturais, parece-nos pertinente abordar a conceptualização icónica através de uma investigação conjunta no âmbito semiótico e linguístico, pois, todas as esferas da conceptualização assentam na intersecção da dimensão do significado com a dimensão da experiência, tal como é formulado por Brandt (2004: 231):

“Works of art, are supposed to be parables of a maximally general meaning, of feelings concerning the human existence or thoughts about the world.”.

A estatúária urbana revela *constructs* polimórficos, os quais denotam processos imaginativos derivados da experiência, designadamente da percepção visual e das dimensões culturais colectivas. Através da análise de obras escultóricas, pudemos identificar várias estratégias cognitivas, as quais configuram diferentes aspectos do significado. Partilhamos, assim, do princípio de que a conceptualização icónica apresenta também uma componente semântica no seu sentido linguístico:

“Icons are inherently semantic in a linguistic sense. They refer to ‘speaking’ meanings’. (Brandt, 2004: 30).

Segundo a Teoria das Redes de Espaços Mentais<sup>140</sup>, as esculturas são construções semânticas, as quais resultam da mesclagem de vários espaços mentais, designadamente de um espaço base, ou seja, a obra escultórica, um espaço de referência, o qual representa o tema ou assunto, e um espaço de apresentação, o qual representa a configuração escultórica, resultando numa mesclagem estrutural com um determinado significado (mesclagem 1), a qual transmite uma mensagem (mesclagem 2). A intersecção dinâmica destes espaços resulta da existência de um espaço de

<sup>140</sup> Cf. Fauconnier (2002) e Brandt (2004).

relevância, o qual resume os aspectos salientes de todos os outros espaços ou dimensões.

Na realidade, a experiência estética da arte e da escultura, em particular, pode ser representada como um *frame* de contacto do sujeito com o outro, cuja relevância evoca sentimentos de beleza, emoções, afectos, identidades, ou outras associações de ordem experiencial, as quais activam processos cognitivos como a memória.

Nas representações de estatúária urbana, a plasticidade das configurações icónicas está entrosada nas representações linguísticas verbalizadas nas placas afixadas às obras ou evocadas pela configuração material das obras, donde se pode concluir que:

“The experience of the subjecthood is the schema that regulates the aesthetic experience of meaning and form.” (Brandt, 2004: 147).

A noção de contacto, ou *frame* de contacto, ilustra o triz de integração conceptual, ou seja, o momento de manifestação do significado através do contacto da cognição com o mundo fenomenológico. Deste modo, elementos de natureza linguística surgem integrados na dimensão experiencial do sujeito. A partir deste ponto, podemos descrever vários domínios conceptuais ou representações semânticas.

Do ponto de vista semio-linguístico, podemos distinguir dois planos distintos na construção do significado: o plano da realidade sensorial e o plano da conceptualização. A cognição assume uma função mediadora na representação semântica de domínios da experiência, uma vez que a conceptualização denota aspectos da experiência, os quais resultam da esquematização dos objectos, dos eventos e das acções operada ao nível mental.<sup>141</sup>

Por outro lado, as diferenças culturais que se verificam na categorização semio-linguística devem-se apenas a factores que intervêm na interacção do organismo biológico com o funcionamento do meio envolvente, denotando aspectos de forma dinâmicos, resultando do contacto de *frames* temporais, sociais, históricos ou culturais, distintos do processamento neuro-conceptual, com as percepções gestálticas. Ou seja, o

<sup>141</sup> Segundo Lakoff & Johnson (1999: 16 e ss.), a conceptualização não é um fenómeno independente da experiência mas surge estreitamente aliada aos sistemas perceptivo e motor: “There is no such fully autonomous faculty of reason separate from and independent of bodily capacities such as perception and movement.”.

significado não é apenas um reflexo da realidade exterior ao sujeito cognitivo, mas sendo modelado pela cognição e pelo sistema perceptivo descreve o contacto das apresentações do mundo sensorial com as representações, i.e. com a conceptualização, donde os conceitos surgem enquanto corporização do próprio pensamento.<sup>142</sup>

O facto de existirem diferenças na conceptualização de domínios da experiência em várias culturas justifica a convicção de que os conceitos são corporizados, procedendo da interacção do sujeito com o meio. É esta tese que Lakoff & Johnson (1999: 25) anunciam como o realismo corporizado:

“an embodied realism, a form of interactionism that is neither purely objective nor purely subjective.”

Deste modo, o significado surge quando a esfera da apresentação contacta a esfera da representação, i.e. quando se manifesta uma integração conceptual entre a cognição ou a atitude mental e o mundo fenomenológico das coisas, complementando elementos de ordem linguística, noções abstractas e referências gerais com a esfera da experiência. Na categorização e na construção do significado, as apresentações fenomenológicas do mundo exterior ao sujeito são processadas pelo sistema perceptivo e mediadas pelos significados básicos ou prototípicos, de forma a integrarem representações de ordem semântica.

Tal como é demonstrado por Talmy (2001), os significados básicos detêm uma estrutura conceptual, a qual descreve a dimensão experiencial do sujeito, desde acontecimentos, acções, cenários espacio-temporais, coisas e entidades, relações dinâmicas causais, intencionais e modais e outros *frames* da relação do sujeito com o mundo, sendo que o significado ainda se pode organizar em espaços mentais de mesclagem, os quais exibem aspectos da imaginação e criatividade.

De facto, os conceitos de identidade, integração e imaginação não constituem dados absolutos que possamos assumir como adquiridos quando intencionalmente moldados por qualquer poder social.

---

<sup>142</sup>. Lakoff & Johnson (1999: 19 e ss.) ilustram amplamente esta tese através da explanação dos conceitos para as cores e da categorização linguística. Assim, a categorização é um fenómeno mental fixado na dimensão da experiência.

A manipulação do significado através da análise sistemática da forma tem sido uma constante e um contributo importante para o estudo da vivência e dimensão humanas. É inegável que Chomsky, Lévy-Strauss ou Jakobson encetaram investigações inovadoras, as quais nos permitem compreender melhor o papel e a acção dos diferentes intervenientes na malha social e política.

Na realidade, podemos comprovar quase peremptoriamente que a função das escolas, dos meios de comunicação social, e de outras instituições sociais, surge articulada com um ensinamento para a manipulação da forma e a limitação da criatividade e da individualidade.

É esta uma das análises do anti-humanismo que é ilustrada por Fauconnier (2002: 4):

“A college student enrolled in economics, once a branch of ethics, will now spend considerable time manipulating formulas. If she studies language, once firmly the province of humanists and philologists, she will learn formal algorithms. If she hopes to become a psychologist, she must become adept at constructing computational models. The manipulation of form is so powerful that school is now often seen as largely a matter of learning how to do such manipulation.”<sup>143</sup>

A abordagem em semântica cognitiva comprova a intervenção decisiva da identidade, da integração e da imaginação na conceptualização e nos objectos semio-linguísticos. Tal como é advogado por Fauconnier (*op. cit.*), a identidade, a integração conceptual e a imaginação são processos que actuam na construção do significado, gerando mesclagens conceptuais, i.e. “The products of conceptual blending are always imaginative and creative.” (id. *ibid.*).

Assim, passamos a expor um paralelismo entre as representações icónicas de animais que junto anexamos e a Cowparade.<sup>144</sup>

<sup>143</sup> Sublinhados nossos.

<sup>144</sup> Exposição de vacas tridimensionais em PRFV (poliéster reforçado com fibra de vidro), que já passou por diversas cidades no continente americano, em África, na Austrália e na Europa, decoradas por artistas, presidiários, estudantes, curiosos, aficionados de clubes de futebol, etc., e que este ano estão também expostas em Lisboa. Trata-se de uma apresentação visual, cuja forma é vazia de conteúdo, pois, não representa qualquer elo com a memória ou a cultura. É apenas uma adaptação e manipulação da forma sem qualquer significado (cf. Fauconnier, 2002: 6 e Brandt, 2004).

Analisando de um ponto de vista semio-linguístico e de uma forma resumida alguns conjuntos escultóricos, propomos uma reflexão sobre diferentes conceptualizações de domínios da experiência, designadamente aqueles que apontam para as representações de animais.

Seguindo a teoria semântica proposta por Talmy (2001), torna-se pertinente desenrolar alguns aspectos do sistema cultural cognitivo, nomeadamente aqueles que interferem com a linguagem, como sejam a percepção, o pensamento, a memória e a estrutura cultural, aplicados às conceptualizações icónicas que mostramos seguidamente.

De facto, os universais culturais são alguns dos elementos que determinam de forma estrutural as representações cognitivas dos sujeitos enquanto membros de uma cultura, donde se podem inferir relações de pertença assim como possibilitar o entendimento e a percepção das diferentes manifestações culturais.

Esta constatação não constitui qualquer novidade, pois a mesma já tem sido comprovada quer pela antropologia, quer pela linguística, quer pela estética kantiana.

Os paralelismos entre estas três áreas permitem-nos notar a estrutura conceptual presente em domínios de representação através de outros sistemas cognitivos e delinear algumas assumpções relativas à diversidade e à globalização na conceptualização semio-linguística.

Brandt (*op. cit.*) propõe uma arquitectura dos domínios aplicada ao universo semio-linguístico, segundo a qual o significado surge articulado com domínios da experiência, mas apresentando referências a domínios semânticos distintos nas suas construções. Assim, os significados mais básicos remetem para uma associação directa ao corpo humano, enquanto outros, de natureza mais abstracta, são construídos por meio de conceptualizações metafóricas.<sup>145</sup> A construção do significado assenta em quatro domínios fundamentais para a topicalidade do discurso scripto-visual: o domínio físico e espacio-temporal, o domínio social e colectivo (do qual faz parte a língua), o domínio das crenças e tradições orais e o domínio da comunicação em presença. Os domínios básicos da apresentação são modelados semanticamente e inscritos semioticamente num contexto representacional.<sup>146</sup>

<sup>145</sup> Este é o caso da teoria da metáfora de Lakoff & Johnson.

<sup>146</sup> Cf. Brandt (*op. cit.*). José Gil (2005) também refere o processo de “inscrição” como um meio de determinação do significado.

As representações de estatuação urbana do animal<sup>147</sup> revelam na sua forma e no seu conteúdo, i.e. na percepção e no significado que evocam, aspectos da identidade e da alteridade na interacção que provocam com o(s) outro(s): relembram a memória histórica, cultural ou narrativa de uma comunidade.



Fig. 28- Het Friese Paard [IDSL:286].

A imagem *Het Friese Paard* [IDSL:286] mostra a representação de um cavalo frísio em Leeuwarden, em cuja placa afixada à obra se lê: “Het friesche paard ter gelegenheid van 100-jarige vestiging te Leeuwarden door koopmans koninklijke meelfabrieken B.V. aangeboden aan de stad op 15 mai 1981”.<sup>148</sup>

A obra segue a integração espacial simbólica da maior parte das obras holandesas em tecido urbano, representando simbolicamente o cavalo frísio, sendo que esta estátua cívica se encontra implantada numa praça, apelando à interacção directa com o cidadão e o transeunte.



Fig. 29- Placa de Het Friese Paard [IDSL:286].

Existem várias associações de amigos do cavalo frísio, as quais, do ponto de vista lúdico e histórico, contribuem para a preservação da identidade desta espécie equídea frísia mas também evocam a memória e a identidade da comunidade da zona da frísia holandesa.

<sup>147</sup> Cf. anexos.

<sup>148</sup> Tradução *ad sensum*: O cavalo frísio no estabelecimento dos seus 100 anos em Leeuwarden por comerciantes, oferecido à cidade em 15 de Maio de 1981 pela associação de moinhos do reino.



Fig. 30- Onze moeder [IDSL:288].

O significado semio-linguístico tem um suporte metonímico de cariz topográfico, uma vez que o objecto<sup>149</sup> surge implantado na zona da Frísia, apresentando uma construção linguística, a qual também representa a dimensão física e experiencial da construção simbólica - *Het friesche paard* / O cavalo frísio.

Também a escultura *Onze moeder* [IDSL:288] apresenta uma estátua de uma vaca frísia. Esta representação do animal é

frequentemente designada pelos holandeses por “Onze moeder” / “A nossa mãe”.<sup>150</sup> A conceptualização de base metafórica na representação linguística da vaca frísia vem suportar a importância que este animal assume na cultura holandesa.<sup>151</sup> Assim, a representação semio-linguística da vaca patente nesta escultura urbana vem demonstrar a relação entre a dimensão experiencial e a dimensão simbólica do significado.

Igualmente, o conjunto escultórico em Siegen *Hirtenbrunnen* [IDSL:481] apresenta um grupo de estatúária composto por três vacas, um bezerro e um cão, e um pastor, integrados numa fonte ao nível dos peões.

<sup>149</sup> Ou, a “coisa” segundo Hjelmslev.

<sup>150</sup> Em ciências humanas, a investigação no terreno constitui uma parte importante do estudo. A referência dessas fontes pode aparecer no corpo do texto quando é caso disso mas não tem designação para efeitos bibliográficos. Muitos dos elementos recolhidos no trabalho de campo são de informantes locais, ou de outras entidades institucionais, os quais devem ser sempre referenciados. Actualmente, a informação recolhida no ciberespaço constitui uma forma de afinar a investigação, por exemplo através de informantes que disponibilizam na rede informação diversa, textos, imagens ou material audio, a qual pode ser oriunda da vivência dos factos ou do relato dos mesmos por outros. Para efeitos bibliográficos, referiremos sempre estas fontes. No entanto, distinguimos três tipos de fontes anónimas: “fonte local” e “fonte distante” e “fonte anónima”. Esta última quando se desconhece se a fonte é oriunda de longe ou de perto do facto que descreve. Estas fontes anónimas aparecem geralmente na forma de páginas pessoais, blogs, fóruns, grupos de partilha, newsgroups, “mailing lists”.

<sup>151</sup> «Les Néerlandais aiment leurs vaches. Une enquête réalisée en 1995 révélait que 80% de la population ne peuvent concevoir un paysage sans vaches. A Leeuwarden, capitale de la province laitière La Frise, une statue représente une vache laitière appelée “Us Mem” (notre mère).», in !», [http://www.ryc.be/fr/products/kaas/holland/nl\\_kaas2.htm](http://www.ryc.be/fr/products/kaas/holland/nl_kaas2.htm)

Verificamos que a representação semio-linguística “Der Hirtenbrunnen”<sup>152</sup> decorre a partir do elemento topográfico “fonte – *Brunnen*”. A conceptualização da actividade da pastorícia tem um suporte metonímico, onde observamos as vacas e o pastor como os elementos mais pregnantes. A construção semiótica e linguística (*Hirtenbrunnen* é uma palavra composta por *Hirten* – pastores, e *Brunnen* – fonte) denota a dimensão física e cultural na construção simbólica do significado. Comprovamos, assim, a relação da forma-função enquanto elemento integrador das representações semio-linguísticas.

O conjunto escultórico *Corriendo el Encierro* [IDSL:59] representa uma alegoria às Festas de S. Firmin, em Pamplona. A conceptualização semio-linguística remete para a dimensão morfo-dinâmica da cena, através do recurso ao esquema imagético da trajectória, presente morfologicamente no verbo *corriendo* e na forma plástica da figura escultórica.

Recolhemos ainda várias imagens escultóricas que representam a Latinidade, por



Fig. 31- Corriendo el Encierro [IDSL:59].

exemplo as esculturas da loba *Lupa Capitolina* de Segovia e Merida, respectivamente [IDSL:401] e [IDSL:406]. A conceptualização da latinidade é representada através da famosa estátua *Lupa Capitolina*<sup>153</sup>, a qual amamenta os gémeos Rómulo e Remo considerados os fundadores lendários de Roma.

<sup>152</sup> Tradução *ad verbum*: A fonte dos pastores.

<sup>153</sup> Loba do Capitólio. A origem desta estátua é etrusca, remontando ao século V a.C., sendo que as figuras de Rómulo e Remo lhe foram acrescentadas já no século XV.





Fig. 32- Estátua da loba em Mérida.

O significado semio-linguístico desta imagem escultórica baseia-se na integração da relação forma-função com o elemento simbólico identitário que descreve e identifica a latinidade, i.e. a língua, a cultura, o direito, o temperamento.

O funcionamento simbólico destas estátuas é realçado pela oferta das mesmas a diversas cidades por Roma.

No entanto, a estátua da loba presente em La Louvière [IDSL:392]<sup>154</sup> não apresenta os gémeos, pois, esta cidade considera ter a mesma origem de Roma. Aqui, a construção simbólica do significado semio-linguístico assume traços semânticos distintos.

Notamos, ainda, que a placa toponímica (*Place de la Louve*) no local de implantação desta estátua urbana assenta numa construção metafórico-metonímica, a qual tem como domínio de origem o animal representado, i.e. a loba.<sup>155</sup>

Finalmente, compete-nos observar que a exposição global designada por Cowparade em nada se assemelha às representações de estatuária do animal que aqui referenciamos.

De facto, a forma das vacas em PRFV são impressionantes no pior sentido: não detêm qualquer significado simbólico, cultural ou histórico, constituindo apenas formas coloridas vazias de conteúdo. Tal como



Fig. 33- Estátua da loba em Segóvia.

<sup>154</sup> Não tratámos aqui o funcionamento simbólico das placas afixadas à obra, que juntamos nesta imagem.

<sup>155</sup> Para um melhor entendimento da semanticidade desta escultura, ler ainda a análise no capítulo 4.2.

refere José Gil (2005: 74), trata-se da total ausência de gosto, ou prazer estético, de desterritorialização da história e memória colectiva com objectos pré-feitos<sup>156</sup> espalhados ao acaso por diversas cidades ao ritmo de uma pretensa globalização:

“É o oposto de Kant: ausência de gosto, ausência de sentimento (prazer estético). Ausência de pretensão à universalidade do juízo de gosto: com efeito, se ‘um outro aspecto do *ready-made* é nada ter de único’, e se há uma indiferença visual na sua escolha, ele é um objecto, *em princípio*, absolutamente qualquer.”.

A exposição Cowparade ilustra a “inscrição do vazio”<sup>157</sup> ou do irrepresentável, onde estão ausentes qualquer tipo de conteúdo afectivo, expressivo ou de memória cultural. As martirizadas vacas são o exemplo da descomunicação, da impossibilidade de qualquer leitura semio-linguística, pois manifestam total vacuidade de conteúdo:

“The forms are especially impressive because they have been suited to the meanings they prompt, but on their own the forms are hollow.” (Fauconnier, 2002: 6).



Fig. 34- La Louve [IDSL:392].



Fig. 35- Toponímia (local onde se encontra La Louve [IDSL:392]).

<sup>156</sup> Podemos mesmo aparentar estas vacas plásticas, dado o processo industrial a que estão sujeitas, a um *ready-made* de fraca qualidade, às quais se pode bem aplicar a expressão de José Gil.

## 4. REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS E SEMIÓTICAS NA ESTATUÁRIA URBANA EUROPEIA

### 4.1 O corpus

Até aos anos '80 do século XX, a linguística era considerada uma ciência social para a qual convergiam a geografia, a história e a literatura. Por outro lado, a literatura (nos seus diferentes géneros e tipos de texto, quer oral quer escrito) constituía-se quase exclusivamente e de uma forma unanimemente aceite como o *corpora* que servia de análise à linguagem.

Com o desenvolvimento das ciências da informação e a consequente informatização de quantidades crescentes de texto referentes aos diversos tipos de meios (imprensa diária e semanal, contos, romance e poesia, sistemas de informação institucional, autárquica e nacional, resumos de trabalhos científicos, bases de dados com fichas de biblioteca, etc.), torna-se evidente o papel da engenharia do conhecimento na perspectiva computacional da organização, busca e operações sobre o material linguístico. A Internet tornou-se um espaço privilegiado de acesso aos depósitos de material significativo e começou a surgir um vasto leque de *corpora* informático em algumas línguas<sup>158</sup>, disponível *online* a partir de bases de dados para estudo da linguagem.

Por outro lado, o *corpora* linguístico habitualmente recolhido a partir de fontes verbais, orais ou escritas, pode também ser recolhido a partir de material visual, i.e. de imagens. É claro que assim como se encontram diferentes tipologias e estruturas de material linguístico, o mesmo sucede com as imagens, as quais podem ser de natureza diferente quanto à estrutura do significado e quanto ao tipo de suporte que as incorpora.

<sup>157</sup> José Gil (2005, *passim*).

<sup>158</sup> Por exemplo, o *corpora* alemão do Institut für deutsche Sprache, Mannheim (IDS – Korpora, *corpus* electrónico <http://www.ids-mannheim.de>) ou o *corpora* dinamarquês (KorpusDK [http://www.korpus2000.dk/korpus2000/indgang\\_til\\_korpusdk.php](http://www.korpus2000.dk/korpus2000/indgang_til_korpusdk.php)), entre outros. Soares (2003) apresenta um estudo linguístico sobre a conceptualização da raiva em alemão com *corpora* exclusivamente recolhido a partir da base de dados *online* do IDS.

Quanto à estrutura do significado nas imagens das linguagens visuais, estas organizam-se em torno de pelo menos três variáveis: abstracção, convencionalidade e iconicidade.

A abstracção predomina sobretudo na arte abstracta. A pintura, a escultura ou o acontecimento visual é exclusivamente abstracto se não contém signos convencionais ou entidades identificáveis pela sua iconicidade. Isto é, a obra plástica nestas condições não apresenta nenhum elemento colectivamente identificável. Kandinsky, pintor e teórico pioneiro da arte abstracta, notou que «aquele que olha um quadro está muito habituado a descobrir nele um ‘significado’, ou seja uma relação exterior entre as suas diferentes partes. [...] Jamais ele procura a vida interior do quadro e a sua acção sobre a sensibilidade.»<sup>159</sup>.

Assim, enquanto a imagem abstracta não supõe um referente exterior a si própria, a imagem convencional supõe a existência do significado exterior, referido nos seus elementos. No entanto, não pressupõe uma semelhança visual com o seu referente. Nesta categoria de imagens inserem-se por exemplo os sinais de trânsito, os símbolos da heráldica<sup>160</sup>, siglas e os próprios caracteres que representam os sons das palavras, por exemplo. No domínio das imagens de arte plástica, é pouco comum que uma obra, pintura ou escultura, recorra unicamente a sinais convencionais. Em geral, estes são utilizados em conjunto com elementos abstractos e elementos icónicos. É o caso da “foice e do martelo” bem como da “cruz suástica” utilizados pelo pintor Jörg Imendorff na série de pinturas titulada «caffé deutschland».

Já a iconicidade pressupõe uma relação natural de similitude entre a imagem e o referente. O que acontece de um modo geral com toda a arte figurativa. Esta relação de semelhança dos elementos da imagem com as entidades que refere, exteriores à mesma, evoca de um modo geral no seu processo de identificação e de entendimento uma dimensão linguística correspondente.

Geralmente, quer a pintura quer a escultura figurativa contêm elementos abstractos além dos elementos icónicos, podendo ainda apresentar em muitos casos sinais convencionais. Assim, por esta relação de similitude com o referente, com capacidade de desencadear uma associação verbal, defendemos o postulado de que toda a arte figurativa se presta à recolha de *corpora* linguístico.

<sup>159</sup> Cf. Kandinsky (1987: 104).

<sup>160</sup> É, por exemplo, o caso de algumas representações da cidade tais como: *Spirande snäcka* [IDSL:94] em Varberg, *Marktbrunnen* [IDSL:190] em Besigheim, *Berliner Bär* [IDSL:369] e *Wappenbrunnen* [IDSL:373] em Berlim.

O tipo de material recolhido tem então a ver com a relação entre a amplitude temática do *corpora* que se quer recolher e o tipo de obras figurativas que se seleccionam para essa recolha. As possibilidades são inumeráveis no âmbito das artes plásticas. Pode-se escolher trabalhar sobre pintura, escultura ou ambas.

No caso da pintura terá que ser levado em linha de conta a relação significativa entre forma e cor. Este aspecto confere possibilidades de maior detalhe narrativo à pintura. Por seu lado, a escultura ao não proporcionar um fundo para ilustrar tempestades, bonanças e planos de acção sequentes ou acessórios (embora isso seja possível no relevo) incide mais no essencial da mensagem. Entretanto, dispõe de recursos como o peso, a resistência e a volumetria que podem acentuar a importância da narrativa bem como tornar a mesma mais convincente.

Ora, a amplitude temática do *corpora* a recolher tinha como objectivo por nós proposto que este fornecesse elementos caracterizadores da identidade europeia. Para este efeito, uma forma de arte que ocupe o espaço público interage com um maior número de cidadãos do que as formas de arte plástica do circuito comercial ou dos espaços museológicos visitados por um menor número de cidadãos. Então, verificamos que a forma de arte que mais ocupa o espaço público é a estatúária, com notável incremento ao longo de todo o século XX. Esta estatúária por predominar nos espaços urbanos é uma estatúária urbana.

Assim, uma vez que é possível recolher material linguístico em imagens com o propósito de recolher material indicador da identidade europeia, a estatúária urbana parece ser das formas da arte plástica uma das mais adequadas.

Por outro lado, esta forma da escultura só começou a ser alvo de interesse crescente na última década, o que faz com que existam poucos estudos sistemáticos com abrangência suficiente para serem fiáveis enquanto amostra transnacional de expressões identitárias. O material disponível está na maioria em suporte electrónico e em fase de recolhas sectoriais que se apresentam na Internet como bases de dados locais: são os casos de Berlim, Copenhaga ou Malmö ou nacionais, como os Países Baixos ou a Bélgica.<sup>161</sup>

Em face disto, a melhor maneira será empreender a própria investigação das obras em directo nos locais. Ora viajar a uma diversidade de localidades europeias para

<sup>161</sup> Nos Países Baixos *Mens & Dier in Steen & Brons*, na Alemanha *Bildhauerei in Berlin*, na Bélgica *Sculptures de Bruxelles et de Belgique* e na Dinamarca *Kunst i Odense - Monumenter*.

registar obras de estatúária urbana é uma tarefa dispendiosa e complexa, a qual exige recursos vários, estudos preparatórios dos locais a investigar, quer ao nível cultural quer ao nível geográfico. Também a recolha do material directamente da fonte, neste caso disperso numa extensa área geográfica, para tomar como amostra e exemplo das ocorrências significantes de traços identitários obriga à utilização cuidada do método, quer ao nível do registo dos dados, quer à organização do seu arquivo e selecção dos casos a tratar.

Isto foi possível com uma parceria numa investigação em Ciências da Arte sobre estatúária urbana europeia. Nessa parceria foram partilhados os encargos de logística e a constituição do arquivo do material resultante. Tornou-se assim comum na parceria perto de mil registos de escultura urbana e a organização destes num sistema informático. As tarefas de investigação foram repartidas por cada uma das especialidades e o material resultante depois de tratado para arquivo tornou-se património comum, com pleno uso de direitos por qualquer das duas partes.

Para além destes dois pontos, logística da investigação e arquivo do material recolhido, o tratamento dos materiais e as respectivas conclusões são processos completamente distintos relativos às problemáticas das diferentes áreas disciplinares dos dois projectos da parceria.

Ao escolher a estatúária urbana europeia como fornecedora de *corpora* semiolinguístico, é possível notar algumas das tendências do quadro conceptual europeu representado pelas formas da escultura nos espaços públicos. Os temas e as representações subjacentes a cada obra denotam modelos de experiência que revelam aspectos da identidade e da cultura dos locais e das regiões. Ou seja, a mesma imagem pode apresentar o mesmo conteúdo semântico em qualquer língua europeia ou ainda apresentar os mesmos elementos semióticos e evocar o mesmo envolvimento linguístico, funcionando, por isso, como um texto translinguístico.<sup>162</sup>

Assim, poder-se-á recolher *corpora* linguístico a partir de imagens das mais diversas proveniências, da realidade da natureza ou dos artefactos e dos diversos

---

<sup>162</sup> Por exemplo as representações de patronos: *St. Joseph Landespatron von Tirol* [IDSL:138], *Fontanna Św. Floriana* [IDSL:267], *Santo Eligius* [IDSL:361]; ou as de contos: *Den lille havfrue* [IDSL:174], *Das Gänseliesel* [IDSL:355], *la Caputxeta Vermella* [IDSL:427]; ou as de correios [IDSL:280]; ou as da justiça: *Justiça de Fafe* [IDSL:158], *Statue de la Justice* [IDSL:494], etc.

sistemas de representação das mesmas. Enquanto sistema de representação de imagens, a escultura e a estatúária urbana apresentam casos de notável objectividade, perante as quais a representação semiolinguística desencadeada no observador/ fruidor é comum a grupos de indivíduos.

Com efeito, a estatúária urbana pelas formas de representação que utiliza para expressar a narrativa, as quais congregam o conjunto de ícones naturais e convencionais identificadores da realidade que suporta a narrativa, apresenta uma linguagem visual com fortes possibilidades de realização num suporte verbal. Por outro lado, os principais motivos da representação, com fortes ligações a lugares e localidades e a sua gama temática tornam esta forma de arte num interessante fornecedor de *corpus* semiolinguístico a partir de equivalentes visuais.

A observação de que a arte da estatúária urbana pode ser directamente articulável com a linguística, relacionando uma forma da linguagem visual com a linguagem verbal na definição de *corpora*, confere ao material semiolinguístico resultante um duplo carácter visual e verbal com características próprias no âmbito das Ciências da Linguagem.<sup>163</sup>

O *corpus* que aqui analisamos decorre de uma abordagem empírica proveniente da observação directa das obras de estatúária urbana, tendo sido posteriormente seleccionado e armazenado numa base de dados. A recolha do *corpus* que apresentamos foi executada por processos fotográficos a partir de obras nos diferentes países e localidades, nomeadamente Portugal, Espanha, França, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, Suécia, Alemanha, Áustria, Polónia, República Checa e Eslovénia.

Após a recolha do *corpus*, procedemos à sua organização em dois grandes grupos distintos: o grupo dos objectos de estatúária que apresentam uma dimensão linguística explícita afixada aos conjuntos escultóricos, ou seja inscrições, e o grupo das obras escultóricas que denotam uma dimensão semiolinguística envolvente, particularmente de carácter narrativo, não apresentando qualquer tipo de inscrições.

A selecção do *corpora* para análise orientou-se para a delimitação das onomasiologias mais relevantes na construção do significado e das imagens,

---

<sup>163</sup> No apêndice inserimos uma montagem plástica onde se pode ter uma visão geral acerca da linguagem verbal através das inscrições presentes nas imagens escultóricas.

considerando aspectos de identidade (e alteridade) nas conceptualizações de domínios da experiência. Para o efeito, atendemos particularmente à importância que as dimensões cultural e contextual assumem na construção do significado através dos mapeamentos que se estabelecem entre diferentes domínios cognitivos.

Sublinhamos, ainda, que as semelhanças e diferenças que observamos nas cenas representadas pelas várias ocorrências das representações semiolinguísticas têm na sua base diversos processos cognitivos, designadamente de ordem imaginativa, uma vez que se tratam de imagens figurativas, que apresentam uma narrativa escrita na linguagem visual das artes plásticas (do gr. *Plastiké* - πλαστική), as quais são necessariamente enquadradas num plano estético e comunicacional, eventualmente narrativo, alusivo e /ou simbólico.

Assim, de acordo com os nossos objectivos de investigação e análise, seleccionámos um *corpus* bastante abrangente, o qual contempla no total 300 exemplos atendendo à dimensão linguística presente e à iconografia das representações de estatuária.

Inevitavelmente, não concebemos hoje a investigação em ciências humanas sem o recurso às ciências informáticas quer na fase inicial da recolha de dados quer nas fases seguintes de análise e tratamento dos mesmos. O desenvolvimento da inteligência artificial e os consequentes progressos na área das ciências da computação permitiram o desenvolvimento de aplicações informáticas através da criação de bases de dados, as quais possibilitam o armazenamento de dados recolhidos por processos de observação directa no campo ou indirectamente visando a análise e tratamento informático dos mesmos.

Usando estes recursos, elaborámos uma base de dados semiolinguística com *corpora* recolhido *in loco* a partir de fotografia digital, cujo objectivo visa o tratamento semântico geral da estatuária europeia ao nível da representação e do idioma.

Cremos que este procedimento é original nos estudos em semântica, porquanto recorre ao levantamento de um *corpus* no terreno, o qual abarca uma dimensão ampla da linguagem situada no entrosamento da semiótica e da linguística possibilitando uma sistematização para análise e descrição das representações semiolinguísticas.

Assim, efectuamos uma selecção de amostra, composta por um conjunto finito da estatuária europeia segundo o critério basilar do seu conteúdo semiolinguístico



presente materialmente nas obras ou evocado pelos seus traços semânticos compositivos e perceptivos. A definição do nosso *corpus* assenta então nos seguintes critérios:

- (1) os dados são autênticos, uma vez que foram directamente recolhidos no terreno;
- (2) os dados foram formatados a partir da fotografia digital, a fim de poderem ser lidos e tratados informaticamente;
- (3) os dados são constituídos por obras de estatuação no espaço urbano na sua dimensão iconológica e linguística;
- (4) os dados são multilingues, incluindo uma variedade de idiomas;
- (5) os dados poderão ser comparáveis, pois poderão apresentar textos no original e a respectiva tradução bem assim todo o contexto semiótico das obras de estatuação;
- (6) o *corpus* é finito, pois é um corpus de amostra;
- (7) o conteúdo do *corpus* foi seleccionado, a fim de garantir que o mesmo tenha as características necessárias aos objectivos de análise semiolinguística em semântica cognitiva;
- (8) o *corpus* é representativo na sua extensão para efeitos de amostra, uma vez que abarca uma extensa área geográfica, à qual correspondem os respectivos idiomas, satisfazendo os objectivos de investigação propostos.

Através do inventário de obras de estatuação urbana observáveis *in loco*, i.e. em contexto, é possível a elaboração de um quadro teórico acerca da frequência das representações semânticas ao nível semiolinguístico. Para o efeito, criámos 300 fichas em suporte informático de teor semiolinguístico, as quais contêm individualmente uma imagem escultórica e a informação necessária ao entendimento da mesma, afixada nos diversos campos das fichas, a saber: título, autor, país, localidade, local, data, idioma,

apresentação, representação, inscrições e observações<sup>164</sup>. A ficha indica também a data em que a imagem foi recolhida no local no campo "Foto-Ref:". Estas fichas foram ainda organizadas de acordo com um identificador semiolinguístico único designado por "IDSL", o qual permite a identificação e a busca da imagem na base de dados. A consulta deste sistema é efectuada no CD que constitui o volume 2 desta investigação.

Gostaríamos ainda de sublinhar que a investigação que agora expomos encerra duas componentes: uma componente metodológica de investigação em ciências da linguagem e uma componente de investigação que consiste no tratamento e análise semântica do *corpora*. Devido à grande extensão do terreno físico de recolha dos espécimes (Europa central) e ao número de obras recolhidas bem assim ao tempo e número de viagens que a investigação exigiu, optámos por seleccionar somente 300 exemplares, que nos parecem justificar a metodologia e os princípios de análise semântica bem assim os objectivos e conclusões que nos propomos demonstrar.

Com vista ao estudo da dimensão semântica do *corpora* semiolinguístico produzimos uma taxonomia, a qual permite a organização da informação de uma forma sistemática baseada na similitude de traços semânticos. Deste modo, podemos elaborar gráficos e quadros a partir de grupos quantitativos e atendendo à sua frequência que possibilitam uma interpretação do *corpora* semiolinguístico.

Porém, a fim de procedermos à contagem da frequência das representações e dos idiomas nos diferentes géneros de apresentação, é necessário ter em conta o número total de *corpora*, pois os padrões estatísticos que daí resultam deverão determinar a nossa interpretação acerca dos modelos da experiência e das onomasiologias nas diversas línguas.

O campo representação (que se articula também com o título da obra, com o campo apresentação e com as inscrições) reflecte a própria dimensão do *corpora*, o qual se limita a 300 fichas. Certamente que para um *corpus* de 30000 exemplares seria necessário implementar outro fluxo para as representações, contemplando *clusters* quantitativos mais especializados. Assim, podemos verificar que existem alguns *clusters* na representação mais especializados como o fluxo conto, lenda, toponímia, ou militar.

---

<sup>164</sup> No campo Observações anotamos informação respeitante à obra escultórica afixada em cada ficha proveniente de diversas fontes bibliográficas, inclusivé de bibliografia *online*. Nem todas as fichas contêm anotações neste campo.

resistência, revolução, os quais apresentam traços semânticos de intersecção<sup>165</sup>, e outros menos especializados como alegoria que poderia abarcar representações de contos ou lendas populares, ou aforismo que poderia abarcar fluxos relacionados com o folclore local, por exemplo. Também a representação onomástica, seria possível aferir a sua semanticidade de uma maneira diferente, caso o *corpora* se estendesse aos 30000 exemplos. Ou seja, aumentando o número de elementos no conjunto do *corpora*, assim aumenta o número de subcategorias possível de formar.

É nesta perspectiva que, na nossa opinião, este estudo lança as bases metodológicas de uma investigação em ciências da linguagem na especificidade de semântica cognitiva. Também o *corpora* por nós recolhido cria análises numéricas por apontadores espaciais, temporais e contextuais criando listas dinâmicas com instrumentos interpretativos do ponto de vista numérico e da semanticidade das obras escultóricas.<sup>166</sup>

A classificação de domínios cognitivos e onomasiologias que identificam a semanticidade das imagens escultóricas tem em conta o material significativo atendendo aos níveis de referencialidade das obras. A partir da leitura visual da imagem é possível identificar a sua iconografia mesmo sem atender à dimensão imaterial linguística que a mesma pode evocar. Por exemplo, a imagem [IDSL:274] *Hoscherner Käs- u. Weinsulptur* permite-nos imediatamente classificá-la no domínio da vitivinicultura.

Porém, uma vez que esta investigação é por enquanto uma primeira versão que encontra possibilidades de evolução para uma estrutura mais complexa, as representações que seleccionámos são condicionadas pelo número limitado de exemplos da amostra que constitui o *corpora*.

Vejamos, então, o gráfico de contagem das representações.

<sup>165</sup> Cf. 4.2. Análise semântica.

<sup>166</sup> Contrariamente às bases de dados de corpora linguístico que conhecemos (IDS - Korpora ou DK - korpus) que incluem listas estáticas, sem instrumentos interpretativos do ponto de vista numérico e contextual.

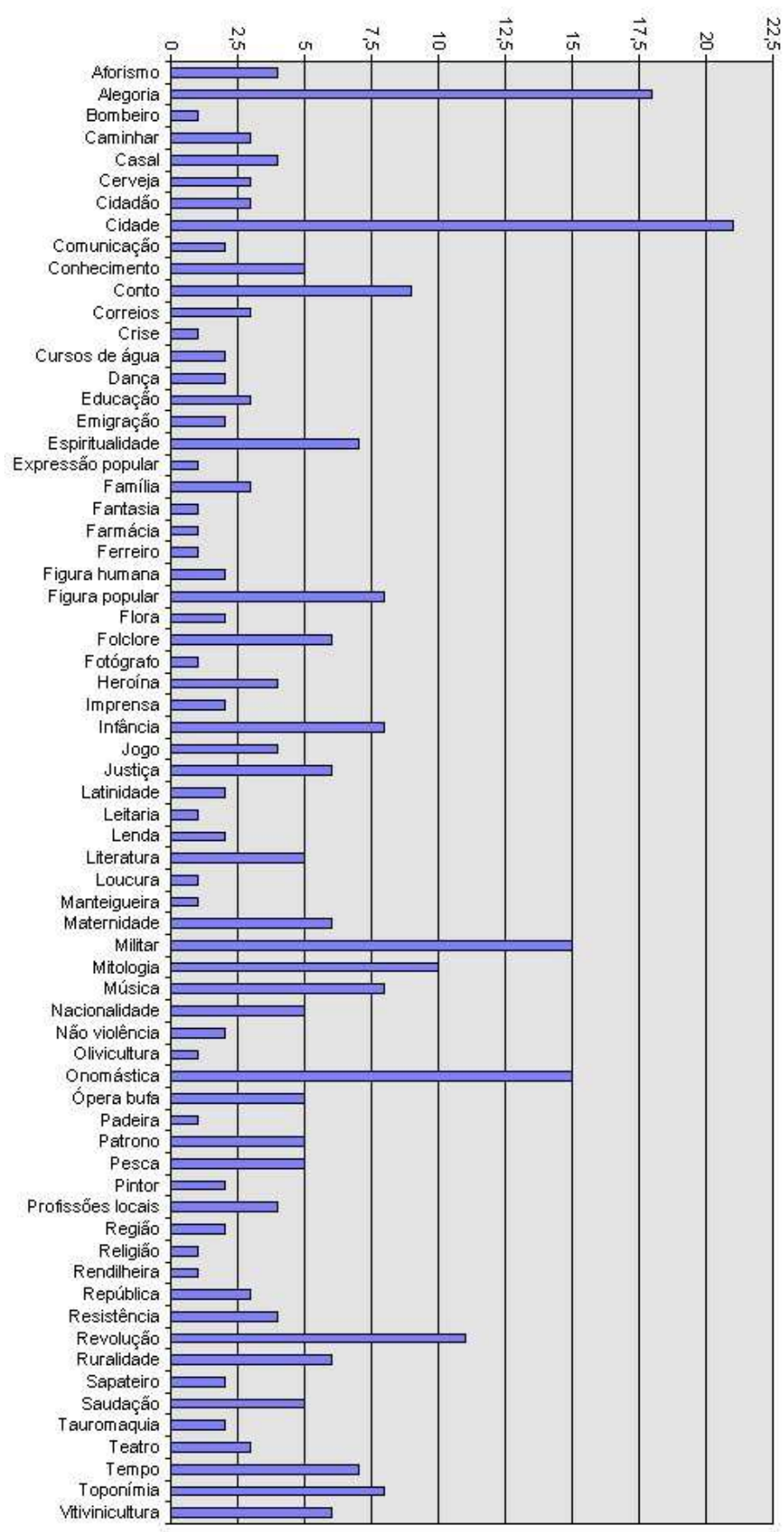


Fig. 36 – Contagem de representações.

Então, a representação “Ruralidade” enquanto categoria ordenada contém as categorias subordinadas ‘pastorícia’ e ‘agricultura’, as quais foram agrupadas a fim de possibilitar uma interpretação lógica dos dados devido ao número exemplos. Assim, no registo de Siegen [IDSL:481] *Hirtenbrunnen* e no registo [IDSL:399] *Monumento al pastor* verificamos a categoria subordinada ‘pastorícia’ enquanto nos registos [IDSL:57] *Homenaje a los agricultores* e [IDSL:566] *Monumento ao trabalhador rural* encontramos a categoria ‘agricultura’. Também quanto à representação “Nacionalidade”, a mesma engloba três categorias subordinadas, a saber, ‘cidade’, ‘profissão’ e ‘gastronomia’. Senão, vejamos: o registo [IDSL:463] *Een volk dat leeft bouwt aan zyn toekunst* representa claramente a nação Países Baixos, notoriamente expressa na inscrição que é igualmente o título da imagem, i.e. “Um povo que vive constrói para o futuro.”<sup>167</sup> Da mesma maneira, o exemplo [IDSL:460] *De Held van Haarlem* apresenta o herói de Haarlem, freguesia de Amsterdão, que todavia é também o herói nacional que constrói o dique para protecção da cidade e do país das águas. Ou seja, além de representar a cidade representa também a noção da nacionalidade, já que os diques assumem nos Países Baixos uma dimensão nacional inerente à própria geografia do país. O exemplo [IDSL:298] *Scheveninger en Scheveningse* representa através de duas figuras (uma masculina e outra feminina) alusivas a profissões do mar à entrada do porto de Scheveningen a cidade tal como o exemplo [IDSL:346] em Dortmund representa a cidade através de elementos das profissões da indústria e da náutica. Já o registo [IDSL:404] *A Candido mesonero mayor de Castilla* representa a cidade mas também a gastronomia local. Aliás, Segóvia em Espanha tal como a Mealhada em Portugal situam-se no mesmo paralelo geográfico, o qual corresponde à zona gastronómica do leitão onde recolhemos a imagem que mostramos (vide Fig. 38).

<sup>167</sup> Tradução nossa.



Fig. 37 - Monumento ao leitão em Mealhada, Portugal.

Portanto, a relação lógica que determina a identificação da Representação é a subordinação, a partir da qual fomos seleccionando e combinando progressivamente o posicionamento semântico das imagens de modo a obter uma listagem suficientemente reduzida que se ajustasse à extensão do *corpus* de amostra. Nesta linha, sublinhamos ainda que as fronteiras entre as representações são muito fluidas pelas razões que temos vindo a enunciar. E as categorias foram delimitadas em função da ocorrência de exemplares.

Quanto aos idiomas, podemos observar no gráfico seguinte que as imagens sem quaisquer inscrições são em maior quantidade. No entanto, como temos vindo a expor ao longo da nossa investigação, isso não significa que as mesmas não apresentem qualquer dimensão linguística. Seguem-se o alemão, o holandês, o francês, o espanhol e o português que correspondem proporcionalmente também à quantidade de exemplares recolhidos nas respectivas zonas linguísticas.

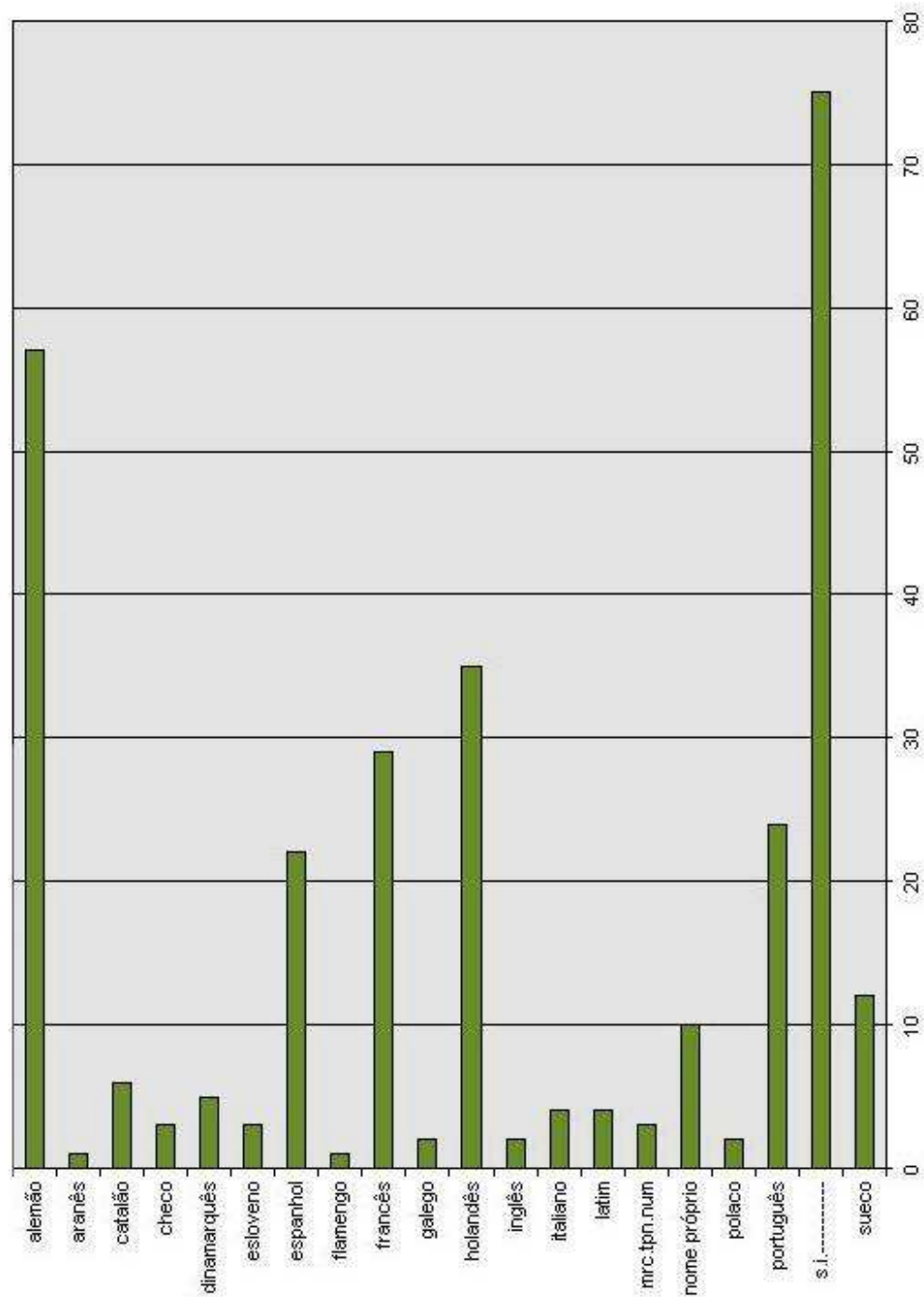


Fig. 38 – Contagem de idiomas.

| Representação ▾ | IDSL ▾ | Contagem ▾ |
|-----------------|--------|------------|
| ☐ Alegoria      | 102    | 1          |
|                 | 108    | 1          |
|                 | 109    | 1          |
|                 | 130    | 1          |
|                 | 135    | 1          |
|                 | 191    | 1          |
|                 | 192    | 1          |
|                 | 288    | 1          |
|                 | 321    | 1          |
|                 | 337    | 1          |
|                 | 363    | 1          |
|                 | 365    | 1          |
|                 | 391    | 1          |
|                 | 498    | 1          |
|                 | 526    | 1          |
|                 | 546    | 1          |
|                 | 549    | 1          |
|                 | 563    | 1          |
|                 | Total  | 18         |
| ☐ Cidade        | 94     | 1          |
|                 | 182    | 1          |
|                 | 190    | 1          |
|                 | 259    | 1          |
|                 | 275    | 1          |
|                 | 286    | 1          |
|                 | 298    | 1          |
|                 | 346    | 1          |
|                 | 369    | 1          |
|                 | 373    | 1          |
|                 | 382    | 1          |
|                 | 387    | 1          |
|                 | 400    | 1          |
|                 | 404    | 1          |
|                 | 423    | 1          |
|                 | 436    | 1          |
|                 | 446    | 1          |
|                 | 453    | 1          |
|                 | 473    | 1          |
|                 | 512    | 1          |
|                 | 544    | 1          |
|                 | Total  | 21         |
| ☐ Lenda         | 178    | 1          |
|                 | 545    | 1          |
|                 | Total  | 2          |

Na tabela ao lado na Fig. 40 são ilustrados os resultados numéricos para cada representação com maior transversalidade linguística e os respectivos subtotais.

Concluimos pela nossa amostra que as representações de Cidade, Alegoria, Militar, Onomástica, Revolução, Mitologia, Toponímia, Resistência e Tempo são as que apresentam maior ocorrência.

Assim, a Cidade encontra frequência no alemão, no checo, no espanhol, no flamengo e no holandês. A Alegoria, no alemão, no francês, no italiano e no sueco. A representação Militar aparece nos idiomas alemão, dinamarquês, francês, italiano e polaco. A Onomástica, no alemão, checo, holandês, italiano e português. A Revolução, no alemão, no catalão, no

italiano e no português. A Mitologia, no alemão, no dinamarquês e no holandês. A Toponímia, no catalão e no francês. A Resistência, no francês e no holandês. A representação Tempo, no alemão, francês e sueco.



| Representação ▾ | IDSL ▾ | Contagem |
|-----------------|--------|----------|
| ☐ Militar       | 83     | 1        |
|                 | 88     | 1        |
|                 | 148    | 1        |
|                 | 232    | 1        |
|                 | 234    | 1        |
|                 | 255    | 1        |
|                 | 265    | 1        |
|                 | 320    | 1        |
|                 | 327    | 1        |
|                 | 332    | 1        |
|                 | 433    | 1        |
|                 | 485    | 1        |
|                 | 542    | 1        |
|                 | 551    | 1        |
|                 | 565    | 1        |
|                 | Total  | 15       |
| ☐ Mitologia     | 84     | 1        |
|                 | 107    | 1        |
|                 | 154    | 1        |
|                 | 202    | 1        |
|                 | 276    | 1        |
|                 | 283    | 1        |
|                 | 294    | 1        |
|                 | 309    | 1        |
|                 | 354    | 1        |
|                 | 524    | 1        |
|                 | Total  | 10       |
| ☐ Música        | 5      | 1        |
|                 | 114    | 1        |
|                 | 123    | 1        |
|                 | 176    | 1        |
|                 | 256    | 1        |
|                 | 444    | 1        |
|                 | 558    | 1        |
|                 | 562    | 1        |
|                 | Total  | 8        |
| ☐ Nacionalidade | 85     | 1        |
|                 | 370    | 1        |
|                 | 460    | 1        |
|                 | 463    | 1        |
|                 | 464    | 1        |
|                 | Total  | 5        |

| Representação ▾ | IDSL ▾ | Contagem |
|-----------------|--------|----------|
| ☐ Onomástica    | 126    | 1        |
|                 | 147    | 1        |
|                 | 149    | 1        |
|                 | 166    | 1        |
|                 | 184    | 1        |
|                 | 224    | 1        |
|                 | 227    | 1        |
|                 | 229    | 1        |
|                 | 231    | 1        |
|                 | 252    | 1        |
|                 | 274    | 1        |
|                 | 350    | 1        |
|                 | 407    | 1        |
|                 | 476    | 1        |
|                 | 538    | 1        |
|                 | Total  | 15       |
| ☐ Patrono       | 138    | 1        |
|                 | 175    | 1        |
|                 | 267    | 1        |
|                 | 361    | 1        |
|                 | 414    | 1        |
|                 | Total  | 5        |
| ☐ Resistência   | 237    | 1        |
|                 | 290    | 1        |
|                 | 396    | 1        |
|                 | 458    | 1        |
|                 | Total  | 4        |
| ☐ Revolução     | 75     | 1        |
|                 | 76     | 1        |
|                 | 125    | 1        |
|                 | 217    | 1        |
|                 | 218    | 1        |
|                 | 319    | 1        |
|                 | 366    | 1        |
|                 | 371    | 1        |
|                 | 380    | 1        |
|                 | 428    | 1        |
|                 | 505    | 1        |
|                 | Total  | 11       |

| Representação ▼ | IDSL ▼ | Contagem |
|-----------------|--------|----------|
| Tempo           | 65     | 1        |
|                 | 92     | 1        |
|                 | 98     | 1        |
|                 | 188    | 1        |
|                 | 381    | 1        |
|                 | 405    | 1        |
|                 | 518    | 1        |
|                 | Total  | 7        |
| Toponímia       | 4      | 1        |
|                 | 134    | 1        |
|                 | 165    | 1        |
|                 | 186    | 1        |
|                 | 221    | 1        |
|                 | 341    | 1        |
|                 | 374    | 1        |
|                 | 392    | 1        |
|                 | Total  | 8        |
| Vitivinicultura | 2      | 1        |
|                 | 129    | 1        |
|                 | 171    | 1        |
|                 | 429    | 1        |
|                 | 443    | 1        |
|                 | 556    | 1        |
|                 | Total  | 6        |

Fig. 39 – Modelos de representação com maior transversalidade linguística.

Na Fig. 41 visualizamos uma síntese da frequência dos modelos de representação conforme a sua ocorrência.

| Representação ▼ | Contagem |
|-----------------|----------|
| Alegoria        | 18       |
| Cidade          | 21       |
| Lenda           | 2        |
| Militar         | 15       |
| Mitologia       | 10       |
| Música          | 8        |
| Nacionalidade   | 5        |
| Onomástica      | 15       |
| Patrono         | 5        |
| Resistência     | 4        |
| Revolução       | 11       |
| Tempo           | 7        |
| Toponímia       | 8        |
| Vitivinicultura | 6        |
| Total geral     | 135      |

Fig. 40 – Síntese dos modelos de representação mais frequentes e com maior transversalidade linguística.



## 4.2 Análise semântica

### 4.2.1 Onomástica

Ex. 1: [IDSL:4] – (*Carrazedo de Montenegro*)

Carrazedo de Montenegro é uma zona de grande abundância de castanheiros e é mesmo considerada a capital da castanha de Portugal. Esta estátua [IDSL:4] que representa um rapaz com uma cesta de castanhas, situada à entrada da freguesia, constitui um marco que assinala a importância deste produto local.

Também o topónimo consiste numa expressão linguística, cuja função semântica se situa na identificação de um local e não na categorização conceptual de uma coisa, de um objecto. É, porém, interessante sublinhar que a motivação semântica na onomástica é descrita com base nos étimos das palavras, ou seja, nas suas etimologias, uma vez que os nomes perderam ao longo dos tempos o seu significado lexical nas comunidades, não estando, por isso, presentes na consciência colectiva.

As estratégias cognitivas na onomástica são sobretudo de natureza metonímica, tal como é o caso de Carrazedo de Montenegro. Segundo José Pedro Machado<sup>168</sup>, a origem de *Carrazeda(o)* e *Carrazede* enquanto topónimo e locativo deve-se ao tipo de vegetação, derivando de carrasco (espécie de carvalho), planta existente em abundância na zona quer no passado quer actualmente. Aliás, o brasão de Carrazedo de Montenegro vem evidenciar este facto.<sup>169</sup> Observamos ainda no sufixo *–edo* com origem no latim que o mesmo refere a ideia de abundância de determinada vegetação, aparecendo com recorrência em topónimos. José Pedro Machado defende esta tese do seguinte modo: “**edo**, sufixo com origem no latim [...] traduz as ideias de ‘coleção de vegetais, plantação’[...] De *edo* – *ede*, documentável sobretudo em topónimos[...].” (DELP, 1952/ 2003: 370).

---

<sup>168</sup> Cf. DOELP (2003). José Pedro Machado diz ainda: “Não creio que se trate de formas derivadas do lat. *\*cariceta*, der. de *carex*, planta aquática [...]” (op. cit.: 360).

<sup>169</sup> Esta hipótese é apresentada por vários estudiosos da região como a mais provável (BBL: (18.02.2009) - Notícias do Douro, O Semanário de Trás-os-Montes <http://concelhos.dodouro.com>).

Quanto ao determinativo “de Montenegro”, parece-nos claro que a dimensão experiencial assume aqui um papel notório na conceptualização linguística. Efectivamente, a localização desta freguesia junto à Serra da Padrela, designada também pela população por *monte negro* devido à densidade da flora, constituída por castanheiros, o que a tornaria escura (ou negra), e ainda para distinguir esta localidade de outras também designadas por “Carrazedo”, parece justificar a motivação semântica de índole experiencial do topónimo.<sup>170</sup>

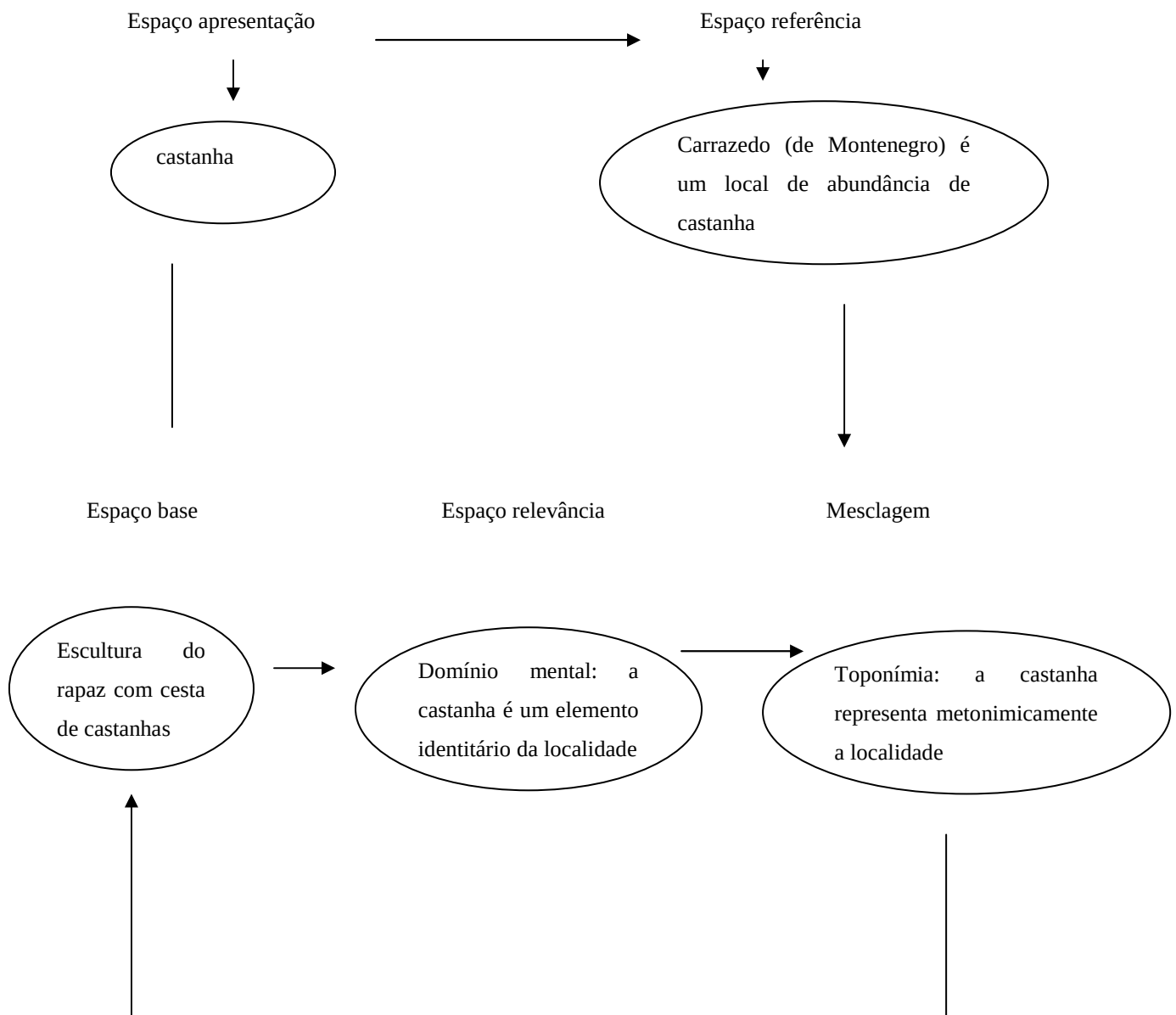


Fig. 41- REM de [IDSL:4] Carrazedo de Montenegro.

<sup>170</sup> Cf. também (18.02.2009) - Carrazedo de Montenegro, Wikipedia  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrazedo\\_de\\_Montenegro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrazedo_de_Montenegro)

A escultura que representa um rapaz com uma cesta de castanhas em Carrazedo de Montenegro [IDSL:4] constitui um espaço de *input* com informação concreta, i.e., a própria estátua. Identificamos igualmente um outro elemento concreto no espaço de apresentação que é a castanha. Estes dois espaços de *input*, a saber o espaço base e o espaço de apresentação confluem num espaço mental genérico<sup>171</sup>, i.e., o espaço de relevância, no qual a castanha é identificada como um elemento identitário da localidade. Este espaço genérico contém a informação selectiva necessária dos dois espaços mentais de *input*, projectando-a num espaço de mesclagem através da relação mental de contiguidade que se estabelece entre o produto da região, a castanha, e o nome da localidade. Esta escultura urbana funciona, assim, como um dispositivo de identidade cultural e linguística do topónimo Carrazedo de Montenegro.

**Ex. 2:** [IDSL:134] - *Faber-Castell (Nürnberg)*

A imagem [IDSL:134] apresenta Faber-Castell, conhecido artista joalheiro e fabricante de lápis, natural de Stein próximo de Nürnberg. Ainda hoje, passados mais de dois séculos após a sua fundação, esta empresa dedica-se ao fabrico de lápis de cor.<sup>172</sup>

Notamos que o significado desta obra escultórica no espaço público em Nürnberg é construído na base de uma motivação cultural de suporte metonímico, na qual assenta a formação da palavra Faber (em Faber-Castell), já que a mesma refere também os lápis com o mesmo nome em língua alemã, e principalmente a designação do local onde se encontra implantada esta escultura. Efectivamente, observamos que a

<sup>171</sup> De acordo com Fauconnier (1999b: 77 e ss.), a rede de integração conceptual é constituída por dois espaços de input, um espaço de mesclagem e um espaço genérico, que na nossa opinião mais não é do que o espaço de relevância designado por Brandt (2001).

<sup>172</sup> Cf. (07.09.2009) - Faber-Castell  
<http://www.faber-castell.com/> e (07.09.2009) - Nuernberg.Bayern-online.de - Schloss Faber-Castell - Schloss Stein  
<http://nuernberg.bayern-online.de/die->

toponímia consiste num lexema complexo formado por “Färber” e “-straße”, sendo que “Färber” constitui uma ligação ao próprio sentido de “Farbe”.

Tal como citado no Goethe-Wörterbuch<sup>173</sup> e no Pfälzisches Wörterbuch, *Färber* é sinónimo de pintor e também aquele que usa a cor para pintar, e é um entendido na utilização da cor ao nível oficial. Precisamente nesta estátua podemos ver o artista com o seu traje de trabalho, designadamente o avental e provavelmente um compasso de medidas, o que comprova a dimensão oficial ligada ao conceito *Färber*. Mais, a inscrição “Juwelier Wallner Lothar Graf von Faber-[...]” indica a arte à qual se dedicava Faber-Castell: a joalharia (*Juwelier* significa joalheiro); ou seja uma arte sobretudo oficial.

O Pfälzisches Wörterbuch acrescenta ainda uma outra definição de *Färber* que refere concretamente o lápis de pintar, de cor, como um significado possível, associado a caixa de lápis, de cores (ferramenta dos pintores):

“Färber Berechnet  
(ungeprüft) Farb(en)-stift / Farbstift  
Farb(en)-, Färben-kasten m.: 'Malkasten'”.<sup>174</sup>

Trata-se, pois, de uma representação semiolinguística gizada a partir da dimensão experiencial, a qual articula o conceito visual com a conceptualização linguística manifesta na toponímia.

**Ex. 3:** [IDSL:252] – *Albrecht Prinz von Preussen (Berlim – Charlottenburg)*

No âmbito da taxonomia acerca da formação de antropónimos em alemão, Jäkel (1999b) aponta os marcos supraregionais como uma estratégia metonímica recorrente, a qual identifica alguém natural de outra nação, ou seja, de outro espaço regional. No que às nações diz respeito, Jäkel (op. cit.) assegura que o nome da nação pode ser precedido pela preposição *von* ‘de’, a qual indica claramente a origem, sendo que em alguns casos

<sup>173</sup> Cf. Goethe-Wörterbuch (Band 3, Spalten 590 - 594 ).

<sup>174</sup> Cf. Pfälzisches Wörterbuch (Band 2, Spalten 1040 - 1046 ).

essa preposição pode já ter caído. O segundo caso é comprovado pelo Ex. 5: [IDSL:476] – Svatopluk Čech, onde observamos que o apelido Čech ‘Checo’ indica a nacionalidade não sendo precedido pela preposição *von* nem por qualquer morfema derivacional, prefixo ou sufixo.

Quanto ao Ex. 3: [IDSL:252], notamos que a nação que dá origem ao antropónimo é precedida pela preposição *von* ‘de’ confirmando-se que o local de origem é uma das estratégias metonímicas na formação de antropónimos em alemão<sup>175</sup>, donde *von Preussen* (da Prússia) identifica a naturalidade em *Albrecht Prinz von Preussen*.

**Ex. 4: [IDSL:476] – Svatopluk Čech (Praga)**

A metonímia do local pode referir-se a marcos geográficos naturais ou artificiais, como ilustramos no Ex. 5 [IDSL:538], e marcos geográficos suprarregionais.<sup>176</sup>

Neste exemplo, estamos perante uma estratégia metonímica, a qual indica referencialmente o país de origem da personalidade. Nota-se através do lexema “Čech” que significa „checo“ que a personalidade é natural do espaço regional designado por nação Checa.

Na verdade, Svatopluk Čech (1846-1908) foi um escritor e jornalista checo que fez a apologia da unidade eslava e relatou os problemas sociais decorrentes da industrialização. É uma personalidade checa que encontra várias referências na toponímia de Praga e noutros monumentos como por exemplo na ponte com o seu nome (Most Svatopluka Čecha) na cidade de Praga.

<sup>175</sup> E também em algumas línguas eslavas como por exemplo o checo, tal como vimos no Ex. 5: [IDSL:476] – Svatopluk Čech. Cf. também (14.03.2009) - Ethnologue, Languages of the world - Language Family Trees - Languages of Czech Republic - Czech

[http://www.ethnologue.com/show\\_language.asp?code=ces](http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=ces)

<sup>176</sup> Jäkel (1999b) apresenta um estudo sobre o papel da metonímia na onomástica advogando que muitos antropónimos alemães, ou seja, os nomes próprios e os apelidos, têm uma motivação semântica transparente, a qual resulta em diversos casos de estratégias metonímicas.



Ex. 5: [IDSL:538] – Antoon van Dyck (*Antwerpen*)

Esta estátua urbana situada em Antwerpen representa o pintor flamengo Antoon van Dyck, natural desta cidade e discípulo de Rubens.

Os traços de identidade marcados por esta obra situam-se quer ao nível da personalidade representada quer no apelido desta destacada personalidade artística flamenga.

Note-se que neste caso de antroponímia é evidente que a sua motivação semântica não requer qualquer investigação mais profunda relativamente à sua etimologia. Perante o antropónimo “van Dyck”, podemos definir com relativa clareza a motivação semântica do mesmo, a partir da sua estrutura morfológica.

De facto, a palavra denota a presença de um marco geográfico, a saber o “dyck/dique”, o qual funciona como origem para o apelido. Mais, podemos ainda relatar que nesta zona da Europa é abundante a existência de diques, pelo que a geografia do local constitui um domínio cognitivo para a conceptualização quer de topónimos quer de antropónimos. Por outro lado, verificamos ainda que a combinação da preposição “van/de” com o marco geográfico “dyck/dique” indica o local de origem da pessoa.

Tal como Jäkel (1999b) atesta, também aqui comprovamos que a metonímia do local (LOCAL DE ORIGEM PARA PESSOA) constitui uma importante estratégia cognitiva na formação de apelidos.

Efectivamente, Antoon van Dyck (1599-1641) nasceu em Antwerpen na Bélgica, zona de terras baixas, onde sempre se construíram diques para permitir a secagem e drenagem das terras. Retratista flamengo, discípulo de Rubens, tornou-se particularmente famoso por ser o pintor oficial da corte real inglesa de Carlos I.

Ainda quanto ao termo ‘dyck’, o mesmo apresenta várias ortografias, sendo que nos parece que a sua origem é a mesma que ‘dijk’, uma vez que identifica uma personalidade natural desta região. Por conseguinte, podemos justificar a base metonímica na formação deste antropónimo tal como explicado no dicionário etimológico do neerlandês:

“1. dijk zn. ‘dam, wal’  
categorie: waarschijnlijk substraatwoord

Onl. in de plaatsnaam Tubindic [996–1029, kopie ca. 1035; Claes 1994a], diic ‘dam’ [1156; Slicher van Bath]; mnl. dijk ‘dam, dijk’ [1254; CG I, 57], bin den dike ‘binnen de dijk’ [1254; CG I, 57], dijc ‘id.’ [1274; CG I, 266], ten dijke ‘naar de poel (der hel)’ [1380–1425; MNW-R], in desen aertschen dijk ‘in dit aardse moeras, deze aardse poel (des verderfs)’ [1470–90; MNW-R].  
Os. dīk ‘dijk, vijver’; ohd. dīch ‘diepte’ (nhd. Teich ‘vijver’); ofri. dīk ‘dam’;  
oe. dīc ‘dam, sloot, vaart’ (ditch ‘sloot’; dīke ‘dijk; dyck; sloot’ is wrsch. aan het Nederlands ontleend); on. dīki ‘poel, moeras’ (nzw. dike ‘sloot’); < pgm. \*dika-.  
Verwant is wrsch. ook ne. dig ‘graven’.  
Verwant met Latijn fīgere ‘steken, hechten’ (zie fixeren); Litouws diegti ‘steken’, dygūs ‘puntig’; bij pie. \*dheig- ‘steken, vastzetten’ (IEW 243–44). Maar gezien de geringe verspreiding, het betekenisveld en de wisseling -k-/-g- in de Germaanse vormen is dit wrsch. een substraatwoord. Zie echter ook deeg.  
Van de twee Middelnederlandse grondbetekeningen ‘ophoping’ en ‘uitdieping’ is alleen de eerste blijven bestaan in de standaardtaal. De tweede, etymologisch oorspr. betekenis leeft wel voort in de dialecten, onder meer in de ruim verbreide betekenis ‘sloot’. Deze metonymische wisseling van betekenis is te verklaren uit de materiële omstandigheid dat bij het graven zowel een diepte als een ophoping ontstaat.  
Dezelfde ontwikkeling doet zich voor bij meer woorden uit dezelfde semantische sfeer als dijk;  
in het Nederlands bij dam en wal.  
Uit het Nederlands is het woord ontleend in Frans digue ‘dijk’, ouder dike [1373; Rey] en diic [1293; Rey]. “. <sup>177</sup> (Sublinhado nosso).

Em suma, o segundo significado etimológico original encontra muitos termos em dialectos, sobretudo no significado alargado de ‘represa’. Esta mudança metonímica do significado pode-se explicar devido às condições materiais perto de valas e lagos. Daí estarmos perante o mesmo campo semântico que *dijk* (dique), o qual, por sua vez, reporta à geografia dos Países Baixos, construídos em cima da praia e com recurso a barragens ao longo dos tempos.

<sup>177</sup> Cf. (13.03.2009) - Etymologisch woordenboek van het Nederlands, onder hoofredactie van dr. Marlies Philippa, dr. Frans Debrabandere, prof. dr. Arend Quak, dr. Tanneke Schoonheim en dr. Nicoline van der Sijs, Amsterdam University Press  
<http://www.etymologie.nl/>

Ex. 6: [IDSL:341] - Vierwinden (Grevenbroich)

A obra em Vierwinden<sup>178</sup> [IDSL:341], representando precisamente quatro ventos, apresenta quatro nus com a cara insuflada expelindo muito vento nas quatro direcções dos pontos cardeais. Esta escultura remete claramente para a localidade, cujo nome é “quatro ventos”/ Vierwinden, a partir do seu sentido físico, ou seja, quatro ventos representados através de quatro figuras humanas soprando (expelindo ar/ vento). Deste modo, afigura-se a origem metonímica desta toponímia através duma contiguidade semântica a partir do agente físico “vento”.

Assim, vislumbra-se através dos quatro elementos desta composição os quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Este, Oeste), os quais podem significar do ponto de vista semiolinguístico a noção de distância, conceptualizando deste modo a trajectória da viagem. Com efeito, parece-nos evidente que o conjunto escultórico em Rasthof Vierwinden<sup>179</sup> – Grevenbroich [IDSL:341] aponta também para a dimensão da viagem enquanto acção de deslocação no espaço, uma vez que o mesmo se encontra implantado numa estação de serviço, ou seja, um local de viagem.

<sup>178</sup> Trad.: quatro ventos.

<sup>179</sup> Estação de serviço de Vierwinden.

A rede de espaços mentais adquire, então, o seguinte formato:

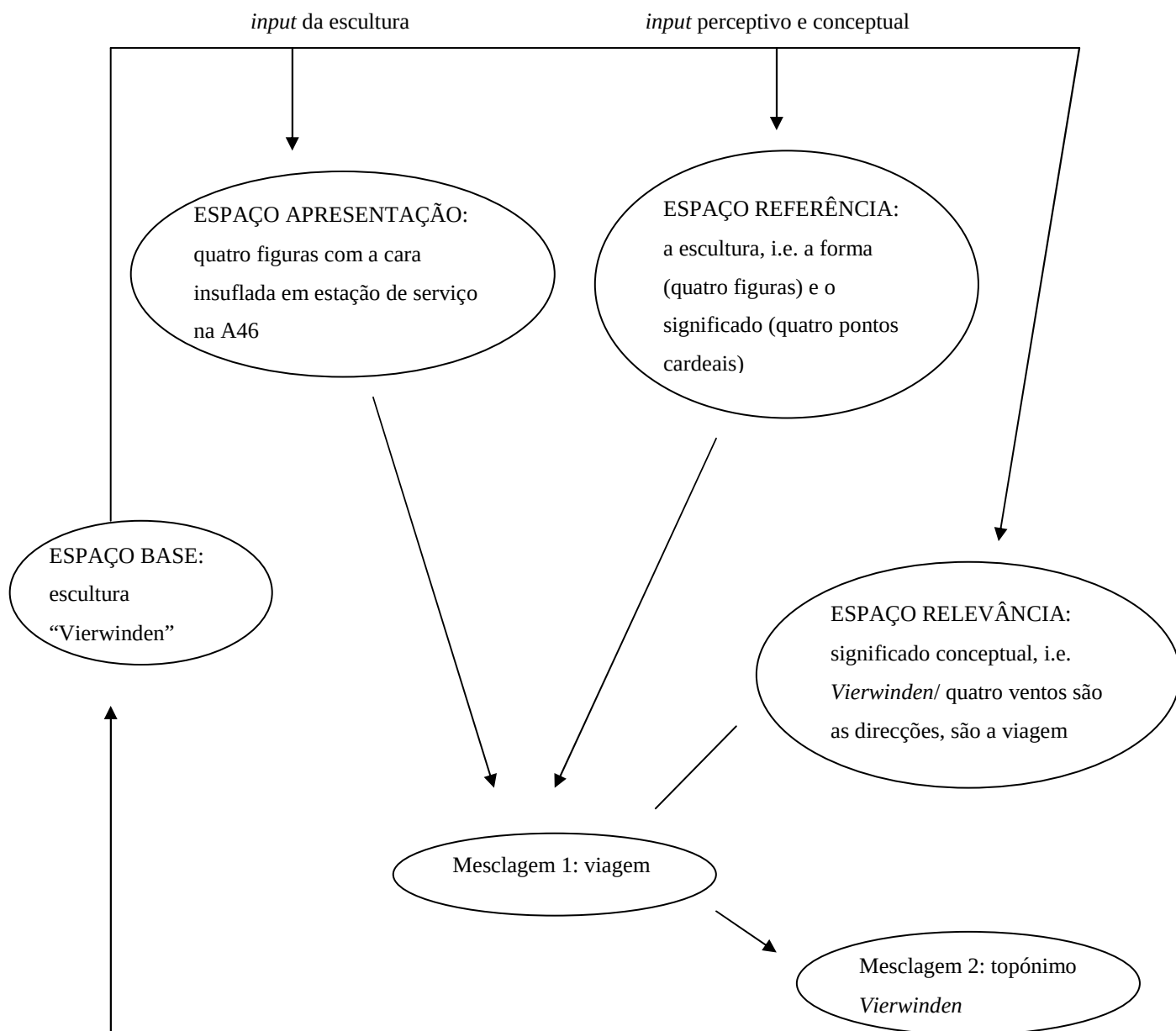


Fig. 42- REM de [IDSL:341] Vierwinden.

O espaço base é constituído pela escultura em bronze “Vierwinden”. Com base nesta escultura, observamos uma dimensão concreta da mesma, a qual consiste em quatro figuras escultóricas com a cara insuflada implantadas numa estação de serviço na A46 em Vierwinden, na Alemanha. Este é, pois, o espaço de apresentação, i.e., o *input* no domínio do concreto. A partir deste espaço apercebemo-nos de um outro espaço mais abstracto e que comporta os níveis perceptivos e conceptuais da “coisa física”. Trata-se, pois, de um espaço de referência que une a forma (quatro figuras escultóricas) ao significado: as quatro figuras representam os quatro pontos cardeais e as direcções associados à dimensão da viagem e, portanto, da deslocação física.

Finalmente, o espaço de relevância estabelece a ligação entre a mesclagem 1 (a dimensão da viagem) e a mesclagem 2 (topónimo *Vierwinden*) através de uma relação de contiguidade semântica entre os quatro ventos que implicam e o nome do local.

**Ex. 7: [IDSL:374] - Porca de Murça (Murça)**

O significado da estátua zoomórfica de Murça que representa uma porca está associado à lenda da cidade e à origem etimológica do termo lexical toponímico que designa a própria vila.

De acordo com a lenda, nesta região abundavam os ursos e javalis, os quais foram progressivamente extintos pelas diversas montarias e caçadas. No entanto, houve uma porca, por alguns denominada de ursa, que sobreviveu, aterrorizando as populações da região devido à sua corpulência e ferocidade. Em 775, o Senhor de Murça libertou a terra do temor deste animal, matando a porca.<sup>180</sup>

Segundo Pedro Machado<sup>181</sup>, o étimo aponta para “ursa” evoluindo em muça > muçam > mussa.

Portanto, a designação toponímica desta vila “Murça” resulta de estratégias metonímicas e metafóricas, as quais têm como domínio de origem o animal então

<sup>180</sup> 2005 Notícias do Douro – O Semanário da Região Demarcada do Douro; Produzido por ardina.com

<http://concelhos.dodouro.com/jornal/murca.asp>

<sup>181</sup> Machado, P. 2003. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

existente na região. Esta operação de contiguidade semântica justifica a implantação desta estátua urbana, a qual funciona como elemento identitário da região, estabelecendo um elo conceptual metafórico entre o animal representado e a vila de Murça.

Salientamos que as etimologias evoluem a partir do domínio natural (fenomenológico e físico) concreto para domínios abstractos: o domínio cultural e o domínio mental.

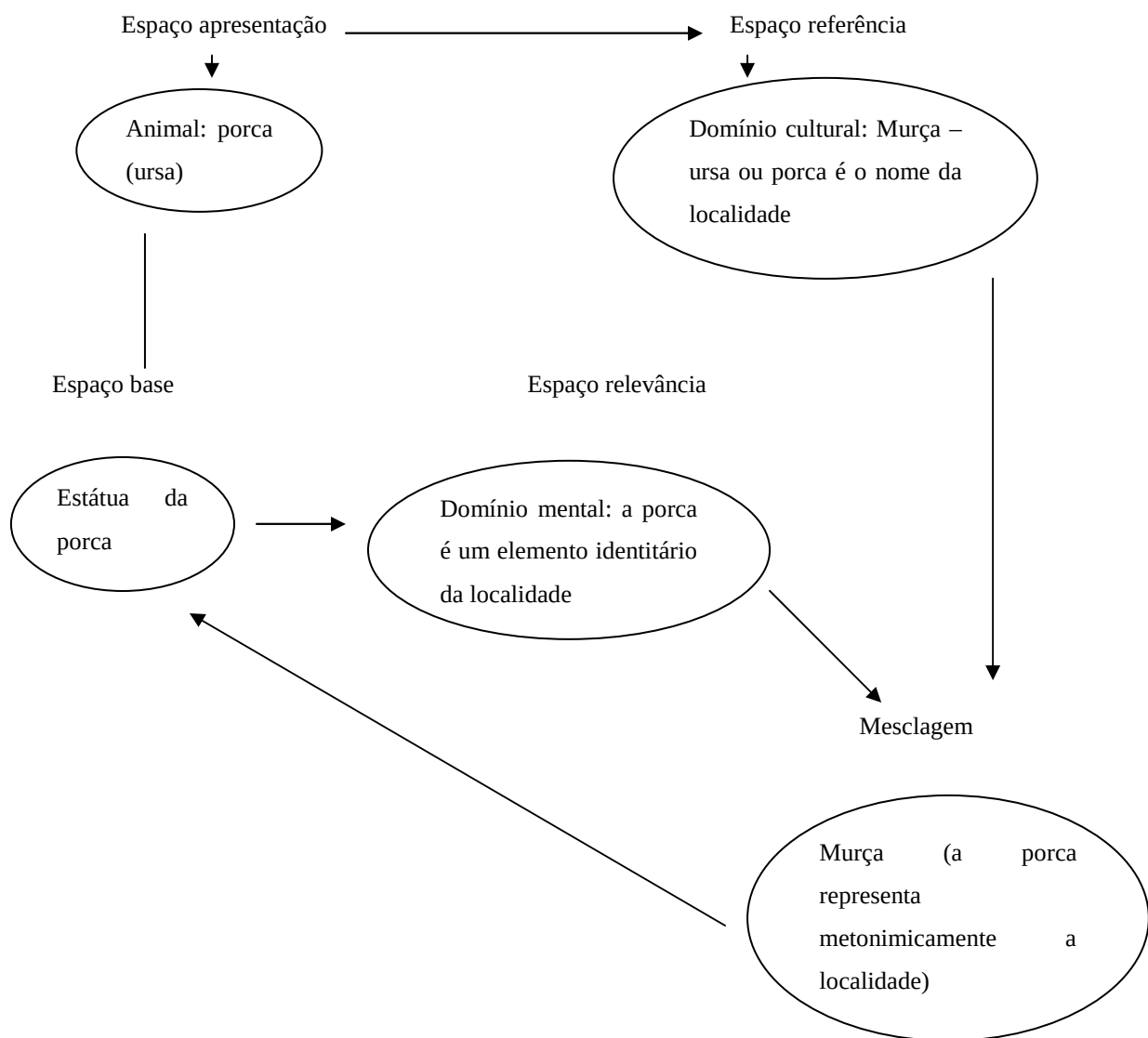


Fig. 43- REM de [IDSL:374] Porca de Murça.

Ex. 8: [IDSL:392] - *La Louve (La Louvière)*

O nome da cidade La Louvière sofreu várias mudanças ao longo dos tempos. A sua origem etimológica deve-se ao termo romano “Menaulu” ou “Meneilut”, o qual significa “covil do lobo”. Este termo evoluiu para o latim em “Luperia” e “Lovaria”. Por sua vez, o termo em latim é novamente traduzido para o romano por “Lovière”.

A partir de Lovière > Le Lovière > La Lovière, tal como é referenciado no sítio oficial da cidade de La Lovière:

« La célèbre Abbaye d'Aulne possédait, sur les deux rives du Thiriau, d'importantes propriétés appelées dans les chartes du 12<sup>ème</sup> siècle « Menaulu » ou « Meneilut ». Ce mot roman (meigne au leu = repaire du loup) est devenu en latin « Luperia » en 1157 et « Lovaria » en 1168. Le concept latin, retraduit en roman, a été transformé en « Lovière » en 1217, « Le Lovière » en 1284 pour aboutir au terme « La Louvière ». Il faut préciser qu'à l'époque, le territoire actuel de La Louvière était une parcelle de l'ancienne forêt charbonnière, constituée de bois sombres et d'une nature sauvage, endroit de prédilection pour les loups [...] ». <sup>182</sup>

Também de acordo com a lenda da cidade, descobertas históricas contam que foi encontrada neste local uma loba amamentando uma criança. Esta crença popular encontra eco na história de Rómulo, fundador da Roma antiga. <sup>183</sup>

Por outro lado, esta era uma região onde abundavam os lobos devido à densidade de florestas.

Podemos antever neste caso uma analogia com a famosa estátua da *Lupa Capitolina* <sup>184</sup>, a qual amamenta os gémeos Rómulo e Remo considerados os fundadores lendários de Roma.

Assim, a conceptualização da latinidade é apresentada pela imagem da loba, donde o significado semio-linguístico desta imagem escultórica assenta na integração da relação forma-função com o elemento simbólico identitário através do elo metonímico que se estabelece entre o animal e a sua representação icónica.

<sup>182</sup> Ville de La Louvière, *Histoire* - <http://www.lalouviere.be/>

<sup>183</sup> Id., *ibid.* *passim*.

<sup>184</sup> <sup>184</sup> Loba do Capitólio. A origem desta estátua é etrusca, remontando ao século V a.C., sendo que as figuras de Rómulo e Remo lhe foram acrescentadas já no século XV.

A implantação desta estátua urbana nesta cidade *La Louvière* e no local *Place de La Louve* denota a sua semantacidade, a qual assenta numa construção metafórico-metonímica que tem como domínio de origem o animal representado, i.e. a loba.

Logo, os nomes da localidade e do local, ou seja as designações toponímicas, têm uma motivação cultural para além do seu significado etimológico, o qual resulta de estratégias metonímicas.

Uma outra estratégia de representação semiótica e linguística que determina a construção do significado associado a esta obra é a metáfora, pois os habitantes de *La Louvière* são designados por “os lobos”.<sup>185</sup>

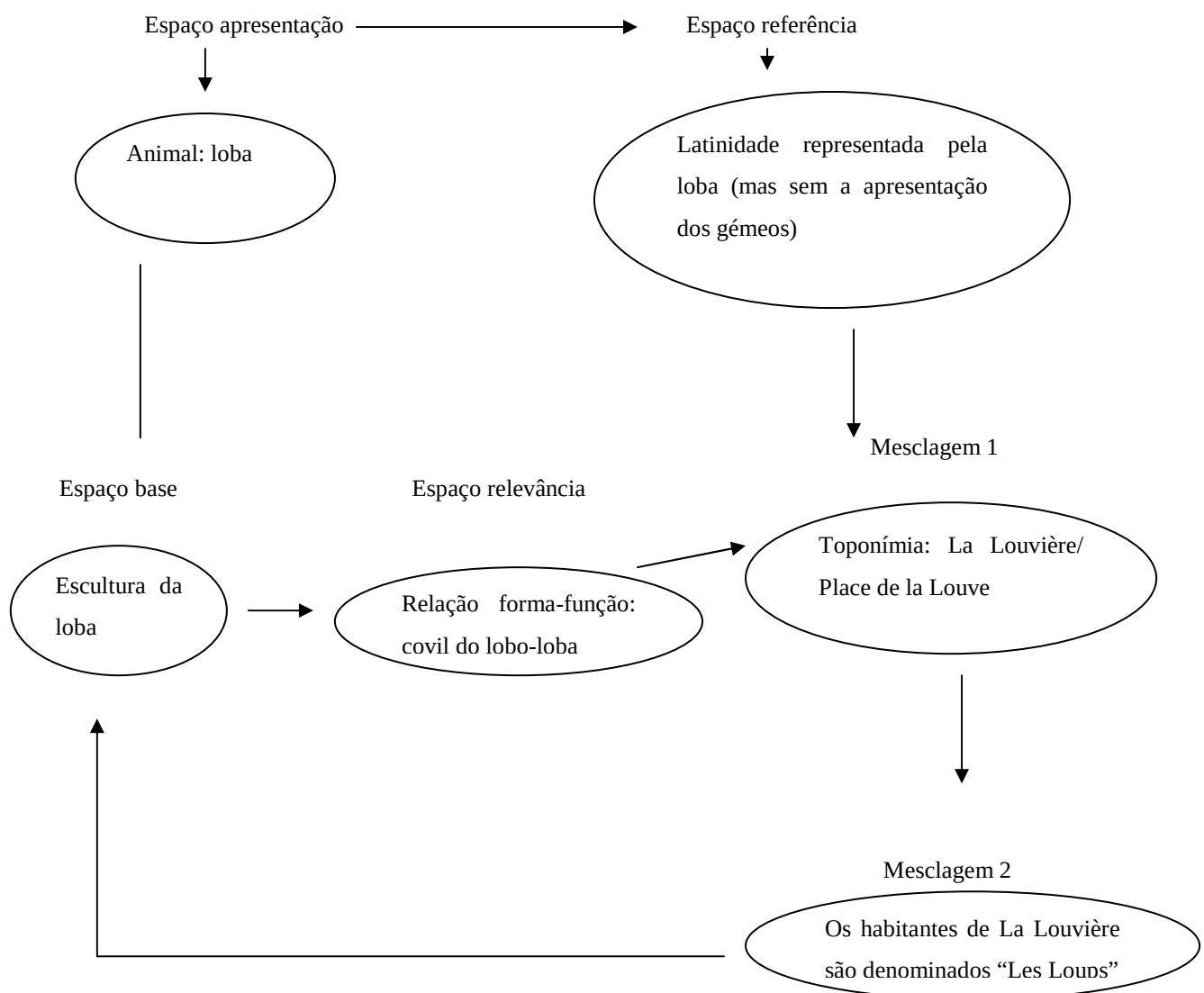


Fig. 44- REM de [IDSL:392] La Louve.



O Espaço de Apresentação desta estátua coincide com a representação do animal (a loba) no Espaço Base da própria escultura. A relevância desta estátua assenta na relação forma-função, a qual resulta numa mesclagem de natureza metonímica que dá o nome à cidade e ao local bem como numa mesclagem de natureza metafórica, a qual tem como domínio de origem o animal representado. Assim, um dos significados releva a toponímia e outro transporta a dimensão experiencial para um nível mais abstracto na imagem metafórica OS HABITANTES DE LA LOUVIÈRE SÃO OS LOBOS (“LES HABITANTS DE LA LOUVIÈRE SONT LES LOUPS”).

O Espaço da Referência remete para a dimensão cultural da Latinidade, cujo tema é representado metonimicamente pela estátua da loba.

**Ex. 9:** [IDSL:452] - *Six Attitudes (Tournai)*

O grupo de seis estatuetas de bronze no Conservatoire de Musique de Tournai representam os ofícios de Tournai (“dinanderie”<sup>186</sup>, pintura, tapeçaria, música, “orfèvrerie”<sup>187</sup> e porcelana), aos quais estão associados os nomes de seis artesãos desta cidade: Michel Lemaire (1423), Robert Campin (1427), Pasquier Grenier (1493), Pierre de la Rue (1518), Lefebvre Caters (1765) e J.F. Peterinck (1787).<sup>188</sup> Estes nomes aparecem inscritos em placas subjacentes às figuras.

<sup>185</sup> “Les habitants de La Louvière sont surnommés ‘Les loups’” - Ville de La Louvière, *Histoire* - <http://www.lalouviere.be/>

<sup>186</sup> Técnica e estilo que consiste na criação de relevos pelo acto de repuxar metais (cobre e suas ligas) em diversos tipos de vasilhame. A palavra “dinanderie” remonta ao século XIV e designa a arte originária da cidade de Dinant na Bélgica. Cf. (14.08.2008) - Dinanderie <http://fr.wikipedia.org>

<sup>187</sup> Arte de trabalhar os metais preciosos como o ouro ou a prata.

<sup>188</sup> Cf. (18.08.2008) - «Pasquier Grenier», <http://de.wikipedia.org>; - «Robert Campin», <http://pt.wikipedia.org>; - Pierre de la Rue (c.1460-1518) - «A discography» <http://www.medieval.org/emfaq/composers/larue.html>

Os diferentes ofícios são ilustrados pela mesma imagem de um efebo anónimo sem traços de expressão visíveis, mas de uma forma quase poética, onde se realçam sobretudo as atitudes e as poses bem como os instrumentos de cada ofício.

Simultaneamente os contornos destas figuras escultóricas identificam quase academicamente os artistas de outrora como se de recortes de artesãos em plena actividade artística se tratassem. De facto, vislumbram-se nestas silhuetas os utensílios das respectivas artes, as atitudes meticolosas no exercício do ofício e o afinho espelhado nas poses dos artesãos.

Estas pequenas estátuas cimeiras neste edifício neo-clássico no centro histórico de Tournai vêm render memória ao património etnográfico da região da Valónia e à cidade de Tournai, documentando as artes que se esvaneceram ao longo dos tempos mas que constituíram um suporte valioso da dimensão económica e vivencial desta região.

O título desta obra *Six Attitudes* é uma referência clara aos seis ofícios e respectivas personalidades locais representadas. Numa dessas referências, notamos um dispositivo de identidade local e regional que se prende com a actividade da *dinanderie*. Este ofício consiste na manufactura de objectos de metal (sobretudo vasilhame) em cobre e suas ligas, através de um repuxamento do metal criando relevos nos objectos. O nome desta actividade tem na sua origem o nome da própria terra, onde esta arte se tornou particularmente conhecida, ou seja, a cidade de Dinant na Bélgica.

Assim, sublinhamos a estratégica metonímica que está na base do nome deste ofício: LUGAR (DE ORIGEM) PARA ACTIVIDADE. Quanto à estrutura morfológica do lexema, notamos que a formação da palavra deriva do radical de *dinandier*, cuja origem reside no nome da cidade de Dinant na Valónia na Bélgica:

“Dinanderie n. f. XVe siècle. Dérivé du radical de dinandier. 1. Ensemble des ustensiles de cuivre jaune fabriqués à l'origine dans la ville de Dinant, en Belgique. 2. Art de travailler le cuivre et ses alliages, spécialement par martelage ; usine, atelier où l'on pratique cet art. Dinandier n. m. XIIIe siècle, dignandier. Dérivé de Dinant, nom d'une ville de Belgique. Fabricant ou marchand de dinanderie.”<sup>189</sup>

---

(14.08.2008) - «Institut Destrée» <http://www.institut-destree.eu/>; - «Dinanderie» <http://fr.wikipedia.org>; - «Gigi Warny – Attitudes» <http://www.gigiwarny.be/Attitude2.htm>

(19.08.2008) - «Patrimoine de France» <http://www.patrimoine-de-france.org/mots/mots-acade-29-14051.html>

<sup>189</sup> Segundo (01.03.2009) - Patrimoine de France - ministère de la Culture et de la Communication - direction de l'Architecture et du Patrimoine.

Portanto, a estrutura metonímica constitui uma motivação semântica de natureza referencial, apontando a localidade de Dinant como domínio de origem para o lexema que designa o ofício.

**Ex. 10:** [IDSL:513] – *La puntaire de L’Arboç (L’Arboç)*

Esta estátua da rendilheira de L’Arboç encontra-se implantada na rotunda da estrada nacional N-340 à entrada da localidade e apresenta uma figura feminina fazendo renda, em tudo semelhante à tradicional renda de bilros que conhecemos em Portugal. Efectivamente, podemos observar nesta peça uma almofada sobre o colo da figura, a qual se encontra ainda apoiada sobre um arbusto de medronheiro, onde a mesma fixa elementos semelhantes aos bilros. Este tipo de renda surge bastante associado à região da Catalunha<sup>190</sup>, sendo que o seu nome aparece ligado ao elemento “almofada”, “coxí” em catalão. Também em L’Arboç se encontra uma das oficinas mais antigas, cuja origem remonta a 1625, deste tipo de ofício - o «Taller de Punta al Coixí l’Embolic».<sup>191</sup>

Na representação deste conjunto escultórico, observamos não só a *Puntaire* trabalhando a sua renda com recurso aos utensílios necessários, a almofada e os bilros, mas também a composição cénica que enquadra a actividade apresentando um outro elemento identitário, o arbusto do medronheiro. De facto, o nome desta localidade tem na sua origem o arbusto do medronheiro, o qual é um tipo de vegetação comum nesta

---

<http://www.patrimoine-de-france.org/mots/mots-acade-29-14051.html>;  
Architecture&Patrimoine

<http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/patrimoine/>

<sup>190</sup> Cf. (26.02.2009) - Associació Catalana de Puntaires

<http://www.puntaires.com/>

<sup>191</sup> Cf. (10.11.2008) – 2007 – Guia turística, L’Arboç, Vila monumental i modernista, Ajuntament de l’Arboç, Patronat de Turisme de la Diputació de Tarragona \*.pdf – Ajuntament de l’Arboç

<http://www.arbocenc.org/>

Também o “Museu de Punes al Coixí” atesta a importância cultural da renda nesta localidade.

zona mediterrânica. O nome L'Arboç deriva de *arbustus unedo* (medronheiro) tal como explica Joan Tort Donada:

"L'Arbocet (s. XV) [término de Vilanova d'Escornalbou]

Agregado del término de Vilanova d'Escornalbou, que había sido también una dependencia de la baronía de Escornalbou. El nombre alude al arbusto *Arbutus unedo*, bastante habitual en las tierras mediterráneas. [...] la terminación -et no tiene carácter de diminutivo, sinó de colectivo (latín -ETUM) (coexisten las formas L'Arbocet y L'Arboç, mientras que en los documentos suele aparecer sólo esta última.) [...]."<sup>192</sup>

Também a Enciclopèdia Catalana confirma a origem etimológica do termo *arboç*, pelo que nos parece estar de acordo com a tese da etimologia do topónimo defendida por Donada:

"arboç : [1409; del ll. *arbŭtĕus*, -a, -um adjectiu corresponent a *arbŭtum*, nom de la cirereta, i *arbŭtus*, nom de l'arbust, a través del ll. vg. *\*arbŭciu*] ; m BOT Petit arbre o arbust de la família de les ericàcies (*Arbutus unedo*), de fulles verdes tot l'any i de flors blanques disposades en ramells al capdamunt de les branques, el fruit del qual és la cirera d'arboç."<sup>193</sup>

Assim, verificamos que nesta obra de estatúária confluem dois dispositivos de identidade local, os quais estabelecem um elo identitário com uma actividade (a renda) e com a região física (zona do arbusto do medronho). Aliás, a própria inscrição vem acentuar este facto: "L'Arboç a la Puntaire", ou seja, a presença do arbusto e da *puntaire* na representação iconográfica. Deste modo, a dimensão linguística reforça a dimensão iconológica do significado.<sup>194</sup>

---

<sup>192</sup> Cf. (22.02.2009) - Joan Tort Donada, Toponimia y territorio. Los nombres de los núcleos de población de la Comarca del Baix Camp, Tarragona, desde una perspectiva onomasiológica - Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Nº 67, 1 de julio de 2000.

<http://www.ub.es/geocrit/sn-67.htm#29>

<sup>193</sup> Segundo (22.02.2009) - L'Enciclopèdia - Diccionari - El Grup Enciclopèdia Catalana, SAU

<http://ec.grec.net/lexicx.jsp?GECART=0011065>

<sup>194</sup> Cf. Panofsky (1955/1989) e capítulo 2.2. desta tese.

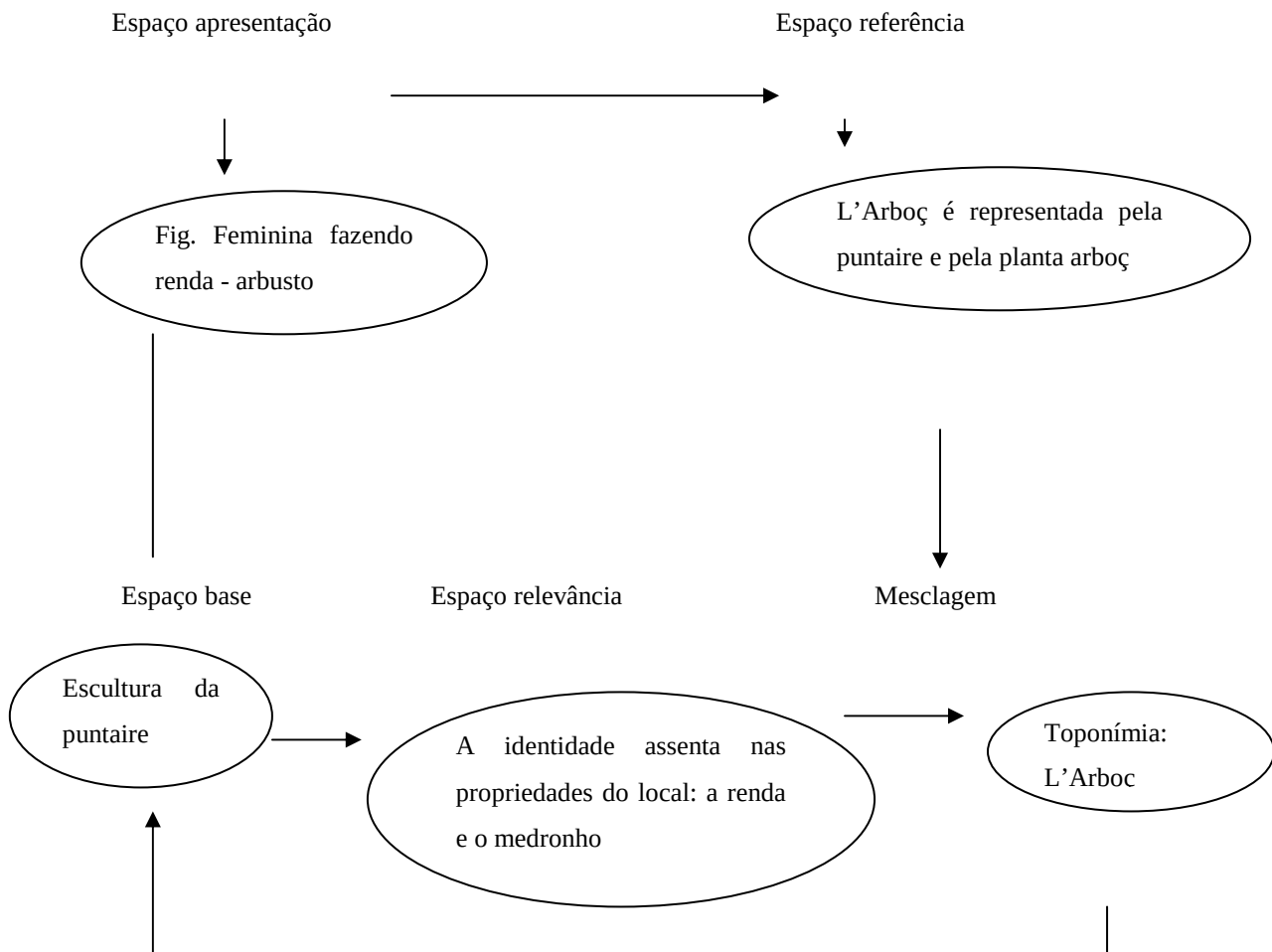


Fig. 45- REM de [IDSL:513] La puntaire de L'Arboç.

A escultura "L'Arboç a la Puntaire" constitui o espaço base. A partir desta obra escultórica observamos no espaço de apresentação vários elementos, a saber, uma figura feminina, um arbusto, uma almofada e bilros. Este espaço aponta para a referência da mesma através ainda da própria inscrição que nos refere que L'Arboç é representada pelo arbusto e pela renda. O que se torna imediatamente relevante nesta escultura é a identidade local se fundar no nome da terra, o qual provém do arbusto do medronho e da actividade da *puntaire* – a rendilheira. Assim, verificamos um espaço de mesclagem no topónimo L'Arboç, lexema formado por metonímia.

Também o item lexical *puntaire* apresenta uma estratégia cognitiva de natureza metonímica na sua formação, a qual explanamos a seguir a partir da teoria dos *frames* conceptuais.

De facto, o modelo conceptual que descreve a actividade através do item lexical *puntaire* funda-se numa contiguidade com outros conceitos que já existem e que se reportam ao mesmo domínio cognitivo, a saber, *punta* e *puntes*, já que este ofício é também designado por “l’art de la punta”, sendo “punta” o utensílio equivalente aos bilros, ou “puntes al coixí” que podemos traduzir livremente por “pontos na almofada”.

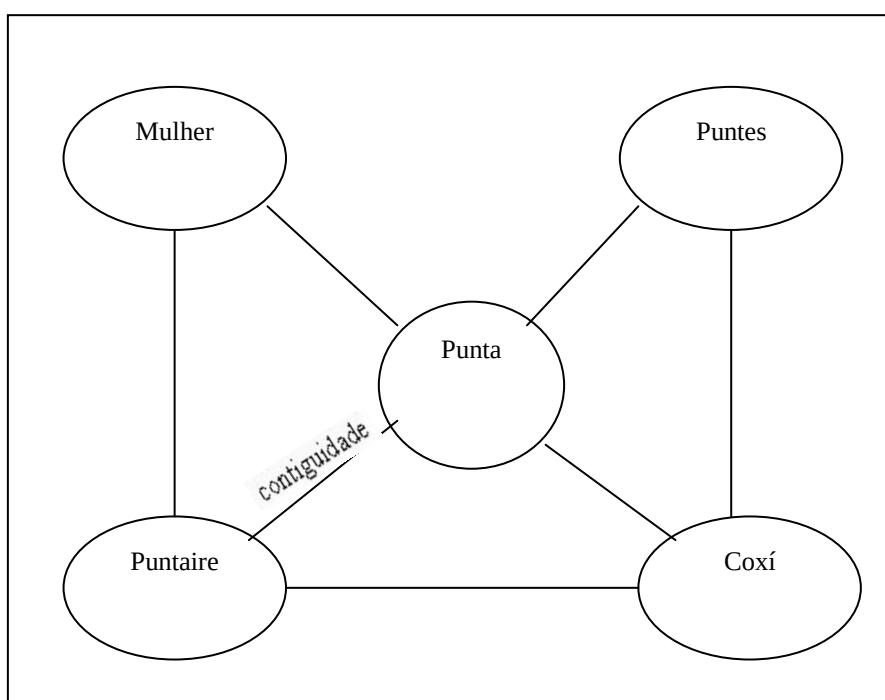


Fig. 46- Frame de “puntaire”.

Observamos que no *frame puntaire*, as relações de contiguidade apenas se estabelecem entre os membros salientes da categoria conceptual. Porém, a metonímia da qual resulta o lexema *puntaire* não é apenas uma extensão semântica do protótipo; do ponto de vista onomasiológico *puntaire* não é uma categoria periférica de *punta*, coexistindo antes duas categorias conceptuais distintas no mesmo *frame*. Esta relação de contiguidade permitiu a formação de um outro item lexical idêntico ao original, o qual

semanticamente constitui uma derivação fundada numa relação de contiguidade dentro do mesmo *frame*.

Este processo lexical envolve segundo Koch (1999: 141 e ss.) duas explicações de natureza cognitiva: semasiológica, segundo a qual o domínio de origem se reporta neste caso aos pontos na almofada, e onomasiológica, porque os *frames* enquanto unidades conceptuais apresentam uma rede de contiguidades, nos quais nenhum dos itens lexicais é periférico, mas o processo lexical de formação dos mesmos assenta em aspectos perceptivos forma/fundo e níveis de saliência semântica.

Ex. 11: [IDSL:126] – *Der Ulenköper (Uelzen)*



Fig. 47- Placa de Der Ulenköper.

O conjunto escultórico na localidade de Uelzen na Alemanha composto por duas figuras, um saco e uma coruja assenta numa lenda local, que determina pelo menos um aspecto de identidade local no domínio da antonomásia. Efectivamente, a placa relativa a esta imagem relata-nos a lenda local, a qual nos dá conta da alcunha dos naturais de

Uelzen. Transcrevemos o texto da placa seguido da respectiva tradução a fim de melhor entendermos o dispositivo identitário marcado nesta escultura urbana.

Inscrição na placa: "Der Ulenköper. Eines Sonntags morgens ging ein Bauer durch die Stadt Uelzen und trug einen Sack, da krabbelte etwas darin. Ein Kaufmann fragte ihn, was darin wäre. "Barftgans", antwortete der Bauer. Der Kaufmann verstand "Barkhahns" und zahlte ihm viel Geld auf die Hand für den Braten. Aber zu Haus flogen drei junge Eulen aus dem Sack. Der Kaufmann wurde ärgerlich und er klagte im Rathaus gegen den Bauern. Der aber sagte, er hätte Barftgans und nicht Barkhans verkauft und Eulen gingen Tag und Nacht barfuß, ohne Schuh und Strümpfe. Der Richter lachte und gab ihm recht. Seit dieser Zeit heißen die Uelzener die Ulenköper."

Inscrição (trad.): Num domingo pela manhã, um camponês foi à cidade de Uelzen e levou um saco onde arranhava qualquer coisa lá dentro. Um comerciante perguntou-lhe o que se passava dentro do saco. "Barftgans", respondeu o camponês. O comerciante compreendeu "Barkhahns" e deu-lhe muito dinheiro para a mão pelo assado. Mas já em casa voaram-lhe três pequenas corujas do saco. O comerciante ficou furioso e apresentou queixa na Câmara contra o camponês. Mas este disse-lhe que ele tinha vendido "Barftgans" e não "Barkhans" e as corujas andavam descalças dia e noite, sem sapatos e meias. O juíz riu e deu-lhe razão. Desde esses tempos os naturais de Uelzen são Ulenköper.

Trata-se, pois, de uma pequena história directamente ligada à comunidade e que descreve de forma humorística e jocosa um traço de identidade dos naturais desta localidade. O elemento linguístico através do trocadilho entre „Barftgaans“ (Barfüßige), ou seja, ‘descalços’, palavra que fora proferida intencionalmente com o intuito de enganar, de modo a que fosse entendida a palavra „Barkhahns“ (Birkhähne), ou seja, ‘galos’. Assim, o comerciante sentiu-se enganado, ao que o camponês argumentou que lhe tinha vendido ‘descalços’ e que as corujas andavam descalças. Portanto, com base nesta história, os naturais de Uelzen são ainda hoje conhecidos por „Uhlenköper“ (Eulenkäufer), i.e. comerciantes de corujas.

Observamos através da lenda de Uelzen que dá origem à alcunha dos seus naturais que esta representação linguística, i.e. os „Uhlenköper“ decorre de aspectos perceptivos, da imaginação e da memória bem como do factor comunicacional envolvente. É por este motivo que advogamos que a conceptualização e a representação



linguística decorrem de um processo mental para o qual contribuem esquemas conceptuais, mesclagens e vários níveis de simbolização. Assim, a comunicação *scripto*-visual presente na imagem veiculada pela estatuária no espaço público adquire uma estrutura linguística e figurativa que apresentam formatos mentais semelhantes.<sup>195</sup>

Na realidade, o conceito „Uhlenköper“ resulta de uma integração linguística assente num discurso de identidade cultural, cuja REM<sup>196</sup> apresenta o seguinte formato:

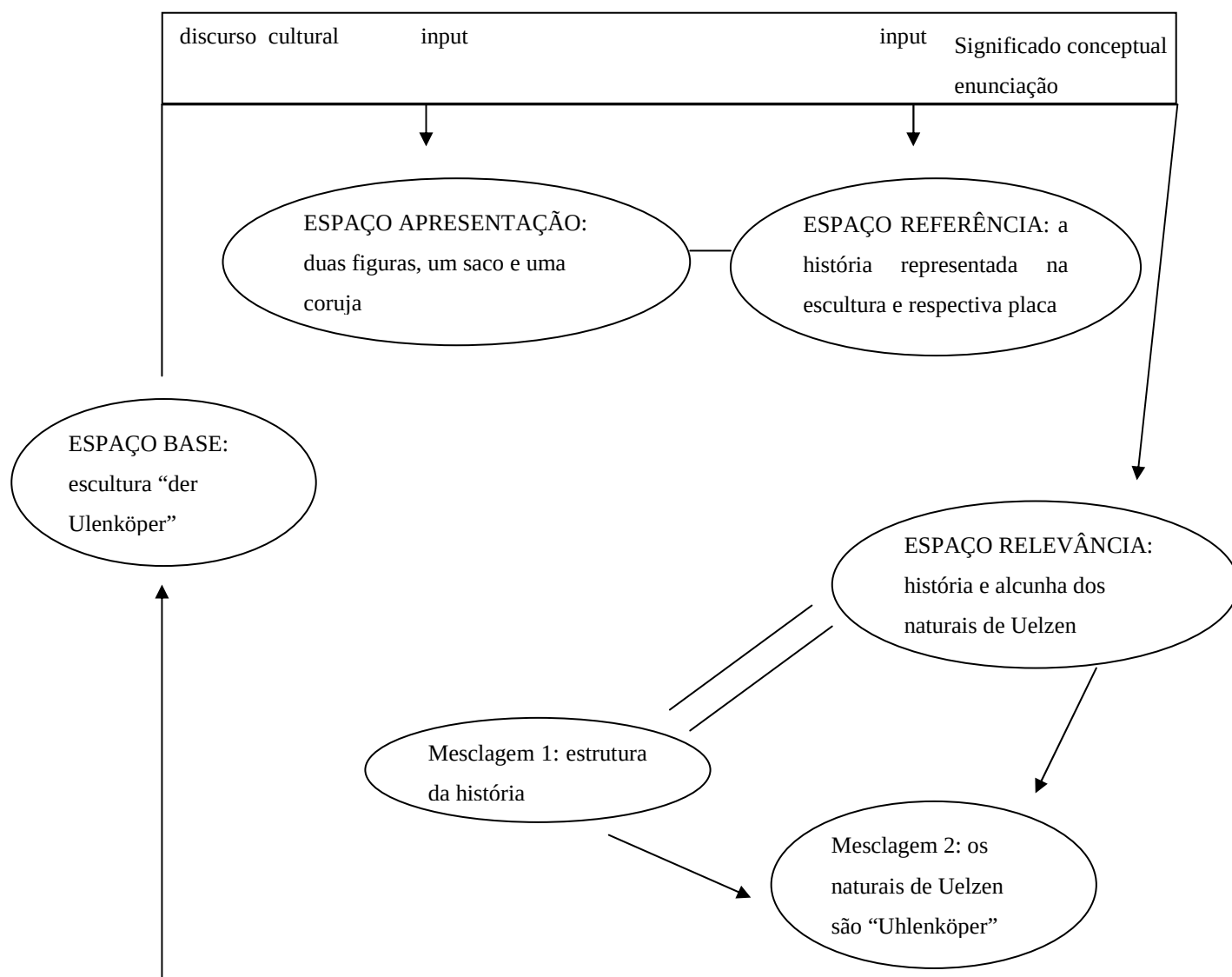


Fig. 48 - REM de [IDSL:126] Der Ulenköper.

<sup>195</sup> Cf. também capítulo 2.1.

<sup>196</sup> Usaremos a sigla REM para nos referirmos à rede de espaços mentais.

A representação fenomenológica da escultura bem como da sua representação linguística presente na placa afixada à obra não têm *per se* uma coerência própria independente da localidade onde está implantada, pois encerram um discurso cultural. Assim, o espaço de apresentação e o espaço de referência, ou seja, as duas figuras humanas, o saco e a coruja, a história e a placa que a apresenta constituem respectivamente os dois *inputs*: a forma e a sua percepção. O espaço de relevância informa-nos do significado conceptual presente no nível de enunciação da história e da escultura, ou seja, a alcunha dos naturais de Uelzen.

Finalmente, apercebemo-nos de dois níveis conceptuais: a primeira mesclagem reporta a estrutura da lenda e a sua interpretação (desta lenda advém uma moral), a segunda mesclagem situa-se ao nível da metáfora conceptual que identifica os naturais de Uelzen a partir dessa mesma lenda, i.e. os naturais desta localidade são „Uhlenköper“, lexema complexo formado por *Ulen*<sup>197</sup> ‘coruja’ e *-köper*<sup>198</sup> ‘compradores’ e que significa comerciantes de corujas.

**Ex. 12:** [IDSL:224] – *Hans Hummel-Figuren in der City (Hamburg)*

Hans Hummel representa os aguadeiros de Hamburgo, um tipo sócio-profissional daquela cidade.

A estátua representa o cidadão Johann Wilhelm Bentz que viveu em Hamburgo no século XIX, sendo apresentado como um aguadeiro mal-humorado, o qual as crianças alcunhavam de *Hummel Hummel*. A este chamamento, que era também uma forma que as crianças usavam para cumprimentar o aguadeiro, Hans Hummel apenas respondia *Mors Mors*.<sup>199</sup>

<sup>197</sup> Cf. EWdD (2000: 305).

<sup>198</sup> Cf. EWdD (2000: 640).

<sup>199</sup> Trata-se de uma expressão linguística em *Plattdeutsch*, uma variante dialectal do alemão falada no norte da Alemanha (Hamburgo e Niedersachsen), e que significa “rabo”/ “Hintern”.

PWdU (1997) = Pons. Pons – Wörterbuch der deutschen Umgangssprache. Küpper, H. 6. Nachdruck. Stuttgart/ München/ Düsseldorf/ Leipzig: Klett.

A expressão *Hummel, Hummel – Mors, Mors!* é actualmente uma forma de cumprimento típica da zona de Hamburgo, donde actualmente *Hummel Hummel* designa também os naturais de Hamburgo. Esta dimensão cultural do discurso presente na expressão idiomática tornou-se uma metáfora convencional que funciona como um dispositivo de identidade associado aos naturais de Hamburgo:

“Hummel, Hummel, Mors, Mors! Erkennungsruf der Hamburger. ‘Hummel’ war der Spitzname eines Hamburger Wasserträgers namens Johann Wilhelm Benz (1787-1854). Er hatte eine mürrische Art, die man in Hamburg ‘hummelig’ nennt. Die Straßenjungen neckten ihn mit dem Ruf ‘Hummel, Hummel!’, worauf er ‘Mors, Mors!’ erwiderte, was aus ‘leck mich am Arsch!’ (in plattdeutscher Aussprache) verkürzt ist. Etwa seit 1840.“ (PwDU, 1997: 365).

De facto, esta expressão linguística denota uma dimensão experiencial associada a uma actividade comum na cidade de Hamburgo no passado, a qual reflecte dois domínios de origem concretos: a actividade do carregador de água e o mundo animal, já que *Hummel* significa também „abelhão/ zangão“<sup>200</sup>. Assim, o significado é transportado para uma dimensão metonímica e metafórica, a qual representa, por um lado, o carácter diligente e trabalhador dos naturais de Hamburgo, tal como um insecto, uma abelha, e por outro lado, uma forma de cumprimento.

Não obstante, e tal como referenciado no dicionário de alemão coloquial *supra*<sup>201</sup>, estamos perante o carácter imaginativo e criativo da metáfora, tal como Lakoff /Johnson (1980: 53) explanam. Este carácter diligente e trabalhador está ainda presente nas expressões linguísticas que se seguem, as quais combinam os lexemas *Hummel*, *Arsch* e *Hintern* correspondentes a *Mors* do Plattdeutsch:

“Hummeln im Arsch haben = nicht ruhig sitzen können. [...] Hummeln im Hintern haben = a) unruhig sitzen; von unruhiger Wesensart sein.“ (PWdU, 1997: 365).

---

Sanders, W. 1982. *Sachensprache, Hansesprache, Plattdeutsch. Sprachgeschichtliche Grundzüge des Niederdeutschen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Saß, J. 2006. *Der Neue SASS – Plattdeutsches Wörterbuch. Plattdeutsch – Hochdeutsch. Hochdeutsch – Plattdeutsch*. Neumünster: Wachholtz Verlag.

Wikipedia – Hans Hummel

<http://de.wikipedia.org/wiki/HansHummel>

<sup>200</sup> Cf. EWdD (2000: 561).

<sup>201</sup> Cf. PWdU (1997) = Pons. Pons - Wörterbuch der deutschen Umgangssprache. Küpper, H. 6. Nachdruck. Stuttgart/ München/ Düsseldorf/ Leipzig: Klett.



Fig. 49- Estátua em pedra de Hans Hummel em Hamburgo. Foto em: Wikipedia – Hans Hummel <http://de.wikipedia.org/wiki/HansHummel>

Seguem-se duas representações de estátuas urbanas do aguadeiro: a figura 49 apresenta a estátua em pedra<sup>202</sup> integrada numa fonte do aguadeiro Hans Hummel, implantada em 1938 em Rademachergang, e patrocinada pela Associação dos Naturais de Hamburgo<sup>203</sup>. A figura [IDSL:224] Hans Hummel-Figuren in der City representa o aguadeiro em PRFV, presente numa exposição pela cidade de Hamburgo no ano de 2003.

MIT DENN BOO-VEREEN  
TO HAMBORG TOHOOP  
OEVERGEVEN VON DENN  
VEREEN GEB. HAMBORGER  
RV VON 1897 AN DE  
HANSESTADT HAMBORG  
SUENNDAG DEN 13. SEPT.1938

[Inscrição: hochdt. “Zusammen mit dem Bauverein zu Hamburg übergeben vom Verein geborener

Hamburger RV von 1897 an die Hansestadt Hamburg am Sonntag, den 13. Sept. 1938”].



Fig. 50- Incrição no conjunto em pedra. Foto em: Wikipedia – Hans Hummel <http://de.wikipedia.org/wiki/HansHummel>

<sup>202</sup> A figura 50 apresenta a respectiva inscrição no conjunto. Fotos retiradas de WIKIPEDIA (10. 09. 2006).

<sup>203</sup> Cf. Incrição na peça.

[Inscrição: hochdt. “Zusammen mit dem Bauverein zu Hamburg übergeben vom Verein geborener Hamburger RV von 1897 an die Hansestadt Hamburg am Sonntag, den 13. Sept. 1938”]. [Inscrição em alemão actual *hochdt.* “Zusammen mit dem Bauverein zu Hamburg übergeben vom Verein geborener Hamburger RV von 1897 an die Hansestadt Hamburg am Sonntag, den 13. Sept. 1938” – trad.: Em conjunto com a Associação de Construção oferta à cidade hanseática pela Associação dos Naturais de Hamburgo RV de 1897, Domingo 13 de Setembro de 1938.].

A REM que podemos organizar a partir da escultura do aguadeiro terá, então, a seguinte configuração:

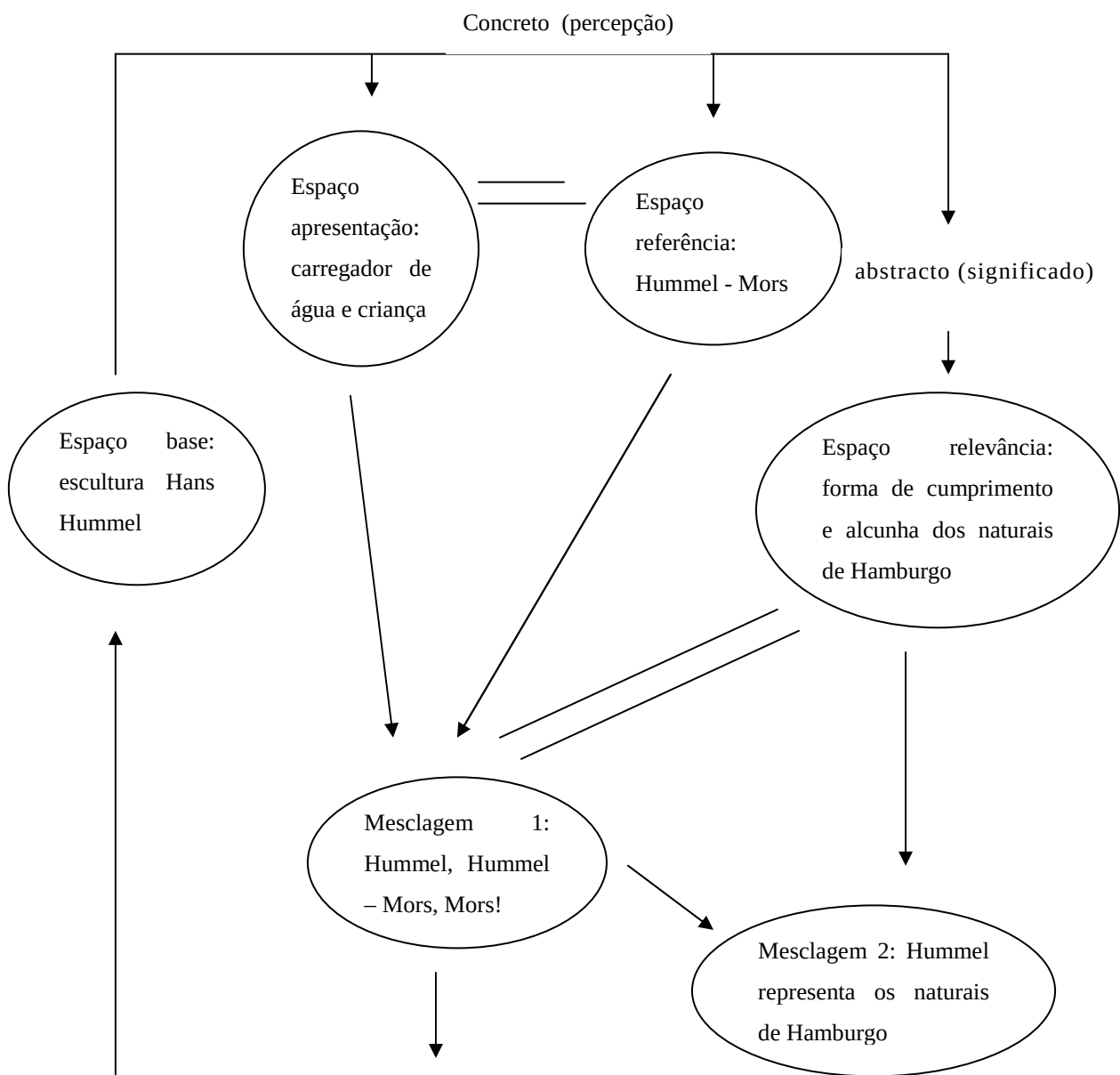


Fig. 51- REM de [IDSL:224] Hans Hummel.

A representação escultórica evoca uma expressão linguística idiomática, a qual apresenta dois lexemas que formam duas funções comunicacionais, a saber, uma forma de cumprimento e uma alcunha.

Perante a mesma estrutura sintáctica, obtemos não só uma referência ao tipo sócio-profissional concreto, i.e. a figura popular do carregador de água da cidade de Hamburgo, mas também o transporte desta dimensão concreta para um nível mais abstracto e generalizado que identifica os naturais desta cidade hanseática na Alemanha.

De facto, o frame do “carregador de água” apresenta uma contiguidade semântica com o animal “abelha, zangão” *Hummel*, dado o seu carácter laborioso, esforçado e diligente, donde se conclui que na base da alcunha *Hummel* está uma estratégia metonímica, por um lado, e metafórica, por outro, através da comparação que se estabelece com o mundo deste animal. Ou seja, o carregador de água é como uma abelha.

O entendimento do significado desta expressão linguística é possível apenas através do conhecimento enciclopédico e cultural que temos quer do mundo animal das abelhas quer da actividade do carregador de água de Hamburgo. Assim, os níveis de enunciação activados no espaço da relevância denotam duas mesclagens expressas linguisticamente e relevantes conceptualmente: “Hummel, Hummel – Mors, Mors!” é uma forma de cumprimento típica da cidade de Hamburgo, e *Hummel* é a alcunha dos naturais de Hamburgo.

Ex. 13: [IDSL:274] – *Hoschemer Käs- u. Weinsulptur (Horchheim)*

Somos informados através da placa afixada neste conjunto escultórico que o *Spitznamen* (alcunha) dos naturais de Horchheim tem a sua base nos caracteres etnológicos associados à importância que a actividade vinícola e de produção de queijo

teve nesta localidade.<sup>204</sup> São precisamente as inscrições que assim o comprovam: «Bis 1920 war Horschheim eine grosse Weinbaugemeinde. Allein hier am Römerplatz gab es vier Weinlokale: Brühl, Puth, Holler und Killian. zu den bekannten Rot- u. Weissweinen wurde der aus Kuhmilch gefertigte Faustekäs, der duftende 'Hoschemer Käs' gegessen. Dieser einstigen Spezialität verdanken wir horschheimer unseren 'Spitznamen'. 28.06.1998», [Trad.: Até 1920 Horschheim foi uma grande comunidade vinícola. Aqui na Römerplatz existiram várias adegas: a Brühl, a Puth, a Holler e a Killian. A acompanhar os famosos vinhos tinto e branco comia-se o queijo feito a partir de leite de vaca, o queijo cheiroso de Horschheim. A esta especialidade ancestral devemos nós os naturais de Horschheim a nossa 'alcunha'.28.06.1998].<sup>205</sup>

Esta escultura em Horschheim, *Hoschemer Käs- u. Weinskulptur* <sup>206</sup>[IDSL:274], apresenta a particularidade de isolar pormenores da realidade, i.e. da actividade de produção do vinho e fabrico do queijo, enquadrando-os em cenas narrativas e transpondo-os para a sua representação estatuada.

É possível concluir pela observação da narrativa representada nas diversas cenas escultóricas que compõem esta obra a natureza cultural do discurso. Todos os eventos representam imagens de carácter etnológico e etnográfico, tais como a degustação do queijo e a prova do vinho, trabalhadores na vindima transportando os respectivos artefactos (cestos e enxadas), um carro puxado por uma junta de vacas e carregando um barril de vinho, uma mulher fazendo queijo e um grupo de homens em pose descontraída e divertida bebendo vinho.

O testemunho etnológico desta peça está manifesto nas representações linguísticas presentes na placa afixada à obra, as quais revelam não só a importância que esta actividade agro-pecuária teve na localidade mas também a etimologia onomástica associada aos naturais de Horschheim. Efectivamente, a alcunha dos naturais de Horschheim tem a sua origem nesta actividade funcional da localidade. É por esse motivo que os naturais de Horschheim são „Hoschemer Käsjer“, alusão que nos é transmitida pela figura masculina sentada num barril e com a mão no nariz e que encima

<sup>204</sup> Por exemplo, no português e em Portugal, os naturais de Setúbal são “charrocos” – nome de peixe abundante na zona – e os naturais de zonas serranas são “ratinhos”. Também a obra Os Tripeiros [IDSL:407] no Porto apresenta no seu título a alcunha dos naturais daquela cidade.

<sup>205</sup> Cf. também Melter, Dick: „Et es net alles Käs“. Wie ein Spitzname zum Denkmal wird. In: Horschheimer Kirmes-Magazin '93, S. 74-75. – Abb. [Hoschemer-Käs-Denkmal].

<sup>206</sup> Trad.: Escultura de Horschheim ao queijo e ao vinho.

este conjunto escultórico, ilustrando, assim, o forte cheiro do queijo produzido nesta terra do sul da Alemanha.

A fruição estética desta imagem liga-se ainda ao seu valor documental e à sua representação identitária, dando existência na memória a representações dinâmicas e discursivas de pormenores da vida local. Tal como expressa Ernesto de Sousa (1973: 87)<sup>207</sup>, o movimento discursivo das obras escultóricas é o resultado do acto de isolar um pormenor, dando-lhe existência na memória:

“Uma noção rica do conceito de Memória é indispensável para qualquer estudo de estética. A memória-antes-da-memória, solidária com a imaginação,<sup>208</sup> é com certeza uma das componentes a estudar para o estabelecimento de um método de entendimento das imagens escultóricas.”.

**Ex. 14:** [IDSL:407] – *Os tripeiros* (Porto)

O conjunto escultórico na cidade do Porto intitulado *Os tripeiros* representa os naturais do Porto a partir de uma analogia entre estes e a lenda que está na sua origem. Os habitantes do Porto são conhecidos por “tripeiros” devido aos sacrifícios que fizeram para ajudar a armada que conquistou Ceuta em 1415. Segundo a lenda, deram toda a carne boa aos navegantes e apenas ficaram com a tripa para comer. Assim, diz a lenda da cidade.<sup>209</sup>

“Lenda dos Tripeiros

No ano de 1415, construíam-se nas margens do Douro as naus e os barcos destinados à conquista de Ceuta. A razão deste empreendimento era secreta e nos estaleiros os boatos eram variados.

Um dia, o Infante D. Henrique apareceu inesperadamente no Porto para ver o andamento dos trabalhos e, embora satisfeito com o esforço despendido, achou que se poderia fazer ainda mais. Então, o Infante confidenciou ao mestre Vaz, o fiel encarregado da construção, as verdadeiras razões do empreendimento. Pediu ao mestre e aos seus homens mais empenho e sacrifícios. Mestre Vaz assegurou ao Infante que iriam fazer o mesmo que

<sup>207</sup> Sousa, E. 1973. *Para um Estudo da Escultura Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

<sup>208</sup> Sublinhado nosso. O mesmo autor afirma que a memória é solidária com a imaginação e que aí reside a origem do referente. Johnson (1987) e Lakoff/ Johnson (1980) advogam amplamente o papel da imaginação e da memória na construção do significado.

<sup>209</sup> De acordo com (22.03.2009) - Lenda dos Tripeiros. Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009.

[http://www.infopedia.pt/\\$lenda-dos-tripeiros](http://www.infopedia.pt/$lenda-dos-tripeiros)



tinham feito cerca de trinta anos atrás aquando da guerra com Castela. Dariam toda a carne da cidade para abastecer os barcos e comeriam apenas as tripas. Comovido, o infante D. Henrique disse-lhe que esse nome de "tripeiros" - alcunha que lhes tinha sido dada há trinta anos - era uma verdadeira honra para o povo do Porto."

A expressão "esse nome de 'tripeiros' era uma verdadeira honra para o povo do Porto" não pode ser literalmente aplicada aos referentes do texto, pois a alcunha "tripeiros" é a metáfora que representa os naturais do Porto.

Esta metáfora pode ser decomposta em três elementos: o conceito, a proposição e a referência. Acedemos à parte literal desta metáfora por inferência, através da lenda que está na sua base, designadamente a proposição que apresenta o conceito 'tripas' - "[o povo do Porto] Dariam toda a carne para abastecer os barcos e comeriam apenas as tripas.". O nome "tripeiros" é uma conceptualização do referente literal, i.e. expressa metaforicamente uma relação do povo do Porto com as tripas.

No entanto, a estrutura linguística da metáfora "os tripeiros" não é equivalente a uma proposição, mas é apenas uma representação nominal. Uma vez que se trata de uma metáfora complexa necessita de outras proposições que permitam criar inferências de natureza contextual e cultural. Por isso, a análise proposicional que fazemos pelo conhecimento da lenda e da escultura é um meio necessário para o entendimento e interpretação da estrutura conceptual da metáfora.

Este facto vem justificar a natureza conceptual da metáfora, à qual se pode aceder apenas através da dimensão contextual e proposicional e não através da forma linguística, seja da palavra ou de uma frase. É necessário identificar a dimensão literal e não literal do lexema. É, pois, uma análise conceptual, porque lida com os conceitos que são activados pela palavra e pela imagem escultórica. Apesar de a parte literal ser inferida pela lenda.

Esta conceptualização metafórica que representa os naturais do Porto tem na sua base um conjunto de correspondências entre dois domínios conceptuais, i.e. o domínio fonte e o domínio alvo "naturais do Porto", os quais partilham um espaço genérico "esquartejamento ou matança do porco", assente em princípios de semelhança e analogia. A partir destes dois domínios, podemos ainda desenhar o mapeamento conceptual, i.e. "tripeiros", obtido por motivação semântica e baseado no nosso conhecimento enciclopédico, ou seja o nosso conhecimento do mundo.

Na realidade, esta escultura constitui um marco identitário urbano da cidade do Porto e dos seus naturais a cujo significado só é possível aceder através do conhecimento que temos não só da tradição popular nortenha portuguesa da matança do porco como da própria lenda da cidade.

A escultura representa precisamente o esquartejamento de um porco e a inscrição “Frota do Infante Ceuta 1415 a grei que lhe deu navios e provisões e nela embarcou.”... e vendo el-rei isto, em como houve em ela grande poderio de naus quando passou a Ceuta, que foram bem setenta naus e barcas, afora outra muita fustalha que não sabieis um só lugar ... de que tão poderosa armada pudera sair dos capitulos especiais da cidade do Porto nas cortes de 1436” numa clara referência à conquista de Ceuta e à lenda que dá origem à alcunha “tripeiros”.

Assim, a rede conceptual adquire o seguinte formato:

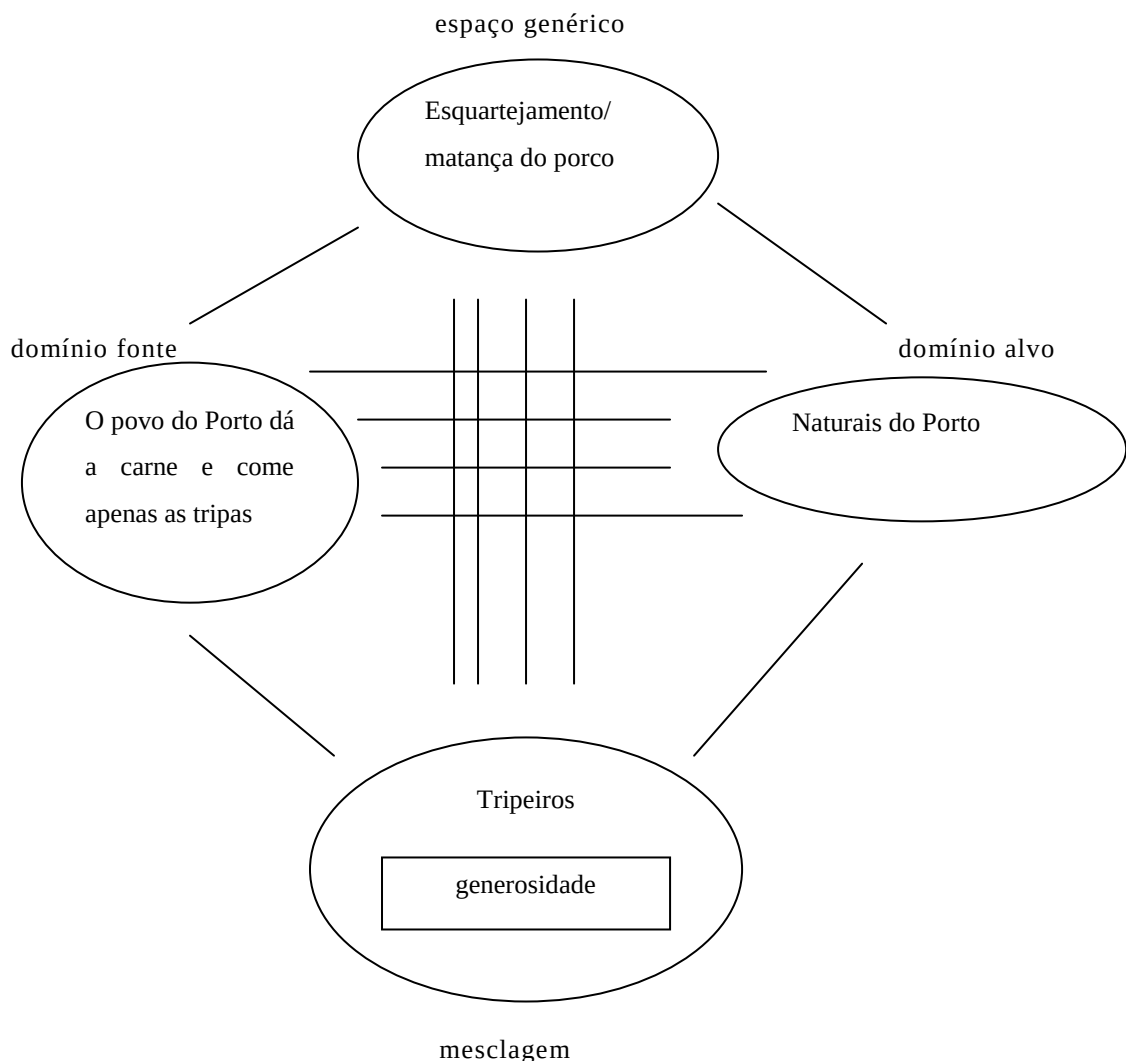


Fig. 52- REM de [IDSL:407] Os tripeiros.

Apesar da associação convencional das tripas ao Porto e de “tripeiros” aos naturais do Porto, no contexto da lenda podemos ainda retirar um significado de natureza avaliativa. Através do facto histórico que é narrado pela lenda, o uso da expressão linguística “tripeiros” representa também a generosidade dos naturais do Porto.

Ex. 15: [IDSL:231] – *Paar I (Düsseldorf)*

Ex. 16: [IDSL:227] – *Geschäftsmann (Düsseldorf)*

No sítio *online* de Pöggeler<sup>210</sup> é descrito o envolvimento histórico que serviu de inspiração ao projecto “Säulenheilige”, projecto no qual se insere esta obra, Paar I [IDSL:231] (Casal I), mas também a escultura Geschäftsmann [IDSL:227] (Homem de negócios).

Assim, o projecto “Säulenheilige” tem como referente histórico a ascese e meditação naturalmente praticada pelos eremitas no século V a. C. na Síria. Estes homens eremitas eram designados por *stylits*, uma vez que a sua prática ascética se realizava em cima de colunas, às quais subiam e aí permaneciam em profunda meditação. Julga-se que o primeiro monge a iniciar estes momentos de recolhimento espiritual foi Symeon.

A palavra *stylits* usada na Síria para designar estes monges tem já na sua formação uma estratégia metonímica, pois deriva do grego *stylos* que significa coluna.

Tal como na língua grega, o nome deste projecto em alemão também tem na sua origem o termo “coluna” presente no morfema “Säulen-“ a partir do qual se forma o lexema morfológicamente complexo *Säulenheilige*, o qual é motivado semanticamente por “coluna” e “santos” (“-heilige”). Do mesmo modo, também aqui verificamos a mesma estratégia metonímica que assenta num traço de contiguidade semântica entre “coluna”, no sentido físico, e “santos”, descrevendo assim a proximidade conceptual

<sup>210</sup> Cf. [www.christoph-poeggeler.de](http://www.christoph-poeggeler.de)

com a ascense e meditação através do esquema imagético da trajectória e do esquema cima+baixo<sup>211</sup>, conceptualizando a elevação espiritual.

Por conseguinte, o termo equivalente a este conceito na língua alemã é *Säulenheilige*, ou seja, *Santos em cima de colunas*, o qual titula o projecto escultórico «Projekt ‘Säulenheilige’ - Skulpturen auf Litfass-Säulen» de Pöggeler. Note-se que este projecto mostra esculturas de figuras humanas em cima de colunas no espaço urbano, bastante elevadas do nível do transeunte, o que confere às composições um distanciamento e uma inacessibilidade, não só física mas também conceptual, como se a figura se encontrasse num momento de ascense espiritual.

Mais, este distanciamento atribui à imagem o sentido de anonimato, uma vez que a mesma é representada não enquanto individualidade, mas representando um grupo e uma identidade decalcados da sua vivência quotidiana: em Paar I [IDSL:231] o casal, e em Geschäftsmann [IDSL:227] o homem de negócios. Acrescente-se que um outro aspecto na semanticidade destas imagens escultóricas é a sua referencialidade se situar numa modelação e composição que faz apresentar as figuras com os signos que as identificam enquanto grupo: em Paar I, os elementos feminino e masculino surgem de mão dada e em Geschäftsmann, o vestuário (fato e gravata) e a pasta identificam claramente o tipo social.

Finalmente, a apresentação de imagens escultóricas em cima de colunas publicitárias, em alemão *Litfass-Säulen*, vem reforçar a tese da metonímia enquanto modelo conceptual determinante na formação de palavras. De facto, “Litfass-Säulen” designa as colunas cilíndricas publicitárias, cuja invenção é atribuída a Litfaß<sup>212</sup> no século XIX.<sup>213</sup> Trata-se, pois, de um objecto comum, as colunas publicitárias dispostas pelo espaço urbano que em língua alemã são designadas por “Litfass-Säulen”, idêntico a um antropónimo alemão, neste caso o seu inventor. Portanto, o apelido serve de motivação semântica para o nome do objecto, justificando o carácter cognitivo da estrutura metonímica que está na base da formação da palavra.

Neste sentido, comprova-se mais uma vez a função referencial da metonímia:

<sup>211</sup> O esquema imagético da trajectória é usado frequentemente na descrição de estados mais abstractos como, por exemplo, estados psicológicos. Cf. capítulo 1.1.1.

<sup>212</sup> Cf. (21.08.2008) - Litfaß: Der König der Reklame wird 150 - Rubriken stern.de <http://www.stern.de/politik/panorama/luftblasen/543767.html?cp=1>

<sup>213</sup> Em 18.06.2006, foi inaugurado o monumento a Ernst Litfaß, Ernst Litfaß Denkmal, na Münzstraße em Berlin-Mitte, posterior à nossa investigação.

“Metonymy, on the other hand, has primarily a referential function, that is, it allows us to use one entity to *stand for* another.” (sublinhado nosso. Lakoff *apud* Jäkel, 1999b: 226).

#### 4.2.2 Vitivinicultura

Ex. 17: [IDSL:443] – *Monument à la vigne et au vin (Bordeaux)*

Em Bordeaux encontramos um grande monumento escultórico em bronze de homenagem à grande cultura vitivinícola da região, o qual apresenta uma iconografia referente à vinha e ao vinho bem como à sua história em toda a zona de Bordeaux. Este grande conjunto escultórico é composto por uma coluna helicoidal e duas tartarugas ao nível do chão, convidando os transeuntes à interação lúdica e didáctica com as mesmas.

De facto, não só a proximidade das figuras das tartarugas é motivo de fruição directa sobretudo pelos mais pequenos mas também toda a dimensão *scripto*-visual constitui um documento didáctico e pedagógico relevante. Estas imagens modeladas no bronze no espaço urbano na Place de la Victoire na cidade de Bordeaux constituírem um marco identitário da própria localidade ao narrarem através da escultura a história local e universal da cultura e dos mitos associados ao vinho.

Este monumento titulado *Monument à la vigne et au vin*<sup>214</sup> [IDSL:443] apresenta uma iconografia relativa à mitologia báquica e à história do vinho desde a Antiguidade até ao presente, com uma atenção especial à região de Bordeaux.. Observamos nessa iconografia matrizes de anúncios publicitários dos anos 1900, uma máscara de Baco e o barco de Dionísio, cujo mastro apresenta uma videira subindo em direcção ao sol. Notamos também motivos marinhos, como conchas e peixes e caravelas, evocando naturalmente a proximidade costeira da região de Bordeaux. Ainda o mapa da Europa, com pleno destaque para as regiões da Península Ibérica, Península de Itália, França e Alemanha, constitui um suporte documental no relevo do bronze acerca das regiões onde a actividade vitivinícola tem assumido particular relevância na vida económica e social dos povos ao longo dos tempos.

---

<sup>214</sup> Trad.: Monumento à vinha e ao vinho.

Encontram-se ainda duas tartarugas com cachos de uva na boca e um Dionísio na proximidade da coluna, as quais fazem referência à cultura do vinho. Nas suas carapaças encontram-se gravações de cunhagem de moedas e inscrições de zonas de vinha de Bordeaux, como por exemplo: “St. Foy-Bordeaux, Bordeaux et Bordeaux Superieur, Entre-Deux-Mers, Haut Benauges, Cote de Bordeaux St. Macaire, Lussac St Emilion, St Georges, Cotes de Francs, Cotes de Castillon, Pessac-Léoganan, Premières Cotes de Bordeaux, Graves, Cadillac, Loupiac, St Croix du MontMedo, Pauillac, St Julien, Haut Medo”.

Embora a maior parte das inscrições seja ténue, transcrevemos algumas tais como: “Le vignoble de Bordeaux”, ao centro de uma das placas juntamente com cenas báquicas, e “2e fete nationale des vins de France 1954 Bordeaux” juntamente com cálices, vários cachos de uvas, figuras adossadas de vulto completo transportando cachos de uvas.

A referencialidade de todo o conjunto escultórico urbano está presente nas suas camadas linguísticas e nos objectos, os quais também reportam a dimensão económica desta actividade através da representação de cunhagem de moedas antigas, o nível social e convivial e a tradição mítica ocidental que lhe está ligada. Por exemplo, podemos inferir pela forma helicoidal da coluna que a mesma simboliza não só o saca-rolhas mas também a videira que se eleva em direcção ao sol.<sup>215</sup>

Em suma, a semantividade desta obra resulta da sua iconicidade, da sua indexicalidade e do carácter simbólico do objecto de referência.

**Ex. 18:** [IDSL:429] – *Homenagem ao Vinho da Mealhada (Mealhada)*

Muitas imagens escultóricas representam geograficamente marcos culturais e identitários. Não só as imagens *supra* [IDSL:443] e [IDSL:556] mas também a escultura

<sup>215</sup> Segundo (25.08.2008) - Place de la Victoire - bordeaux.fr  
http://www.bordeaux.fr

*Homenagem ao Vinho da Mealhada* [IDSL:429] funcionam como dispositivos de identidade locais.

Também esta imagem de bronze apresenta os elementos semióticos que imediatamente evocam o tema do vinho: a figura mítica de Baco sentada num barril e



Fig. 53 - *Homenagem ao Vinho da Mealhada* [IDSL:429] em Mealhada.

segurando um cálice de vinho com uvas e parras de uva em redor. Esta peça está implantada numa rotunda identificada com uma placa cultural, a qual indica o nível semiótico e referencial da cultura do vinho da região da Bairrada.

Nos elementos heráldicos também em bronze afixados no pedestal da escultura do Baco, podemos ainda observar um carvalho ladeado por dois cachos de uvas além de uma coroa mural de cinco torres e um listel com a inscrição "MEALHADA". Os atributos iconográficos que identificam a vinha e o vinho referenciam a importância da actividade vinícola na Mealhada, a qual é o principal centro urbano da sub-região vinícola da Bairrada testemunhando as grandes e remotas tradições na cultura da vinha.



### 4.2.3 Região

Ex. 19: [IDSL:398] – *Cognac (St. Leger)*

Também numa região demarcada em França de produção de cognac [IDSL: 398], encontramos uma figura que assinala essa actividade na região. Trata-se de uma escultura composta por uma figura feminina em trajes regionais sobre barril, despejando bagos de uva de um saco.

Efectivamente, é a região geográfica de *cognac* que dá o nome a esta aguardente, sendo que esta escultura se encontra na região demarcada de fabrico da bebida.

Para além do funcionamento identitário da imagem, a mesma assume ainda uma dimensão referencial, donde se nota a construção do significado a partir de uma contiguidade semântica de natureza metonímica.

Ex. 20: [IDSL: 527] – *La Beauce (Orléans)*

A imagem *La Beauce* [IDSL: 527] em Orléans apresenta uma figura feminina com uma espiga dourada na mão.

La Beauce é também uma região agrícola de França, sobretudo de cultura extensiva de cereais, sendo por isso denominada como “o celeiro da França”. Esta região compreende os Departamentos de l'Eure-et-Loir, Loir-et-Cher, Loiret, l'Essonne e Yvelines, sendo que Orléans é a capital do Departamento Loiret e da região Centre.

Verificamos que o significado desta obra escultórica é norteado pela dimensão experiencial, i.e. a cultura dos cereais na região de La Beauce, sendo que essa região é apresentada na forma de uma figura feminina, à qual estão naturalmente associadas a beleza e a fertilidade. Observamos ainda que a figura segura a espiga do cereal na mão.

De notar, é também o facto de os cereais serem desde longos tempos um produto elementar na alimentação humana, pelo que é natural a sua associação à fertilidade e à abundância.

Registamos ainda a definição de ‘Beauce’, a qual remete para o sentido de “belo” e também para a referência a campos cultivados planos (sentido já raro), ou seja, o tipo de terreno onde se cultivam os cereais:

Beauce

Nature : s. f.

Prononciation : bô-s'

Etymologie : Berry, biau ; bressan, bal ; picard, biau et biel ; provenç. bel ; catal. bell ; espagn. et ital. bello ; de bellus. Bèze, au XVI<sup>e</sup> s. dit qu'on prononce beo, un e fermé s'entendant avec o et ne faisant qu'un son, et il recommande de ne pas prononcer biau comme font les Parisiens. Dans l'ancien français, au nominatif singulier, bels ou baus, au régime bel ; au nominatif pluriel bel, et au régime bels ou baus. C'est du régime singulier que nous est restée la forme bel. Campagne plate (inusité aujourd'hui; écrit aussi beausse).<sup>216</sup>



Fig. 54 - La Beauce [IDSL: 527] em Orléans.

Assim, a representação escultórica articula o conceito visual e a dimensão linguística, conceptualizando a região francesa La Beauce.

<sup>216</sup> Sublinhado nosso. Segundo (27.01.2009) - 2001 2008 Frédéric Jézégou - Jean-François Meylhoc, Dico - citations - Le Littré : Le dictionnaire de Référence de la langue française <http://www.dico-definitions.com/dictionnaire/definition/3116/Beauce.php>

#### 4.2.4 Lendas e contos

Ex. 21: [IDSL:158] – *Justiça de Fafe (Fafe)*

Observamos nesta escultura em bronze na cidade de Fafe um homem ameaçando outro com uma moca. Trata-se de um conjunto escultórico que representa a justiça, concretamente a justiça de Fafe, a qual tem na sua base uma lenda local.

Segundo a Lenda da Justiça de Fafe “o Visconde de Moreira de Rei, político influente no concelho e homem de bem mas não de levar afrontos para casa, deputado às Cortes, terá chegado atrasado a uma sessão daquele órgão monárquico, no que terá sido censurado grosseiramente por um tal ‘Marquês’, também deputado, que chegou ao desplante de lhe chamar ‘cão tihoso’. O nosso Visconde fingiu não ouvir o impropério e mostrou-se tranquilo durante a sessão mas, finda aquela, interpelou o Marquês petulante, repreendendo-o pelas palavras descorteses que lhe havia dirigido. Em vez de lhe pedir desculpa, este arremessou-lhe provocadoramente as luvas no rosto.

Na época, os conflitos resolviam-se em duelo, que se tornou inevitável.

Ao ofendido competia escolher as armas, e quando todos pensavam que iria preferir espadas ou pistolas, como era usual na altura, o Visconde apresenta-se para o encontro munido de dois resistentes varapaus. O marquês, é claro não sabia manejar tal arma, e assim, quando a sessão de bordoadas começou, o Visconde, perito na arte do jogo do pau, tradicional nesta região, enfiou-lhe tanta fueirada no rival que, como escreve o poeta, ‘pôs-lhe o lombo num feixe’. À gargalhada ante o acontecimento, os assistentes não se contiveram e gritaram, em coro: ‘Viva a Justiça de Fafe’.”<sup>217</sup>

Tal como presente nesta obra, não só a inscrição ‘Justiça de Fafe’ mas também a forma estatuada representam alegoricamente a justiça a partir da lenda local. Na realidade, a análise de todo o conjunto *scripto*-visual permite criar inferências contextuais que se prendem com o discurso cultural, segundo o qual a justiça de Fafe é feita pelas próprias mãos com uma moca.

---

<sup>217</sup> Segundo (04.04.2009) - f@feonline.com  
<http://www.fafeonline.com/lenda-da-justica-de-fafe>

Trata-se, pois, de uma análise conceptual, porque lida com os conceitos que são activados pela palavra e pela imagem escultórica. O conceito ‘justiça’ é inferido pela lenda, sendo que o mesmo encerra uma dimensão cultural local.

Assim, a escultura funciona como um dispositivo de identidade local identificando não só o conceito ‘justiça’ mas também o temperamento dos indivíduos daquela comunidade.

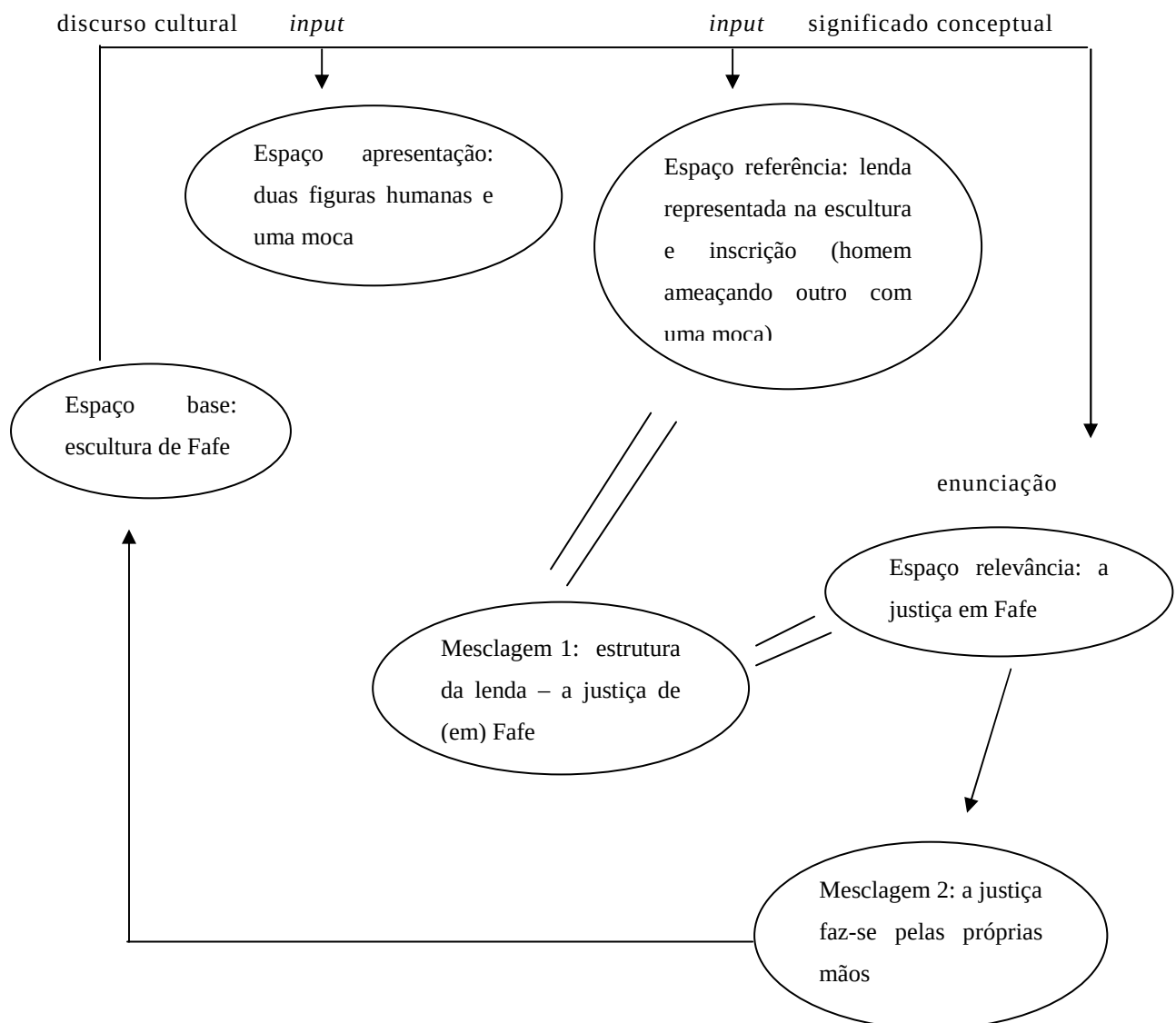


Fig. 55- REM de [IDSL:158] Justiça de Fafe.

Ex. 22: [IDSL:301] – *Huckup* (Hildesheim)

Esta obra escultórica representa a lenda tradicional de Hildesheim *Huckup* (*hochdeutsch*: „Hock-auf“) [salta para cima], segundo a qual um duende que corporiza a má consciência do ladrão salta para cima das costas do caminheiro. Nesta representação que deve servir de aviso para todos os ladrões, vemos a figura esculpida de um ladrão de maçãs em fuga, transportando um saco, e que procura deste modo o caminho de regresso a casa. No entanto, o mesmo não demonstra qualquer felicidade pelo roubo, pois a má consciência pragueja na forma de um duende que transporta às costas. Somos informados não só através da imagem estatuada mas também da inscrição acerca do castigo aplicado aos ladrões. Mais, a inscrição funciona ainda como uma admoestação

para todos os caminheiros:



„Junge,  
lat dei Appels stahn,  
süs packet deck  
dei Huckup an!  
Dei Huckup is en starken  
Wicht,  
hölt mit dei Stehldeifs  
böös Gericht!“

(Inscrição em Plattdeutsch no pedestal da imagem).<sup>218</sup>

Fig. 56- Inscrição na escultura *Huckup*.

<sup>218</sup> Trad. (nossa) *ad sensum*: "O rapaz roubou três maçãs, e logo o duende as guardou/ o duende é uma criatura perversa, com o roubo fica com uma má consciência."



Fig. 57- Huckup (Hildesheim).

Realmente, o lexema do *Plattdeutsch*<sup>219</sup> ‘Huckup’ e que corresponde em alemão actual a ‘Aufhocker’ refere uma entidade da mitologia e das crenças populares que representa o mau espírito que acompanha os caminheiros que se encontram em viagem durante a noite e que ao saltar para as costas dos viajantes errantes torna a caminhada mais penosa:

„Der Aufhocker (niederdeutsch<sup>220</sup> Huckup) ist in der Mythologie ein koboldartiger Druckgeist, der Wanderern, die nachts noch unterwegs sind, auf die Schultern oder den Rücken springt und mit jedem Schritt schwerer wird.“<sup>221</sup>

Note-se que o étimo desta palavra significa no seu sentido mais concreto o acto de empilhar cereais e forragem “Hocke <Getreide- oder Heuhaufen [...], *der Hock* dazu aufhocken >in Haufen setzen”, do qual deriva o lexema *Hocker* que significa “assento sem apoio para as costas” – “Hocker >Stuhl o. Sitz ohne Lehne [...] Abl. aus *hocken*.” (

<sup>219</sup> Para um melhor entendimento do mapa dialectal na Alemanha, ver o anexo 2.

<sup>220</sup> Tomamos *Niederdeutsch* [baixo alemão] por *Plattdeutsch* por a região onde esta variante do alemão teve realização linguística corresponder efectivamente à Baixa-Saxónia. Muitas vezes, são usadas ambas as designações. Cf. também (19.07.2009) - Ethnologue Languages of the world

[http://www.ethnologue.com/show\\_language.asp?code=ptd](http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=ptd)

<sup>221</sup> Segundo (19.07.2009) - Wikipedia

<http://de.wikipedia.org/wiki/Aufhocker>

Paul/ Henne, 1992: 415). Não obstante, e tal como referenciado noutros dicionários etimológicos da língua alemã, podemos inferir que o lexema *Aufhocker* denota um sentido de verticalidade presente no seu significado mais concreto e reforçado pelo prefixo “auf-“, evidenciando o esquema imagético cima-baixo, o qual no seu sentido mais abstracto e, portanto, mais afastado do protótipo, denota o peso moral representado nesta imagem escultórica e na expressão linguística que lhe está afixada. De facto, *hocken* significa carregar um peso às costas de uma forma curvada e encolhida “[...] das auch vielfach die Bedeutung ‘in gebückter Stellung eine Last auf den Rücken nehmen un tragen’ angenommen hat” (EwdD, 2000: 548).

Efectivamente, a inscrição na base da escultura vem corroborar esta dimensão semântica associada à imagem escultórica e à lenda de Hildesheim, pois a expressão “packet deck dei Huckup an” encontra paralelo na expressão adverbial ‘huckepack’ que significa precisamente ‘carregar um peso, um fardo às costas’ no seu sentido metafórico:

“huckepack Adv. ‘auf dem Rücken’, vornehmlich in den Wendungen *huckepack* (,wie eine Last auf dem, den Rücken’) *tragen, nehmen, machen*. [...] (s. *hocken*).” (EwdD, 2000: 559).

Também (Paul/ Henne, 1992: 420) partilha desta tese, segundo a qual o sentido figurado da expressão revela uma repreensão, ou seja um peso na consciência que o sujeito carrega por uma acção censurável:

“Hucke [...] *jmdm. die H. voll hauen/ schlagen* (Ad.) >ihn tüchtig durchprügeln<; dazu *aufhucken, -hocken*> (eine Last) auf den Rücken nehmen<, [...]“.

Perante esta imagem escultórica no espaço urbano público, somos informados do castigo que é infligido aos caminhanes que durante a sua viagem lançam mão ao alheio. A conceptualização da má consciência representada nesta lenda local de Hildesheim é ilustrada pelo conceito visual da imagem com um duende às costas do caminheiro e pelo conceito linguístico *Huckup*.

Comprovamos, assim, que a conceptualização decorre de uma estrutura gestaltiana a partir da experiência física com o corpo (“carregar um saco, um peso às costas de forma curvada”) presente no esquema imagético cima-baixo através da prefixo *auf-* na formação do lexema “Aufhocker” ao qual corresponde o sufixo *-up* em “Huckup”. O modelo cognitivo que se realiza entre espaços mentais permite o

entendimento do conceito visual – o duende, i.e. o mau espírito em cima do caminheiro curvado que com esforço continua o seu caminho – e do conceito linguístico – *Huckup* – os quais têm na sua origem o domínio experiencial concreto.

A rede de espaços mentais denota a seguinte configuração:

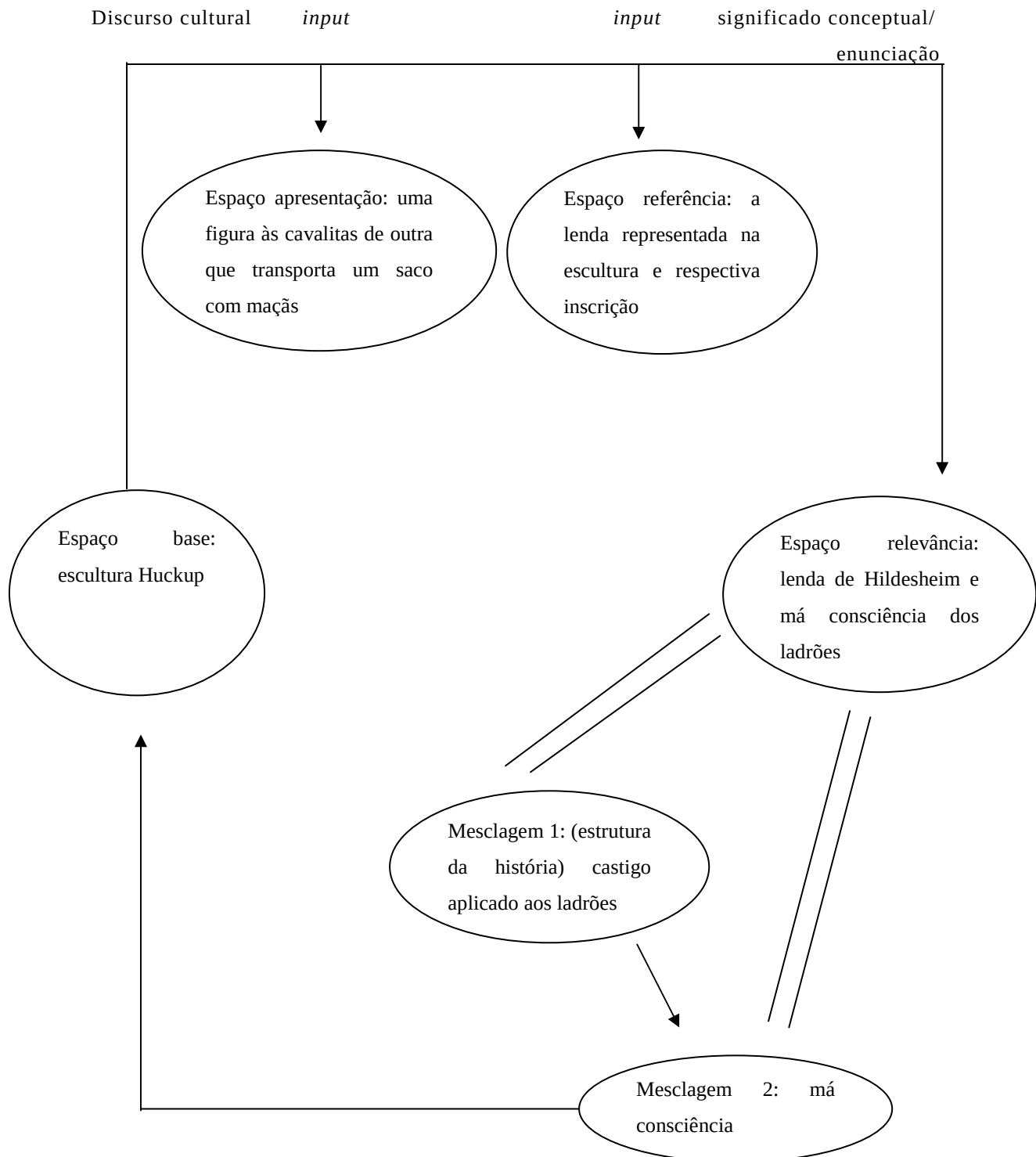


Fig. 58- REM de [IDSL:301] Huckup.



Ex. 23: [IDSL:456] – *Dikkertje Dap (Kappelle)*

Esta obra escultórica apresenta um pequeno rapaz sentado em cima do pescoço de uma girafa. Trata-se de uma representação de um conto infantil, cuja personagem principal é Dikkertje Dap, um rapaz que visita todas as manhãs o Zoo Artis de Amsterdão para conversar com a sua amiga girafa. Com a ajuda de uma escada sobe para cima da girafa e conta-lhe todas as aventuras da sua vida, como por exemplo que lhe ofereceram umas botas vermelhas ou que já aprendeu três letras. A girafa reage com interesse às suas histórias. Este conto infantil termina sempre com a despedida do pequeno Dikkertje Dap da girafa e com a certeza de que no dia seguinte ele voltará com a sua escada:

“Dikkertje Dap klom op de trap  
 's morgens vroeg om kwart over zeven  
 om de giraf een klontje te geven.  
 Dag Giraf, zei Dikkertje Dap,  
 weet je, wat ik heb gekregen?  
 Rode laarsjes voor de regen!  
 't Is toch niet waar, zei de giraf,  
 Dikkertje, Dikkertje, ik sta paf.  
 O Giraf, zei Dikkertje Dap,  
 'k moet je nog veel meer vertellen:  
 Ik kan al drie letters spellen:  
 a b c, is dat niet knap?  
 Dikkertje Dap klom van de trap  
 met een griezelig grote stap.  
 Op de nek van de giraf  
 Dag Giraf, zei Dikkertje Dap.  
 Morgen kom ik weer hier met de trap.”<sup>222</sup>

<sup>222</sup> Excerto do conto. Cf. (26.12.2008) - juvenil blog für kinder- und jugendliteratur <http://juvenil.twoday.net/topics/THEMA/>  
 Tradução nossa (*ad sensum*): Dikkertje Dap sobe as escadas/de manhã cedo às sete e um quarto/para dar um cubo à girafa./Bom-dia Girafa, sou Dikkertje Dap,/sabes o que eu consegui?/Umas botas vermelhas para a chuva!/isso não é verdade, sou a girafa,/Dikkertje, Dikkertje, eu estou admirada./Olá Girafa, sou Dikkertje Dap,/tenho ainda mais coisas para te contar:já sei três letras:/a b c, não é fantástico?/DikkertjeDap desce as escadas/com um salto espantoso./Do pescoço da girafa/Adeus Girafa, sou Dikkertje Dap./Amanhã volto outra vez com a minha escada.

A girafa e a sua ligação às crianças e ao universo infantil é muito comum bem assim a ligação do homem ao animal, tal como podemos observar ao longo desta nossa investigação através da grande ocorrência de estatúária urbana e da heráldica e toponímia que muitas vezes lhe está associada.<sup>223</sup>

Neste caso, a girafa funciona como uma metáfora do crescimento e da aprendizagem. Esta simbologia associada à imagem do animal esculpido permite-nos inferir uma rede de relações do conceito visual com o seu referente. A conceptualização visual, i.e. o conceito visual, do animal ‘girafa’ e da criança que trepa pelo longo pescoço do mesmo e com ela conversa acerca dos seus progressos na aprendizagem e da sua vivência quotidiana comunica-nos o significado desta representação escultórica.

De facto, esta imagem escultórica funciona como um símbolo na medida em que veicula um significado mais abstracto (metafórico) e, logo, mais afastado do sentido concreto (girafa, i.e. mamífero ruminante, de pernas e pescoço caracteristicamente muito longos<sup>224</sup>):

“An image acts as a *symbol* to the extent to which it portrays things which are at a higher level of abstractness than is the symbol itself.”(Arnheim, 1969/ 1997: 138).

Comprovamos, assim, que a conceptualização é um fenómeno cognitivo que se situa num espaço de confluência entre o conceito visual representado pela imagem escultórica e o conceito linguístico representado pela dimensão verbal que lhe está associada.

A rede de espaços mentais que caracteriza o significado desta escultura parte de dois domínios semânticos: o espaço de apresentação com o animal ‘girafa’ que tem um grande pescoço e o espaço de referência com o rapaz que sobe pelo pescoço da girafa para lhe dar conta dos seus progressos na aprendizagem e no crescimento. O espaço da relevância é um outro espaço mental que é activado pelo esquema imagético cima+baixo e que conceptualiza o crescimento, i.e. o progresso, pois estar mais acima é ser maior, mais crescido tal como a aprendizagem que também é conceptualizada numa escala ascendente. O conteúdo esquemático do espaço da relevância resulta na

<sup>223</sup> Por exemplo, nas seguintes obras: [IDSL:206]Kinder mit Schildkröte, [IDSL:427]la Caputxeta Vermella, [IDSL:369]Berliner Bar, [IDSL:392]La Louve, [IDSL:400]Perro perdiguero de Burgos, etc.

<sup>224</sup> Cf. Dicionário da Língua Portuguesa, Versão 1.0 – 1996 – Priberam Informática e Porto Editora.

mesclagem 1 ‘ser maior fisicamente’, o qual é projectado num significado final e, portanto, mais metafórico ‘progresso na aprendizagem’ na mesclagem 2:

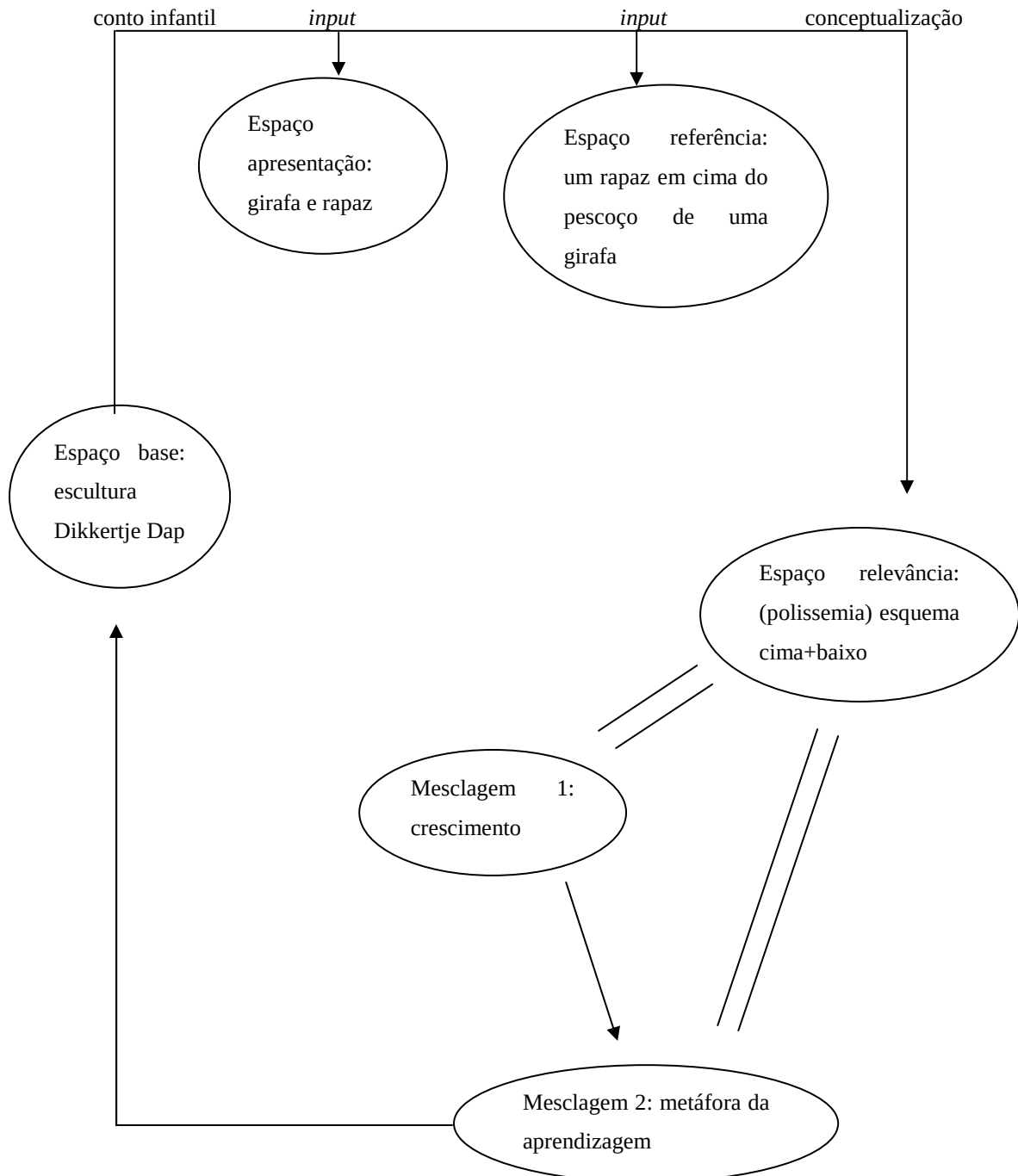


Fig. 59- REM de [IDSL:456] Dikkertje Dap.

#### 4.2.5 Espiritualidade

Ex. 24: [IDSL:58] – *El pelegrin (Puente la Reina)*

Esta escultura em Puente la Reina, localizada na rota cultural e religiosa do Caminho de Santiago, representa o domínio cognitivo da espiritualidade através da presença dos símbolos do peregrino – a cabaça e o bordão.<sup>225</sup>

Se, por um lado, nos encontramos na dimensão física e geográfica, ou seja, cartográfica, da rota de Santiago, por outro lado, este caminho afigura-se também numa dimensão metafórica da espiritualidade. Realmente, logo na inscrição afixada à obra “Y desde aqui todos los caminos a Santiago se hacen uno solo” vislumbramos a dimensão conceptual do “caminho”.

Então, verificamos uma mesclagem da dimensão física do caminho para Santiago de Compostela com o domínio conceptual da religião e da dimensão da espiritualidade.

Nesta óptica, a imagem escultórica e a representação verbal que lhe está associada confluem ambas para a conceptualização da espiritualidade através da metáfora conceptual ESPIRITUALIDADE É UM CAMINHO.

Em suma, a semantidade representada nesta escultura adquire o seguinte formato:

---

<sup>225</sup> Cf. também o capítulo 3.1.

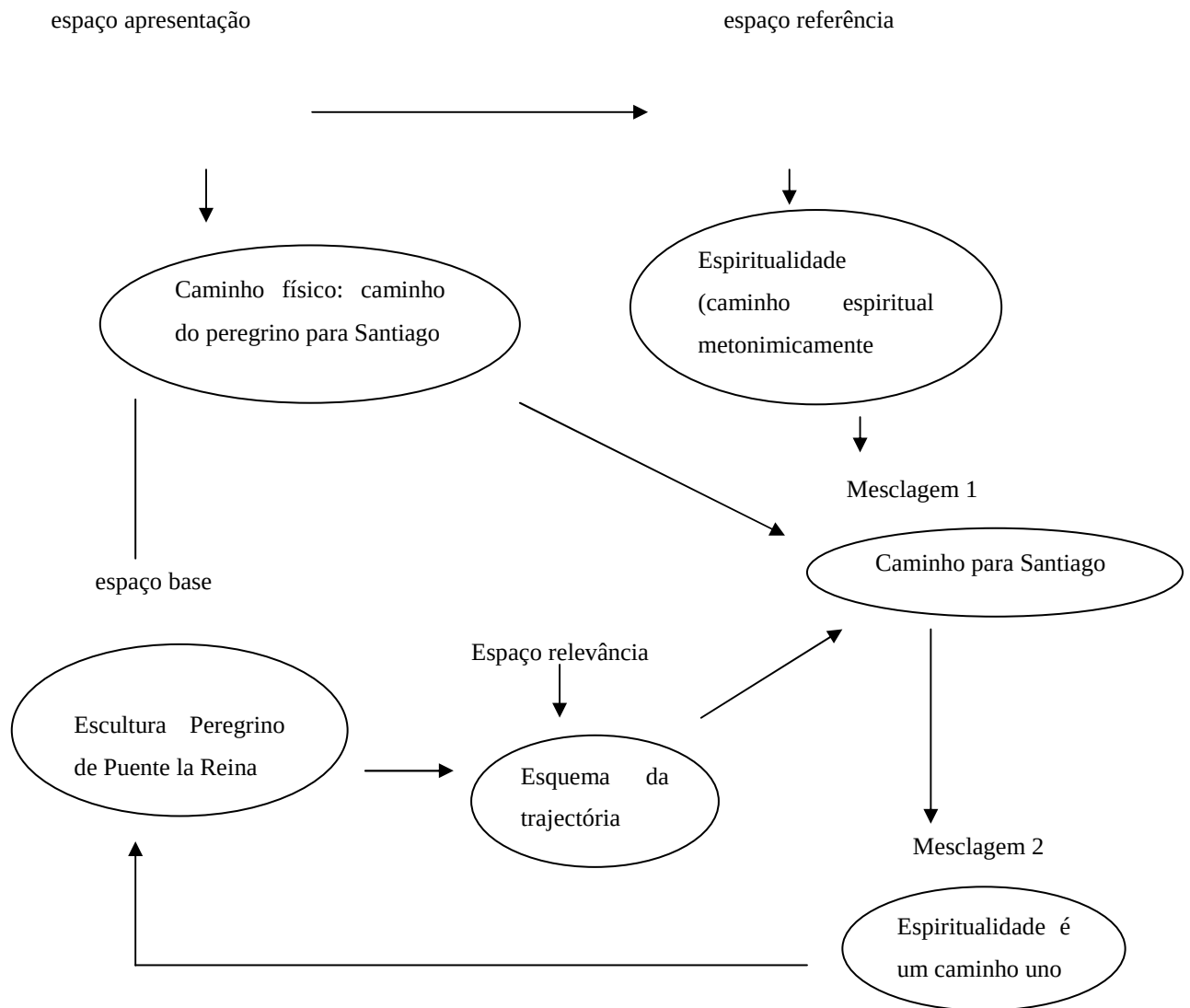


Fig. 60- REM de [IDSL:58] El peregrin.

O Espaço Base do conjunto escultórico “Peregrino de Puente la Reina” [IDSL:58] é a própria escultura. O Espaço de Apresentação coincide com a representação física de um peregrino que se desloca através de um longo caminho até Santiago com um grande chapéu, uma grande capa e um cajado.[bordão]

O terceiro espaço refere-se ao tema, o tema abstracto da espiritualidade, representado metonimicamente por toda a imagem do peregrino. Este é o espaço de referência..

A esfera comum abstracta é desenhada num espaço de relevância através da estrutura dinâmica do esquema da trajectória.

Então, esta rede de espaços mentais resulta primeiramente numa mesclagem 1, a qual evoca a dimensão física do caminho para Santiago associada à dimensão religiosa e espiritual da peregrinação, a qual é depois transportada para um significado mais abstracto (o significado da enunciação) gizado na metáfora conceptual da tradição cristã A ESPIRITUALIDADE É UM CAMINHO UNO.

Para além da iconicidade do conjunto escultórico, podemos observar uma inscrição linguística afixada à obra “Y desde aqui todos los caminos a Santiago se hacen uno solo”, a qual reporta linguisticamente o nível semântico do ícone, justificando o significado geral relativo à espiritualidade.

Ex. 25: [IDSL:91] – *På kyrkstigen (Varberg)*

Também nesta escultura podemos antever a dimensão religiosa associada à metáfora conceptual A ESPIRITUALIDADE É UM CAMINHO. De facto, a inscrição “*På kyrkstigen*”<sup>226</sup> remete-nos imediatamente para o caminho físico através da preposição direccional *på* mas também para a dimensão espiritual que leva duas mulheres e uma criança com um livro na mão, muito provavelmente um missal ou outro livro relacionado com a prática religiosa, a realizarem uma viagem à igreja.

<sup>226</sup> Trad.: Caminho para a igreja.

A REM adquire então a seguinte configuração:

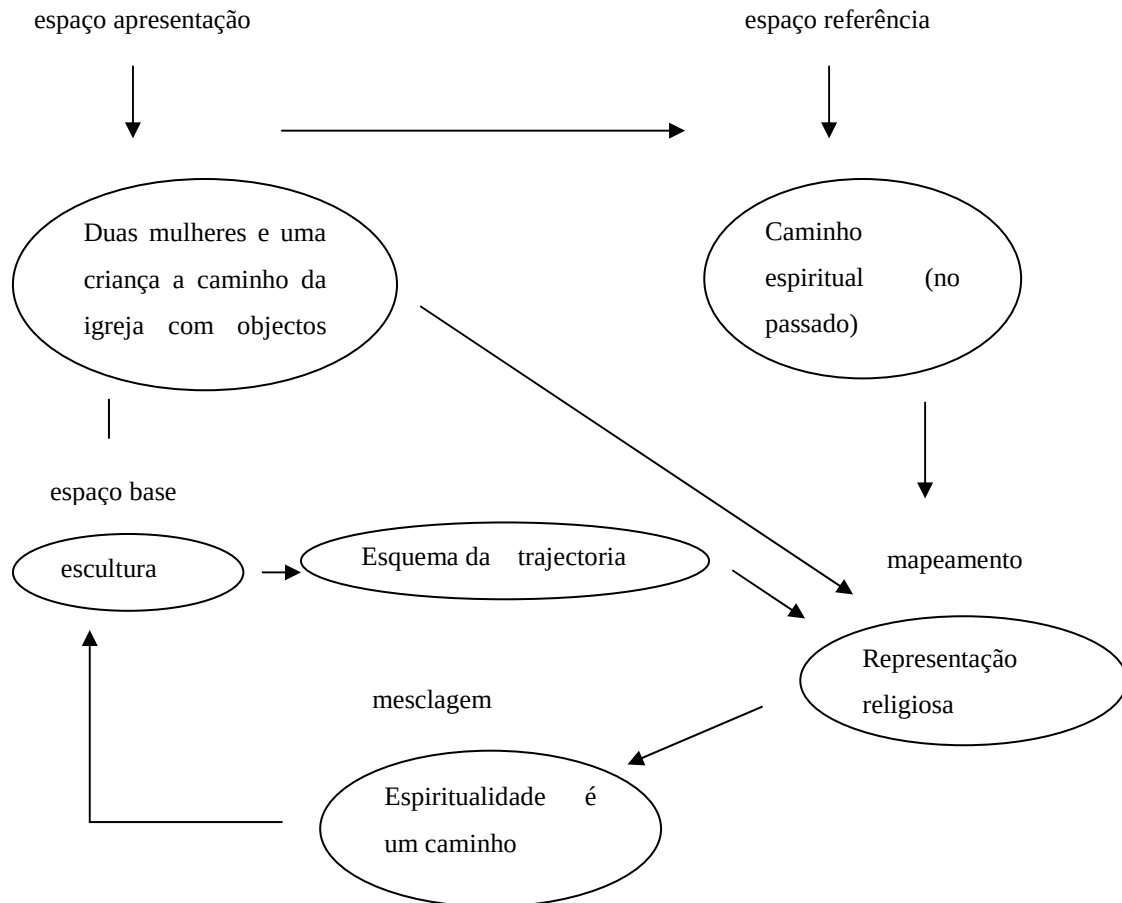


Fig. 61- REM de [IDSL:91] Pål kyrkstigen.

Esta segunda escultura também fundamenta a conceptualização da espiritualidade associada à noção de religião como um CAMINHO.

De facto, o espaço Base da escultura que representa no espaço de Apresentação duas mulheres e uma criança a caminho da igreja, transportando objectos religiosos, refere-se ao tema abstracto da espiritualidade, reportando-a à dimensão de um caminho espiritual.

Estes espaços mesclam-se e activam a mesclagem 1 através do esquema da trajectória, o qual representa o caminho físico e metafórico, fortemente ligado à representação religiosa. A mesclagem 1 dá, assim, origem ao significado presente na metáfora conceptual A ESPIRITUALIDADE É UM CAMINHO.



#### 4.2.6 Música

Ex. 26: [IDSL:5] – *Os Gaiteiros de Soutelo de Montes (Soutelo de Montes)*

Esta imagem escultórica apresenta um conjunto de músicos gaiteiros da localidade de Soutelo de Montes na Galiza em Espanha<sup>227</sup>. Observamos que a representação do domínio da música resulta de uma extensão a partir dos elementos topográficos inscrevendo-se no próprio local de origem, tal como se pode observar no título da obra através da placa afixada à mesma.

Mais, o facto de a realização linguística presente no título da obra assinalar a origem dos elementos apresentados através do complemento determinativo confere identidade à representação semiolinguística, pois confere uma referência à mesma. Então, a referência é marcada por uma estratégia metonímica, donde o significado da representação resulta de um mapeamento entre o local de origem e o domínio conceptual da música. Verificámos através da pesquisa efectuada<sup>228</sup>, que falar de música na Galiza é o mesmo que falar de “gaiteiros”, mas de “gaiteiros de Soutelo de Montes”.

Ex. 27: [IDSL:114] – *Optimistorkestern (Malmö)*

Já em Mälmo, a representação do domínio da música não se inscreve a partir de um marco geográfico mas antes no domínio dos humores. Aliás, a representação semiolinguística apresenta imagens com figuras que tocam diversos instrumentos e em diferentes poses soltas ao longo de um quarteirão. A percepção que temos ao contemplarmos este conjunto é que as figuras se movimentam e balançam harmoniosamente ao som do instrumento que tocam e da música da orquestra.

---

<sup>227</sup> Sobre a distribuição das línguas oficiais na Península Ibérica, consultar o anexo 3.

<sup>228</sup> Cf. volume 2.

Através do título deste conjunto escultórico podemos vislumbrar no morfema morfológicamente complexo a origem latina do mesmo.<sup>229</sup> Esta representação linguística relaciona-se com o domínio dos humores. O domínio da música é representado metonímico-metaforicamente por “Optimistorkestern”, exprimindo algo de bom. Também a colocação do conjunto escultórico ao nível dos transeuntes transmite essa noção de empatia e proximidade bem assim de bom ânimo ou bom humor.

---

<sup>229</sup> Trad. *ad verbum*: *Optimistorkestern* ou orquestra de optimistas [do lat. *optimus* - DLPC (2001)].

#### 4.2.7 Aforismos

Ex. 28: [IDSL:8] – O cão (Leiria)

Esta escultura de Pedro Anjos Teixeira situada no Parque da Cidade em Leiria apresenta um cão em cima de um plinto com azulejos policromáticos, nos quais visualizamos inscrições que nos fazem lembrar dizeres populares. Esta identificação das inscrições com modelos culturais da sabedoria popular vem confirmar a tese da metáfora conceptual que norteia o discurso *scripto*-visual desta imagem escultórica.

Na realidade, muitas vezes entendemos as pessoas em termos de animais, por isso os esquemas imagéticos com animais são frequentemente usados na conceptualização metafórica. Efectivamente, tal como Lakoff/ Turner (1998: 193 e ss.) expõem, aspectos instintivos do comportamento animal são muitas vezes entendidos metaforicamente a partir de traços da personalidade humana:

“One of the most elaborate domains in which we understand the nonhuman in terms of the human is the domain of animal life. There we have well-elaborated schemas characterizing what animals are like, and we usually understand their characteristics metaphorically in terms of the characteristics of human beings. Here are some common propositions that occur in schemas for animals:

- Pigs are dirty, messy, and rude.
- Lions are courageous and noble.
- Foxes are clever.
- Dogs are loyal, dependable, and dependent.
- Cats are fickle and independent.
- Wolves are cruel and murderous.
- Gorillas are aggressive and violent.”.

Assim, a lealdade é um aspecto humano que é atribuído também ao animal “cão”, donde se conclui que o comportamento animal é entendido metaforicamente em termos humanos.



Fig. 62 - O cão [IDSL:8]

Através desta imagem escultórica é veiculada uma correspondência conceptual entre dois conceitos – o cão e a lealdade. Ou seja, a correspondência epistémica é gizada a partir do conhecimento que temos acerca do cão que é amigo, é leal, é bom companheiro, etc., tal como patente nas inscrições:

"O cão que faz ão, ão, ão é bom amigo como os que são! É bom amigo, bom companheiro, é valente, fiel, verdadeiro, leal, serviçal, e tem bom coração.

"Quando vem de fora, a gente e chega a casa, é o cão quem diz primeiro todo prazenteiro, saltando e rindo contente e com os olhos a brilhar de amor - "ora seja bem-vindo, meu senhor!".



Fig. 63 - Pormenor de um dos conjuntos de azulejos de O cão [IDSL:8]

Os atributos humanos que têm a ver com o comportamento e traços da personalidade fazem parte da GRANDE CADEIA METAFÓRICA, a qual consiste num modelo cultural que conceptualiza metaforicamente o entendimento que temos dos animais e do mundo em geral. Deste modo, as entidades no mundo são colocadas numa escala, onde são posicionadas pela sua ordem:

“The Great Chain of Being is a cultural model that concerns kinds of beings and their properties and places them on a vertical scale with ‘higher’ beings and properties above ‘lower’ beings and properties. [...] so that dogs are higher-order beings than insects, and trees higher than algae.” (Lakoff/ Turner, 1998: 166 e 167).

Nesta linha, mencionamos algumas realizações metafóricas em português com o conceito “cão” e que vão de encontro à estrutura conceptual representada pela GRANDE CADEIA METAFÓRICA, tais como: “ter uma vida de cão”, “tratar abaixo de cão”, “cão que ladra não morde”<sup>230</sup>, etc.

Em suma, observamos através desta imagem e da dimensão verbal envolvente que o cão apresenta os atributos próprios dos humanos ao nível de uma entidade animada e também os estados de ânimo comuns às pessoas, a saber, a vontade, a emoção (medo, contentamento) e algumas capacidades cognitivas como a memória. Porém, o homem apresenta ainda outros atributos únicos da sua espécie como o raciocínio abstracto, a contemplação estética, a moral e a consciência.<sup>231</sup>

Assim, a conceptualização metafórica assente no domínio dos animais resulta no mapeamento entre os atributos próprios dos animais e os dos humanos, tal como observamos na representação *scripto*-visual da lealdade presente na imagem [IDSL:8] O cão, em Leiria.

---

<sup>230</sup> Os provérbios referem-se a pessoas, embora apresentem no seu domínio de origem animais.

<sup>231</sup> Segundo Lakoff/ Turner (1998, *passim*).

#### 4.2.8 Justiça

Ex. 29: [IDSL:198] – *Lei e Justiça (Beja)*

Ex. 30: [IDSL:339] – *Der Roland von Brandenburg (Berlin)*

Adossadas na fachada do edifício do tribunal de Beja apresentam-se duas estátuas de figuras femininas sentadas que representam a lei e a justiça. Uma das imagens segura uma espada e a outra o livro das leis, elementos que identificam o exercício da justiça e do direito.

É comum a justiça e a lei serem representadas por figuras femininas que transportam uma espada, um livro ou uma balança. Por exemplo, na fachada principal



do edifício do Tribunal da Relação do Porto observa-se uma estátua feminina do escultor Leopoldo de Almeida, a qual segura uma espada numa mão e na outra mão uma balança. Esta imagem escultórica da justiça apresenta-se enquadrada por um baixo-relevo com o desenho de figuras bíblicas e simbólicas das quatro Virtudes Cardeais: a Prudência, a Justiça, a Fortaleza e a Temperança. Efectivamente, a ilustração da justiça com o recurso aos elementos simbólicos da moral religiosa denota no conceito visual esculpido na imagem a representação semântica da justiça orientada por aspectos relacionados com a importância que a religião assume no direito e no seu exercício em regiões onde a mesma tem uma dimensão apreciável como em Portugal nos anos '50.<sup>232</sup>

Fig. 64 – Estátua da Justiça - foto em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio da Justiça \(Porto\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio_da_Justiça_(Porto))

<sup>232</sup> Note-se que o baixo-relevo do escultor Euclides Vaz e a estátua da justiça do escultor Leopoldo de Almeida são obras do Estado Novo.

Na figura ao lado podemos observar a estátua da Justiça junto ao Tribunal da Relação do Porto com os elementos semióticos que identificam o conceito *justiça*.

A imagem escultórica *Der Roland von Brandenburg* [IDSL:339] em frente ao Märkisches Museum em Berlim apresenta um cavaleiro com uma grande espada e escudo e simboliza a liberdade e o direito do estado. Estas estátuas, também designadas por Cavaleiros da Justiça (*Ritter des Rechts*), foram implantadas durante a Idade Média no norte e leste da Alemanha e consistiam numa forma de reconhecimento da autonomia, liberdade e direito comercial das cidades associadas igualmente à sua prosperidade comercial. Era assim um símbolo do direito e da liberdade. Berlim e Bremen foram importantes centros comerciais e cidades que ainda hoje mantêm um estatuto especial no quadro político alemão, sendo do ponto de vista administrativo cidades-estado, e onde actualmente podemos encontrar estas imagens do cavaleiro do direito e da justiça.

Porém, apesar de a balança ser um atributo caracterizador do conceito *justiça* nem sempre a mesma surge na representação escultórica do aspecto da equidade que se reconhece no conceito. Aliás, a espada parece ser com mais frequência o atributo iconográfico mais recorrente na representação do conceito. Não só o conjunto escultórico *Lei e Justiça* [IDSL:198] em Beja mas também a estátua *Der Roland von Brandenburg* [IDSL:339] em Berlim, a escultura *Sint-Joris en de draak* [IDSL:466] em Groningen e a estátua da justiça no tribunal da Relação do Porto (*supra*) apresentam a espada enquanto atributo iconográfico do conceito *justiça*.

Portanto, existem atributos iconográficos da composição escultórica, os quais podemos considerar como unidades semiolinguísticas que compõem o significado da escultura. Existem as representações associadas ao direito, à justiça e à lei, onde a espada, a balança e o livro são os atributos iconográficos que identificam o conceito supraordenado Justiça. Assim, é importante realçar a importância da contagem estatística na determinação semântica das unidades semiolinguísticas que compõem a estatuária urbana.

Nessa contagem notámos que o atributo espada apresenta maior ocorrência do que as unidades semiolinguísticas ‘balança’ e ‘livro’. Será que podemos daqui inferir que o uso da espada é fundamental no exercício da justiça: algumas vezes pesam-se os

dois lados com a balança e menos vezes se recorre ao livro das leis? E que esta é a tendência regular nas línguas e culturas europeias?

Assim, verifica-se que o conceito de justiça está representado em imagens escultóricas na geografia europeia pelo menos desde a Idade Média como testemunham as primeiras imagens dos Roland passando pelo Renascimento como se pode observar na figura *Statue de la Justice* [IDSL:494] de Laurent Perroud com data de 1585 em Lausanne até às representações mais recentes que enunciámos, nas quais se pode verificar as principais tendências semânticas nos diferentes quadros conceptuais.



#### 4.2.9 Figuras populares

Ex. 31: [IDSL:375] – *Berliner Originale* (Berlin)

Ex. 32: *Zitronenjette* (Hamburg)

O conjunto escultórico titulado *Berliner Originale* [IDSL:375] apresenta três placas direccionais de freguesias de Berlim („Pankow“, „Mitte“ e „Köpenick“) e três tipos sociais característicos da cidade: um sapateiro, um mirone e uma florista. “Berliner Originale” são figuras populares que representam os traços de identidade cultural particulares dos habitantes de Berlim, presentes nos comportamentos, nas atitudes e na linguagem e consciência dos naturais desta região.

No bairro Nikolaiviertel<sup>233</sup> que se situa no centro histórico da cidade de Berlim, encontram-se ainda outras imagens escultóricas de tipos sociais, tais como *Leierkastenmann* (Homem do Realejo) [IDSL:372] e *Angler* (pescador amador) [IDSL:379], certamente pescador de “Forelle” (truta) nos canais do Spree.

Os tipos sociais apresentados no conjunto escultórico *Berliner Originale* [IDSL:375] foram identificados por Eckensteher Nante, também ele um tipo social emblemático da cidade de Berlim, que vivia do expediente, da anedota e da crítica às figuras marginais e aos proletários do „Milljöh“ de Berlim. Ferdinand Strumpf, o seu verdadeiro nome, deve a alcunha *Eckensteher Nante* ao facto de exercer a sua actividade entre a esquina (“Ecke”) da Königstraße com a Neue Friedrichstraße. Aqui, enquanto aguardava por trabalhos esporádicos, analisava com ironia e sátira o que por ali ia acontecendo, facto que o tornou uma figura original de Berlim. Efectivamente, a figura do mirone que vemos nesta obra de estatuária constitui uma evocação da memória de *Eckensteher Nante*.

---

<sup>233</sup> Nikolaiviertel é considerado o bairro mais antigo da cidade de Berlim. Situa-se em Mitte, correspondendo ao antigo sector soviético até 1989. As obras escultóricas [IDSL:373] Wappenbrunnen, i.e. a fonte heráldica e a placa memorial evocativas da cidade, são também um testemunho da fundação da cidade no século XIII.

Do ponto de vista semiótico e linguístico, notamos que a combinação da forma plástica escultórica e da expressão linguística que denomina o tipo social *Eckensteher Nante* contribuem para o entendimento do significado desta imagem. A organização desta cena perceptiva onde observamos três figuras, sendo que uma delas se encontra de pé encostada ao pilar das placas direccionais, das quais percebemos a figura geométrica de um triângulo, permite-nos inferir em articulação com o título *Berliner Originale* e o crítico social que comentou estes tipos, i.e. Ferdinand Strumpf, que a figura do mirone refere o mesmo. Ou seja, a expressão linguística *Eckensteher Nante*

resulta de uma estratégia metonímica, na qual perscrutamos uma contiguidade semântica com o domínio físico, a saber “esquina < Ecke/ em pé < steher”, na denominação *Eckensteher*, donde *Nante* será o diminutivo de Ferdinand. Assim, *Eckensteher Nante* é aquele que está de pé na esquina mirando e comentando as cenas quotidianas.

Deste modo, comprovamos que o significado não é exclusivamente linguístico mas antes que o sistema visual sustém um papel determinante na construção do significado paralelamente à estrutura linguística que lhe está associada. Por isso, verificamos que a representação tridimensional presente nesta imagem é igualmente transposta para o sistema linguístico permitindo entender a dimensão semântica do mundo fenomenológico.<sup>234</sup>



Fig. 65 - Pormenor do conjunto *Berliner Originale* [IDSL:375] com a imagem do mirone *Eckensteher Nante*

Além destes tipos sociais, outros há que segundo a nossa opinião merecem atenção. É o

<sup>234</sup> Acerca dos princípios fundamentais da semântica cognitiva bem como da articulação entre semiótica e linguística cognitiva, consultar também os capítulos 1. e 2.

caso da imagem escultórica da vendedora de limões Henriette Marie Müller, representativa de um tipo social original da cidade de Hamburgo, cujas informações recolhemos através de uma pesquisa no ciberespaço no Dicionário de Hamburgo<sup>235</sup>.

A *Zitronenjette*<sup>236</sup>, tal como o carregador de água *Hans Hummel* [IDSL:224], constituem um símbolo da cidade de Hamburgo. Esta estátua representa a conhecida vendedora de limões Johanne Henriette Marie Müller que no final do século XIX comprava limões nos barcos vindos do sul que atracavam no porto de Hamburgo e os vendia pela cidade apregoando "Zitroon! Zitroon!" (Limão! Limão!).

No plinto podemos observar a inscrição "Zitronenjette. 1841-1916" e ainda o provérbio popular "Dien Leben wer suur as de Zitronen, sail sick dat Erinnern an di lohn? Dien Schiksol wiest op all de Lüüd, for de dat Glück het gor keen Tiet." (Hochdeutsch: Dein Leben war sauer wie lauter Zitronen, soll sich die Erinnerung an dich lohnen? Dein

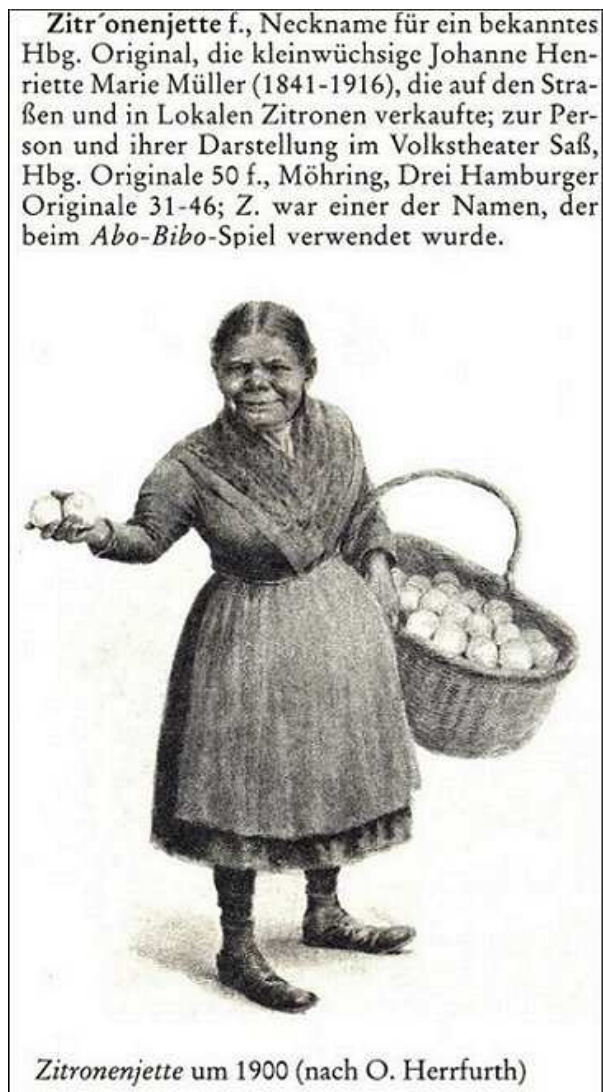


Fig. 66 - Definição de Zitronenjette retirada de Das Hamburgische Wörterbuch. Em: Das Hamburgische Wörterbuch - kulturelles Gedächtnis der Stadt - Universität Hamburg [http://www.slm.uni-hamburg.de/ifg1/NdSL/Arbeitsstellen\\_Archive/Kulturelles\\_Gedaechtnis.html](http://www.slm.uni-hamburg.de/ifg1/NdSL/Arbeitsstellen_Archive/Kulturelles_Gedaechtnis.html)

<sup>235</sup> Em (02.08.2009) - Ingrid Schröder:

Das Hamburgische Wörterbuch - kulturelles Gedächtnis der Stadt - Universität Hamburg

[http://www.slm.uni-hamburg.de/ifg1/NdSL/Arbeitsstellen\\_Archive/Kulturelles\\_Gedaechtnis.html](http://www.slm.uni-hamburg.de/ifg1/NdSL/Arbeitsstellen_Archive/Kulturelles_Gedaechtnis.html)

<sup>236</sup> Cf. (27.12.2008) - Hamburg-magazine.de - Kunst im öffentlichen Raum

[http://www.hamburg-magazin.de/st\\_kunstoeffentlich.htm](http://www.hamburg-magazin.de/st_kunstoeffentlich.htm)

Cf. (27.12.2008) - Kategorie:Stadtoriginal

<http://de.wikipedia.org/wiki/Kategorie:Stadtoriginal>

Cf. (31.07.2009) - plattdütsch küent

[www.plattpartu.de/kuenst](http://www.plattpartu.de/kuenst)



Fig. 67 - Imagem escultórica de Zitronenjette. Foto em: plattdüütsch künst [www.plattpartu.de/kuenst](http://www.plattpartu.de/kuenst)

Schicksal weist uns auf all die Menschen hin, für die das Glück keine Zeit hatte.)<sup>237</sup>.

Trata-se novamente de uma estratégia metonímica que está na base da formação da expressão linguística “Zitronenjette”. Efectivamente, a alcunha ou nome popular de Johanne Henriette Marie Müller tem a sua origem a partir de uma contiguidade semântica com a profissão de vendedora de limões. Ou seja, a representação linguística associada à imagem plástica<sup>238</sup> que aqui ilustramos (figura feminina carregando no braço uma cesta com limões) assenta na função referencial do signo, o qual estabelece um elo com a actividade profissional, sendo que “-jette” é o sufixo e também o diminutivo de Henriette.

Por outro lado, tomamos conhecimento através da inscrição presente nesta obra escultórica que Johanne Henriette Marie Müller teve uma vida difícil e árdua. As agruras da sua vida são conceptualizadas a partir do fruto que vende pelas ruas de Hamburgo, i.e. a sua vida é comparada à acidez do limão - “Dien Leben wer suur as de Zitronen [...]” – através da metáfora conceptual A VIDA DIFÍCIL É AMARGA. Em suma, notamos através da expressão linguística que se estabelece uma analogia entre a vida da *Zitronenjette* e o domínio físico da experiência quotidiana, i.e. os limões, fruto amargo, que são o seu sustento e actividade profissional. Portanto, estamos perante uma conceptualização semiolinguística de cariz metonímico e metafórico.

<sup>237</sup> Tradução *ad sensum* (nossa): “A tua vida foi amarga como os limões puros, é merecida a tua memória? O teu destino é um aviso acerca de todas as pessoas para quem a sorte não teve tempo.”. Cf. (31.07.2009) - plattdüütsch künst

[www.plattpartu.de/kuenst](http://www.plattpartu.de/kuenst)

<sup>238</sup> Foto retirada de (31.07.2009) - plattdüütsch künst

[www.plattpartu.de/kuenst](http://www.plattpartu.de/kuenst)

Assim, a REM desta imagem de estatuária urbana apresenta a seguinte construção:

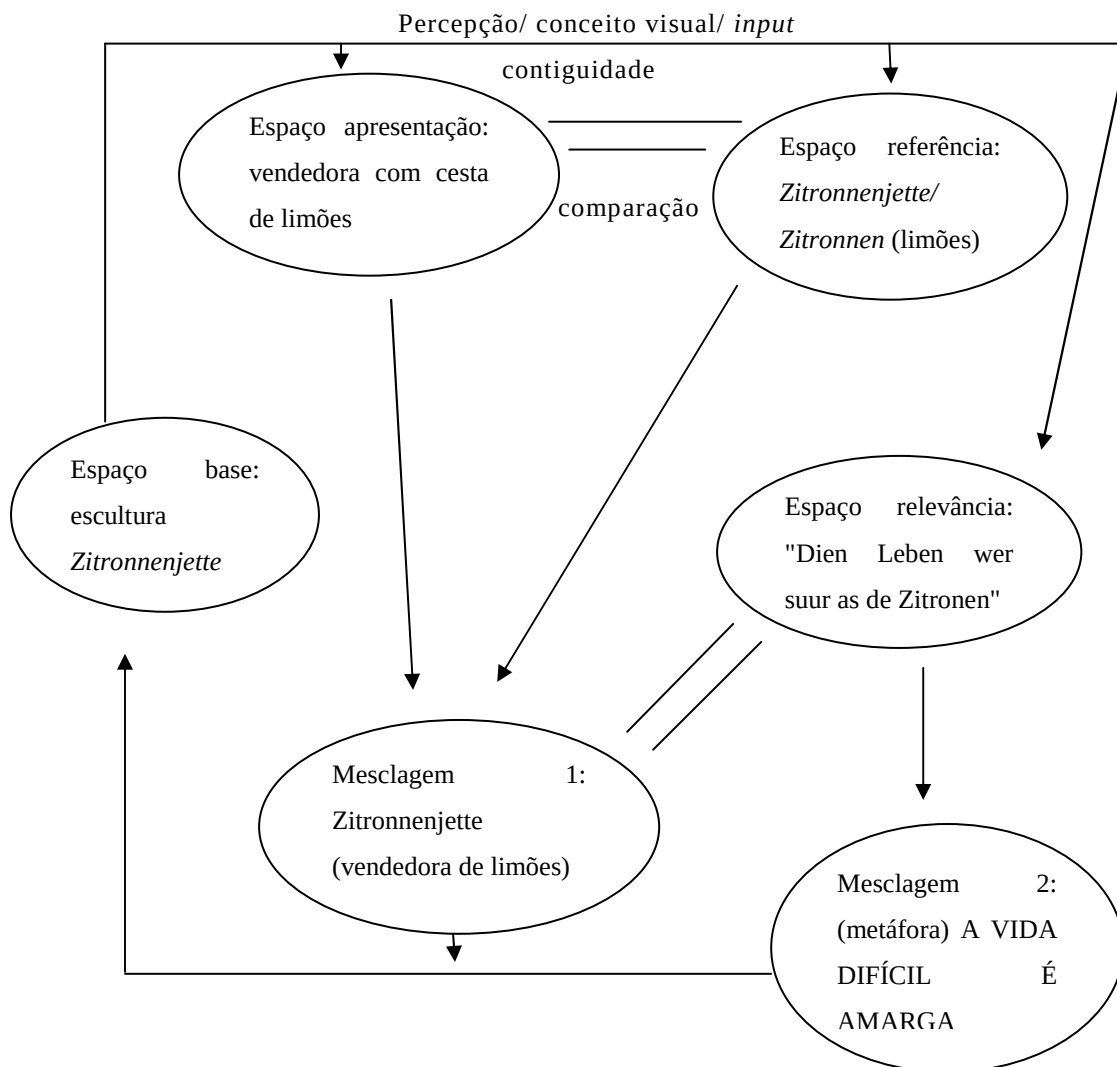


Fig. 68- REM de Zitronnenjette.

Ex. 33: [IDSL:269] – Pfälzer Lebensfreude (Ludwigshafen)

Em outras localidades alemãs também pudemos recolher amostras de figuras originais ou tipos sociais da região. Por exemplo, em Ludwigshafen a obra *Pfälzer Lebensfreude* [IDSL:269] apresenta diversos tipos de Rheinland-Pfalz.

As quatro figuras deste conjunto escultórico em fonte representam o canto, a música, o desporto, as festas e a dança. A fonte apresenta ainda no centro um sol risonho com videiras e uvas que simboliza o Verão da região da Renânia-Palatinado e a viticultura. Na realidade, as quatro figuras apresentam o caçador de Kurpfalz, o futebolista, a cantora popular e tipo social particular da cidade Hemshof-Friedel e uma dançarina.<sup>239</sup>

Hemshof-Friedel, cujo nome real era Elfriede Kafschinsky, foi uma figura popular típica de Ludwigshafen. O nome popular que a caracteriza e pelo qual é conhecida deve a sua origem ao bairro degradado e proletário Hemshof onde exerceu a sua actividade musical em várias Kneipen (bares) e ao paragrama de Friedel por Elfriede. Os seus trechos musicais de tom satírico e crítico abordam o dinheiro, as instituições de apoio social e o bairro onde vivia<sup>240</sup>:

„Hemshof-Boogie  
Jeder möcht' einmal ein großer Star sein,  
Auf der großen Bühne steh'n wie ich,  
Jeder möchte mal den Applaus haben,  
So wie ich, so wie ich.  
Meine Damen, meine Herren,  
Schau 'n Sie mich doch bitte einmal an,  
Vor Ihn'n steht der Hemshof-Boogie,  
Der ja alles singen kann.“<sup>241</sup>.

Hemshof-Friedel foi uma artista de rua que vivia do dinheiro que espontaneamente lhe era oferecido pelas pessoas anónimas que ouviam as suas intervenções musicais de tom irónico, alegre e jocoso. O exemplo que se segue é um pequeno fragmento de uma canção de maldizer sobre a Segurança Social e os seus

---

<sup>239</sup> Cf. (03.08.2009) - Öffentliche Kunst in Ludwigshafen  
[http://de.wikipedia.org/wiki/%C3%96ffentliche\\_Kunst\\_in\\_Ludwigshafen](http://de.wikipedia.org/wiki/%C3%96ffentliche_Kunst_in_Ludwigshafen)

<sup>240</sup> Cf. (03.08.2009) - Pfälzer Original Hemshof-Friedel  
<http://www.hemshof-friedel.de/index.html>

<sup>241</sup> Tradução:” Hemshof-Boogie/ Todos querem ser um dia uma grande estrela,/ Pisar o grande palco como eu,/ Todos querem os aplausos,/ Tal como eu, tal como eu./ Minhas senhoras, meus senhores,/ Olhem para mim outra vez,/ À vossa frente está o Boogie de Hemshof,/ Que tudo sabe cantar.

funcionários, dos quais apresenta várias queixas, pois o subsídio social era outra das suas diminutas fontes de sobrevivência:

“De Maier is’e altes Schwoi,  
Der stellt mer die Sozialhilf’oi,  
De Müller aus’m zweede Stock,  
Ach, der miese alte Bock [...]”<sup>242</sup>.

Verificamos através desta canção de escárnio que a Segurança Social é conceptualizada como uma instituição que não presta o apoio desejado às pessoas. Os funcionários são comparados a porcos (*Schwoi*) e bodes (*Bock*). Estas expressões linguísticas metafóricas que definem dois funcionários da instituição têm a sua origem no domínio experiencial dos animais, os quais funcionam como fonte para a conceptualização do mau carácter e temperamento bem como do comportamento. Efectivamente, o porco representa o indivíduo execrável:

“Schwein n.:  
2. übertr.  
b. 'niederträchtige, charakterlose, unsittliche Person', auch Schimpfw.  
[vereinzelt ges. Pf]; Zs.: Etappenschwein. Des isch e Schwein [LU-Iggh].”<sup>243</sup>.

E o bode, aquele que é teimoso e lascivo, tal como descrito nos dicionários seguintes:

“BOCK, m. caper, hircus, ahd. pocch (GRAFF 3, 30), mhd. boc, gen. bockes (BEN. 1, 220a), nnl. bok, ags. bucca, engl. buck, altn. bokki, schw. bock, dän. buk, finn. pukki, des goth. wortes würden wir nicht entbehren, wenn sich die verdeutschung des A. T. erhalten hätte, doch selbst Matth. 25, 32. 33 mangelt uns. mlat. buccus: si quis buccum furaverit. lex sal. 6 (bei MERKEL erst in den novellen 276). zu Virdun lebte im j. 588 ein abt Buciovaldus, den man seines hochmuts wegen spöttisch buccus validus nannte (Greg. turon. 9, 23); nach analogie der namen Perolt, Wolfolt, Tierolt (= ags. Deorveald) könnte Buciovald sehr gut mit bock gebildet sein, vielleicht ist auch ein ahd. Poccholt, Puccholt aufzuweisen, dem ags. bucca entspricht der manssname Pucco bei

<sup>242</sup> Tradução: O Maier é um velho porco,/ Ele dá-me o subsídio social hoje,/ O Müller do segundo andar,/ Ah, o ruim bode.

<sup>243</sup> Segundo DAS WÖRTERBUCH-NETZ - Pfälzisches Wörterbuch. Begründet von Ernst Christmann, fortgeführt von Julius Krämer, bearbeitet von Rudolf Post unter Mitarbeit von Josef Schwing und Sigrid Bingenheimer. 6 Bände. Franz Steiner Verlag, Wiesbaden/Stuttgart 1965-1997. © by Akademie der Wissenschaften und der Literatur, Mainz. (Band 5, Spalten 1579 – 1587).



NEUGART no 821 (a. 1036), noch heute ist Bock verbreiteter geschlechtsname. buccus aber ist aus der deutschen sprache geholt, franz. bouc, prov. boc, sp. boque, it. becco, wahrscheinlich auch ir. poc (in alten glossen bei ZEUSZ 1115 boch), welsch bwch, arm. buc'h, bouc'h. denn die keltische und lat. sprache haben keine wurzel dafür, bucca maul ist unverwandt, unser bock aber, wie diesmal WACHTER einsah, stammt aus bochen stossen, da der nächsten sinnlichen betrachtung das thier als ein hornstossendes auffällt. in der thierfabel ist auch der name des widders Colvarianus von colve, ahd. cholbo, clava, cestus herzuleiten (plîñnēm cholpom pivillan, plumbatis tundi. GRAFF 4, 393) vgl. hernach 4. 5. 6. die hochdeutsche tenuis bock für boch ist zu fassen wie in pauke = ahd. pouchan, vielleicht auch aus einfluss eines zwischentretenden i ein pucchio für pucho, wozu jener name Buciovaldus stimmt. bock und pauke sind einer und derselben wurzel, bock das thier, welches stöszt, die pauke das werkzeug, welches gestossen wird, tympanum.

Alle bedeutungen von bock flieszen aus diesem begrif.

1) bock bezeichnet allgemein mehrere horntragende männliche thiere, den hirschbock, rehbock, tannbock, steinbock, schafbock, geiszbuck, ziegenbock, gemsenbock, welche alle, im gegensatz zu den weibchen, bloss bock heissen. doch dem stier kommt nie der name bock zu. auch ein groszer schwimmvogel wird alenbock genannt (1, 1439). im eigensten sinn aber ist bock der bärtige caper (altn. hafr, ags. hāfer) oder hircus, das männchen der geisz. heilbock, ein verschnittner

2) bock. figürlich, ein steifer bock, ein hölzerner mensch, ein alter bock, alter, verliebter geck; bock, geiszbuck, ein schneider.“<sup>244</sup>

„Bock 2. übertr. β. Menschen. Bock unreifer Junge, Böckelche Schulneuling Schleid-Hellenth. E klene B. kleiner Mensch Daun-Mehren. – Schimpfwort für Schneider Allg. – Durch Anhängung des Wortes B. an die Familiennamen werden Schimpfn. gebildet, z. B. Schmitze B.! Sieg-Müll. – En ale (stinkige) B. alter Sünder; alter geiler Kerl Allg.; en steiwen B. steifer Mensch Allg.; egensenniger (üriger) B. eigensinniger Mensch Allg.; fauler B. Koch-Ellern; en sturen B. finsterer Mensch Rees-Brünen. Kastellauner Beck Neckn. für Simm-Castellaun; Spansche Böck Neckn. für Bergh-Kerpen.“<sup>245</sup>

Assim, a conceptualização metafórica que representa a instituição social é gizada na base de comparações a partir do domínio concreto do mundo dos animais.

<sup>244</sup> Sublinhados nossos. Segundo DAS WÖRTERBUCH-NETZ - Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm. 16 Bde. [in 32 Teilbänden]. Leipzig: S. Hirzel 1854-1960. -- Quellenverzeichnis 1971. (Band 2, Spalten 201 - 205 ).

<sup>245</sup> Segundo DAS WÖRTERBUCH-NETZ - Rheinisches Wörterbuch. Im Auftrag der Preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde und des Provinzialverbandes der Rheinprovinz auf Grund der von Johannes Franck begonnenen, von allen Kreisen des Rheinischen Volkes unterstützten Sammlung bearbeitet und herausgegeben von Josef Müller, Heinrich Dittmaier, Rudolf Schützeichel und Mattias Zender. 9 Bände. Bonn/Berlin 1928-1971. (Band 1, Spalten 829 - 827 ).





Fig. 69 - Estátua Mooswief [IDSL:175] em Maastricht.

Ex. 34: [IDSL:175] – *Mooswief* (Maastricht)

Através da nossa investigação bibliográfica concluímos que a representação de figuras populares típicas de determinadas localidades encontra paralelo noutras regiões da Europa central, por exemplo nos Países Baixos, pela semelhança de tipos escultóricos no espaço público urbano. É o caso da *Mooswief* ou "Groentevrouw" [mulher dos vegetais] [IDSL:175], da qual reconhecemos traços semânticos comuns com a estátua urbana *Humsera* em Bamberg na Alemanha.

Se olharmos atentamente para estas duas representações de estatuária, podemos ver que ambas apresentam uma figura feminina de evidente robustez transportando uma cesta com produtos hortícolas. Ambas estão implantadas numa fonte na praça do mercado também conhecido por "Grünen Markt"<sup>246</sup>. Aliás, a definição de *Moos* no dicionário dos irmãos Grimm aponta claramente para a origem comum do termo em toda a região linguística e geográfica germânica, sendo que Maastricht e Bamberg estão localizadas na mesma zona geográfica:

<sup>246</sup> No anexo 4 encontra-se uma reprodução do mercado de vegetais da época em Maastricht.

“MOOS, n. und m. palus und muscus.

1) das ahd. mhd. mos (mit kurzem o) in beiden bedeutungen entspricht mnd. mnl. mos muscus; engl. moss moos und moor, altn. mosi ebenso; schwed. ist das fem. mossa moos, das masc. mosse moor, dän. mos moos, mose moor, sumpf; es liegt ein alter gemeingerman. stamm vor, der zu altslav. muchu muscus, nslav. meh, mech (MIKLOSICH 386a) und lat. muscus, span. ital. musco, franz. mousse urverwandt ist. im germanischen hat sich die zu grunde liegende, dem eigentlichen begriffe nach unbekannte wurzel in so fern reicher entfaltet, als das sp. 2175 aufgeführte mies, das die beiden nämlichen bedeutungen wie moos zeigt, im ablautsverhältnisse steht. nicht unwahrscheinlich ist es, dasz die beiden in solcher weise verschiedenen formen sich auch ursprünglich in die beiden bedeutungen theilten, derart, dasz die eine das gewächs, die andere das land, worauf es mit vorliebe wächst, ausdrückte; bis in einer späteren zeit auf jedes der beiden worte der eine wie der andere begriff entfiel. in welchem bedeutungsverhältnis aber ursprünglich mies und moos zu einander standen, lässt sich nicht feststellen; erwägt man, dasz mies = muscus im ahd. mhd. sehr häufig, im ags. meós muscus einzig bezeugt ist, so möchte man sich leicht für ursprüngliches mios moosgewächs, mos moosland entscheiden, die übertragung der ersteren bedeutung auf das letztere wort wäre, abgesehen von dem verhältnis in den nordgermanischen sprachen, zunächst im mittel- und niederdeutschen erfolgt, wo man mos als moosland nicht gekannt zu haben scheint; und hätte sich in unserer schriftsprache verbreitet“<sup>247</sup>.

Incluimos em seguida uma figura com a imagem da estátua *Humsera* em Bamberg na Alemanha.<sup>248</sup>

<sup>247</sup> Cf. Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm. 16 Bde. [in 32 Teilbänden]. Leipzig: S. Hirzel 1854-1960. -- Quellenverzeichnis 1971 (Bd. 12, Sp. 2519). Sublinhados nossos.

<sup>248</sup> A foto da estátua *Humsera* em Bamberg na Alemanha foi retirada de Wikipedia - *Humsera*  
<http://de.wikipedia.org/wiki/Humsera>



Fig. 70 - Estátua Humsera em Bamberg na Alemanha. Foto em: Wikipedia - Humsera  
<http://de.wikipedia.org/wiki/Humsera>

Tal como evidenciado na definição lexical diacrónica acima, o termo *Moos* refere os produtos hortícolas vegetais, donde a expressão linguística complexa *Mooswief* (*Moos*> vegetais e *wief*> mulher, ou seja, mulher dos vegetais) resulta claramente de uma estratégia metonímica, cujo referente é o produto comercializado, i.e. os vegetais. Assim, o termo *Mooswief* representa a mulher oriunda das zonas agrícolas que comercializa os seus produtos na zona urbana mais próxima, neste caso Maastricht.

Mais uma vez, podemos inferir que as representações linguísticas e semióticas da estatuária urbana europeia evidenciam aspectos identitários partilhados por comunidades linguísticas e culturais, os quais estão manifestos em conceptualizações comuns na representação linguística e semiótica da estatuária. Na realidade, a conceptualização é norteadada a partir de modelos da experiência<sup>249</sup>. Perante esta imagem, somos confrontados com a dimensão experiencial do conceito visual e linguístico da representação escultórica:

<sup>249</sup> Para uma definição de modelos de experiência e da sua base cultural, consultar também Lakoff (1987: 266).

«'T MOOSWIEF De Markt in Maastricht was vroeger het terrein van de Mooswiever, de boerinnen uit de omgeving van de stad die hier dagelijks de verse groenten verkochten.»<sup>250</sup>

Este facto vem comprovar a tese do fundamento cultural do sistema conceptual, pois a experiência física não é norteadada apenas pelas condições físicas do meio e do corpo mas também pelos aspectos culturais que o determinam (Lakoff/ Johnson. 1980: 57):

“[...] what we call ‘direct physical experience’ is never merely a matter of having a body of a certain sort; rather, every experience takes place within a vast background of cultural presuppositions. [...] all experience is cultural through and through, that we experience our ‘world’ in such a way that our culture is already present in the very experience itself.”.

Ex. 35: [IDSL:461] – ‘t Ootje (Volendam)

A imagem ‘t Ootje situa-se num bonito espaço marginal ao longo do dique de Volendam na bifurcação de Edam Hoorn com o porto e a rua Zeestraat. A figura feminina em trajes típicos holandeses onde sobressaem os sapatos comuns a toda a Holanda e a touca típica de Volendam é uma representação visual não só da ‘avó’ mas também da tradição local evocada pelo conceito visual e pela memória na representação linguística. Perante o conceito visual que apresenta uma figura feminina com alguma idade e com os atributos notados na tradição etnográfica local, observamos no título da estátua pedestre ‘t Ootje, apoiada no varandim do passeio marginal, a representação da ‘avó’. Efectivamente, ‘t Ootje é um termo dialectal de Volendam que significa ‘avó’, tal

---

<sup>250</sup> Tradução *ad sensum* nossa: “Esta praça em Maastricht foi no passado um local de Mooswiever onde estas mulheres vendiam vegetais. Mooswieven eram camponesas dos arredores da cidade que diariamente vendiam vegetais no mercado.”, cf. (20.04.2008, *passim*) - Peter en René van der Krogt - Standbeelden en Gedenktekens - Alle standbeelden en gedenktekens in Nederland

<http://www.krogtweb.nl/monumenten/kunstenaars.html>



Fig. 71 - Estátua 't Ootje [IDSL:461] em Volendam.

constitui uma forma de falar afectiva sobretudo usada pelas crianças, tal como indicado no dicionário de alemão *Pfälzisches Wörterbuch*:

“Oma f.: 'Großmutter', Oma (ōma, ōmā) [verbr.]; vgl. Omama ; Syn. s. Großmutter ; im Ggs. zu Alt-, Großmutter, Mutter 1c, Groß(chen) ist Oma (wie auch Opa ) um 1930 noch wenig gemeldet und gilt meist als kindersprachlicher Ausdruck, während es heute die vorherrschende Bezeichnung ist. Südhess. IV 1095; Rhein. VI 398; DWA XXI 1.” (Pfälzisches Wörterbuch. Band 5, Spalten 260 – 264).

como descrito na página *online* da escultora Jans van Baarsen, autora desta imagem escultórica:

“Aan de haven van Volendam werd het bronzen standbeeld 't Ootje van Jans van Baarsen onthuld. 't Ootje is het derde beeld van de Volendamse kunstenaars dat een plek krijgt in het vissersdorp. Twee jaar terug kreeg de Bap (Opa) een plek op een zitbankje iets verderop aan de haven en vorig jaar november de tweeleezende kinderen op het Pellersplein. Ootje staat in het Volendamse dialect voor Oma.”<sup>251</sup>

Reparamos no pequeno texto *supra* na página da escultora que a realização linguística *Oma* é um termo actual ainda hoje comum em toda a região germânica, i.e. dos Países Baixos à Alemanha, sendo que o mesmo



Fig. 72 - Pormenor da placa da imagem de 't Ootje com inscrição.

<sup>251</sup> Tradução nossa: “No porto de Volendam foi inaugurada a estátua de bronze 't Ootje de Jans van Baarsen. 't Ootje é a terceira imagem da escultora de Volendam que ganhou um lugar na pequena vila de pescadores. Há dois anos atrás foi colocada a estátua de Bap (avô) sentada num banco ao pé do porto [...] Ootje significa no dialecto de Volendam avó.”. Cf. (02.11.2009) - Jans van Baarsen

<http://www.jansvanbaarsen.nl/>



A obra escultórica ‘t Ootje constitui um meio de preservação da memória etnolinguística local manifesta no discurso *scripto*-visual através dos elementos etnográficos do traje típico de Volendam e no título da imagem que é uma representação linguística dialectal local do termo *Oma* (avó). O enquadramento narrativo é ainda complementado pela apresentação a poucos metros de distância da imagem paternal do ‘avô’ de Bap [IDSL:462] em vestes regionais, realçando-se os sapatos e o chapéu de pescador.



Fig. 73 - Estátua De Bap [IDSL:462] e inscrição em Volendam (montagem).

Embora os Países Baixos sejam um país de pequenas dimensões, reconhece-se a existência de muitos dialectos e variantes linguísticas, tal como já observámos na escultura *Onze moeder* [IDSL:288] em Leeuwarden e que consiste na apresentação de uma vaca frísia, popularmente designada de "Us Mem", expressão linguística do dialecto frísio.<sup>252</sup>

“t Ootje” é também um termo da expressão idiomática “in iemand in het ootje nemen” e que significa “gozar com alguém/ enganar alguém” e designa ainda a letra “o”:

“1. ootje in iemand in het ootje nemen ‘iemand in de maling nemen’  
categorie: verkorting

Nnl. met [wie ik] in 't ootje knikkerde [1789; WNT], ik ... hield ze op beurt in 't ootje 'ik nam ze om beurten in de maling' [1868; WNT].

De huidige uitdrukking is ontstaan als term in een knikkerspel, waarbij ootjes ‘kringetjes’ worden getekend en waarbij een knikker die in het ootje staat, het mikpunt is.

<sup>252</sup> Realmente, nos Países baixos encontramos diferentes variantes linguísticas, tais como o frísio na região da Frísia, o Grunnings em Groningen, o Limburgan no Limburgo, o Vlaams mais próximo da zona de fronteira com a Bélgica, o Dutch, considerado a língua padrão do Reino dos Países Baixos e que difere ligeiramente do flamengo falado na Bélgica, entre outros, tal como documentado no Ethnologue. De qualquer modo, é interessante notar que a maior parte destes dialectos têm mais de 60% de semelhanças lexicais com o alemão padrão e mais de 50% de semelhanças lexicais com o inglês (cf.: Ethnologue - Languages of the World - Dutch A language of Netherlands

[http://www.ethnologue.com/show\\_language.asp?code=nld](http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=nld)).

Dit woord ootje is een verkleinwoord van o als letternaam, vanwege de vorm van de letter.”<sup>253</sup>

Verifica-se, assim, que as imagens visuais da escultura podem reforçar a preservação do património imaterial das línguas. Obras como “Us Mem”, “de Bap” e “Hans Hummel” mantêm vivas na memória das populações aspectos da etnolinguística enquanto património imaterial das localidades, revelando a dimensão viva das línguas quer através dos dialectos e lendas locais quer através das suas etimologias. Assim, o valor desta forma de arte nos espaços públicos reside na articulação entre as suas formas plásticas e a narrativa que as mesmas suportam i.e. na sua dimensão *scripto*-visual. Casos como os referidos ilustram, pois, uma forma artística de preservação do património imaterial etnolinguístico através do património escultórico edificado.

---

<sup>253</sup> Segundo (13.03.2009) - Etymologisch woordenboek van het Nederlands, onder hoofredactie van dr. Marlies Philippa, dr. Frans Debrabandere, prof. dr. Arend Quak, dr. Tanneke Schoonheim en dr. Nicoline van der Sijs, Amsterdam University Press  
<http://www.etymologie.nl/>

#### 4.2.10 *Tempo*

Ex. 36: [IDSL:92] – *Livscykeln* (Varberg)

Ex. 37: [IDSL:381] – *Johannes Brahms* (Hamburgo)

A imagem [IDSL:92] *Livscykeln* (Ciclo da Vida) em Varberg e a obra escultórica que apresenta as diversas fases da vida de Johannes Brahms [IDSL:381] em Hamburgo encerram a mesma metáfora conceptual: A VIDA É UM CICLO.

Notamos que ambas as peças são esculpidas a partir de um monólito quadrangular onde se podem visualizar nas quatro faces as diferentes idades da vida, desde a infância e juventude até à idade adulta e velhice. No caso da obra [IDSL:92] *Livscykeln*, os relevos não referem uma personalidade específica mas dirigem-se a todas e quaisquer pessoas, pois identificam as idades da vida de todos nós. É uma peça dedicada à criança e encomendada em homenagem às crianças. Já a obra [IDSL:381] é dedicada à memória de Johannes Brahms apresentando nas inscrições referências às etapas da vida deste músico natural de Hamburgo: “Johannes Brahms vier Bildnisse aus Lebensaltern und Schaffensperioden von der Romantik der Jugend bis zur Verklärung des Alters.”<sup>254</sup> As quatro faces da escultura cúbica apresentam em baixo-relevo tipo esgrafito a cabeça de Johannes Brahms.

Podemos ainda antever a partir da metáfora conceptual A VIDA É UM CICLO a produtividade da mesma na metáfora em A VIDA DÁ VOLTAS. Então, a construção do significado destas peças apresenta uma forma, a saber um monólito quadrangular, que faz com que o fruidor se desloque em volta da mesma para a contemplar na totalidade. A semanticidade destas obras está claramente presente na forma plástica e no conteúdo que evocam.

Também a conceptualização da vida<sup>255</sup> presente nas imagens escultóricas que analisamos tem na sua base um mapeamento ontológico e epistémico com o domínio da

---

<sup>254</sup> Tradução nossa: "Johannes Brahms quatro imagens das idades da vida e períodos criativos desde o romantismo da juventude até à apoteose da maturidade."

<sup>255</sup> Acerca de metáforas para a conceptualização da vida, ver também Lakoff/ Turner (1998: 6).



natureza. Efectivamente, a metáfora AS PESSOAS SÃO PLANTAS é construída a partir da concepção da vida como um ciclo, onde se verificam várias fases desde o nascimento, florescimento e maturação até à morte. Assim, a conceptualização da vida representada nestas estátuas decorre por um lado do conhecimento que temos acerca da natureza e das estações do ano, cuja vida se desenvolve ciclicamente (e não linearmente como no tempo histórico), e da comparação da mesma com as plantas.

Portanto, verificamos que os nossos modelos de inferência para pensarmos acerca da vida resultam de um mapeamento entre diferentes domínios conceptuais, donde o domínio fonte é as plantas e o domínio alvo é a vida. Observamos que este mapeamento é de natureza conceptual e não linguística, pois não faz parte do léxico quer do sueco quer do alemão, mas do sistema conceptual em que assentam estas línguas e estas culturas. Comprovamos assim a tese, segundo a qual a construção do significado das imagens escutóricas [IDSL:92] *Livscykeln* e [IDSL:381] *Johannes Brahms* é de natureza conceptual:

“The mapping is a set of correspondences. [...] Names of mappings commonly have a propositional form [...]. But the mappings themselves are not propositions.” (Lakoff, 1993: 207).

#### 4.2.11 Cidade

Ex. 38: [IDSL:453] – Fontein op 't Zand (Brugge)



Fig. 74- Pormenor de Fontein op 't Zand [IDSL:453] com as imagens do grupo de mulheres, dos ciclistas e de Thijl Ulenspiegel.

Esta fonte na praça 't Zand em Brugge é composta por quatro grupos escultóricos de figuras que apresentam cenas quotidianas do passado nesta cidade.

O grupo de figuras femininas nuas representa as quatro cidades flamengas de Antwerpen, Gent, Kortrijk e Brugge. O conjunto com peixe e um marinheiro evoca a ligação histórica centenária de Brugge ao mar. Um terceiro grupo simboliza o terreno arado flamengo. Finalmente, o quarto grupo apresenta uns ciclistas que pedalam alegremente à volta dos heróis flamengos Nele e Tijnl Uilenspiegel.

Tijnl Uilenspiegel é um herói lendário e uma figura da literatura que se tornou popular desde a Baixa-Saxónia aos Países Baixos. Diz a lenda que nasceu no século XIV em Braunschweig na Alemanha e representa um bobo louco que satiriza e brinca com as pessoas, enganando-as, sobretudo através de trocadilhos com as palavras.<sup>256</sup>

Em baixo podemos ver a placa que referencia o herói lendário Tijnl Uilenspiegel e cuja inscrição transcrevemos: "Thijnl Uilenspiegel/ Maar zei hij strak 'elk bastaardkind/ is voor de abstracte kunstvorm blind."/ Geeerd publiek ge kunt verrekken./ want ik vlieg niet voor een stel gekken./ Thijnl zei "de wereld die is rond/ Mijn leuze is dus: gij kunt er rond/ of, in t'hooghollands: kust-mijn ....



Fig. 75 - Placa de Tijnl Uilenspiegel [IDSL:453] (Brugge).

rond/of in t' Hooghollands kust mijn.../ Gedichten van Bert DeCorte”.



Fig. 76 - Imagem de Tjil Uilenspiegel [IDSL:453].

De acordo com os dicionários consultados, todos atribuem uma origem comum ao herói popular *Eulenspiegel*, em holandês *Uilenspiegel*, o qual faz parte do imaginário linguístico e identitário germânico e, assim, de toda a região que se estende da Baixa Saxónia aos Países Baixos, incluindo a região onde se localizam Antwerpen e Brugge. Aliás, tal como já explanado acerca da imagem escultórica *Der Ulenköper* [IDSL:126] em Uelzen na Alemanha, também aqui foi registada a importância do animal “coruja” na

estruturação de domínios conceptuais, como por exemplo a toponímia, a partir

da referência a uma lenda local, a qual tem na sua base um trocadilho linguístico. É, assim, confirmada a importância deste elemento identitário na região na estruturação de domínios da experiência, donde se sublinha mais uma vez a natureza conceptual das representações semiolinguísticas da estatuação urbana europeia.

Vejamos a definição do dicionário Goethe<sup>257</sup> :

“Eulenspiegel

1 Titelfigur u Werktitel des alten Volksbuches, Muster eines Schalknarren u Spaßmachers; auch im Vergl E.: alle Hauptspäße des Buchs beruhen darauf, daß alle Menschen figürlich sprechen und E. es eigentlich nimmt 422,249,15u17 MuR(1045) Till Eulensp. 422,427,6 Volksb histInh Schema Naßradinn Chodsha (Art E. Margites pp)

<sup>256</sup> Cf. Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm. 16 Bde. [in 32 Teilbänden]. Leipzig: S. Hirzel 1854-1960. -- Quellenverzeichnis 1971.

<sup>257</sup> Segundo DAS WÖRTERBUCH-NETZ

Goethe-Wörterbuch. Hg. v. der Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften, der Akademie der Wissenschaften zu Göttingen und der Heidelberger Akademie der Wissenschaften. Bd. 1-4: A-inhaftieren. Stuttgart: Kohlhammer 1978-. Die Digitalisierung wird in einem von der DFG finanzierten Projekt vom Kompetenzzentrum für elektronische Erschließungs- und Publikationsverfahren in den Geisteswissenschaften an der Universität Trier durchgeführt.



AADiv3,146a Plp Engländer mit ihrer buchstäblichen Auslegung .. kommen mir vor wie lauter E. Gespr(He2,675) Riemer 12.7.11 B9,136,7 Reichardt 29.6.89

2 Rollenname eines Spaßmachers  
E. | Fozzenhut | Dreckfincke 38,441  
HanswHochz Plp = 38,443 ebd“.

Também a origem do nome é frequentemente atribuída à combinação de *uile* (coruja) e *spiegel* (espelho), a partir da qual resulta a tradução em neerlandês actual *Uilenspiegel*. Podemos até mesmo observar no conjunto escultórico a presença de uma imagem consideravelmente mais pequena de uma coruja.



Fig. 77 - Pormenor de Fontein op 't Zand [IDSL:453] com a pequena imagem escultórica da coruja na base do conjunto.

As inscrições presentes neste conjunto escultórico encontram-se em duas línguas - o flamengo e o italiano – enaltecendo e glorificando a região flamenga. O enfoque temático desta imagem reside no factor identitário que a mesma representa activando na memória e na experiência daqueles que fruem a obra aspectos culturais e épicos do povo e da região, tais como: a figura lendária do imaginário germânico *Uilenspiegel*, a coragem do povo que luta contra a força do mar que lhe rouba a terra<sup>258</sup> bem assim a sua jovialidade, aliás claramente presente na composição de todo o conjunto.

Vislumbramos ainda que a consciência de uma dimensão territorial e política demarcam esta região flamenga da Valónia francófona não somente pelos modos de vida mas também pela própria componente da língua. A Valónia é uma região sobretudo francófona enquanto na Flandres se fala um flamengo praticamente igual ao neerlandês; factores que no aspecto político geram uma dinâmica que tem sido notada através das rivalidades territoriais na administração do estado belga.<sup>259</sup>

Por outro lado, reparamos que esta obra não tem inscrições em francês, assinalando assim a diferença entre as regiões francófona e flamenga. Sabendo, porém,

<sup>258</sup> Inscrição: “De zee gestold tot zand, met zand verstoven en wolk [...]” – Anton van Wilderode.

<sup>259</sup> Sobre a situação linguística na Bélgica, consultar o anexo 5.

que a Bélgica é um estado flamengo e francês, curiosamente as inscrições registam-se em flamengo e numa língua estrangeira - o italiano.

Trata-se, pois, de uma evocação da memória histórica e cultural através do aspecto político e identitário evidenciado pela componente linguística, tal como atesta uma das inscrições que seguidamente transcrevemos:

“De vier vlaamse steden daar is maar één land, dat mijn land kan zijn. Daar rukt niet de Rhône, daar stroomt niet Rijn. Daar vloeit maar de Leye en de scheld die brandt. Daar is maar één vlaandren, t is mijn land! – Rene de Clerco.”<sup>260</sup>

Assim, a conceptualização da cidade belga Brugge é gizada a partir da componente cultural, histórica e política da região, centrada na figura popular de Tjil Uilenspiegel, na actividade piscatória, ou seja, na ligação ao mar, nas cenas quotidianas fílmicas do circular de bicicleta alegremente pela cidade, na luta heróica do povo contra as águas<sup>261</sup> e na língua enquanto factor de identidade histórica, política e cultural. O conceito visual e as realizações linguísticas afixadas ao conjunto escultórico confluem para o entendimento que temos desta cidade.

Portanto, a experiência estética é estruturada a partir de elementos da experiência quotidiana e histórica permitindo conceptualizar a identidade política e linguística e cultural da cidade de Brugge.

#### Ex. 39: [IDSL:544] – *Échasseurs namurois* (Namur)

Também o conjunto escultórico *Échasseurs namurois* [IDSL:544] em Namur na Bélgica representa uma dimensão da identidade da cidade e da região da Valónia através da apresentação de duas figuras masculinas em cima de umas andas sobre um plinto de rocha. Esta representação da cidade implantada numa rotunda que dá acesso

<sup>260</sup> Tradução nossa (*ad sensum*): “As quatro cidades flamengas ali não são apenas uma terra que pode ser a minha terra. Lá não se agarra o Rhône, para lá não corre o Reno. Para lá flui apenas o Leye um protesto que queima. Ali é somente uma flandres que é a minha terra!- Rene De Clerco.”.

<sup>261</sup> Também as imagens [IDSL:460] De Held van Haarlem em Ijdijk (Spaarndam), [IDSL:463] Een volk dat leeft bouwt aan zyn toekunst e [IDSL:464] De Steenzetter ambas no Afsluitdijk documentam e actuam como dispositivos de identidade de toda a região flamenga, da Bélgica aos Países Baixos. Na realidade, a língua é apenas um elemento que contribui para a representação cultural.



Fig. 78 – Conjunto escultórico Échasseurs namurois [IDSL:544] em Namur.

ao centro de Jambes e à localidade de Marche é marcada também pela toponímia do local, tal como podemos observar na figura seguinte:

Realmente, “echasseur” é uma palavra regional da zona de Namur e do folclore da Valónia e que representa os lutadores que participam em combates populares em cima de andas:

"Echasseur : Mot du français régional et dialectal de la région namuroise, dérivé du wallon "chacheu", désignant les joueurs sur échasse. Par opposition, le terme échassier s'applique dans nos régions à tous les autres utilisateurs d'échasses (danseurs, landais, ..)".<sup>262</sup>

Para além da definição *supra*, conferimos através da nossa pesquisa bibliográfica alguns factos históricos que demonstram a origem desta representação conceptual da cidade, quer na sua vertente iconológica quer na sua realização linguística. Então, na origem destes combates em cima de andas estão provavelmente duas lendas, as quais se reportam igualmente ao primórdio da própria região de Namur.

<sup>262</sup> Segundo LINGOES (10.09.2009) - <http://users.skynet.be/fa523252/lexique.htm>



Fig. 79 – Placas direccionais toponímicas.

Assim, segundo uma das lendas que remonta ao início do século XIV, o nobre e abastado Jehan de Flandre proprietário do condado de Namur ao tomar posse da cidade deixou-a cair em ruína devido à fome. Todavia, recusando o perdão implorado pelos notáveis da cidade que suplicavam "Nenni, Nenni,

perdoa-nos quer venhas a pé, de cavalo, de barco ou de carroça", os naturais de Namur resolveram apresentar-se ao conde em cima de andas. Divertido com esta atitude, o conde concedeu-lhes o perdão.<sup>263</sup>

Diz ainda outra lenda, esta considerada mais fiel à tradição, que a situação geográfica de Namur é um aspecto que condicionou a existência de “échasseurs” na região. Namur situa-se na confluência de dois importantes cursos de água na Europa: o Meuse e o Sambre. Então, conforme a versão da lenda que aqui transcrevemos, as ruas de Namur ficavam frequentemente inundadas devido ao trasbordamento das águas dos rios que atravessam a região. Por esse motivo, os habitantes de Namur adquiriram o hábito de se deslocarem de andas. Este hábito imposto pela necessidade tornou-se mais tarde um desporto de combate através do qual os jovens faziam provação da sua força, agilidade e virilidade. Segue-se uma descrição desses combates:

“Mais une version beaucoup plus plausible de ce célèbre jeu est donnée par l'historien Félix ROUSSEAU. Au Moyen -Age, à chaque crue de la Sambre, de la Meuse ou du Houyoux, les rues de la ville se trouvaient sous eau. Peut-être en pareille circonstance, les Namurois prirent-ils l'habitude de se servir d'échasses.

Comme il arrive souvent, un exercice imposé par la nécessité finit par devenir un sport. C'est à ce jeu que les jeunes faisaient montre de leur force, de leur adresse de leur agilité. Ils étaient divisés en deux groupes: l'un sous le nom de Mélans groupait ceux de l'ancienne ville et l'autre, les Avresses comprenait ceux nés dans la nouvelle

<sup>263</sup> O anexo 6 mostra uma versão desta lenda em banda desenhada. Cf. (10.09.2009) - Les Echasseurs Namurois  
<http://users.skynet.be/fa523252/homepage.htm>



ville. Chaque groupe avait son capitaine et son drapeau et se distinguait par la couleur des échasses : celles des Mélans, jaunes et noires, les couleurs de la ville et celles des Avresses, rouges et blanches. A l'heure du combat, ils se formaient en bataille. Au son des timbales, les deux groupes s'avançaient jusqu'à l'endroit de la joute. Les combattants n'avaient pour armes que leurs coudes et les coups qu'ils se donnaient échasse contre échasse pour renverser l'adversaire. Très populaires, les combats de masses, qui pouvaient rassembler parfois plus d'un millier d'échasseurs sur le Marché St-Rémy, furent à maintes reprises interdits par les autorités locales, qu'elles furent autrichiennes, espagnoles... ou namuroises. En 1765, Lambert Hinne, imprimeur-libraire à Namur, décrivit les combats organisés pour le carnaval. ».<sup>264</sup>

Portanto, a conceptualização semio-linguística de Namur é orientada por uma motivação cultural, a qual tem na sua base a lenda da região. Concluimos ainda que a representação da cidade e da região resulta de estratégias cognitivas de natureza metonímica, as quais estão manifestas na toponímia local – Jambes (pernas) e Marche (andamento) – próximo da imagem escultórica.

Assim, a rede de espaços mentais de *Échasseurs namurois* [IDSL:544] adquire a seguinte configuração:

---

<sup>264</sup> Pode ainda ser consultado um relato de 1765 por Lambert Hinne (importante tipógrafo de Namur) dos combates organizados durante o Carnaval em (10.09.2009) - Les Echasseurs Namurois

<http://users.skynet.be/fa523252/homepage.htm>

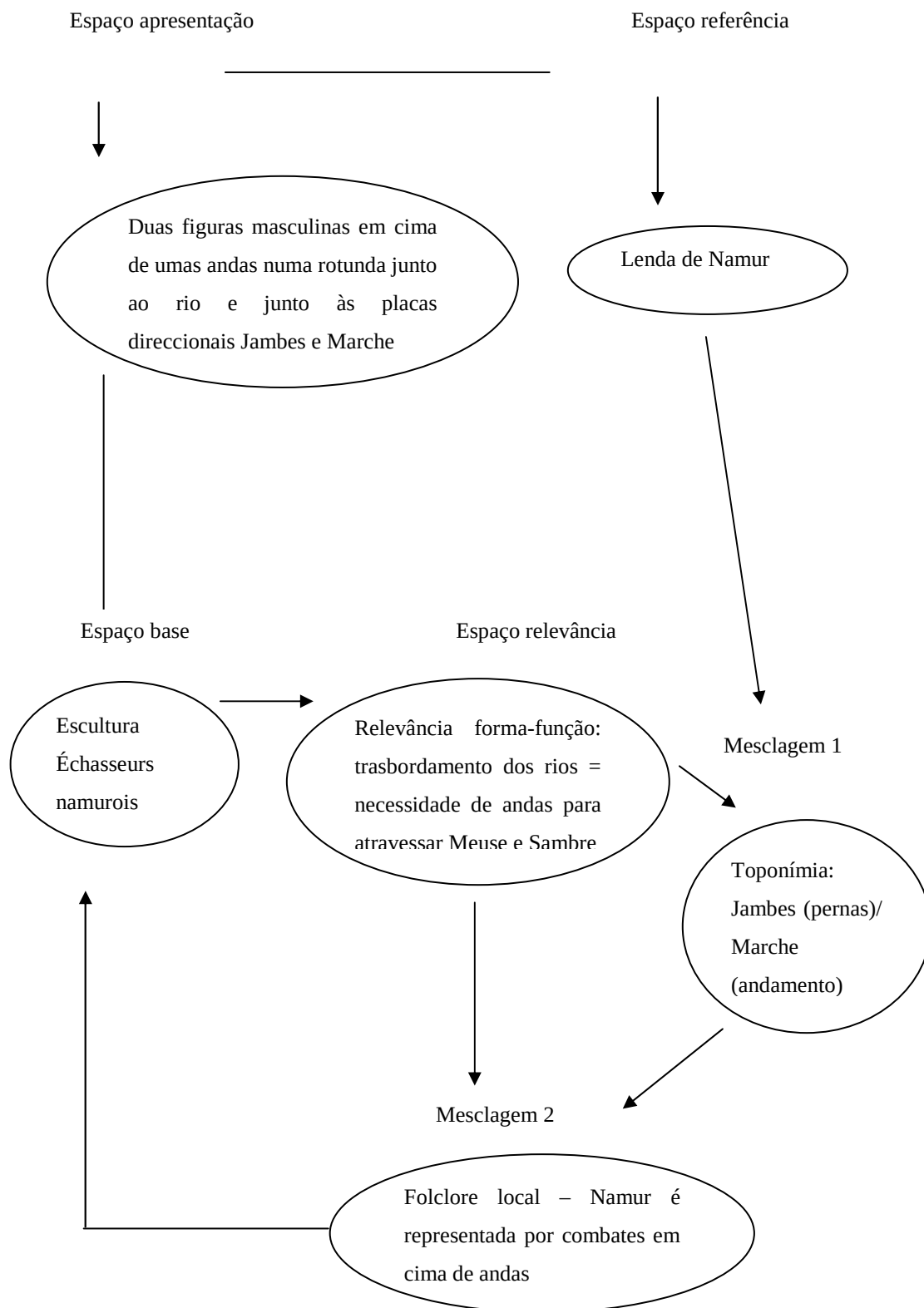


Fig. 80– REM de Échasseurs namurois [IDSL:544] em Namur.

#### 4.2.12 Educação

Ex. 40: [IDSL:200] – *Monumento ao professor primário (Aqualva-Sintra)*

O conjunto escultórico *Monumento ao professor primário* [IDSL:200] no Jardim Bons Amigos em Aqualva-Sintra apresenta um professor primário que estende a mão a um rapaz e uma rapariga que a ele se dirigem subindo uma escadaria. Afixada à obra encontra-se ainda a inscrição: “Ao professor primário que nos ajudou a subir para uma vida melhor/ Lendo estamos mais perto dos pensamentos dos que viveram e dos que vivem podendo legar aos que hão-de vir os próprios pensamentos.”.

Vislumbramos que a conceptualização da educação nesta imagem é norteada a partir da metáfora conceptual A VIDA É UMA ESCADA, sendo que a educação é uma forma de subir na vida, ter sucesso e uma vida melhor. Efectivamente, a produtividade desta metáfora conceptual é bem notória quer no conceito visual, donde se observa a escadaria pela qual as crianças sobem como o trajecto ascendente, sendo que as mesmas são ajudadas pelo professor que lhes estende a mão amiga, quer na realização linguística presente na inscrição, a qual está manifesta na produtividade da metáfora “subir os degraus da vida” através da proposição “Ao professor primário que nos ajudou a subir para uma vida melhor”.<sup>265</sup>

Nota-se nesta conceptualização da educação pela posição hierárquica da imagem do professor situada num plano mais elevado em cima de um estrado e pela escada como símbolo de ascensão que a educação permite aceder a uma vida melhor. Logo, a construção do significado é também gizada na base do esquema imagético da trajectória visível no lexema "subir".

---

<sup>265</sup> Sublinhados nossos.

Ex. 41: [IDSL:348] – *Rapaz e rapariga em idade escolar (Viana do Castelo)*

Segundo Arnheim, as imagens podem funcionar como símbolos e/ ou signos. As letras e as palavras são signos:

“In written language, the variety of letter groups used to designate words serves similar purposes of identification and distinction, and therefore letters and words are, to this extent, signs.” (Arnheim, 1969/ 1997: 136).

Assim, os numerais e a linguagem verbal são signos, uma vez que são apenas um meio indirecto que deriva da convenção de significar as coisas; são apenas referências.<sup>266</sup>

Também é costume representar-se a escola primária e a importância da aprendizagem da escrita através da apresentação do abecedário. As letras do alfabeto representam muitas vezes a escola. A não arbitrariedade dos signos presentes nesta imagem escultórica, o abecedário, vem comprovar que a sua escolha obedece a uma selecção que serve a sua função de representarem a escola e o ensino primário, ou seja os primeiros anos escolares de aprendizagem da escrita.

Perante esta escultura concluímos que na representação da educação confluem o conceito visual e o conceito linguístico inscrito na imagem. Através da representação escultórica de duas crianças no pátio de uma escola primária acompanhadas da inscrição do abecedário comprovamos a dimensão visual da conceptualização bem assim o papel da memória e da experiência na conceptualização. Mais, a conceptualização da educação encerra uma dimensão experiencial presente na simbologia evocada pela escultura.

Não obstante, e tal como Kant<sup>267</sup> observou, devemos distinguir dois níveis no conhecimento: a conceptualização e a intuição. A intuição diz respeito à experiência directa de um objecto concreto, sendo que todo o conhecimento provém da intuição, ou seja da experiência. No entanto, existem conceitos que não resultam da experiência sensorial directa do sujeito mas são representados por analogia. É neste ponto que Kant apresenta a noção de símbolo como constituinte cognitivo do conhecimento.

<sup>266</sup> Arnheim (*opere citato, passim*).

<sup>267</sup> Em Kant não existe o termo metáfora mas símbolo. Cf. Kant (1790/ 1974: §59).

Então o símbolo é uma forma de conceptualizar por analogia uma coisa em termos de outra. Portanto, o símbolo equivale à metáfora na teoria cognitiva, donde o mesmo funciona como um instrumento conceptual:

“Die Realität unserer Begriffe darzutun werden immer Anschauungen erfordert. Sind es empirische Begriffe, so heißen die letzteren Beispiele. Sind jene reine Verstandesbegriffe, so werden die letzteren Schemata genannt. [...] Alle Hypotypose [...] als Versinnlichung, ist zwiefach: entweder schematisch, da einem Begriffe, den der Verstand faßt, die korrespondierende Anschauung a priori gegeben wird; oder symbolisch, da einem Begriffe, den nur die Vernunft denken, und dem keine sinnliche Anschauung angemessen sein kann, eine solche untergelegt wird, mit welcher das Verfahren der Urteilkraft demjenigen, was sie im Schematisieren beobachtet, bloß analogisch, d.i. mit ihm bloß der Regel dieses Verfahrens, nicht der Anschauung selbst, mithin bloß der Form der Reflexion, nicht dem Inhalte nach, übereinkommt.“ (Kant, 1790/1974: 294/ 295).

Ora, podemos observar nesta imagem escultórica que o conceito visual e a conceptualização da educação através das figuras de duas crianças no pátio de uma escola primária apresentando a inscrição do abecedário constitui um símbolo, i.e. uma metáfora para a conceptualização da educação e do ensino primário anterior aos anos setenta.<sup>268</sup>

---

<sup>268</sup> Esta escola foi uma obra lançada em 1928 pelo Ministro da Instrução Dr. Alfredo Magalhães, sendo considerada uma das primeiras obras do regime. Portanto, será um conjunto escultórico dos anos trinta. Cf. «A aurora do Lima». bisemanário independente. nº2. 30.12.1992 & 1990. “Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941”. *Muitos anos de escolas*. Vol. 1. Lisboa: ME – Direcção-geral de Administração Escolar.

#### 4.2.13 Militar

Ex. 42: [IDSL: 485] – *Au poilu libérateur* (Metz)

A escultura *Au poilu libérateur* [IDSL: 485] em Metz apresenta um soldado da I Grande Guerra em pose com a respectiva arma e trajando o uniforme com sobretudo.

“Poilu” é um nome de tom afectuoso pelo qual eram apelidados os soldados franceses que combateram na I Grande Guerra e que se alistavam voluntariamente na guerra a fim de defenderem a pátria, correndo mesmo o risco de nela perecerem. Esta obra de 1956 é um tributo em memória desses soldados do início do século XX.

De acordo com a maior parte das fontes documentais consultadas, este epíteto surgiu na língua francesa ainda antes da Grande Guerra designando os soldados da frente de batalha ou, simplesmente, em linguagem familiar, alguém corajoso. Segundo a publicação *Le Républicain Lorrain*, este termo já era usado por Molière no século XVII através da expressão idiomática “un brave à trois poils”. Os pêlos eram considerados um sinal de virilidade, donde a transposição do significado concreto para o figurado provém não só do facto de os soldados apresentarem barba e bigode quando regressavam a casa mas também no arrojo que está associado ao seu comportamento militar e humano:

« Le terme «Poilu», immortalisé par la Grande guerre en tant que surnom donné aux 8,5 millions de soldats français, a des origines bien plus lointaines. Il s'agit en effet d'un terme militaire, datant de plus d'un siècle avant la Première Guerre mondiale, qui désignait dans les casernes l'homme d'attaque qui n'a pas froid aux yeux, ou l'homme tout court. Il désignait également dans le langage familier quelqu'un de courageux. L'expression la plus ancienne est «un brave à trois poils», que l'on trouve chez Molière en 1659 dans *Les Précieuses Ridicules*. Autrefois, les poils étaient considérés comme un signe de force, de virilité. Du sens mâle, ce mot est passé tout naturellement à celui de courageux, d'intrépide. Mais c'est surtout dans les tranchées que cette épithète s'est généralisée, pour désigner tout à la fois les braves qui ont vu le feu de près et ceux qui sont restés au front où ils ont laissé pousser barbe et moustache. ».<sup>269</sup>

---

<sup>269</sup> Cf. (05.09.2009) - *Le Républicain Lorrain*. Des «braves à trois poils»  
<http://www.republicain-lorrain.fr/fr/article/186825/Des-braves-a-trois-poils.html>

Também o Dictionnaire de l'Académie française apresenta uma definição etimológica do sentido figurado do termo *poil* e *poilu*, a qual indica o sentido de coragem e valentia para o epíteto que refere de forma afectuosa os soldados:

“Étymologie

De poil avec suffixe -u, le sens figuré vient de l'image "virile" du poil qu'on retrouve par exemple dans l'expression "avoir du poil aux fesses". L'emploi substantivé au sens de « brave » qui se trouve déjà chez Jehan-Rictus en 1897 semble avoir commencé, avant de passer dans le langage des civils, dans le langage des officiers désignant leurs soldats avec une connotation affectueuse”.<sup>270</sup>

Assim, verificamos que o conceito *poilu* resulta de uma estratégia cognitiva metonímica, a qual tem na sua base uma relação mental de contiguidade semântica entre a pilosidade e o soldado francês combatente nas frentes de batalha. O significado da noção de *poilu* apresentada por esta imagem escultórica resulta de uma mesclagem entre o espaço de *input* da escultura e a sua dimensão visual bem assim da inscrição verbal, i.e. da expressão linguística *Au poilu libérateur*.

Portanto, o significado concreto “coberto de pêlos” é transposto para um significado mais abstracto que representa o soldado corajoso:

“Étymol. et Hist. 1. Adj. a) 1155 pelu «couvert de poils» (Wace, Brut, éd. I. Arnold, 2724), forme encore att. ds Ac. 1762; b) début xves. cuir poillut (Arch. Nord, B 146, 3e cahier, fo 3); c) 1630 chapeau pelu (D'Aubigné, Aventures du Baron de Foëne, livre IV, éd. Réaume et Caussade, t.4, p.621); 2. subst. a) 1292 (Rôle de la Taille, éd. Géraud, p.65: Pierre, le pelu); b) 1897 poilu arg. milit. «homme (brave), gars qui n'a pas froid aux yeux» (Rictus, loc. cit.); c) ca 1915 en partic. «combattant français de la première guerre mondiale» (Esn. Poilu, p.429: les Poilus et les Boches, Poilus et Tommies). Dér. de poil\*; suff. -u\*; au sens 2 b, cf. poilu «courageux» (1833, Balzac, Méd. camp., p.88), v. aussi Dauzat, Arg. guerre, p.47 à 52.”.<sup>271</sup>

<sup>270</sup> Segundo (05.09.2009) - Dictionnaire de l'Académie française, neuvième édition  
Version informatisée  
<http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>

<sup>271</sup> Cf. (18.01.2009) - CNRTL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales  
<http://www.cnrtl.fr/etymologie/poilu>

e  
(18.01.2009) - RLL-Research, Research Guide for Romance Studies  
[http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&view=view.do&viewParam\\_name=etym.html](http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&view=view.do&viewParam_name=etym.html)

Finalmente, notamos que a figura apresenta bigode e barba, articulando assim o conceito visual com o conceito linguístico.

.



#### 4.2.14 Jogo

Ex. 43: [IDSL:93] - *Badande ungdom* (Varberg)

Este conjunto escultórico mostra uma construção, a qual denota na representação física de um jovem casal de nus brincando/ jogando com uma bola numa fonte o espaço da apresentação. Este espaço remete para o espaço da referência da sexualidade e do amor abarcado no espaço abstracto comum do jogo. A nudez das figuras e a inscrição “Badande Ungdom” (Jovens Banhistas) vem comprovar o aspecto lúdico e a sensualidade associadas à composição deste conjunto.

Tendo por base a actividade perceptiva e processos imaginativos que ligam a interpretação simbólica do objecto de arte ao seu significado, os três espaços são conceptualmente mesclados na mesclagem 1 - «interacção/ jogo» - e num significado mais geral conotado na mesclagem 2 SEDUÇÃO É JOGO.

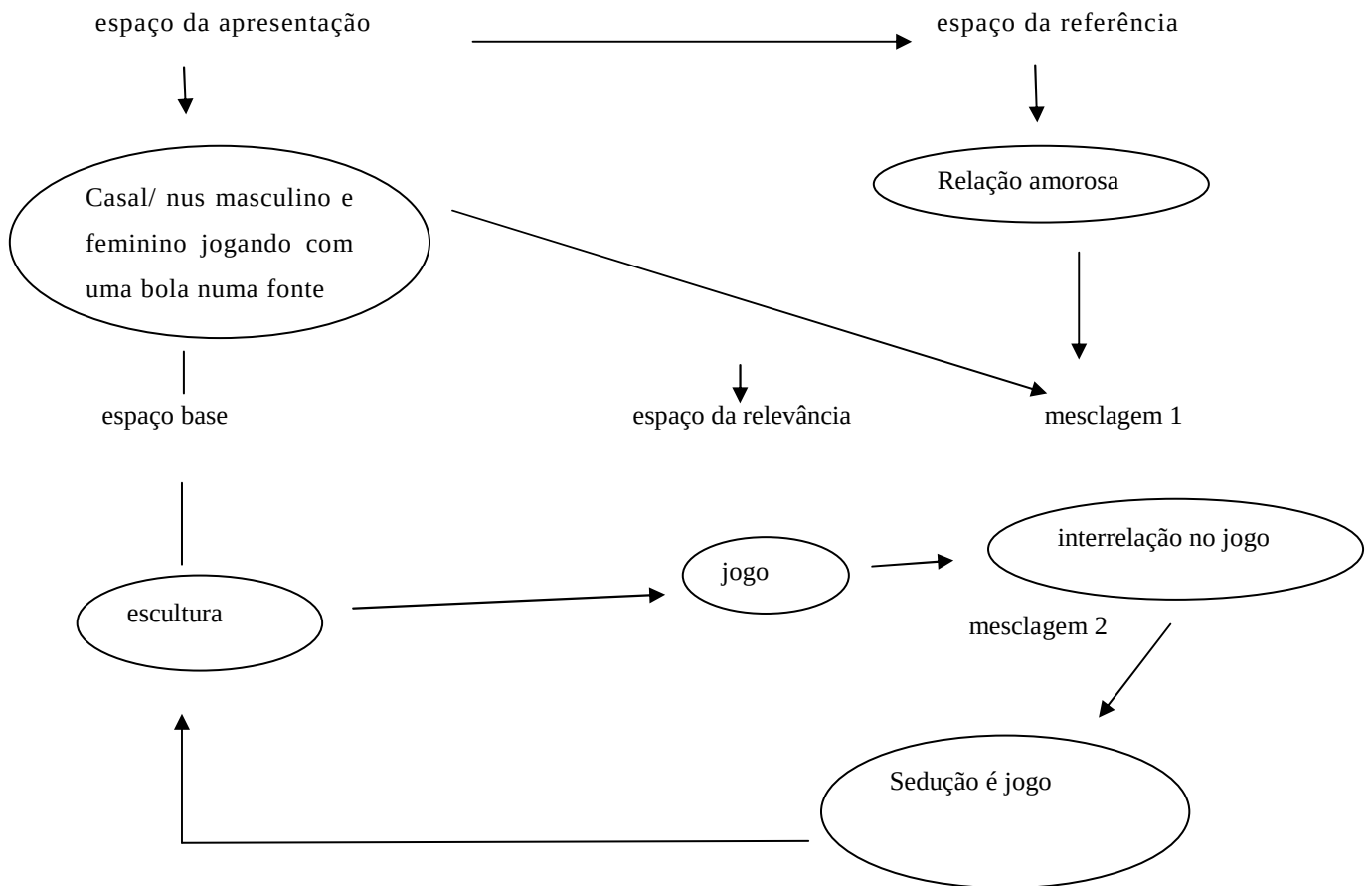


Fig. 81- REM de [IDSL:93] *Badande ungdom*.

#### 4.2.15 Alegoria

Ex. 44: [IDSL :563] – *Complicidad* (Zaragoza)

A imagem escultórica *Complicidad* [IDSL:563] em Zaragoza apresenta três figuras femininas nuas de mãos dadas e em círculo, as quais podem sugerir dada a sua posição e composição a solidariedade, a amizade e a harmonia. Este conjunto escultórico é também uma evocação das três Graças, deusas cujo nome grego é Cárites, e que simbolizam a fertilidade, a beleza, a poesia, a alegria e a amizade.<sup>272</sup>

À semelhança de algumas representações clássicas como “A Primavera” de Botticelli (1445-1510) ou as do pintor renascentista Rafael (1483-1520), as Graças apresentam-se como jovens nuas de mãos dadas, sendo que duas das Graças olham numa direcção e a terceira olha na direcção contrária. Também Rubens (1577-1640) pintou as Três Graças representando-as como as virtudes do espírito, simbolizando assim as três artes elementares estudadas nas universidades: a gramática, a retórica e a lógica.

Segundo José Pedro Machado, *Graça* deriva do latim e traduz “sentimentos de boa inteligência, de bom acordo, relações amigáveis, amizade [...]” (DELP, 1952/2003: 168). Ainda segundo o mesmo autor, *Graças* aponta claramente para as três musas da mitologia greco-romana (Tália, Aglaia e Eufrosina), sendo que o termo grego correspondente é Cárites.<sup>273</sup>

Tal como na língua portuguesa a palavra “complicidade”, também o termo espanhol *complicidad* (que dá o título à escultura) deriva do latim e aponta para o mesmo sentido, i.e. união e solidariedade. Assim, segundo o Diccionario de la Lengua

---

<sup>272</sup> Aliás, o próprio escultor confirma que se inspirou no motivo clássico das *Três Graças* e bem assim no seu simbolismo: “El grupo escultórico [...] está compuesto por tres figuras femeninas estilizadas y desnudas que forman un círculo, en una recreación contemporánea del motivo clásico de Las tres Gracias . [...]El escultor Alberto Gómez Ascaso (Zaragoza, 1963) declaró [...] sobre el icono clásico había recogido el simbolismo de valores de juventud en los que se aúnan solidaridad, esfuerzo generoso y afán de futuro, por lo que la había llamado Complicidad .”, cf. (07.11.2009) - Una escultura de Gómez Ascaso fue instalada ayer en la Gran Vía - el Periódico de Aragón

<http://www.elperiodicodearagon.com/noticias/noticia.asp?pkid=56321>

<sup>273</sup> Conforme DOELP (2003:736).

Española<sup>274</sup> “complicidad/ cómplice (Del lat. complex, -ícis) 1. adj. Que manifiesta o siente solidaridad o camaradería” infere-se que o significado transmite a noção de amizade e de solidariedade.

Perante esta imagem escultórica edificada no espaço urbano e constituindo um elemento do quotidiano da cidade de Zaragoza, ela evoca na imaginação e na representação não só o conceito abstracto da harmonia e da amizade mas também a referência contextual do conjunto *Três Graças* da mitologia e da identidade greco-romana.

Então, a imagem escultórica actua como um dispositivo de identidade da cidade de Zaragoza, o qual reflecte a tradição greco-romana na cultura local através desta estátua urbana.

O significado da escultura *Complicidad* articula a seguinte rede de espaços mentais:

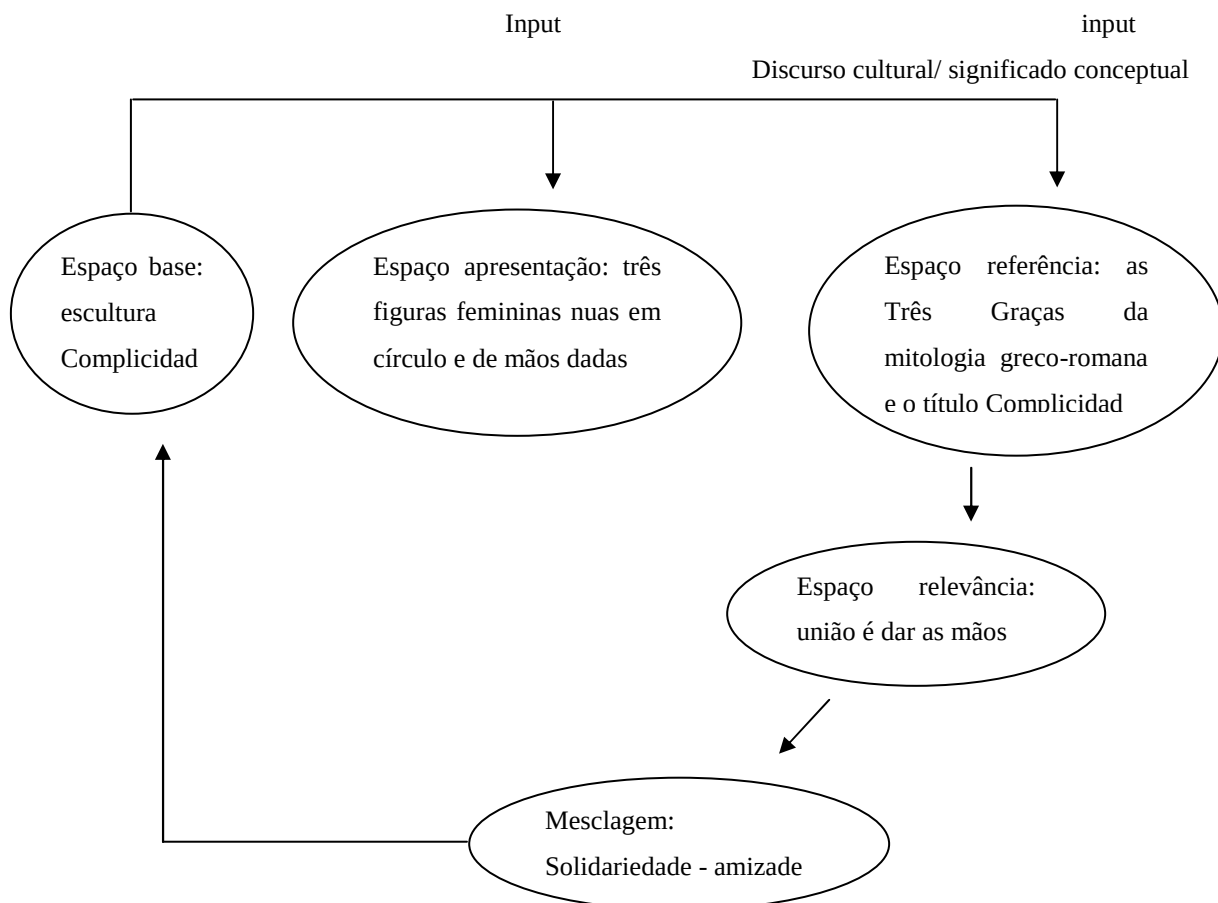


Fig. 82 – REM de [IDSL:563] Complicidad

<sup>274</sup> Cf. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA  
<http://www.rae.es/RAE/Noticias.nsf/Home?ReadForm>  
<http://buscon.rae.es/draeI/>

## 5. OBSERVAÇÕES FINAIS

Com esta investigação demonstra-se que a experiência e a dimensão cultural e vivencial das comunidades linguísticas e bem assim os processos de natureza cognitiva como a memória e a visão têm um papel determinante na conceptualização da narrativa *scripto*-visual presente na estatuária urbana.

Partindo do fundamento geral da semântica cognitiva de que as representações linguísticas se fundam no universo da experiência e são determinadas culturalmente, aponta-se igualmente as relações de semelhança conceptual através das afinidades semânticas entre várias imagens escultóricas implantadas em diferentes regiões etnolinguísticas.

Nota-se também que a percepção visual é um processo cognitivo essencial na conceptualização de fenómenos da experiência, os quais são representados através do conceito visual e do conceito linguístico pelas imagens escultóricas.

A arte nos espaços públicos, neste caso a estatuária urbana, insere-se no conjunto de artefactos culturais designados por “património material”. Através de um olhar mais atento, observa-se que esse património material implantado no espaço público das localidades denota quase sempre um envolvimento linguístico, o qual testemunha a importância da relação entre o património material e o património imaterial nesta espécie de património edificado, na construção de experiências colectivas relevantes.

Esta noção de comunidade cultural associada à dimensão linguística do património escultórico inserido no espaço público vem comprovar o carácter cultural e identitário das línguas, cujo espaço geolinguístico muitas vezes não coincide com o próprio espaço político e administrativo.

Conforme se mostrou no capítulo 4, é possível concluir que as representações semióticas e linguísticas presentes na estatuária urbana reportam dimensões vivenciais locais quer através da descrição de eventos associados à origem primordial das localidades, como por exemplo as lendas e os contos tradicionais, quer através da

apresentação de actividades de cariz sócio-económico, como a apresentação figurativa de profissões locais, ou ainda de personalidades reais ou do universo lendário. Estas representações semiolinguísticas enformadas na estatuária urbana têm um papel relevante no quotidiano das populações na medida em que tornam vivas na memória aspectos da história, da vivência e do folclore local. Este factor é amplificado pela sua presença continuada no espaço público e pela interacção lúdica que suscitam, motivando a criação de padrões identitários no seio das comunidades em que se inserem.

Por exemplo, a semanticidade da obra *Porca de Murça* [IDSL:374] em Murça denota a origem do local de Murça presente na lenda, a qual também configura a origem etimológica do topónimo. Também a justiça enquanto virtude moral e direito é representada na obra *Justiça de Fafe* [IDSL:158] em Fafe a partir da lenda local. Esta lenda transmite o conceito abstracto na base de um comportamento concreto. Deste modo, a expressão convencional na língua portuguesa "Justiça de Fafe" que significa o exercício do direito e da equidade através do confronto físico com uma moca é apresentada na escultura de uma forma realista ilustrando a própria lenda. Esta associação do conceito visual transposto na imagem com o conceito linguístico que a envolve constitui uma conceptualização da "justiça" própria da cultura local e da língua portuguesa, a qual é gizada a partir de uma estratégia cognitiva de natureza metafórica. Outros conceitos abstractos como a "má consciência" também são representados através do conceito visual presente na imagem escultórica, sobretudo através de lendas locais. É o caso de *Huckup* [IDSL:301] em Hildesheim.

Conclui-se ainda que a conceptualização de domínios da experiência relacionados com actividades de natureza sócio-económica surge directamente ligada à representação da própria localidade quer através da apresentação escultórica da actividade quer através da representação toponímica do local, a qual está muitas vezes presente no próprio conceito visual da imagem no espaço público das localidades. Aqui, salienta-se a escultura do rapaz com a cesta de castanhas em Carracedo de Montenegro [IDSL:4], a qual confirma a motivação semântica de natureza metonímica na etimologia da localidade; o conjunto escultórico *Six Attitudes* em Tournai [IDSL:452], onde se visualiza a imagem escultórica da arte de "dinanderie", cuja origem se deve à cidade de Dinant na Bélgica ou a obra *La puntaire de L'Arboç* [IDSL:513] em L'Arboç que apresenta uma figura feminina fazendo renda com a almofada apoiada num arbusto de

medronheiro, donde se infere que a actividade típica e em tempos relevante numa perspectiva social e económica remete igualmente através da apresentação escultórica da imagem para a etimologia de L'Arboç.

Quanto às personalidades, repara-se na imagem [IDSL:476] em Praga que apresenta o escritor e jornalista checo Svatopluk Čech que o antropónimo revela uma estratégia cognitiva metonímica, a qual tem na sua origem um marco supraregional que identifica o local de origem da personalidade. Efectivamente, confirma-se com esta investigação que quer em línguas germânicas como o alemão e o holandês quer em línguas eslavas como o checo e o esloveno, a metonímia a partir de marcos geográficos afigura-se uma estratégia cognitiva importante na formação de antropónimos. No holandês, é frequente a formação de antropónimos a partir de uma contiguidade semântica com a geografia do local, como por exemplo na imagem *Antoon van Dyck* [IDSL:538] em Antwerpen. Aqui acentua-se que a metonímia do local se deve às condições materiais e à geografia dos Países Baixos onde parte considerável do território foi conquistado ao mar com o engenho dos diques construídos ao longo dos tempos.

Tal como se pode observar no *corpus* de amostra que constitui o volume 2 deste trabalho de investigação, nem sempre existem inscrições afixadas às imagens escultóricas; nem sempre as imagens contêm placas com informação descritiva e informativa sobre as mesmas e nem sempre as imagens apresentam título, pelo que a semanticidade das obras decorre sempre do conceito visual suportado pela forma da imagem e da dimensão linguística que a mesma evoca, ou pelo título, ou pela forma do objecto ou pela conjugação do título com a “coisa”.

Deste modo, comprova-se que a conceptualização é um fenómeno cognitivo que se situa num espaço de confluência entre o conceito visual representado pela imagem escultórica e o conceito linguístico representado pela dimensão verbal que lhe está associada. Isto significa que a representação do significado resulta de estruturas que operam ao nível da experiência, i.e. ao nível da interacção do sujeito com o mundo físico e cultural que o rodeia, donde as metáforas e as metonímias, os esquemas cognitivos idealizados e os *frames* conceptuais se revelam instrumentos cognitivos essenciais para interpretação e conhecimento do mundo. Estes instrumentos articulam o mundo da percepção, o mundo da experiência social ou cultural e o mundo baseado na imaginação. Por isso, as metáforas e as metonímias não se situam num eixo linguístico

mas numa dimensão cognitiva do significado, pois as relações de contiguidade semântica e as transposições semânticas entre diferentes domínios da experiência não são relações entre signos linguísticos mas relações conceptuais entre conceitos, são relações de natureza extra-linguística.

Assim, através do estudo das representações das imagens escultóricas, conclui-se que a organização das cenas perceptivas pode ser transposta para um sistema linguístico, sendo que o inverso também é possível. É por esse motivo que os contos tradicionais europeus como o Capuchinho Vermelho, [IDSL:427] *la Caputxeta Vermella* em Barcelona, ou a Rapariga dos Gansos, [IDSL:355] *Das Gänseliesel* em Göttingen; ou as representações da “espiritualidade”, [IDSL:1] *O Pastor Peregrino* em Leiria e [IDSL:58] *El pelegrin* em Puente la Reina; ou as representações da “justiça”, [IDSL:198] *Lei e Justiça* em Beja; ou ainda as representações do “correio”, [IDSL:475] *Česka Pošta* em Praga, [IDSL:383] *Correio* em Alcácer do Sal e [IDSL:280] em Aabenraa, são facilmente identificados e entendidos numa perspectiva cultural não só quando representados linguisticamente mas também quando representados pela imagem escultórica, mesmo que não exista qualquer realização linguística afixada à obra. Ora isto vem confirmar a natureza conceptual da representação visual bem assim a natureza conceptual da representação linguística, pois é assim demonstrado que na base destas representações estão estruturas esquemáticas de natureza experiencial e cultural que permitem o entendimento do conceito visual e do conceito linguístico presente na estatuária urbana no espaço público da Europa. São os fundamentos destas representações simbólicas, linguísticas ou icónicas presentes na escultura urbana que determinam o reconhecimento de experiências ou modelos identitários comuns, assentes na percepção e na memória. Então, confirma-se que a linguagem verbal é apenas uma forma de representação conceptual de todo o universo semiótico.

Através da análise semiolinguística da escultura no espaço público demonstra-se que a experiência e a dimensão cultural e vivencial das comunidades linguísticas bem assim os processos de natureza cognitiva como a memória e a visão têm um papel determinante na conceptualização da narrativa *scripto*-visual. Nesta linha, confirma-se que os modelos culturais reflectem a organização cognitiva dos indivíduos enquanto membros de uma comunidade, permitindo reconhecer traços de identidade neste tipo de património material edificado e na sua vertente imaterial através das línguas.

Nota-se também que a percepção visual é um processo cognitivo essencial na conceptualização de fenómenos da experiência, os quais são representados através do conceito visual e do conceito linguístico pelas imagens escultóricas. Nesta investigação aponta-se para a estátua em pedra de Hans Hummel que apresenta o aguadeiro Johann Wilhelm Bentz, o qual constitui um símbolo da própria cidade de Hamburgo. Este símbolo funciona como uma marca de identidade da cidade e dos naturais de Hamburgo, tendo sido apresentado plasticamente de uma forma variada no evento de escultura efémera *Hans Hummel-Figuren in der City* [IDSL:224] pela cidade de Hamburgo em 2003. Esta imagem que se afigura um símbolo da própria cidade de Hamburgo dispõe no conceito visual a dimensão cultural e conceptual da narrativa *scripto*-visual. Tal como comentado no capítulo 4, as figuras de Hans Hummel apresentam os aguadeiros do passado típicos da cidade de Hamburgo e que laboriosamente carregavam a água pela cidade e ao mesmo tempo evocam na memória dos transeuntes que fruem a imagem e da comunidade a expressão linguística que lhe está associada e que se tornou uma forma de cumprimento típica na zona de Hamburgo. Esta forma de cumprimento reporta uma dimensão experiencial que se tornou uma expressão idiomática através de uma estratégia cognitiva de natureza metonímico-metafórica, a qual estabelece um elo conceptual entre a actividade sócio-profissional e o carácter diligente dos naturais de Hamburgo com o mundo animal das abelhas, i.e. *Hummel*. Assim, esta metáfora convencional funciona como um dispositivo de identidade que representa os naturais de Hamburgo.

Ao longo deste trabalho, confirma-se também o aspecto sociocultural das línguas e da cognição a partir da relação entre o significado linguístico e visual com a conceptualização ilustrada pela análise semiolinguística de *corpora* da estatuária urbana. Assim, através de um *corpus* de amostra constituído por 300 contextos semiolinguísticos de estatuária urbana, os quais foram inseridos numa base de dados, foi possível compreender o alcance das conceptualizações metafóricas na organização do conhecimento. A base de dados contém um inventário de obras de escultura urbana observáveis *in loco* e apresentadas de acordo com o modelo de uma ficha com campos taxonómicos que possibilitam a elaboração de um quadro teórico acerca da frequência das representações semânticas e a criação de padrões por afinidade significante e temática que permitem tratamentos estatísticos acerca do vocabulário e das onomasiologias, tal como comentado no capítulo 4.



Realmente, verifica-se neste estudo em semântica cognitiva o papel das representações semiolinguísticas na estruturação do conhecimento do mundo através da interdependência deste com o conhecimento linguístico. Comprova-se igualmente a conexão da dimensão semiolinguística da estatuária urbana com a realidade experiencial das comunidades, pois o significado é construído a partir da interligação entre a vertente cultural e o contexto em que se insere.

Revela-se também que a metáfora e a metonímia são instrumentos conceptuais importantes na estruturação do sistema conceptual e na representação semiolinguística de fenómenos da experiência através da imagem escultórica no espaço público das vilas e cidades da Europa. Assim, assinala-se que a metáfora é acompanhada de um contexto semiótico donde se conclui que as convenções fazem parte do fenómeno simbólico e metafórico, ou seja da representação e do significado. Observa-se que no universo da amostra, as representações e as conceptualizações de diversos domínios da experiência não variam muito nas diferentes línguas e culturas. Conclui-se também que o fenómeno da corporização do pensamento, ou seja do corpo humano como domínio de origem, não é universal na representação mas também se verificam contributos traçados a partir de universais de carácter cultural.

Esta investigação vem ainda comprovar a natureza conceptual da própria criação artística presente na estatuária urbana e bem assim o seu papel na construção de experiências culturais identitárias. Tal como referido por Lakoff/ Johnson, na óptica do experiencialismo, a experiência estética resulta de processos de ordem imaginativa, donde as metáforas (ou os símbolos) e as metonímias não são apenas realizações semiolinguísticas mas antes instrumentos que regulam e contribuem para a estruturação do sistema conceptual e para a construção do significado:

“From the experientialist perspective, metaphor is a matter of *imaginative rationality*. It permits an understanding of one kind of experience in terms of another, creating coherences by virtue of imposing gestalts that are structured by natural dimensions of experience. [...] But metaphor is not merely a matter of language. It is a matter of conceptual structure. And conceptual structure is not merely a matter of the intellect – it involves all the natural dimensions of our experience, including aspects of our sense experiences: color, shape, texture, sound, etc. These dimensions structure not only mundane experience but aesthetic experience as well.” (Lakoff/ Johnson, 1980: 235).

O presente estudo de análise semiótica e linguística de obras de estatuária urbana europeia demonstra também que a imaginação é um processo cognitivo determinante na estruturação de domínios da experiência concreta quotidiana e que existe uma base cultural inerente à própria conceptualização.

Em suma, a representação visual e a realização linguística são duas dimensões da conceptualização que se apresentam no discurso *scripto*-visual inerente à imagem escultórica no espaço público, donde a sua análise é também uma forma de conhecer os povos da Europa numa perspectiva multicultural e multilingue e bem assim a sua interacção com o meio e com outras comunidades etnolinguísticas. Os objectos escultóricos urbanos no espaço público são ainda um meio de perpetuar na memória o valor do património material e imaterial das línguas e costumes locais.

## 6. APÊNDICE(S)

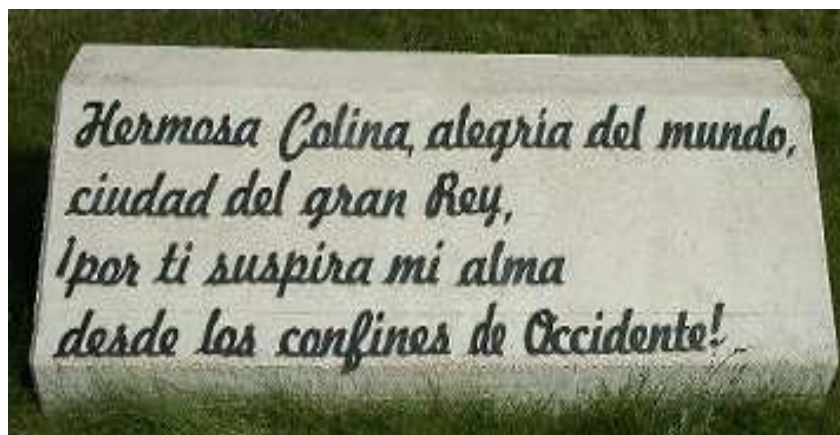
Incluimos seguidamente uma montagem plástica com inscrições de diversas obras escultóricas, as quais nos permitem ter uma visão acerca do alcance da narrativa *scripto*-visual presente na estatuária urbana.



*Agapito Marazuela Maestro del Folclore Castellano* [IDSL:403] constitui uma representação do folclore musical de Segovia em Espanha.



*A Jean Moulin* [IDSL:396] é um monumento à resistência francesa em Chartres.



Uma das inscrições do monumento que representa a conquista da cidade de Toledo [IDSL:512].



Heráldica inscrita em cada uma das faces da base da fonte octogonal do conjunto escultórico *Wappenbrunnen* [IDSL:373] em Berlim.



Inscrição da obra *O Pastor Peregrino* [IDSL:1] em Leiria.

*A la Literature et a la Chanson Wallones* [IDSL:444] apresenta um aspecto da identidade da Valónia.



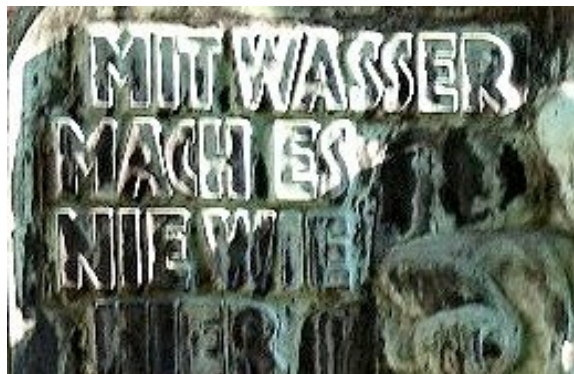


Nos quatro medalhões em relevo [IDSL:225] afixados no edifício da cervejeira UERIGE em Düsseldorf tomamos conhecimento das diversas fases do fabrico da cerveja:



“Erde gibt den Hopfen” [A terra dá o lúpulo],

“Mit Wasser mach es nie wie hier”  
[Com água não se faz como aqui],



“Feuer braut den Tropfen” [O fogo fermenta o líquido],

“Bei dieser Luft schmeckt  
uerig Bier” [Cheira mesmo a cerveja  
uerig].





Inscrições referentes à obra *Denkpartner* [IDSL:191] em Stuttgart.

Título da imagem *De Doorbraak* [IDSL:307] e autor em placa afixada à obra em Scheveningen.



*Sitting Couple* [IDSL:308] em Scheveningen.

Placa com inscrição relativa ao conjunto escultórico *El Redoble* [IDSL:418].





Em Maastricht a imagem *Pieke vaan de Stokstraot* [IDE:295] apresenta a inscrição gravada no bronze.



Inscrição da escultura *De Frisiaan* [IDSL:284].



A inscrição do conjunto escultórico *Wim Kan - Cabaretier e Carry Vonk - Cabaretiere* [IDSL:305] encontra-se num medalhão no chão junto à obra.

*Spiellokomotive* [IDSL:357] em Göttingen é a representação escultórica de uma locomotiva que apresenta várias inscrições, tais como:



„Wieviele sind an der Lok?“ (Quantos estão na locomotiva?),

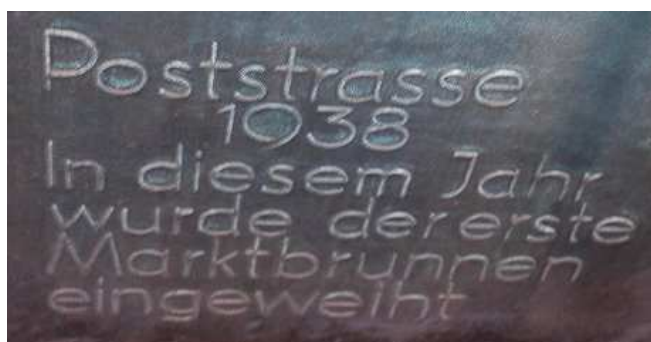


“Wenn ich wüsste was dies alles ist” (Se eu soubesse o que é isto tudo),



“Spiel das Marienbader Spiel” (Joga o jogo Marienbader).

*Le méprisé* [IDSL:549]  
em Perpignan.



Uma das inscrições da fonte  
*Hirtenbrunnen* [IDSL:481] em  
Siegen.

Uma das placas  
com inscrições de  
*Fontein op 't Zand*  
[IDSL:453] em Brugge.



A resistência em Haarlem nos  
Países Baixos inscrita na placa da estátua  
de Hannie Schaft [IDSL:458].





O conjunto *Planetenweg* [IDSL:359] em Göttingen denota nas suas inscrições uma descrição *scripto-visual* do conhecimento relativo ao sistema solar.



No conjunto escultórico *Homenaje al vendedor de prensa* [IDSL:416] em Cáceres, uma parte considerável de material inscricional apresenta-se na forma plástica do jornal *el Periódico* de Cáceres.

O jornal *I Bersaglieri* enquanto material inscricional na obra *Monumento alla liberazione di Trieste* [IDSL:319] em Trieste.





A representação escultórica de uma cabra em Genève presente na representação linguística da placa.

Descrição na placa de *Eth Taro* [IDSL:519] em Arties.



*Le Vieux Pugiliste* [IDSL:498] em Genève.





Monumento a Diesterweg *Diesterweg-Denkmal* [IDSL:253] em Berlim.

Relevo Soziale Revolution  
[IDSL:380] em Berlim



*Den Opfern der Gewalt*  
[IDSL:197] em Kassel.

## 7. ANEXO(S)

Juntam-se os seguintes anexos: mapa etnolinguístico da Europa antes de 1914 (anexo 1), mapa linguístico da Alemanha (anexo 2), mapa linguístico de Portugal e Espanha (anexo 3), mooswief (anexo 4), mapa linguístico da Bélgica (anexo 5) e lenda de Namur (anexo 6).



Anexo 1: Mapa etnolinguístico da Europa antes de 1914.

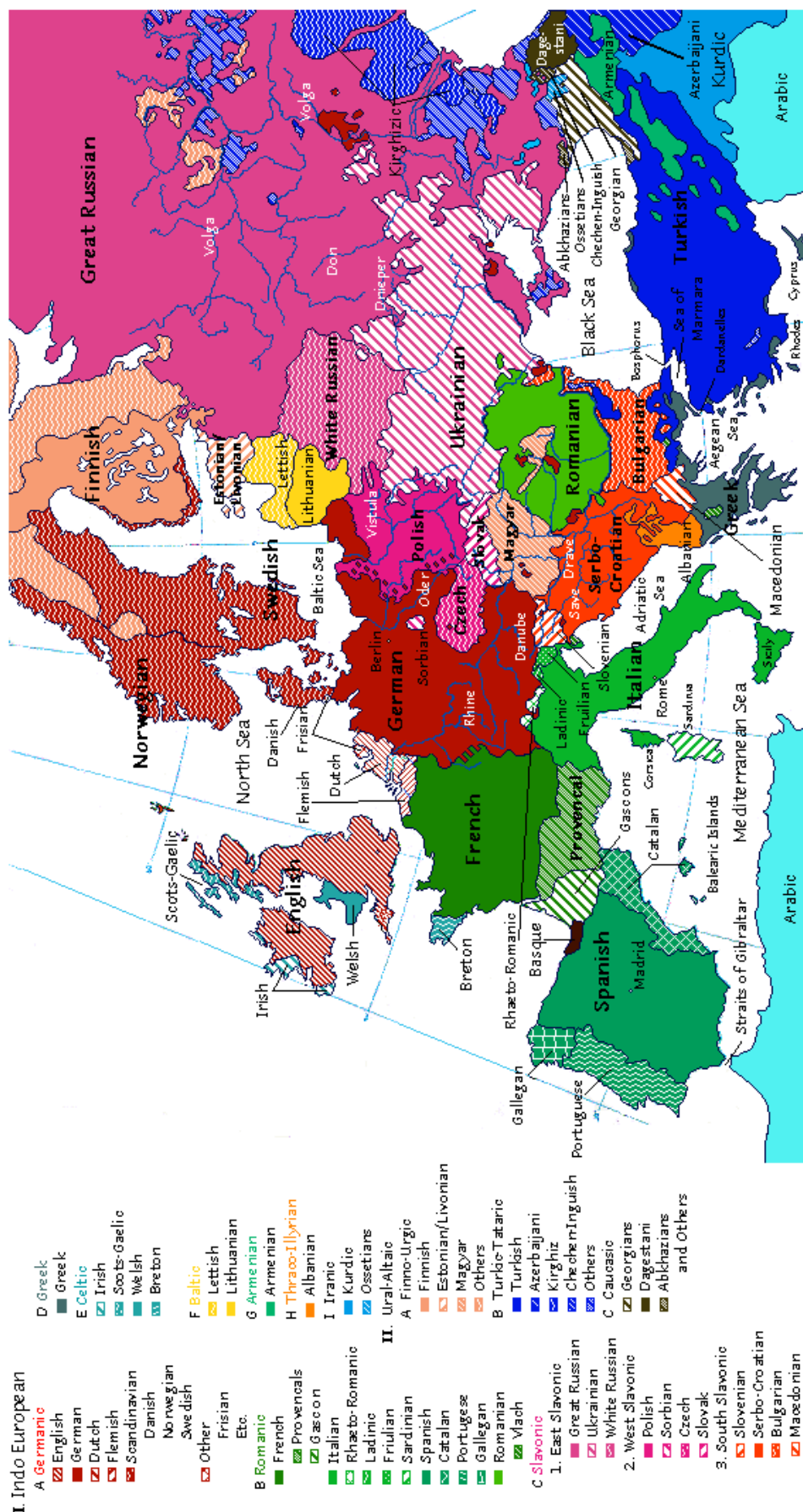


Fig. 83 - Ethno-Linguistic Map of Europe Before 1914 - Max Riedlsperger, Professor of History, Cal Poly State University, <http://cla.calpoly.edu/~mriedlsp/history315/maps/map2.html>

Anexo 2: Mapa linguístico da Alemanha.

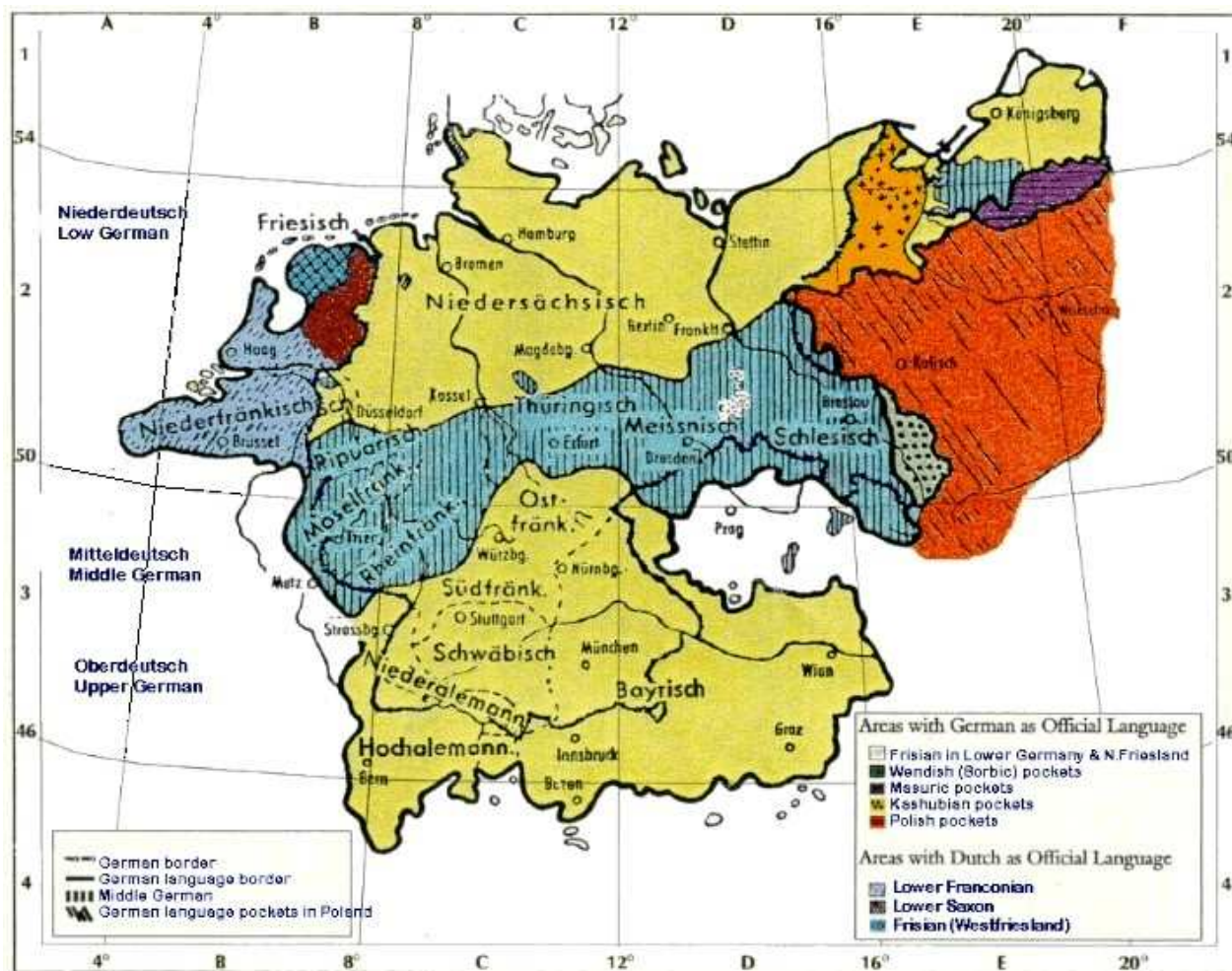


Fig. 84 - Mapa dialectal da Alemanha. Em: Perry-Castañeda Library Map Collection  
<http://s2.ned.univie.ac.at>



### Anexo 3: Mapa linguístico de Portugal e Espanha.

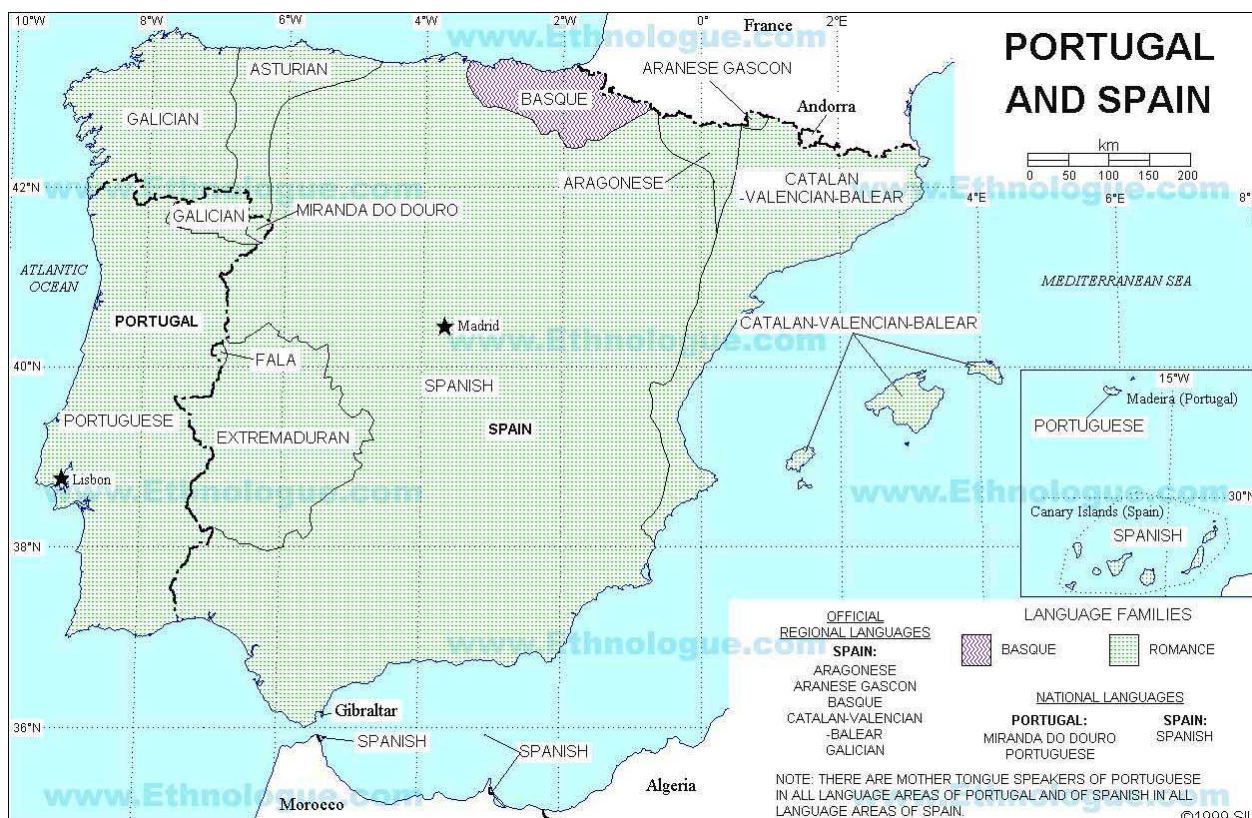


Fig. 85 - Distribuição das línguas oficiais na Península Ibérica. Em: Ethnologue languages of the world - [http://www.ethnologue.com/show\\_map.asp?name=PT&seq=10](http://www.ethnologue.com/show_map.asp?name=PT&seq=10)

Anexo 4: Mooswief.



Fig. 86 - Reprodução do mercado de vegetais da época em Maastricht com a estátua de Mooswief ao centro. Em: Jaegers, Guy. 2007. het Maastricht boek. Maastricht: Waanders Uitgevers, Zwolle /Regionaal Historisch Centrum Limburg.[\*pdf].

Anexo 5: Mapa linguístico da Bélgica.

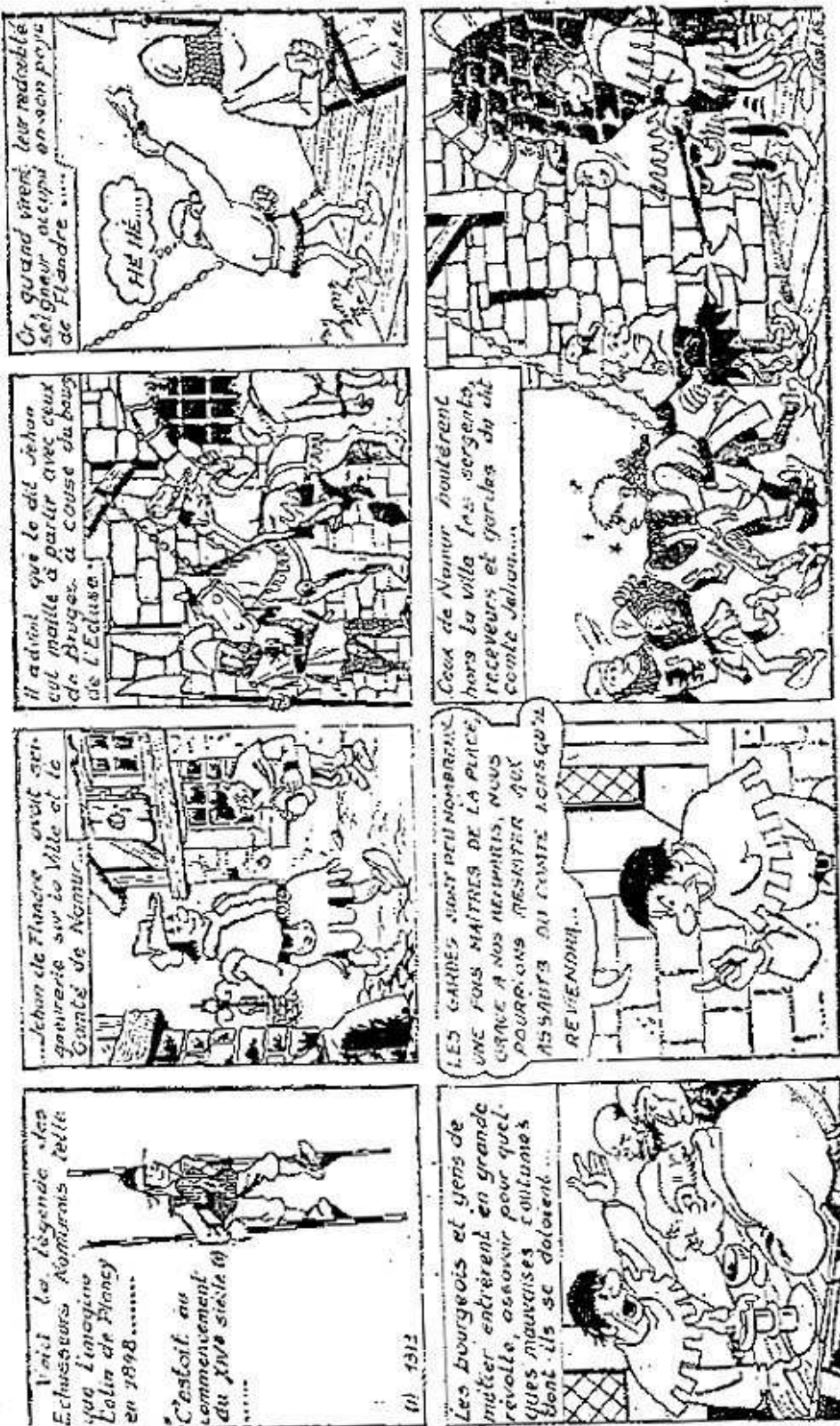


Fig. 87 - Situação linguística na Bélgica. Em: Perry-Castañeda Library Map Collection  
<http://s2.ned.univie.ac.at/Publicaties/taalgeshiedenis/en/belgienkarte.htm>.

Anexo 6: Lenda de Namur.

# Les Echasseurs Namurois

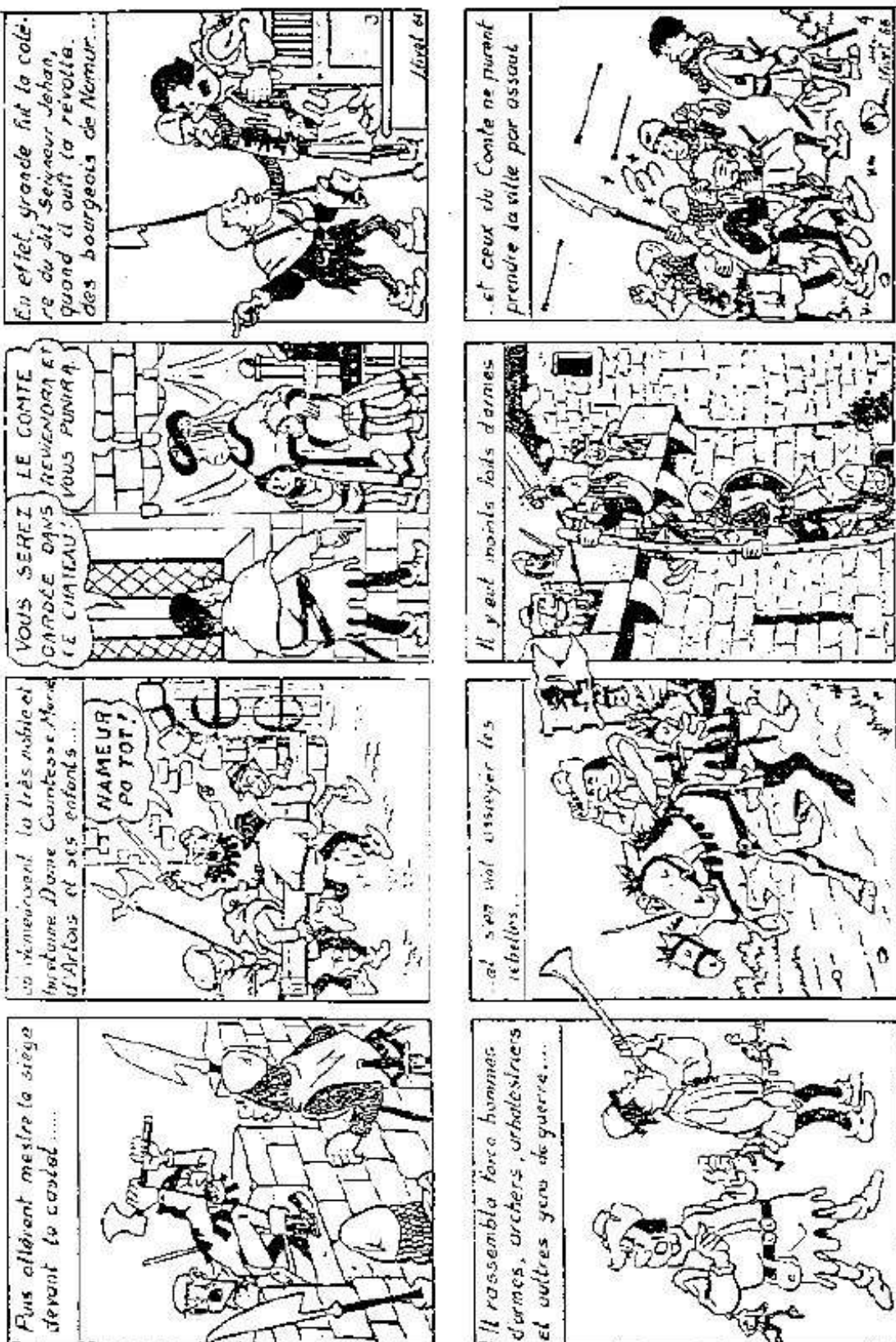
Jean Fivet





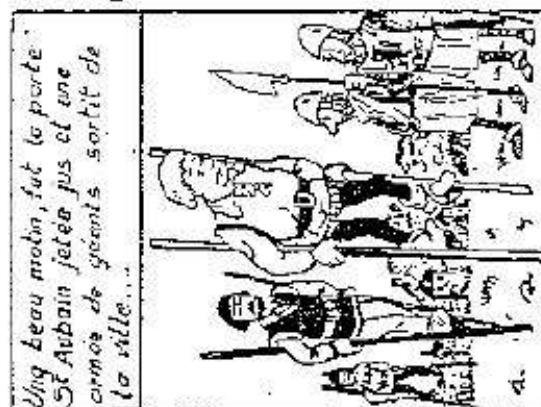
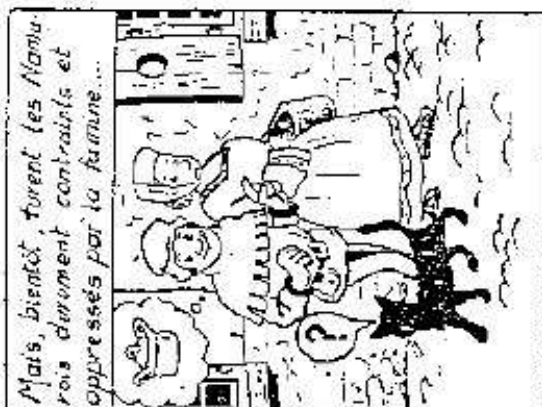
# Les Echasseurs Namurois

Jean Fivel



# Les Echasseurs Namurois

Jean Fivel

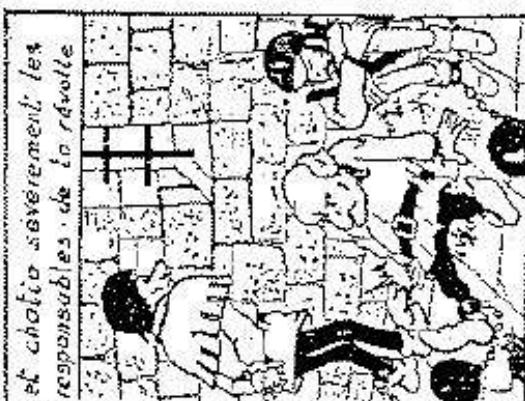




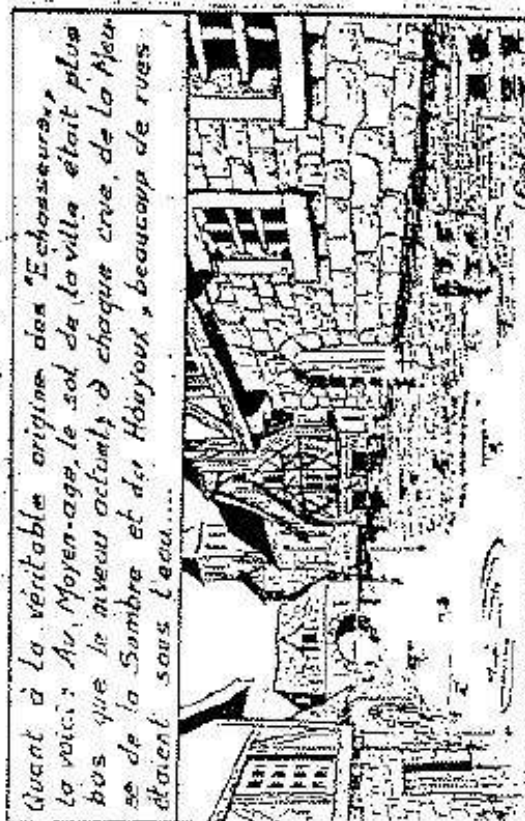
# Les Echasseurs Namurois

Jean Fivet

En réalité, le comte reprit la ville par les armes, aidé par la cavalerie du comte de LOOZ.

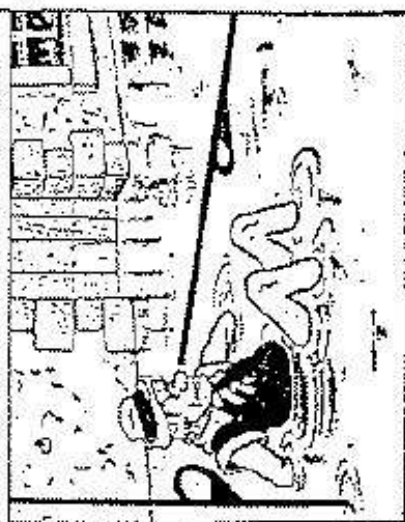


et châtia souverainement les responsables de la révolte



Quant à la véritable origine des "Echasseurs", la voici: Au Moyen-âge, le sol de la ville était plus bas que le niveau actuel, à chaque crue, de la Meuse de la Sambre et de Houyoux, beaucoup de rues étaient sous l'eau...

...si bien que les habitants pour se déplacer à pieds secs devaient utiliser des échasses.



...de cet inconvénient, les Namurois firent un jeu. Répartis en deux camps, "Mélons et Aureses", ils organisèrent des combats. Les "Echasseurs" avaient pour coutume de s'exhiber lors du passage d'un seigneur ou souverain même étrangers. Le plus vieux document relatif à un combat date du 8 décembre 1411...

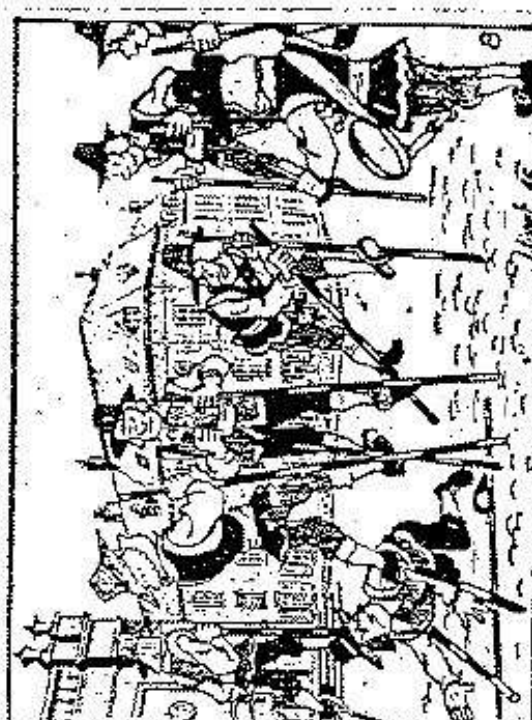


Fig. 88 - Versão da lenda Les Echasseurs Namurois em banda desenhada. Em: Les Echasseurs Namurois <http://users.skynet.be/fa523252/homepage.htm>

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, M. C. 1995. *Transitividade e Trajectória nas Concepções de abrir e de cortar em Português e Alemão: Análise Prototípico-analogista*. [Texto policopiado. (Tese de Doutoramento)]. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.

Albertazzi, L. (eds.). 2000. *Meaning and Cognition*. Amsterdam: John Benjamins.

Albertazzi, L. (eds.). 2006. *Visual Thought. The depictive space of perception*. Amsterdam: John Benjamins.

Aristóteles. 1986. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Arnheim, R. 1969/ 1997. *Visual Thinking*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

Arnheim, R. 1974. *Arte e Percepção Visual*. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli.

Bally, C. 1965. *Linguistique Générale et Linguistique Française*. Berne: Francke Verlag.

Bamberg, M. 1997. "Emotion talk(s): The role of perspective in the construction of emotions". *The Language of Emotions. Conceptualisation, Expression and Theoretical Foundation*. Niemeier, S. & R. Dirven (eds.). 209-225. Amsterdam: John Benjamins.

Baptista, S. L. 2008. "Linguagens alusivas". *Arquitectura e Arte*. n.º55. 006. Lisboa: Futurmagazine.

Bartsch, R. 1984. "The structure of word meanings: polysemy, metaphor, metonymy". *Varieties of Formal Semantics*. Landman, F. & F. Veltman (eds.). 25-54. Dordrecht: Foris.

Bellavia, E. 1996. "The German über". *The Construal of Space in Language and Thought*. Pütz, M. & R. Dirven (eds.). 73-107. Berlin, New York: de Gruyter.

Belting, H. 1999. *Identität im Zweifel. Ansichten der deutschen Kunst*. Köln: DuMont Buchverlag.

- Benjamin, W. 1992. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Berger, J. 1982. *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70.
- Black, M. 1962. *Models and Metaphors. Studies in language and philosophy*. Ithaca, London: Cornell University Press.
- Black, M. 1998. "More about metaphor". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 19-41. Cambridge: Cambridge University Press.
- Blackburn, S. 1997. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- Blank, A. 1999. "Co-presence and succession: A cognitive typology of metonymy". *Metonymy in Language and Thought*. Panther, K.-U. & G. Radden (eds.). 169-192. Amsterdam: John Benjamins.
- Boyd, R. 1998. "Metaphor and theory change: What is 'metaphor' a metaphor for?". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 481-532. Cambridge: Cambridge University Press.
- Braga, T. 1885/ 1994. *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Braga, T. 1883/ 2002. *Contos Tradicionais do Povo Português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Brandt, P. A. 1995. *Morphologies of Meaning*. Aarhus: Aarhus University Press.
- Brandt, P. A. 2001. "Mental space networks and linguistic integration". *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Silva, A. S. (org.). 63-76. Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- Brandt, P. A. s.d. „Domains and the grounding of meaning“. *Estudios de Lingüística Cognitiva II*. Honrubia, José Luís Cifuentes (ed.). 467-478. Alicante: Universidad de Alicante.
- Brandt, P. A. 2004. *Spaces, Domains, and Meanings*. Bern, Berlin: Peter Lang.
- Bréal, M. 1924. *Essai de Sémantique. Science des Significations*. Paris: Librairie Hachette.
- Broekema, F. 2000. *Kunst in Stad - Een wandeling langs 34 Kunstwerken in het centrum van Groningen*. Groningen: Het Grafisch Huis.
- Bühler, K. 1934/ 1999. *Sprachtheorie – Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart: Lucius&Lucius.

Caspar. H. 2003. *Marmor, Stein und Bronze*. Berliner Denkmalsgeschichten. Berlin-Brandenburg: Berlin Edition.

Caspar. H. 2004. *Fürsten, Helden, grosse Geister. Denkmalsgeschichten aus der Mark Brandenburg*. Berlin-Brandenburg: Berlin Edition.

Cervantes, M. 1605/ 2004. *Don Quijote de La Mancha*. Madrid: Real Academia Española. Santillana Ediciones Generales.

Chomsky, N. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press.

Chomsky, N. 1977. *Reflexões sobre a Linguagem*. Lisboa : Edições 70.

Chomsky, N. 2000. *The Architecture of Language*. Oxford: Oxford University Press.

Cienki, A. 1997. "Some Properties and Groupings of Image Schemas". *Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning*. Verspoor, M. & Eve Sweetser (eds.). 3-15. Amsterdam: John Benjamins.

Cirlot, J-E. 1984. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Editora Moraes.

Clark, A. 1999. "Embodied, situated, and distributed cognition". *A Companion to Cognitive Science*. Bechtel, W. & G. Graham (eds.). 506-517. Malden, Massachusetts: Blackwell.

Cobley, P. (eds.). 2001. *Semiotics and Linguistics*. London, New York: Routledge.

Collado, J-A. 1980. *Fundamentos de Linguística Geral*. Lisboa: Edições 70.

Coulson, S. & Todd Oakley. 2000. "Blending basics". *Cognitive Linguistics vol. 11-3/4*. 175-196. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Coulson, S. 2001. *Semantic Leaps. Frame-Shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cunha, C. & Lindley Cintra. 1998. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

Darwin, C. 1872/ 1965. *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Chicago: University of Chicago Press.

Davitz, J. 1969. *The Language of Emotions*. New York:

Dewell, R. B. 1997. "Construal Transformations: Internal and External Viewpoints in Interpreting Containment". *Lexical and Syntactical Constructions and*

*the Construction of Meaning*. Verspoor, M. & Eve Sweetser (eds.). 17-32. Amsterdam: John Benjamins.

Dickel, H. & Uwe, F. (eds.). 2003. *Kunst in der Stadt. Skulpturen in Berlin 1980-2000*. Berlin: Nicolaische Verlagsbuchhandlung.

Diewald, G. 1997. *Grammatikalisierung. Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*. Tübingen: Max Niemeyer.

Dinsmore, J. 1991. *Partitioned Representations*. Dordrecht: Kluwer.

Dirven, R. 1995. "The construal of cause: The case of cause prepositions". *Language and the Cognitive Construal of the World*. Taylor, John R. & Robert E. MacLaury (eds.). 119-135. Berlin, New York: de Gruyter.

Dirven, R. 1997. "Emotions as Cause and the Cause of Emotions". *The Language of Emotions. Conceptualization, Expression and Theoretical Foundation*. Niemeier, S. & R. Dirven (eds.). 55-86. Amsterdam: John Benjamins.

Dirven, R., & M. Verspoor. 1998. *Cognitive Exploration of Language and Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.

Duby, G. & Jean-Luc Daval (ed.). 1996. *Sculpture. From Antiquity to the Present Day*. Köln, London: Taschen.

Duby, G. & Jean-Luc Daval (ed.). 1996. *Sculpture. From Antiquity to the Present Day*. Köln, London: Taschen.

Ducrot, O. & T. Todorov. 1982. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Eco, U. 1973. *O Signo*. Lisboa: Editorial Presença.

Eco, U., M. Santambrogio & P. Violi. 1988. *Meaning and Mental Representations*. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press.

Ekman, P. & R. J. Davidson (eds.). 1994. *The Nature of Emotion. Fundamental Questions*. Oxford: Oxford University Press.

Engel, U. 1988. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Julius Groos Verlag.

Erasmus. 1508/ 1976. *Elogio da Loucura*. Lisboa: Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores.

Fauconnier, G. 1988. „Quantification, Roles and Domains“. *Meaning and Mental Representations*. Eco, U., M. Santambrogio & P. Violi (eds.). 61-80. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press.

Fauconnier, G. & Eve Sweetser (eds.). 1996. *Spaces, Worlds, and Grammar*. Chicago: Chicago University Press.

Fauconnier, Gilles. 1997. *Mappings in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

Fauconnier, G. 1999a. "Methods and generalizations". *From Cognitive Linguistics: Foundations, Scope, and Methodology*. Janssen, Theo & Gisela Redeker (eds.). 95-127. Berlin: Mouton de Gruyter.

Fauconnier, G., Turner, M. 1999b. "Metonymy and Conceptual Integration". *Metonymy in Language and Thought*. Panther, K.-U. & G. Radden (eds.). 77-89. Amsterdam: John Benjamins.

Fauconnier, G., Turner, M. 2002. *The Way We Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.

Fehr, B. & J. A. Russel. 1984. "Concept of Emotion viewed from a prototype perspective". *Journal of Experimental Psychology. General* 113. 464-486.

Fiehler, R. 1990. *Kommunikation und Emotion – theoretische und empirische Untersuchungen zur Rolle von Emotionen in der verbalen Interaktion*. Berlin, New York: de Gruyter.

Figueiredo, O. M. 2003. *A Anáfora Nominal em Textos de Alunos. A língua no discurso*. [Dissertação de Doutoramento]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fillmore, C. 1977. "Scenes-and-frames semantics". *Fillmore's Case Grammar. A Reader*. Dirven, R. & G. Radden (eds.). 79-87. Heidelberg: Julius Groos Verlag.

Fillmore, C. 1982. "Frame semantics". *Linguistics in the Morning Calm*. Linguistic Society of Korea (ed.). 111- 138. Seoul: Hanshin.

Fillmore, C. 1992. "Corpus linguistics or computer corpus linguistics". Svartvik, J. (org.). *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin, New York: De Gruyter.

Fisker, Jørgen. 1995. *Skulpturer på Frederiksberg*. Viborg: Fisker& Schou.

Fleischer, W. & I. Barz. 1995. *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Focillon, H. 1988. *A Vida das Formas*. Lisboa: Edições 70.

Fraser, B. 1998. "The interpretation of novel metaphors". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 329-341. Cambridge: Cambridge University Press.

Fries, N. 1995. "Emotionen in der semantischen Form und in der konzeptuellen Repräsentation". *Sprache als Kognition – Sprache als Interaktion: Studien zum Grammatik Pragmatik – Verhältnis*. Kertész, A. (ed.). 139-181. Frankfurt am Main: Peter Lang.

Fries, N. 2000. *Sprache und Emotionen*. Bergisch Gladbach: Lübbe.

Frijda, N. 1986. *The Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Geeraerts, D. & Stefan Grondelaers. 1995. "Looking back at anger: Cultural traditions and metaphorical patterns". *Language and the Cognitive Construal of the World*. Taylor, John R. & Robert E. MacLaury (eds.). 153-179. Berlin, New York: de Gruyter.

Geeraerts, D. 1997. *Diachronic Prototype Semantics*. Oxford: Clarendon Press.

Geeraerts, D. 2000. "Salience phenomena in the lexicon: a typology". *Meaning and Cognition*. Albertazzi, L. (ed.). 79-101. Amsterdam: John Benjamins.

Gibbs, R. 1992. "What do idioms really mean?". *Journal of Memory and Language* 31. 485-506.

Gibbs, R. 1994. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language and Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gibbs, R. & Colston. 1995. "The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations". *Cognitive Linguistics* 4-4. 347-378.

Gibbs, R. 1999. "Taking metaphor out of the heads and putting It into the cultural world". *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Gibbs, R., & G. Steen (eds.). 145-166. Amsterdam: John Benjamins.

Gil, J. 2005. "Sem Título". *Escritos sobre Arte e Artistas*. Lisboa: Relógio D Água Editores.

Givón, T. 1990. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Amsterdam: John Benjamins.

Glinz, H. 1994. *Grammatiken im Vergleich. Deutsch- Französisch- Englisch-Latein- Formen- Bedeutungen- Verstehen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Goffman, E. 1974. *Frame Analysis*. New York: Harper and Row.

Goldberg, A. 1994. *Constructions*. Chicago: Chicago University Press.

Grady, J., S. Taub & P. Morgan. 1996. "Primitive and compound metaphors". *Conceptual Structure, Discourse and Language*. Goldberg, A. (ed.). 177-187. Stanford: CSLI Publications.

Grady, J., T. Oakley & Seana Coulson. 1997. "Blending and metaphor". *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Gibbs, R. W. & G. Steen (eds.). 101-124. Amsterdam: John Benjamins.

Griffiths, P. E. 1999. "Emotions". *A Companion to Cognitive Science*. Bechtel, W. & G. Graham (eds.). 197-203. Malden, Massachusetts: Blackwell.

Grondelaers, S. & D. Geeraerts. 1998. "Vagueness as a euphemistic strategy". *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 357-374. Berlin, New York: de Gruyter.

Györi, G. 1998. "Cultural Variation in the Conceptualisation of Emotions: A Historical Study". *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 99-124. New York: de Gruyter.

Halliday, M. A. K. 1991. "Corpus studies and probabilistic grammar". Aijmer, K. & B. Altenberg (org.). *English Corpus Linguistics: Studies in honour of Jan Svartvik*. London: Longman.

Halliday, M. A. K. 1992. "Language as system and language as instance: The corpus as a theoretical construct". Svartvik, J. (org.). *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin, New York: De Gruyter.

Harris, Roy. 2001. "Linguistics after Saussure". *The Routledge Companion to Semiotics and Linguistics*. Cobley, P. (eds.). 118-133. London/ New York: Routledge.

Heine, B. 1994. "Areal influence on grammaticalization". *Language Contact and Language Conflict*. Pütz, M. (ed.). 55-68. Amsterdam: John Benjamins.

Heine, B. 1995. "Conceptual grammaticalization and prediction". *Language and the Cognitive Construal of the World*. Taylor, John R. & Robert E. MacLaury (eds.). 119-135. Berlin, New York: de Gruyter.

Heine, B. 1997. *Cognitive Foundations of Grammar*. Oxford: Oxford University Press.

Helbig, G. & J. Buscha. 1991. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig: Enzyklopädie.

Hjelmslev, L. 1943. *Omkring Sprogteoriens Grundlæggelse*. København: Ejnar Munksgaard.

Holenstein, E. 1992. 'Phenomenological structuralism and cognitive semiotics'. *Scripta Semiotica I*. R, Benatti (eds.). 133-158. Berlin: Peter Lang.



Hopper, P. J., & E. C. Traugott. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hrdlicka, Alfred. 1993. *Mahnmal gegen Krieg und Faschismus in Wien*. Graz/Austria: Akademische Druck- u. Verlagsanstalt.

Humboldt, W. 1836/1960. *Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues und Ihren Einfluß auf die Geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Bonn: Dummler.

Husserl, E. 1900/ 1993a. *Logische Untersuchungen. Prolegomena zur reinen Logik I*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Husserl, E. 1900/ 1993b. *Logische Untersuchungen. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis II/1*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Husserl, E. 1900/ 1993c. *Logische Untersuchungen. Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis II/2*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Husserl, E. 1939/ 1985. *Erfahrung und Urteil*. Hamburg: Felix Meiner Verlag.

Jackendoff, R. 1988. „Conceptual Semantics“. *Meaning and Mental Representations*. Eco, U., M. Santambrogio & P. Violi (eds.). 81-97. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press.

Jackendoff, R. 1983. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press.

Jäkel, O. 1995. “The metaphorical conception of mind: Mental activity is manipulation”. *Language and the Cognitive Construal of the World*. Taylor, John R. & Robert E. MacLaury. 197-229. Berlin, New York: de Gruyter.

Jäkel, Olaf. 1997. *Metaphern in abstrakten Diskurs-Domänen. Eine kognitiv-linguistische Untersuchung anhand der Bereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft und Wissenschaft*. “Duisburger Arbeiten zur Sprach- und Kulturwissenschaft”. Band 30. Amon, U., R. Dirven, & M. Pütz (eds.). Frankfurt am Main: Peter Lang.

Jäkel, O. 1999a. “Kant, Blumenberg, Weinrich: Some forgotten contributions to the cognitive theory of metaphor”. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Gibbs, R. W. & G. J. Steen (eds.). 9-27. Amsterdam: John Benjamins.

Jäkel, O. 1999b. “Metonymy in onomastics”. *Metonymy in Language and Thought*. Panther, K.-U. & G. Radden (eds.). 211-232. Amsterdam: John Benjamins.

Jakobson, R. & M. Halle. 1956/1971. *Fundamentals of Language*. Den Haag, Paris: Mouton de Gruyter.

Johansen, J. Dines & Svend E. Larsen. 2002. *Signs in Use. An introduction to Semiotics*. London, New York: Routledge.

Johnson-Laird, P. N. & K. Oatley. 1992. "Basic emotions, rationality and folk theory". *Cognition and Emotion* 6. 201-223.

Johnson, M. 1987. *The Body in the Mind. The bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: Chicago University Press.

Johnson, M. 1993. *Moral Imagination. Implications of Cognitive Science for Ethics*. Chicago: University of Chicago Press.

Kandinsky. 1954/ 1987. *Do Espiritual na Arte*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Kant, I. 1781/ 1988. *Kritik der reinen Vernunft 1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag.

Kant, I. 1781/ 1988. *Kritik der reinen Vernunft 2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag.

Kant, I. 1790/ 1974. *Kritik der Urteilstkraft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag.

Kant, I. 1998. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Kauschke, C. & G. Klann-Delius. 1997. "The acquisition of verbal expressions for internal states in German: A descriptive, explorative, longitudinal study". *The Language of Emotions. Conceptualisation, Expression and Theoretical Foundation*. Niemeier, S. & R. Dirven (eds.). 173-194. Amsterdam: John Benjamins.

Kimpel, H. 2002. *documenta. Die Überschau*. Köln: DuMont.

Koch, P. 1999. "Frame and contiguity. On the cognitive basis of metonymy and certain types of word formation". *Metonymy in Language and Thought*. Panther, K.-U. & G. Radden (eds.). 139-167. Amsterdam: John Benjamins.

Kövecses, Z. 1986. *Metaphors of Anger, Pride and Love*. Amsterdam: John Benjamins.

Kövecses, Z. 1990a. *Emotion Concepts*. Berlin: Springer.

Kövecses, Z. 1990b. "Joy. An exercise in the description of emotion concepts". *Grazer Linguistische Studien* 33/34. 153-164.

Kövecses, Z. 1991. "Happiness: A definitional effort". *Metaphor and Symbolic Activity* 6. 29-46.

Kövecses, Z. 1995a. *Language and Emotion Concepts*. Series A. nº 350. Duisburg: LAUD.

Kövecses, Z. 1995b. "American friendship and the scope of metaphor". *Cognitive Linguistics* 6-4. 315-346.

Kövecses, Z. 1995c. "Anger. Its language, conceptualization, and physiology in the light of cross-cultural evidence". *Language and the Cognitive Construal of the World*. Taylor, John R. & Robert E. MacLaury (eds.). 181-196. Berlin, New York: de Gruyter.

Kövecses, Z. 1997. "Metaphor: Does it constitute or reflect cultural models?". *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Gibbs, R. W. & G. Steen (eds.). 167-188. Amsterdam: John Benjamins.

Kövecses, Z. 1998. "Are there any emotion-specific Metaphors?". *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 127-152. New York: de Gruyter.

Kövecses, Z. 2000a. "Force and emotion". *Meaning and Cognition*. Albertazzi, L. (ed.). 145-168. Amsterdam: John Benjamins.

Kövecses, Z. 2000b. *Metaphor and Emotion. Language, Culture, and Body in Human Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kövecses, Z. 2002. *Metaphor*. Oxford: Oxford University Press.

Kress, G. & Theo van Leeuwen. 1996. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge.

Kress, Gunther. 2001. "Sociolinguistics and social semiotics". *The Routledge Companion to Semiotics and Linguistics*. Cobley, P. (eds.). 66-82. London/ New York: Routledge.

Kristeva, J. 1969. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.

Lakoff, G., & M. Johnson. 1980. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press.

Lakoff, G. 1987. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: Chicago University Press.

Lakoff, G. 1990. "The invariance hypothesis: Is abstract reason based on image schemas?". *Cognitive Linguistics* 1. 39-74.

Lakoff, G. 1993. "The Contemporary Theory of Metaphor". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 202-251. Cambridge: Cambridge University Press.

Lakoff, G. & M. Turner. 1998. *More than Cool Reason. A field guide to poetic metaphor*. Chicago: Chicago University Press.

Lakoff, G., & M. Johnson. 1999. *Philosophy in the Flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.

Lambert, J. & P. Thoben. 2003. *Beeldenboek Eindhoven. Gemeente Eindhoven*. Eindhoven: Museum Kempenland Eindhoven.

Langacker, R. W. 1991. "Concept, Image and Symbol – The Cognitive Basis of Grammar". *Cognitive Linguistics Research*. Vol.1. Dirven, R. & Ronald W. Langacker (eds.). Berlin, New York: de Gruyter.

Langacker, R. W. 1994. "Culture, cognition, and grammar". *Language Contact and Language Conflict*. Pütz, M. (ed.). 25-53. Amsterdam: John Benjamins.

Langacker, R. W. 1997. "The contextual basis of cognitive semantics". *Language and Conceptualisation*. Nuyts, J. & E. Paderson (eds.). Cambridge: Cambridge University Press.

Langacker, R. W. 2000a. "Why a mind is necessary: conceptualization, grammar and linguistic semantics". *Meaning and Cognition*. Albertazzi, L. (ed.). 25-38. Amsterdam: John Benjamins.

Langacker, R. W. 2000b. *Grammar and Conceptualization*. Berlin, New York: de Gruyter.

LeGuern, M. 1973. *Semântica da Metáfora e da Metonímia*. Porto: Telos.

Lehman, C. 1991. "Grammaticalization in contemporary German". *Approaches to Grammaticalization*. Traugott, E. & Bernd Heine (eds.). Vol. 2. Amsterdam: John Benjamins.

Liebert, W.-A. 1992. *Metaphernbereiche der deutschen Alltagssprache. Kognitive Linguistik und die Perspektiven einer kognitiven Lexikographie*. Frankfurt am Main: Peter Lang.

Lima, R. 1989. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympo Editora.

Lyons, W. 1980. *Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.

Malblanc, A. 1968. *Stylistique Comparée du Français et de l'Allemand*. Paris: Librairie Marcel Didier.

Malt, B. C. 1999. "Word meaning". *A Companion to Cognitive Science*. Bechtel, W. & G. Graham (eds.). 331-337. Malden, Massachusetts: Blackwell.

Martinet, J. 1974. *Chaves para a Semiologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Mendes, J. F. (eds.). 2004. *Olhares de Pedra. Estátuas Portuguesas*. Lisboa: Prosafeita Lda.

Mikoxajczuk, A. 1998. "The metonymic and metaphorical conceptualisation of anger in Polish". *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 153-190. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Mukarōvský, J. 1981. *Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte*. Lisboa: Editorial Estampa.

Mundale, J. 1999. "Brain mapping". *A Companion to Cognitive Science*. Bechtel, W. & G. Graham (eds.). 129-139. Malden, Massachusetts: Blackwell.

Nöth, W. 2000. *Handbuch der Semiotik*. Stuttgart: J. B. Metzler Verlag.

Panofsky, E. 1939/1986. *Estudos de Iconologia. Temas humanísticos na arte do renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa.

Panofsky, E. 1955/1989. *O Significado das Artes Visuais*. Lisboa: Editorial Presença.

Popper, K. 1972. *Objective Knowledge*. Oxford: Claredon Press.

Ortony, A. 1998a. "The role of similarity in similes and metaphors". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 342-356. Cambridge: Cambridge University Press.

Ortony, A. 1998b. "Metaphor, Language, and Thought". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 1-16. Cambridge: Cambridge University Press.

Ortony, A. , G. Clore & A. Collins. 1988. *The Cognitive Structure of Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Paivio, A. 1979. "Psychological processes in the comprehension of metaphor". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 150-171. Cambridge: Cambridge University Press.

Polenz, P. von. 1988. *Deutsche Satzsemantik. Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*. Berlin: de Gruyter.

Porzig, W. 1950. *Das Wunder der Sprache: Probleme, Methoden und Ergebnisse der Sprachwissenschaft*. Bern: Francke Verlag.

Qinn, N. 1991. "The cultural basis of metaphor". *Beyond Metaphor: The Theory of Tropes in Anthropology*. Fernandez, J. (ed.). 56-93. Stanford, California: Stanford University Press.

Radden, G. 1998. "The conceptualisation of emotional causality by means of prepositional phrases". *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 273-294. Berlin, New York: de Gruyter.

Reddy, M. J. 1998. "The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 164-201. Cambridge: Cambridge University Press.

Rummelhart, D. E. 1998. "Source problems with the notion of literal meanings". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 71-82. Cambridge: Cambridge University Press.

Ruwet, N. & Noam Chomsky. 1966. *A Gramática Generativa*. Lisboa: Edições 70.

s.a.1990. "Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941". *Muitos anos de escolas*. vol. 1. Lisboa: ME – Direcção-geral de Administração Escolar.

Sanders, W. 1982. *Sachensprache, Hangesprache, Plattdeutsch. Sprachgeschichtliche Grundzüge des Niederdeutschen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Saussure, F. 1978. *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Scarry, E. 1994. *Resisting Representation*. New York: Oxford University Press.

Schumacher, R. 1997. *Metapher. Erfassen und Verstehen frischer Metaphern*. Basel: Francke Verlag.

Searle, J. R. 1997. "The explanation of cognition". *Thought and Language*. Preston, J. (ed.). 103-126. Cambridge: Cambridge University Press.

Searle, J. R. 1998. "Metaphor". *Metaphor and Thought*. Ortony, A. (ed.). 83-111- Cambridge: Cambridge University Press.

Sebeok, Thomas A. 2001. "Nonverbal communication". *The Routledge Companion to Semiotics and Linguistics*. Cobley, P. (eds.). 14-27. London/ New York: Routledge.

Seemann, E. A. (Verlag). 2003. *Nationalgalerie Berlin. Kunst in der DDR. Katalog der Gemälde und Skulpturen*. Berlin: Staatliche Museen zu Berlin.

Serra-Bornetto, C. 1997. "Two-way Prepositions in German: Image and Constraints". *Lexical Constructions and the Construction of Meaning*. Verspoor, M. & Eve Sweetser (eds.). 187-204. Amsterdam: John Benjamins.

Silva, A. S. 1999. *A Semântica de Deixar. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. [Dissertação de Doutoramento]. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.

Smith, M. B. 1993. "Cases as conceptual categories: Evidence from German". *Conceptualizations and Mental Processing in Language*. Geiger, R. A. & B. Rudzka-Ostyn (eds.). 531-565. Berlin, New York: de Gruyter.

Smith, M. B. 1999. "How verb separability (discontinuity of form) is iconic for a path: a spatialization metaphor in German and its semantic extensions". Germanic Linguistics Annual Conference-5. University of Texas at Austin. April 17.

Soares, A. P. G. 2003. *A Conceptualização da raiva em alemão. Abordagem Cognitiva* [Texto policopiado. (Tese de Mestrado em Linguística Alemã)]. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.

Sousa, E. 1973. *Para um Estudo da Escultura Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Steen, G. 1999. "From linguistic to conceptual metaphor in five steps". *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Gibbs, R. W. & G. Steen (eds.). 57-77. Amsterdam: John Benjamins.

Sweetser, E. 1990. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sweetser, E. 2000. "Blended spaces and performativity". *Cognitive Linguistics* vol. 11-3/4. 305-333. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Tabakowska, E. 1998. "Go to the devil: Some metaphors we curse by". *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 253-269. Berlin, New York: de Gruyter.

Tabor, J.(Hrgg.). 1994. *Kunst und Diktatur. Architektur, Bildhauerei und Malerei in Österreich, Deutschland, Italien und der Sowjetunion 1922-1956*. Band 1/ Band 2. Baden: Verlag Grasl.

Talmy, L. 2001a. *Toward a Cognitive Semantics. Concept Structuring Systems*. Vol. 1. Massachusetts: MIT.

Talmy, L. 2001b. *Toward a Cognitive Semantics. Typology and Process in Concept Structuring*. Vol 2. Massachusetts: MIT.

Taylor, J. 1989. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press.

Taylor, J. 1995. "On construing the world". *Language and the Cognitive Construal of the World*. Taylor, J. & Robert E. MacLaury (eds.). 1-21. Berlin, New York: de Gruyter.

Thom, R. 1985. *Parábolas e Catástrofes*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Thomas, K. 2002. *Kunst in Deutschland seit 1945*. Köln: DuMont Literatur und Kunst Verlag.

Todorov, T. 1977. *Teorias do Símbolo*. Lisboa: Edições 70.

Tomasello, M. 2003. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Traugott, E. C., & E. König. 1991. "The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited". *Approaches to Grammaticalization – Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Vol. 3 Traugott, E., & Bernd Heine (ed.). 189-218. Amsterdam: John Benjamins.

Turner, M. 1996. *The Literary Mind. The origins of thought and language*. Oxford University Press: Oxford.

Ullmann, S. 1959. *Principles of Semantics*. Oxford: Oxford University Press.

Ullmann, S. 1962. *A Semântica. Uma Introdução à Ciência do Significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ungerer, F. 1995. "The linguistic and cognitive relevance of basic emotions". *Current Approaches to the Lexicon*. Dirven, R. & J. Vanparys (eds.). 185-210. Frankfurt: Peter Lang.

Ungerer, F., & H.-J. Schmid. 1996. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. London: Longman.

Ungerer, F. 1997. "Emotions and emotional language in English and German news stories". *The Language of Emotions. Conceptualisation, Expression and Theoretical Foundation*. Niemeier, S. & R. Dirven (eds.). 307-328. Amsterdam: John Benjamins.

Verspoor, M. & Eve Sweetser (eds.). 1997. *Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning*. Amsterdam: John Benjamins.



Vieira, J. F. 2001. *Pedro Anjos Teixeira e a Escultura no Exterior* [Texto policopiado. 3 v. (T.M. Hist. da Arte)]. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.

Vilela, M. 1992. *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*. Coimbra: Almedina.

Vilela, M. 1999. *Gramática da Língua Portuguesa. Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática de Texto/ Discurso*. Coimbra: Almedina.

Vilela, M. 2002. *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.

Violi, P. 2001. *Meaning and Experience*. Bloomington: Indiana University Press.

Weinrich, H. 1976. *Sprache in Texten*. Stuttgart: Klett.

Wierzbicka, A. 1992. *Semantics, Culture and Cognition. Universal Human Concepts in Culture-Specific Configurations*. Oxford: Oxford University Press.

Wierzbicka, A. 1994a. “‘Cultural scripts’: A new approach to the study of cross-cultural communication”. *Language Contact and Language Conflict*. Pütz, M. (ed.). 69-87. Amsterdam: John Benjamins.

Wierzbicka, A. 1994b. “Cognitive domains and the structure of the lexicon: The case of emotions”. *Mapping the Mind. Domain specificity in cognition and culture*. Hirschfeld, L. A. & Susan A. Gelman (eds.). 431-452. Cambridge: Cambridge University Press.

Wierzbicka, A. 1996. *Semantics. Primes and Universals*. Oxford, New York: Oxford University Press.

Wierzbicka, A. 1997. “A response to Michael Bamberg”. *The Language of Emotions. Conceptualisation, Expression and Theoretical Foundation*. Niemeier, S. & R. Dirven (eds.). 227-229. Amsterdam: John Benjamins.

Wierzbicka, A. 1998. “‘Sadness’ and ‘Anger’ in Russian. The non-universality of the so-called ‘basic emotions’”. *Speaking of Emotions. Conceptualisation and Expression*. Athanasiadou, A. & E. Tabakowska (eds.). 3-28. New York: de Gruyter.

Wittgenstein, L. 1945/ 1989. *Tractatus logico-philosophicus. Tagebücher 1914-1916. Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag.

Zifonun, G. et alii. 1998. *Grammatik der deutschen Sprache*. 3 Bde. Berlin: de Gruyter.

## **Páginas da Internet**

(20.03.2007) - «Agrupació de Colles de Geganters de Catalunya»

<http://www.gegants.cat/activitats/ciutatgegantera.html>

(31.01.2008) - «Alcun sculpturas public in Varberg / Några offentliga skulpturer i Varberg», Per Roland Svensson (factos) e Erik Enfors (factos e photos), in: "Le blog de Erik Enfors in Interlingua", <http://untorrente.blogspot.com/>

(01.03.2009) - Architecture&Patrimoine

<http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/patrimoine/>

(10.11.2008) - artelista, arte en internet, «Joan Tuset»,

<http://www.artelista.com/autor/8420692928592770-tuset.html>

(10.11.2008) - artistasdelatierra.com, «Joan Tuset» em:

<http://www.artistasdelatierra.com/artistas/joan-tuset>

(25.04.2008/ 13.08.2008) - As Cidades e a Serra - Magazine Cultural de Sintra - Número 7. Abril de 2003

<http://www.cm-sintra.pt>

(02.06.2008) - Atlasceska.cz

Praha detailně, Umělecká díla

<http://www.atlasceska.cz/>

(25.05.2008) - Ayuntamiento de Granada - La Ciudad

<http://www.granada.org/inicio.htm>

<http://redescolar.ilce.edu.mx/redescolar/efemerides/mayo/interna/euro26.htm>

(23.09.2008) - Bajo Aragón

[cpcalzar.educa.aragon.es](http://cpcalzar.educa.aragon.es)

(15.07.2008) – Beeldenaanzee.nl

<http://www.beeldenaanzee.nl/index.htm>

(22.10.2008) - Berliner Zeitung - «Zünfte in Sandstein - Archiv 1999, 02. November

[http://www.berlinonline.de/berliner-](http://www.berlinonline.de/berliner-zeitung/archiv/.bin/dump.fcgi/1999/1102/lokales/0173/index.html)

[zeitung/archiv/.bin/dump.fcgi/1999/1102/lokales/0173/index.html](http://www.berlinonline.de/berliner-zeitung/archiv/.bin/dump.fcgi/1999/1102/lokales/0173/index.html)

(06.12.2008) - Brunnen-Denkmale-Kunst in Göttingen, Brunnen

<http://www.denkmale.goettingen.de/brunnen/index.html>

<http://www.denkmale.goettingen.de/brunnen/gaenselieselbrunnen.html>

<http://www.denkmale.goettingen.de/downloads/gaenseliesel.pdf>

(06.12.2008) - Brunnen-Denkmale-Kunst in Göttingen, Kunstwerke

<http://www.denkmale.goettingen.de/brunnen/index.html>

<http://www.denkmale.goettingen.de/kunst/spiellokomotive.html>

(06.12.2008) - Brunnen-Denkmale-Kunst in Göttingen, Kunstwerke

<http://www.denkmale.goettingen.de/kunst/buttimgriff.html>

(06.12.2008) - Brunnen-Denkmale-Kunst in Göttingen, Denkmale

<http://www.denkmale.goettingen.de/denkmal/ehrenmaldergefallenen.html>

(06.12.2008) - Brunnen-Denkmale-Kunst in Göttingen, Denkmale

<http://www.denkmale.goettingen.de/denkmal/ehrenmalreserveinfregt.html>

(18.08.2009) - cabaretiers - Wim Kan - Zwartekat

<http://www.zwartekat.nl>

(16.04.2008) - Câmara Municipal de Monção

<http://www.cm-moncao.pt/deuladeu.asp>

(22.02.2009) - Catalan/English Dictionary

<http://www.catalandictionary.org/dict/cateng/engSpeakers/basic/main.htm>

(18.01.2009) - CNRTL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales

<http://www.cnrtl.fr/etymologie/poilu>

(15.07.2008) - Christoph Pöggeler - Projekt "Säulenheilige" - Skulpturen auf Litfass-Säulen

[www.christoph-poeggeler.de](http://www.christoph-poeggeler.de)

(25.05.2008) - Conférence sur Sète. 4 avril. 2005. Le champ de la mémoire.

[http://pedagogie.ac-montpellier.fr/hist\\_geo/cercle/defense/contributions\\_scientifiques/4/conference\\_sete.doc](http://pedagogie.ac-montpellier.fr/hist_geo/cercle/defense/contributions_scientifiques/4/conference_sete.doc)

(30.08.2009) - dbnl - digitale bibliotheek voor de Nederlandse letteren ~

<http://www.dbnl.org/>

(02.03.2008) - De Nachtwacht van het Rembrandtplein - hotspot holland

[http://www.hotspotholland.nl/nh\\_nachtwacht\\_rembrandtplein.php](http://www.hotspotholland.nl/nh_nachtwacht_rembrandtplein.php)

(20.03.2008/ 18.05.2008) - Edition Luisenstadt, 2002

Stand: 19. Mrz. 2002

Berliner Bezirkslexikon, Mitte

[www.berlingeschichte.de/Lexikon/Index.html](http://www.berlingeschichte.de/Lexikon/Index.html)

(18.08.2008) - El Periódico de Extremadura, Cáceres - "Una escultura en la Concepción rinde tributo a 'El Redoble'"

<http://www.elperiodicoextremadura.com>

(19.01.2009) - Encalves y Rutas Turísticas - Ayuntamiento de Munera

<http://munera.localtic.net/index.php>

(02.07.2003) - Ethnologue languages of the world - Languages of Portugal

[http://www.ethnologue.com/show\\_map.asp?name=PT&seq=10](http://www.ethnologue.com/show_map.asp?name=PT&seq=10)

(19.07.2009) - Ethnologue Languages of the world

[http://www.ethnologue.com/show\\_language.asp?code=pdt](http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=pdt)

(13.03.2009) - Etymologisch woordenboek van het Nederlands, onder hoofredactie van dr. Marlies Philippa, dr. Frans Debrabandere, prof. dr. Arend Quak, dr. Tanneke Schoonheim en dr. Nicoline van der Sijs, Amsterdam University Press

<http://www.etymologie.nl/>

(14.03.2009) - Ethnologue, Languages of the world

<http://www.ethnologue.com/>

(25.11.2008) - Euskalterm - Banco Terminológico Público Vasco - sistema patrocinado pelo Governo Basco

[http://www1.euskadi.net/euskalterm/indice\\_c.htm](http://www1.euskadi.net/euskalterm/indice_c.htm)

(14.05.2008) - escultura urbana - El caminante

<http://esculturaurbana.com>

(07.09.2009) - Faber-Castell

<http://www.faber-castell.com/>

(12.09.2008) - Fafe Monumentos e Edifícios Relevantes - Fafe Digital - Portal de Fafe

<http://www.fafe-digital.com>

(04.04.2009) - f@feonline.com

<http://www.fafeonline.com/lenda-da-justica-de-fafe>

(14.10.2007)- «Fiorenzo Bacci e il Realdinamismo»

[http://www.geocities.com/francesca\\_bacci/FBHomeEngl.htm](http://www.geocities.com/francesca_bacci/FBHomeEngl.htm)

«Trieste - Piazza dell'Unità d'Italia - Monumento alla Liberazione di Trieste »

[http://www.geocities.com/francesca\\_bacci/Trieste.htm](http://www.geocities.com/francesca_bacci/Trieste.htm)

(22.08.2008) - Fondation Dina Vierny - Musée Maillol

<http://www.museemaillol.com>

(22.09.2007) – Forçarei.Net - Gaitero - El Gaitero de Soutelo

<http://www.forcarei.net/htmlc/gentes/gaiteiro.htm>

(17.05.2007) - Foro por la Memoria

<http://www.foroporlamemoria.info/>

(24.05.2008) - FPG - Förderkreis Planetarium Göttingen e.V. - Planetenweg Göttingen

<http://www.uni-sw.gwdg.de/outreach/FPG/Planetenweg/>

(27.01.2009) - © 2001 2008 Frédéric Jézégou - Jean-François Meylhoc, Dico - citations

- Le Littré : Le dictionnaire de Référence de la langue française

<http://www.dico-definitions.com/dictionnaire/definition/3116/Beauce.php>

(01.10.2008) - Gedenkstätten in Hamburg

Ein Wegweiser zu Stätten der Erinnerung an die Jahre 1933-1945

<http://www.hamburg.de/servlet/contentblob/71634/%2522Gedenkst%25C3%25A4tten+in+Hamburg.+Ein+Wegweiser+zu+den+St%25C3%25A4tten+der+Erinnerung+an+die+Jahre+1933-1945.%2522+Lzpb+und+KZ-Gedenkst%25C3%25A4tte+Neuengamme%252C+Hamburg+2003/data.pdf>

(14.08.2008) - Gigi Warny – Attitudes

<http://www.gigiwarny.be/Attitude2.htm>

(10.11.2008) - 2007 - Guia turística, L'Arboç, Vila monumental i modernista, Ajuntament de l'Arboç, Patronat de Turisme de la Diputació de Tarragona \*.pdf - Ajuntament de l'Arboç

<http://www.arbocenc.org/>

(05.09.2009) - Habitants.fr - Nom des habitants des communes françaises

<http://www.habitants.fr/>

(04.12.2008) - hildesheim: huckup-denkmal

[http://www.lycos.de/1001stadt/story\\_objekt.html,,i\\_10910\\_\\_s\\_117/hildesheim-huckup-denkmal.html](http://www.lycos.de/1001stadt/story_objekt.html,,i_10910__s_117/hildesheim-huckup-denkmal.html)

(30.05.2008) - Hildo Krop - Instituut Hildo Krop

<http://www.hildokrop.nl/>

(23.09.2007) - horisont Varberg

Nyheter och Information från Varbergs Kommun Våren 2006

[http://www2.varberg.se/archive/kommun\\_kansli/Horisont%201-06%20web.pdf](http://www2.varberg.se/archive/kommun_kansli/Horisont%201-06%20web.pdf)

(03.12.2008) - Huckup, Hildesheim erstes Informations- und Anzeigenblatt

<http://www.huckup.hildesheim.com/index.php?rub=6>

(02.03.2008) - I amsterdam - Evenementenlijst - Rembrandt 400 Amsterdam

2006

[www.rembrandt400amsterdam](http://www.rembrandt400amsterdam)

<http://www.atcb.nl/upload/documenten/pdf/bijlagen%20campagnes%20en%20themajaren/Evenementenlijst%20R400%20NL%2001-11-2005.pdf>

(12.09.2008) - Il Monumento Nazionale al Carabiniere - Associazione Nazionale Carabinieri

<http://www.assocarabinieri.it>

(02.08.2009) - Ingrid Schröder:

Das Hamburgische Wörterbuch - kulturelles Gedächtnis der Stadt - Universität Hamburg

[http://www.slm.uni-hamburg.de/ifg1/NdSL/Arbeitsstellen\\_Archive/Kulturelles\\_Gedaechtnis.html](http://www.slm.uni-hamburg.de/ifg1/NdSL/Arbeitsstellen_Archive/Kulturelles_Gedaechtnis.html)

(27.10.2008) - Ineke van Dijk Beelden

<http://www.inekevandijkbeelden.blogspot.com/>

(14.08.2008) - Institut Destrée

<http://www.institut-destree.eu/>

(07.08.2008) - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana copyright © 2001-2006 - Chafariz da Danaide

<http://www.monumentos.pt>

(29.08.2008) - Internet-heute.de - 05.05.2007 - 40 Jahre Ulenköper-Denkmal in Uelzen

[http://www.internet-heute.de/article/40\\_jahre\\_ulenkoepardenkmal\\_in\\_uelzen.php](http://www.internet-heute.de/article/40_jahre_ulenkoepardenkmal_in_uelzen.php)

(22.02.2009) - Joan Tort Donada, Toponímia y territorio. Los nombres de los núcleos de población de la Comarca del Baix Camp, Tarragona, desde una perspectiva onomasiológica - Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Nº 67, 1 de julio de 2000.



<http://www.ub.es/geocrit/sn-67.htm#29>

(04.08.2008) - Kassel.de Kassel und die Region - Kultur - documenta Stadt

<http://www.kassel.de>

(03.10.2008) - Kees Verkade beeldhouwer

<http://www.keesverkade.com>

(11.03.2008) - Kitsch in de openbare ruimte - ("Wiekeneer" (1985), Frans Carlier, Wycker Brugstraat)

<http://www.mestreech.eu/Kunst/index.html>

(25.12.2008) - Klakow, Hans (1899-1993) - Kulturportal Brandenburg

<http://kulturportal.maerkischeallgemeine.de/cms/beitrag/10524200/72279/?crosscontext=70669/>

(28.07.2008) - Københavns Kommune - Monumenter

[www.vejpark.kk.dk/monumenter](http://www.vejpark.kk.dk/monumenter)

(28.04.2008) - 1992 Konstguide på nätet - Malmö

<http://www.malmo.se/konstguide>

(22.10.2008) - Kunst am Bau als Erbe des geteilten Deutschlands zum Umgang mit Architekturbezogener Kunst der DDR - Bundesministerium für Verkehr, Bau und Stadtentwicklung -Juli 2008

[www.bmvbs.de](http://www.bmvbs.de) und [www.bbr.bund.de](http://www.bbr.bund.de)

(22.09.2008) - Kunst en Kitsch in de openbare ruimte

<http://www.mestreech.eu/Kunst/>

(03.11.2008) - Kunstopstraat.nl

[http://www.kunstopstraat.nl/weergave.php?t=artefact&id=334&route\\_add=](http://www.kunstopstraat.nl/weergave.php?t=artefact&id=334&route_add=)

(22.10.2008) - Kunstspaziergänge - «Spaziergänge in Berlin und Umgebung»

<http://radio.weblogs.com/0109045/2006/10/05.html>

(06.09.2009) - La Route du Blé

<http://www.larouteduble.com/>

(22.02.2009) - l'Arboç - - L'Enciclopèdia - El Grup Enciclopèdia

Catalana, SAU

[http://www.enciclopedia.cat/fitxa\\_v2.jsp?NDCHEC=0004805&SFR=1](http://www.enciclopedia.cat/fitxa_v2.jsp?NDCHEC=0004805&SFR=1)

(09.09.2008) - «Les Amis du Patrimoine Napoléonien»,

<http://lesapn.forumactif.fr/les-campagnes-f17/campagne-de-1870-71-guerre-contre-la-prusse-t638.htm>

(12.09.2008) - L'avvento del fascismo - carabinieri - Ministero della Difesa

<http://www.carabinieri.it>

(22.02.2009) - L'Enciclopèdia - Dictionari - El Grup Enciclopèdia

Catalana, SAU

<http://ec.grec.net/lexicx.jsp?GECART=0011065>

(06.09.2009) - Le Nouveau Paysan Beauceron - La Beauce

<http://paysan.chez-alice.fr/beauce.htm>

(10.09.2009) - Les Echasseurs Namurois

<http://users.skynet.be/fa523252/homepage.htm>

(14.09.2008) - Les enfants nomades de la Fontaine de Nîmes

[www.jamespradier.com](http://www.jamespradier.com)

(08.10.2007) - "Les Masuis et Cotelis au rond-point Joséphine-Charlotte à

Jambes", «©syndicat d'Initiative de Jambes et environs» em:

<http://www.sijambes.be/index.php?page=art54>

(05.09.2009) - Le Républicain Lorrain. Des «braves à trois poils»

<http://www.republicain-lorrain.fr/fr/article/186825/Des-braves-a-trois-poils.html>

(25.04.2008) - Lichtenberg-Skulpturen in der Göttinger Innenstadt - Stadtarchiv

Göttingen, Lichtenberg-Gesellschaft, Göttinger Tageblatt Juni 2004

<http://www.goettingen.city-map.de/city/db/010902014000.html>

(25.04.2008) – Linha do Corgo

<http://linhadocorgo.blogs.sapo.pt/>

(21.10.2008) - Litfaß: Der König der Reklame wird 150 - Rubriken stern.de

<http://www.stern.de/politik/panorama/luftblasen/543767.html?cp=1>

(17.05.2007) - "Los símbolos que quedan en Granada de la dictadura"

<http://www.ideal.es/granada/20071009/granada/simbolos-quedan-granada-dictadura-20071009.html>

(20.04.2008) - Maastrichtpagina

<http://www.wigosite.nl/Maastrichtpagina/Maastrichtpagina.htm>

(08.04.2008) - Malmö stad - Konstguide på nätet - Konstguide – Skulpturer och offentlig utsmyckning i Malmö, utgiven av ABF Malmö 2006.

<http://www.malmo.se/konstguide>

<http://www.mkbfastighet.se/upload/Konstverk/Konstguide.pdf>

(14.11.2008) - Marie Christine Marghem

<http://www.marghem.be/fr/tournai/>

(02.08.2008) - Mens & Dier in Steen & Brons -(stand)beelden van mensen, dieren en persoonsgerelateerde gedenktekens\*

Peter en René van der Krogt

met medewerking van het Rijksbureau voor Kunsthistorische Documentatie  
<http://www.krogtweb.nl/>

(04.12.2008) - metrópoles #8 4.º Trimestre 2004. "Arte Pública Urbana". Área Metropolitana de Lisboa  
[http://www.aml.pt/webstatic/publicacoes/periodicas/metropoles/\\_html/\\_docs/metropoles08.pdf](http://www.aml.pt/webstatic/publicacoes/periodicas/metropoles/_html/_docs/metropoles08.pdf)

(24.05.2008) - 2005 Notícias do Douro - O Semanário da Região Demarcada do Douro; Produzido por ardina.com  
<http://concelhos.dodouro.com/jornal/murca.asp>

(14.08.2008) - O Biblocas - ANO 5 - N° 19 Abril de 2004  
Boletim Infanto-Juvenil da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo  
<http://www.cm-viana-castelo.pt/biblioteca>

(10.02.2008) - Oorlogsmonumenten - 3000 Oorlogsmonumenten en 1000 herdenkingen in Nederland  
[http://www.4en5mei.nl/oorlogsmonumenten/zoeken/monument-detail/\\_rp\\_main\\_elementId/1\\_3870](http://www.4en5mei.nl/oorlogsmonumenten/zoeken/monument-detail/_rp_main_elementId/1_3870)

(03.09.2008) - Oud Leeuwarden - Kunst in Leeuwarden  
[www.oudleeuwarden.nl](http://www.oudleeuwarden.nl)

(18.08.2008) - «Pasquier Grenier», <http://de.wikipedia.org>; - «Robert Campin», <http://pt.wikipedia.org>; - Pierre de la Rue (c.1460-1518) - «A discography» <http://www.medieval.org/emfaq/composers/larue.html>

(01.03.2009) - Patrimoine de France - ministère de la Culture et de la Communication - direction de l'Architecture et du Patrimoine.  
<http://www.patrimoine-de-france.org/mots/mots-acade-29-14051.html>

(02.07.2003) - Perry-Castañeda Library Map Collection - The language situation in Belgium -

<http://s2.ned.univie.ac.at/Publicaties/taalgeschiedenis/en/belgienkarte.htm>

(20.04.2008) - Peter en René van der Krogt - Standbeelden en Gedenktekens - Alle standbeelden en gedenktekens in Nederland

<http://www.krogtweb.nl/monumenten/kunstenaars.html>

(11.09.2008) - Peter van der Krogt, Columbus Monuments Pages

<http://columbus.vanderkrogt.net>

(18.11.2008) - Pierre de la Rue (c.1460-1518) - A discography

<http://www.medieval.org/emfaq/composers/larue.html>

(25.08.2008) - Place de la Victoire - bordeaux.fr

<http://www.bordeaux.fr>

(31.07.2009) - plattdüütsch künst

[www.plattpartu.de/kuenst](http://www.plattpartu.de/kuenst)

(01.06.2008) - 2008 Pražská informační služba Památky Pomníky a sochy

[http://www.pis.cz/cz/praha/pamatky/pomniky\\_a\\_sochy](http://www.pis.cz/cz/praha/pamatky/pomniky_a_sochy)

(07.12.2008) - Professor Zbigniew Peter Graf Pininski: Zwischen Kunst und Architektur

<http://www.neuer-weg.com/ringpark/pininski.htm>

(30.05.2008) - Rams Woerthe

<http://www.rams-woerthe.nl/>

(07.08.2008) - Ravensbrück Memorial - A Teacher's Guide to the Holocaust - Florida Center for Instructional Technology, College of Education, University of South Florida

<http://fcit.coedu.usf.edu>

(18.01.2009) - RLL-Research, Research Guide for Romance Studies

[http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596  
&pageContentId=icb.pagecontent49717&view=view.do&viewParam\\_name=etym.  
html](http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&view=view.do&viewParam_name=etym.html)

(26.09.2006) - «Roberto Reula»

<http://www.mercadosierra.com/turismo-guadarrama.html>

(19.05.2008) - Roberto Reula

<http://www.robertoreula.com/indexalta.html>

(17.10.2008) - Säulenheilige – Pöggelers Skulpturen auf Litfaßsäulen, Düsseldorf  
- QYPE das beste der Stadt

[http://www.qype.com/place/160250-Saeulenheilige-Poeggelers-Skulpturen-auf-  
Litfassaeulen-Duesseldorf](http://www.qype.com/place/160250-Saeulenheilige-Poeggelers-Skulpturen-auf-Litfassaeulen-Duesseldorf)

(24.08.2008) - Scheveningen verrijkt met internationale beeldentuin - KKunst -  
internettijdschrift over podiumkunsten uit Vlaanderen en Nederland

<http://www.kkunst.com>

(27.02.2008) - Sculptures de Bruxelles et de Belgique

<http://home.scarlet.be/arch/3d/index.htm>

(18.03.2008) - Senatsverwaltung für Stadtentwicklung

Württembergische Str. 6, 10707 Berlin, <http://www.stadtentwicklung.berlin.de/>  
<http://www.stadtentwicklung.berlin.de/bauen/brunnen/de/mit/39.shtml>

(05.09.2008) - Siegen.de - Museum für Gegenwartskunst

<http://www.siegen.de>

(18.12.2007)–StadswandelingBrugge

<http://www.wandelpaden.com/wandel.html>

<http://www.wandelpaden.com/brugge.html>

(07.08.2008) - Stadt Knittlingen - Dr. Johannes Faust

<http://www.knittlingen.de>

(14.08.2008) - Stadt Leipzig - Leipzigs Stadtgrün

<http://www.leipzig.de>

(14.08.2008) - Stadt Stuttgart - Schorp-Pflumm, Hanne - Rudolf Kurz: Standbild  
Häberle und Pfeiderer

<http://www.stuttgart.de>

(07.08.2008) -Stuttgart.de -Bildhauerei- Hans-Jörg Limbach

<http://www.stuttgart.de>

(01.06.2008) - SVATOPLUK ČECH – VLASTENEC Z OSTŘEDKU U  
BENEŠOVA 03/06

<http://www.elpida.cz/zlatelisty/article.php@articleID=550>

(04.09.2008) - The Little Mermaid statue in Copenhagen

Den lille Havfrue

<http://www.hcandersen-homepage.dk>

(04.09.2008) - The Little Mermaid - The partnership of sculptor Edvard Eriksen's  
heirs

<http://www.mermaidsculpture.dk>

(04.09.2008) - The Little Mermaid statue in Copenhagen

Den lille Havfrue

<http://www.hcandersen-homepage.dk>

(15.07.2008) - Tomotterness.net

[http://www.tomotterness.net/exhibitions\\_publicart\\_landing.html](http://www.tomotterness.net/exhibitions_publicart_landing.html)

(08.04.2008) - "Trolle Wachtmeisters park - Lunds kommun"

[http://www.lund.se/templates/Page\\_\\_\\_\\_34624.aspx](http://www.lund.se/templates/Page____34624.aspx)

(29.08.2008) - Uelzen - Historisches Uelzen - Uhlenköpersage

<http://www.uelzen.de>

(29.08.2008) - Das Ulenköper-Denkmal

<http://www.lueneburger-heide-info.de>

(24.03.2008) - Union Investment

[http://unternehmen.union-investment.de/kunst/difa\\_berlin.html](http://unternehmen.union-investment.de/kunst/difa_berlin.html)

(24.05.2008) - Ville de La Louvière

<http://www.lalouviere.be/>

(30.05.2008) - Ville de Tournai

<http://www.tournai.be/>

(21.07.2009) - Virtuelle Stadtansichten des Vereins INTER-AKTION e.V.

Das gemeinnützige und bürgernahe Internetportal für Aachen

Rund um Dom und Rathaus

[www.aachen-markt.de](http://www.aachen-markt.de)

(07.08.2008) - Weimer Kulturstadt Europas - Monuments

<http://stadt.weimar.de>

(16.11.2008) - Wellmann, Arthur Karl Wilhelm

<http://www.uni-magdeburg.de/mbl/Biografien/1432.htm>



## **Wikipedia**

(25.11.2008) - «Azpeitia»

<http://es.wikipedia.org/wiki/Azpeitia>

(20.04.2008) - Wikipedia - Besigheim

<http://de.wikipedia.org/wiki/Besigheim>

(14.08.2008) - Dinanderie

<http://fr.wikipedia.org>

(06.12.2008) - Göttingen

[http://www.wiki-goettingen.de/index.php?title=Reinhold\\_Wittig](http://www.wiki-goettingen.de/index.php?title=Reinhold_Wittig)

(10.09.2006/ 20.05.2008) - Hans Hummel

[http://de.wikipedia.org/wiki/Hans\\_Hummel](http://de.wikipedia.org/wiki/Hans_Hummel)

(25.12.2008) - Hans Klakow - Wikipedia

[http://de.wikipedia.org/wiki/Hans\\_Klakow](http://de.wikipedia.org/wiki/Hans_Klakow)

(29.08.2009) - Humsera

<http://de.wikipedia.org/wiki/Humsera>

(05.05.2008) – Ludwigsplatz (Ludwigshafen)

[http://de.wikipedia.org/wiki/Ludwigsplatz\\_\(Ludwigshafen\)](http://de.wikipedia.org/wiki/Ludwigsplatz_(Ludwigshafen))

(15.07.2008) – Beelden aan Zee

[http://nl.wikipedia.org/wiki/Beelden\\_aan\\_Zee](http://nl.wikipedia.org/wiki/Beelden_aan_Zee)

(28.06.2008) – Wikipedia – Niederdeutsche Sprache

[http://de.wikipedia.org/wiki/Niederdeutsche\\_Sprache](http://de.wikipedia.org/wiki/Niederdeutsche_Sprache)

(22.03.2008) - Nikolaiviertel -  
[http://de.wikipedia.org/wiki/Nikolaiviertel#Der\\_Gr.C3.Grundungsbrunnen](http://de.wikipedia.org/wiki/Nikolaiviertel#Der_Gr.C3.Grundungsbrunnen)

(03.09.2008) - Lijst van beelden in Leeuwarden -Wikipedia De vrije encyclopedie  
<http://nl.wikipedia.org>

(06.12.2008) - Marienbad (Spiel)  
[http://de.wikipedia.org/wiki/Marienbad\\_\(Spiel\)](http://de.wikipedia.org/wiki/Marienbad_(Spiel))

(18.11.2008) - Pasquier Grenier  
<http://de.wikipedia.org>

(18.11.2008) - Robert Campin  
<http://pt.wikipedia.org>

(28.08.2009) - Till Eulenspiegel  
[http://de.wikipedia.org/wiki/Till\\_Eulenspiegel](http://de.wikipedia.org/wiki/Till_Eulenspiegel)

(29.08.2008) - Uelzen  
<http://de.wikipedia.org>

## **Recursos informáticos**

### **Aplicações**

BABYLON Ltd.

2008 – Aplicação gestora de dicionários, v. 7.0

2006 – Idem

Slovene-English-Slovene dictionary

Autor: Milan Orožen Adamič

Descrição: Bidirectional dictionary (Concise edition 1.0)

Número de entradas: 31974

Data da criação: 17-02-2001

EUROJARGON - slovenščina

Autor: EUROPA: portal site of the European Union

e-mail do autor: linguistic-support@babylon.com

Descrição: Vodnik po evrožargonu v poljudnem jeziku: Ljudje, ki se v ustanovah EU in medijih ukvarjajo z zadevami EU, imajo slabo navado, da uporabljajo samo njim razumljive izraze. Te besede in izraze imenujemo "evrožargon". Nepoučeni ga ne razumejo, zato je za navadne ljudi zelo nekoristen in ustanove EU ga želijo odpraviti. Medtem pa vam bo morda v pomoč tale "vodnik v poljudnem jeziku".

Número de entradas: 27

Data da criação: 29-07-2004

Última atualização: 02-08-2004

Danish-English Online Dictionaries

Autor: Tom van der Meijden

e-mail do autor: support@freewaresite.com

Descrição: Danish English Dictionary

Número de entradas: 2700

Data da criação: 06-06-2000

#### Babylon English-Dutch

Autor: Babylon.com

e-mail do autor: info@babylon.com

Descrição: This comprehensive English-Dutch dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.

Número de entradas: 123975

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 11-05-2003

#### Babylon Dutch-English

Autor: Babylon.com

Descrição: This comprehensive Dutch-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.

Número de entradas: 51687

Data da criação: 29-05-2000

#### Babylon English-German

Autor: Babylon.com

e-mail do autor: info@babylon.com

Descrição: This comprehensive English-German dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.,

Número de entradas: 124326

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 11-05-2003

#### Babylon German-English

Autor: Babylon.com

e-mail do autor: info@babylon.com

Descrição: This comprehensive German-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects,

such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc, and features both the new and the classic forms of spelling.

Número de entradas: 144303

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 08-05-2003

Babylon English-Italian

Autor: Babylon.com

e-mail do autor: info@babylon.com

Descrição: This comprehensive English-Italian dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.,

Número de entradas: 123525

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 12-05-2003

Babylon Italian-English

Autor: Babylon.com

Descrição: This comprehensive Italian-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.

Número de entradas: 53741

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 29-01-2003

Babylon English-Russian

Autor: Babylon.com

e-mail do autor: info@babylon.com

Descrição: This comprehensive English-Russian dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.,

Número de entradas: 99106

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 12-05-2003

Babylon Russian-English

Autor: Babylon.com

Descrição: This comprehensive Russian-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.

Número de entradas: 87073

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 06-02-2003

Tapsis Greek French Verbs

Autor: Nikos Tapsis

Descrição: Due to this glossary a lot of greek verbs can be recognized in the text by the Babylon tool. There are about 20 alternative forms for each verb.

Número de entradas: 3000

Data da criação: 17-04-2001

Babylon English-English

Autor: Babylon Ltd.

e-mail do autor: linguistic-support@babylon.com

Descrição: This comprehensive English-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc., and features both the American and British forms of spelling.

Número de entradas: 157525

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 25-10-2006

English Norwegian Online Dictionary

Autor: Tom van der Meijden

e-mail do autor: support@freewaresite.com

Descrição: English Norwegian Dictionary

Número de entradas: 6020

Data da criação: 06-06-2000

Norwegian-English Online Dictionaries

Autor: Tom van der Meijden

e-mail do autor: support@freewaresite.com

Descrição: Norwegian English Dictionary

Número de entradas: 6547

Data da criação: 30-05-2000

Eng-Pol

Autor: Pawel Wimmer

Descrição: Pomocniczy slowniczek angielsko-polski 1. slownictwo ogolne 2. tematy dodatkowe: militaria, polityka, prawo...

Número de entradas: 22098

Data da criação: 26-08-2001

English-Polish 0.15

Autor: Dr. Waldemar A. Labusga

e-mail do autor: Labusga@gmx.net

Descrição: Version 0.15.2 Translations For Free - Bezplatne tłumaczenia:  
<http://tff.labusga.de>

Número de entradas: 8708

Data da criação: 15-03-2001

ADO's danish-german

Autor: ADO

e-mail do autor: adosanis@hotmail.com

Descrição: danish-german Wörterbuch mit woechentlicher Aktualisierung

Número de entradas: 8144

Data da criação: 02-01-1999

English-Danish Dictionary

Autor: Dennis Andersen

e-mail do autor: deniande@netscape.net

Descrição: English-Danish Dictionary

Número de entradas: 103

Data da criação: 17-10-2001

Italian-Portuguese

Autor: Maurizio Fedrighelli

Descrição: Dicionario Italiano-Portuguese

Número de entradas: 24194

Data da criação: 26-05-2001

Portoghese-Italiano

Autor: Maurizio Fedrighelli

Descrição: Dizionario Portoghese-Italiano

Número de entradas: 22463

Data da criação: 26-11-2000

EN-CZ, anglicko-český slovníček

Autor: neznámý, úprava pro Babylon - Petr Secký, secky@seznam.cz

e-mail do autor: secky@seznam.cz

Descrição: Kódování: Eastern Europe - Windows CP 1250. 12.2.2001 je tento text bez diakritiky (chyba Babylonu), takže si to přetete, až přesvědčím amerikaný, že hacky a carky potřebujeme i v sekcích "Glossary title", "Author" a "Description".

Slovníček je neúplný a s chybami, ale doufám, že bude užitečný.

Nápovědu najdete pod glosou "pomoc".

Pokud chcete poslat opravy, podívejte se pod glosu "opravy"!

Número de entradas: 22495

Data da criação: 12-02-2001

English-German Online Dictionary

Autor: Tom van der Meijden



e-mail do autor: support@freewaresite.com

Descrição: English German Dictionary

Número de entradas: 87814

Data da criação: 19-07-2000

Babylon English-Portuguese

Autor: Babylon Ltd.

e-mail do autor: linguistic-support@babylon.com

Descrição: This comprehensive English-Portuguese dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc., and features both the American and British forms of spelling.

Número de entradas: 144759

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 03-06-2008

Versão: 6.0

Babylon Portuguese-English

Autor: Babylon Ltd.

e-mail do autor: linguistic-support@babylon.com

Descrição: This comprehensive Portuguese-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.

Número de entradas: 58557

Data da criação: 29-05-2000

Última atualização: 01-11-2006

Versão: 6.0

Michaelis Dicionário Escolar Francês-Português

Autor: Jelssa Ciardi Avolio e Mára Lucia Faury

Descrição:

Este dicionário foi especialmente criado para os brasileiros que estudam a língua francesa. Com mais de 19.000 verbetes, abrange o vocabulário essencial para o estudo e o uso correto desse idioma. Além disso, apresenta: mais de 25.000 traduções; mais de

10.000 expressões e exemplos; divisão silábica das entradas dos verbetes; transcrição fonética; classe gramatical dos vocábulos e regência dos verbos; expressões idiomáticas, provérbios e gírias; notas sobre questões gramaticais e sobre o uso adequado de palavras e expressões francesas.

Para maiores informações sobre o conteúdo do dicionário digite "Michaelis" na caixa de busca de verbetes.

Número de entradas: 19750

Data da criação: 20-03-2005

Michaelis Dicionário Escolar Português-Francês

Autor: Jelssa Ciardi Avolio e Mára Lucia Faury

Descrição:

Este dicionário foi especialmente criado para os brasileiros que estudam a língua francesa. Com mais de 19.000 verbetes, abrange o vocabulário essencial para o estudo e o uso correto desse idioma. Além disso, apresenta: mais de 25.000 traduções; mais de 10.000 expressões e exemplos; divisão silábica das entradas dos verbetes; transcrição fonética; classe gramatical dos vocábulos e regência dos verbos; expressões idiomáticas, provérbios e gírias; notas sobre questões gramaticais e sobre o uso adequado de palavras e expressões francesas.

Para maiores informações sobre o conteúdo do dicionário digite "Michaelis" na caixa de busca de verbetes.

Número de entradas: 19510

Data da criação: 20-03-2005

Handwörterbuch Englisch-Deutsch

Autor: Langenscheidt KG

Descrição: The dictionary consists of 51925 [automatic count] main entries, containing a total of around 105,000 references (headwords, compounds, phrases and expressions), and a total of approx. 255,000 translations.

Número de entradas: 51925

Data da criação: 17-07-2002

Última atualização: 16-10-2005

Versão: 1.1

### Handwörterbuch Deutsch-Englisch

Autor: Langenscheidt KG

Descrição: The dictionary consists of 92800 [automatic count] main entries, containing a total of around 140,000 references (headwords, compounds, phrases and expressions), and a total of approx. 225,000 translations.

Número de entradas: 92800

Data da criação: 17-07-2002

Última atualização: 16-10-2005

Versão: 1.1

### WordNet 2.0

Autor: eDocuLab Inc.

e-mail do autor: [ceo@edoculab.com](mailto:ceo@edoculab.com)

Descrição: WordNet 2.0 Copyright (c) 2003 by Princeton University. All rights reserved. THIS SOFTWARE AND DATABASE IS PROVIDED "AS IS" AND PRINCETON UNIVERSITY MAKES NO REPRESENTATIONS OR WARRANTIES, EXPRESS OR IMPLIED. BY WAY OF EXAMPLE, BUT NOT LIMITATION, PRINCETON UNIVERSITY MAKES NO REPRESENTATIONS OR WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PARTICULAR PURPOSE OR THAT THE USE OF THE LICENSED SOFTWARE, DATABASE OR DOCUMENTATION WILL NOT INFRINGE ANY THIRD PARTY PATENTS, COPYRIGHTS, TRADEMARKS OR OTHER RIGHTS.

Número de entradas: 145625

Data da criação: 15-11-2003

### Handwörterbuch Englisch-Deutsch

Autor: Langenscheidt KG

Descrição: The dictionary consists of 51925 [automatic count] main entries, containing a total of around 105,000 references (headwords, compounds, phrases and expressions), and a total of approx. 255,000 translations.

Número de entradas: 51925

Data da criação: 17-07-2002

Última atualização: 16-10-2005

Versão: 1.1

Webster's Revised Unabridged Dictionary (1913)

Autor: G & C. Merriam Co., 1913, edited by Noah Porter

Descrição: Webster's Revised Unabridged Dictionary (1913) was the foremost English language dictionary of its time. It had been revised and unabridged from its predecessors since the first publication of the Compendious Dictionary of the English Language in 1806 by Noah Webster (1758-1843), American lexicographer, spelling reformer and editor.

In 1988, Webster's Revised Unabridged Dictionary (1913) was released to the public domain and now users and language enthusiasts all over the world have free access to this historic reference work. It features a diverse array of entries – 170.000 in all – containing foreign words & phrases, biographical and geographical names, signs & symbols in various fields of endeavor, punctuation, capitals & italics, documenting sources, forms of address, and much more.

Webster's Revised Unabridged Dictionary (1913) gives us etymological insight of how words change over time. It may be used as a language research tool, just for fun, as a history sleuth, or even for language arts or many other English projects.

Número de entradas: 170865

Data da criação: 24-02-2008

Última atualização: 02-03-2008

Wikipedia English - The Free Encyclopedia

Autor: Babylon Ltd.

e-mail do autor: linguistic-support@babylon.com

Descrição: This is the English language Wikipedia. Wikipedia is a multilingual, Web-based, free-content encyclopedia. It is written collaboratively by volunteers with wiki software, meaning articles can be added or changed by nearly anyone.

Número de entradas: 2068555

Data da criação: 10-05-2005

Última atualização: 13-01-2008

English-Russian Lingvistica'98 dictionary

Autor: Dr. Michael S. Blekhman

e-mail do autor: ling98@canada.com

Descrição: English-Russian dictionary

Número de entradas: 123653

Data da criação: 17-08-2000

English/Russian - Mueller24

Autor: Mueller

e-mail do autor: t.wladimir@arcor.de

Descrição: Mueller's English-Russian dictionary 24th edition, 67000 words, without transcriptions.

Número de entradas: 66849

Data da criação: 14-04-2003

euskera-español

Autor: Jesus Lizaranzu

e-mail do autor: jesus\_li@teleline.es

Descrição: glosario euskera español

Número de entradas: 17465

Data da criação: 26-12-2000

EN-CZ, anglicko-český slovníček

Autor: neznámý, úprava pro Babylon - Petr Secký, secky@seznam.cz

e-mail do autor: secky@seznam.cz

Descrição: Kódování: Eastern Europe - Windows CP 1250. 12.2.2001 je tento text bez diakritiky (chyba Babylonu), takže si to přetete, až přesvědčím Američany, že hacky a carky potřebujeme i v sekcích "Glossary title", "Author" a "Description".

Slovníček je neúplný a s chybami, ale doufám, že bude užitečný.

Nápovědu najdete pod glosou "pomoc".

Pokud chcete poslat opravy, podívejte se pod glosu "opravy"!

Número de entradas: 22495

Data da criação: 12-02-2001

Acronyms from A - Z

Autor: snigger@web.de

e-mail do autor: snigger@web.de

Descrição: Dieses Glossar enthält mehr als 42.500 Einträge mit weit über 80.000 möglichen Abkürzungserklärungen. z.B.:ICAO-Codes,RFC-Listen,LNC-Listen,A.n-Z.n(CCITT/ITU-)Empfehlungslisten,DIN-Listen,TopLevelDomains,Autokennzeichen,Armeedienstgrade,Sternzeichen,NASA-Mission usw. Mit tausenden internen und externen Links (ohne Garantie). Neue Vorschläge sind immer willkommen. Updates werden unregelmässig erstellt. Mehr Infos demnächst unter [www.snigger.de.vu](http://www.snigger.de.vu) enjoy it. snigger

Número de entradas: 42587

Data da criação: 25-11-2002

Woordenboek Dutch - Portugees

Autor: John Hoeve

e-mail do autor: [john.hoeve@wxs.nl](mailto:john.hoeve@wxs.nl)

Descrição: Import of Ergane dictionary (Dutch - Portugues). More entries and corrections will follow...

Número de entradas: 12017

Data da criação: 08-01-2001

LINGOES 2.6.2 Beta

Kevin Yau - [www.lingoes.net](http://www.lingoes.net)

Copyright 2006-2009 Lingoes Project

Google Web Definition

ID: C68363F3F2F8F04997C0552720B30742

Version: 2.6 Creation Date: 2007-12-11

Total Words: N/A Last Updated: 2009-07-01

Language: English ⇒ English, Chinese (S) ⇒ Chinese (S), Chinese (T) ⇒ Chinese (T), German ⇒ German, French ⇒ French, Japanese ⇒ Japanese, More..Korean ⇒ Korean, Russian ⇒ Russian, Portuguese ⇒ Portuguese, Spanish ⇒ Spanish, Arabic ⇒ Arabic, Dutch ⇒ Dutch, Finnish ⇒ Finnish, Greek ⇒ Greek, Italian ⇒ Italian, Polish ⇒ Polish, Romanian ⇒ Romanian, Swedish ⇒ Swedish, Bulgarian ⇒ Bulgarian, Danish ⇒ Danish, Czech ⇒ Czech, Croatian ⇒ Croatian, Norwegian ⇒ Norwegian, Hebrew ⇒ Hebrew

Title: Google Web Definition

Edition: 2

Description: Use Google to get glossary definitions gathered from various online sources

Author: Google Inc.

Website: <http://www.google.com/>

Copyright: Copyright © Google Inc.

Vicon French-English Dictionary

ID: 93AA8E8C3E6985469BC8D81AACD07946

Version: 2.0 Creation Date: 2007-12-02

Total Words: 81647 Last Updated: 2007-12-02

Language: French ⇒ English

Title: Vicon French-English Dictionary

Edition: 1

Description: This comprehensive French-English dictionary contains words, phrases, abbreviations & acronyms. It includes terms from a vast variety of subjects, such as Medicine, Electronics, Zoology, Business, Computers, Religion, etc.

Author: Vicon Press

Copyright: Copyright © 2006-2007 Vicon Press

## **Outros recursos *online***

Bildhauerei in Berlin

<http://www.bildhauerei-in-berlin.de/>

(18.01.2009) - CNRTL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales

<http://www.cnrtl.fr/etymologie/poilu>

(05.09.2009) - Dictionnaire de l'Académie française, neuvième édition

Version informatisée

<http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>

(06.08.2009) - DAS WÖRTERBUCH-NETZ - © 2006/2007 ein Projekt des

Kompetenzzentrums für elektronische Erschließungs- und Publikationsverfahren in den Geisteswissenschaften an der Universität Trier - Wörterbücher im Wörterbuch-Netz:

- DWB Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm. 16 Bde. [in 32 Teilbänden]. Leipzig: S. Hirzel 1854-1960. -- Quellenverzeichnis 1971.

- BMZ Mittelhochdeutsches Wörterbuch. Mit Benutzung des Nachlasses von Georg Friedrich Benecke ausgearbeitet von Wilhelm Müller und Friedrich ...

- Lexer Mittelhochdeutsches Handwörterbuch von Matthias Lexer. Zugleich als Supplement und alphabetischer Index zum Mittelhochdeutschen Wörterbuche von ...  
LexerN Nachträge zum Mittelhochdeutschen Handwörterbuch von M. Lexer. Leipzig 1878. [Nachdruck zusammen mit 3. Band des Handwörterbuchs]

- FB Findebuch zum mittelhochdeutschen Wortschatz von Kurt Gärtner, Christoph Gerhardt, Jürgen Jaehrling, Ralf Plate, Walter Röhl, Erika Timm. ...

- PfälzWB Pfälzisches Wörterbuch. Begründet von Ernst Christmann, fortgeführt von Julius Krämer, bearbeitet von Rudolf Post unter ...

- RheinWB Rheinisches Wörterbuch. Im Auftrag der Preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde und des ...

- RheinWBN Rheinisches Wörterbuch. Nachtragsband. Im Auftrag der Preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für Rheinische ...



- ElsWB Wörterbuch der elsässischen Mundarten. Bearbeitet von Ernst Martin und Hans Lienhart. 2 Bände. Straßburg 1899-1907. [Nachdruck ...
  - LEI Lessico Etimologico Italiano: LEI. Hg. v. Max Pfister/Wolfgang Schweickard. Bd. 1-8: ab-\*bz-. Wiesbaden: Reichert 1979ff. (Online-Version im Aufbau)
  - LothrWB Wörterbuch der deutsch-lothringischen Mundarten. Bearbeitet von Ferdinand Follmann. Leipzig 1909. [Nachdruck Hildesheim/New York 1971].
  - GWB Goethe-Wörterbuch. Hg. v. der Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften, der Akademie der Wissenschaften zu Göttingen und der ...
- <http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/>

escultura urbana - La primera revista digital dedicada a la escultura pública en España

<http://esculturaurbana.com/>

Ethnologue languages of the world

<http://www.ethnologue.com/>

(25.11.2008) - EUSKALTERM - Banco Terminológico Público Vasco - sistema patrocinado pelo Governo Basco

[http://www1.euskadi.net/euskalterm/indice\\_c.htm](http://www1.euskadi.net/euskalterm/indice_c.htm)

(27.01.2009) - Frédéric Jézégou - Jean-François Meylhoc, Dico - citations - Le Littré : Le dictionnaire de Référence de la langue française

<http://www.dico-definitions.com/dictionnaire/definition/3116/Beauce.php>

IDS - Institut für Deutsche Sprache

<http://www.ids-mannheim.de/>

hamburg-magazin.de - Kunst im öffentlichen Raum

[http://www.hamburg-magazin.de/st\\_kunstoeffentlich.htm](http://www.hamburg-magazin.de/st_kunstoeffentlich.htm)

Jaegers, Guy. 2007. het Maastricht boek. Maastricht: Waanders Uitgevers, Zwolle /Regionaal Historisch Centrum Limburg.[\*pdf]

Johansson, Stig (Redaktör)

2002 - Konstguide Skulpturer och Minnesmärken Malmö 2001, Rahms i Lund Tryckeri AB, Lund, Bildbearbetning och tryck, ABF Malmö [Omslagsfoto och foto 58 sid 32: Pierre Fauvelle; Foto 198 sid 92 och foto 202 sid 93: Oscar Bjerelius; Övriga foton: Stig Johansson; Layout: Quist AB] [roteiro iconográfico das esculturas urbanas de Malmö em 2001, contém 129 páginas A4 com fotografias de vários autores e texto sinóptico de Stig Johansson. Está disponível em formato \*.pdf]

(03.04.2009) - KorpusDK

[http://www.korpus2000.dk/korpus2000/indgang\\_til\\_korpusdk.php](http://www.korpus2000.dk/korpus2000/indgang_til_korpusdk.php)

(20.01.2009) - KUNST AM BAU ALS ERBE DES GETEILTEN  
DEUTSCHLANDS

ZUM UMGANG MIT ARCHITEKTURBEZOGENER

KUNST DER DDR - Bundesministerium für Verkehr, Bau und Stadtentwicklung - Juli 2008 \*.pdf

[www.bmvbs.de](http://www.bmvbs.de) und [www.bbr.bund.de](http://www.bbr.bund.de)

Kunst i Odense - Monumenter

<http://www.visitodense.com/danmark/da->

[dk/menu/turist/oplevelser/attraktioner/monumenter/monumenter.htm?](http://www.visitodense.com/danmark/da-dk/menu/turist/oplevelser/attraktioner/monumenter/monumenter.htm?TypeSearch=Type&query=&productarea=Attraktioner&producttype=Monumenter&City=Odense&Region=Fyn&CallerUrl=%2fdanmark%2fda-dk%2fmenu%2fturist%2foplevelser%2fattraktioner%2fmonumenter%2fmonumenter.htm)

[TypeSearch=Type&query=&productarea=Attraktioner&producttype=Monumenter&City=Odense&Region=Fyn&CallerUrl=%2fdanmark%2fda-dk%2fmenu%2fturist%2foplevelser%2fattraktioner%2fmonumenter%2fmonumenter.htm](http://www.visitodense.com/danmark/da-dk/menu/turist/oplevelser/attraktioner/monumenter/monumenter.htm?TypeSearch=Type&query=&productarea=Attraktioner&producttype=Monumenter&City=Odense&Region=Fyn&CallerUrl=%2fdanmark%2fda-dk%2fmenu%2fturist%2foplevelser%2fattraktioner%2fmonumenter%2fmonumenter.htm)

Lèon, J. *Claimed and Unclaimed Sources of Corpus Linguistics.*

ISSUE NO. 44 CNRS. France: Université Paris 7. \*.pdf

[http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/leon/leon\\_hs.pdf](http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/leon/leon_hs.pdf)

Lexikon: Charlottenburg-Wilmersdorf von A bis Z

Denkmäler und Skulpturen

<http://www.berlin.de/ba-charlottenburg-wilmersdorf/bezirk/kultur/skulpturen.html>

Perry-Castañeda Library Map Collection - The language situation in Belgium -  
<http://www.lib.utexas.edu/maps/>

Peter en René van der Krogt met medewerking van het Rijksbureau voor  
Kunsthistorische Documentatie - Mens & Dier in Steen & Brons -  
(stand)beelden van mensen, dieren en persoonsgerelateerde gedenktekens  
<http://www.krogtweb.nl/standbeelden/index.php>

(07.11.2009) - REAL ACADEMIA ESPAÑOLA  
<http://www.rae.es/RAE/Noticias.nsf/Home?ReadForm>  
<http://buscon.rae.es/draeI/>

(18.01.2009) - RLL-Research, Research Guide for Romance Studies  
[http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?  
keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&vie=  
view.do&viewParam\\_name=etym.html](http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&vie=view.do&viewParam_name=etym.html)

(23.07.2009) - Rotterdam, Erasmo. 2002. Elogio da Loucura (Encomium  
Moriae). Digitalização de edição em papel. Atena Editora, s.d. Versão para eBook [\* .pdf]  
eBooksBrasil.com  
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/erasmo.pdf>

Skulptur Odense  
<http://skulptur.odense.dk/AlleSkulpture.aspx>

## Dicionários

DLPC (2001) = Verbo. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia de Ciências de Lisboa com o apoio do Ministério da Educação e do Instituto Camões. Lisboa.

DELP (1952/ 2003) = Livros Horizonte. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. José Pedro Machado. Lisboa.

DOELP (2003) = Livros Horizonte. Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa. José Pedro Machado. Lisboa.

DFP = Porto Editora. Dicionário de Francês-Português. Por Olívio Carvalho. Porto.

DE (1992) = Gyldendals. Dansk – engelsk Ordbog. Copenhagen.

NTO (1995) = Norstedts. Tysk – svensk/ Svensk – tysk ordbok. S.l.

FCS (2004) = Fin Publishing. Francouzsko – česky/ česky – francouzsko slovníky. S.l.

DDUw (1989) = Duden. Deutsches Universalwörterbuch. Hrsg. und bearb. vom Wissenschaftlichen Rat und den Mitarbeitern der Dudenredaktion unter der Leitung von G. Drosdowski. 2., völlig neu bearbeitete und stark erweiterte Auflage. Mannheim/ Wien/ Zürich.

DSw (1988) = Duden. Das Stilwörterbuch. Hrsg. vom Wissenschaftlichen Rat der Dudenredaktion. Leitung von G. Drosdowski. 7., völlig neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Mannheim/ Wien/ Zürich.

PWdU (1997) = Pons. Pons - Wörterbuch der deutschen Umgangssprache. Küpper, H. 6. Nachdruck. Stuttgart/ München/ Düsseldorf/ Leipzig: Klett.

Paul/ Henne (1992) = Paul, Hermann (1992): Deutsches Wörterbuch. 9., vollständig neu bearbeitete Auflage von Helmut Henne und Georg Objartel unter Mitarbeit von Heidrun Kämper-Jensen. Tübingen: Niemeyer.

Friederich, W. (2001)= Moderne Deutsche Idiomatik – Alphabetisches Wörterbuch mit Definitionen und Beispielen. Ismaning: Max Hueber.

EWdD (2000)= Etymologisches Wörterbuch des Deutschen. Erarb. Unter der Leitung von Wolfgang Pfeifer. München: Deutscher Taschenbuch Verlag.

WSA (2000)= Wörterbuch der Synonyme und Antonyme. Erich und Hildegard Bulitta. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.

DNSPw (2006)= Der Neue Sass – Plattdeutsches Wörterbuch. Plattdeutsch – Hochdeutsch. Hochdeutsch – Plattdeutsch. Neumünster: Wachholtz Verlag.

DW (1986)= Wahrig, Gerhard: Deutsches Wörterbuch. Bearb. von Ursula Hermann. 25 Jahre Jubiläumsausgabe.

LDCE (1978)= Longman Dictionary of Contemporary English. Harlow/ Essex: Longman.

Dicionário da Língua Portuguesa, Versão 1.0 – 1996 – Priberam Informática e Porto Editora.

BABYLON Ltd.

2008 – Aplicação gestora de dicionários, v. 7.0

2006 – Idem

LINGOES 2.6.2 Beta

Kevin Yau - [www.lingoes.net](http://www.lingoes.net)

Copyright 2006-2009 Lingoes Project – Aplicação gestora de dicionários  
(05.09.2009) - Dictionnaire de l'Académie française, neuvième édition

Version informatisée

<http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>

(10.03.2009) - DWDS, Das digitale Wörterbuch der deutschen Sprache des 20.  
Jh. - Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften

<http://www.dwds.de/>

(13.03.2009) - Etymologisch woordenboek van het Nederlands, onder  
hoofredactie van dr. Marlies Philippa, dr. Frans Debrabandere, prof. dr. Arend Quak, dr.  
Tanneke Schoonheim en dr. Nicoline van der Sijs, Amsterdam University Press

<http://www.etymologie.nl/>

(04.03.2009) - RLL-Research Guide for Romance Studies - Sp: Dictionaries

[http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&panel=icb.pagecontent36961%3Ar%241%3Fname%3Dspanish.html%2Cicb.pagecontent36960%3Ar%241%3Fname%3Dbilingual.html&pageid=icb.page10598&pageContentId=icb.pagecontent36960&view=view.do&viewParam\\_name=rae.html#a\\_icb\\_pagecontent36960](http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&panel=icb.pagecontent36961%3Ar%241%3Fname%3Dspanish.html%2Cicb.pagecontent36960%3Ar%241%3Fname%3Dbilingual.html&pageid=icb.page10598&pageContentId=icb.pagecontent36960&view=view.do&viewParam_name=rae.html#a_icb_pagecontent36960)

(09.03.2009) - RLL-Research Guide for Romance Studies - It: Dictionaries

<http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&tabgroupid=icb.tabgroup10>

1

(14. 03.2009) - RLL-Research Guide for Romance Studies - Fr: Dictionaries

[http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&view=view.do&viewParam\\_name=etym.html](http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=k1080&pageid=icb.page10596&pageContentId=icb.pagecontent49717&view=view.do&viewParam_name=etym.html)

## **Corpora**

Recolhido em processos fotográficos a partir das obras no local.

## Índice remissivo

### Autores e assuntos

#### A

analogia, 24, 31, 37, 38, 40, 42, 53, 65,  
103, 114, 116, 124  
apresentação, 45, 55, 70, 71, 72, 74, 75,  
77, 78, 79, 115, 132, 134, 137, 139,  
140, 141, 256  
Arnheim, 79, 80, 289  
arte, 17, 34, 54, 55, 66, 76, 77, 78, 89,  
115, 116, 137, 138, 300, 305

#### B

Blank, 64, 290  
Blumenberg, 50, 296  
Brandt, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51,  
53, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 68,  
137, 138, 140, 141, 290  
Bréal, 37, 38, 290

#### C

categorias, 22, 23, 24, 26, 36, 40, 46,  
52, 53, 89, 96, 100, 117, 119, 120,  
123, 124, 126, 127, 129, 132, 135,  
136

categorização, 23, 24, 25, 38, 47, 48,  
52, 53, 66, 72, 80, 99, 105, 110, 122,  
129, 132, 138, 139, 163  
Cervantes, 72, 74

#### Ch

Chomsky, 103, 104, 130, 140, 291, 301

#### C

cognição, 20, 23, 26, 27, 29, 30, 40, 42,  
44, 45, 48, 50, 62, 63, 95, 100, 102,  
105, 106, 107, 123, 126, 127, 130,  
137, 138, 139  
cognitivismo, 17, 119, 137  
conceito, 23, 46, 52, 66, 79, 80, 97, 100,  
110, 111, 117, 119, 120, 130, 184,  
191, 192, 195, 203  
conceito linguístico, 79, 85, 206, 207  
conceito visual, 79, 80, 82, 83, 84, 85,  
206, 207  
conceitos, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 30, 31,  
34, 42, 46, 49, 64, 65, 66, 76, 77, 91,  
99, 100, 104, 114, 116, 117, 118,  
119, 124, 129, 139



conceptual, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29,  
30, 31, 33, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 47,  
48, 49, 50, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65,  
66, 68, 70, 75, 76, 91, 95, 97, 98, 99,  
100, 104, 112, 113, 114, 115, 116,  
118, 119, 120, 121, 122, 123, 124,  
126, 127, 128, 129, 130, 135, 136,  
138, 139, 140, 141, 293, 302

conceptualização, 12, 20, 22, 23, 25, 27,  
28, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40,  
41, 46, 49, 50, 66, 69, 85, 95, 96, 99,  
100, 101, 113, 115, 117, 121, 122,  
123, 127, 136, 137, 138, 139, 140,  
141, 143, 144, 164, 168, 174, 183,  
192, 206, 211, 214

conhecimento enciclopédico, 61, 72, 78,  
94, 97, 110, 112, 115, 120, 122, 123,  
124

construção, 18, 31, 32, 34, 43, 44, 58,  
61, 68, 69, 71, 75, 89, 92, 99, 101,  
105, 106, 111, 113, 114, 124, 125,  
126, 127, 128, 130, 131, 135, 138,  
139, 140, 141, 143, 144, 145

conteúdo, 23, 30, 32, 33, 37, 38, 48, 56,  
57, 58, 59, 63, 68, 69, 71, 76, 78, 79,  
100, 116, 119, 122, 123, 124, 130,  
131, 132, 133, 135, 140, 142, 145,  
146

contexto, 22, 26, 30, 46, 47, 61, 63, 64,  
72, 80, 81, 91, 92, 95, 99, 102, 110,  
114, 115, 116, 122, 129, 130, 141,  
152, 153, 194

contiguidade, 24, 41, 53, 64, 65, 66, 67,  
102

corporiza, 26

corporização, 26, 27, 29, 33, 36, 48, 69,  
95, 116, 117, 121, 122, 136, 139

Coulson, 113, 114, 291, 295

criatividade, 31, 139, 140

cultural, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 34,  
35, 45, 54, 55, 59, 60, 61, 62, 64, 76,  
89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98,  
99, 101, 103, 104, 106, 107, 108,  
110, 116, 117, 122, 123, 124, 132,  
134, 136, 141, 142, 144, 145, 146,  
294, 298, 301, 304

## D

Dirven, 24, 37, 53, 119, 289, 292, 293,  
296, 297, 299, 303, 304

## E

escultura, 32, 68, 69, 73, 75, 76, 93,  
101, 102, 112, 116, 138, 143, 145,  
308

esquemas imagéticos, 22, 24, 28, 29,  
36, 51, 53, 121

estatutária, 2, 17, 20, 44, 51, 54, 66, 68,  
76, 89, 90, 92, 93, 94, 98, 101, 105,  
109, 112, 113, 115, 137, 138, 142,  
143, 145, 147

estética, 44, 45, 54, 55, 63, 71, 75, 78,  
111, 138, 141

estético, 45, 55, 71, 72, 75, 79, 116, 146

experiência, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29,  
30, 33, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45,  
46, 48, 55, 57, 61, 62, 64, 69, 70, 71,  
72, 74, 75, 92, 94, 95, 99, 100, 101,  
102, 103, 106, 109, 113, 114, 116,  
121, 122, 123, 127, 132, 134, 137,  
138, 139, 141, 259  
experiência física, 23, 29, 113, 206  
experiencialista, 23, 25, 49, 92, 95, 100,  
116

## F

Fauconnier, 29, 121, 130, 131, 135,  
137, 140, 146, 292, 293  
fenomenológico, 32, 33, 43, 45, 55, 57,  
58, 69, 70, 71, 120, 135, 138, 139  
figurativa, 54, 66, 68, 72, 75, 76, 93, 97,  
103, 113  
Fillmore, 30, 64, 110, 120, 121, 123,  
293  
forma, 23, 25, 33, 39, 44, 46, 47, 49, 56,  
60, 65, 66, 68, 69, 74, 76, 77, 78, 79,  
90, 96, 97, 98, 100, 101, 106, 112,  
114, 121, 127, 132, 133, 135, 136,  
138, 139, 140, 141, 142, 143, 144,  
145  
frame, 30, 49, 61, 64, 66, 111, 122, 125,  
138, 301

## G

*gestalt*, 36, 40, 47, 65, 75, 96, 97, 121,  
126, 129

Gibbs, 26, 27, 95, 294, 295, 296, 298,  
302

## H

Heine, 47, 49, 50, 109, 295, 299, 303  
Hjelmslev, 94, 132, 133, 143, 295  
Humboldt, 106, 296  
Husserl, 70, 71, 74, 296

## I

iconografia, 64, 66, 76, 77  
iconográfico, 76, 337  
iconologia, 77  
identidade, 34, 41, 50, 51, 55, 60, 61,  
68, 76, 91, 94, 98, 99, 100, 101, 102,  
107, 122, 129, 139, 140, 142  
imagens, 28, 31, 37, 47, 49, 62, 75, 77,  
79, 93, 112, 132, 143, 144, 147, 148,  
149, 150, 151, 152, 190, 191, 195,  
197, 198  
imaginação, 25, 31, 45, 46, 62, 71, 74,  
91, 92, 111, 117, 139, 140  
imaterial, 51, 53, 54, 59, 61, 101, 103  
inferência, 57, 99, 114, 121, 124, 127  
inferencial, 26, 45, 46, 47, 94, 110, 122  
interpretação, 30, 42, 43, 60, 70, 73, 75,  
77, 113, 115, 124, 128, 132

## J

Jackendoff, 126, 127, 128, 129, 130,  
296  
Jäkel, 31, 32, 60, 91, 123, 296  
Jakobson, 66, 67, 140, 296

Johnson, 22, 23, 25, 26, 29, 30, 34, 91,  
92, 95, 100, 113, 116, 117, 121, 122,  
235, 297, 298, 299

## K

Kant, 146, 251, 252, 296, 297

Koch, 65, 297

Kövecses, 28, 297, 298

## L

Lakoff, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30,  
34, 91, 95, 100, 105, 113, 116, 117,  
121, 122, 123, 235, 298, 299

Lévi-Strauss, 140

Lévy-Strauss, 105

linguagem, 20, 24, 25, 27, 28, 29, 31,  
32, 38, 44, 45, 46, 48, 50, 53, 61, 64,  
66, 69, 91, 92, 94, 95, 102, 103, 104,  
105, 107, 117, 119, 122, 125, 127,  
128, 130, 132, 133, 134, 135, 141

linguística, 17, 20, 23, 28, 30, 32, 33,  
34, 36, 37, 38, 43, 44, 45, 46, 47, 49,  
53, 57, 60, 62, 65, 66, 68, 69, 70, 75,  
90, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101,  
102, 103, 104, 105, 106, 109, 110,  
112, 113, 124, 125, 130, 131, 135,  
138, 139, 141, 143, 144, 146

Linguística Cognitiva, 22, 26, 27, 48,  
99, 121, 290

## M

mapeamento, 37, 42, 58, 78, 94, 113,  
124

mapeamentos, 27, 63, 114, 136

material, 51, 54, 56, 59, 71, 101, 109,  
110, 123, 138, 143

memória, 22, 32, 34, 46, 48, 56, 57, 69,  
72, 73, 79, 91, 93, 100, 101, 102,  
108, 111, 114, 116, 126, 134, 138,  
140, 141, 142, 146

mesclagem, 78, 79, 112, 113, 137, 139

mesclagens, 68, 131, 140

metáfora, 20, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33,  
37, 40, 42, 43, 44, 47, 53, 62, 65, 66,  
70, 91, 96, 113, 117, 135, 136, 141

metáforas conceptuais, 27, 29, 61, 93,  
121

metafórico, 20, 27, 28, 29, 30, 36, 37,  
49, 57, 66, 113, 145

metonímia, 25, 53, 64, 65, 66

modelos cognitivos idealizados, 27, 28,  
61, 64, 69, 121

Mukaröfsky, 115, 116

## N

Nöth, 102, 106, 109, 300

## O

onomasiológica, 32, 76, 311

## P

Panofsky, 76, 77, 179, 300

património, 20, 89, 100, 101, 103

percepção, 29, 32, 33, 36, 39, 40, 45,  
48, 56, 59, 62, 64, 69, 71, 73, 74, 75,  
76, 79, 80, 91, 96, 98, 108, 121, 124,

126, 128, 129, 130, 132, 134, 135,  
136, 137, 141, 142, 185  
perceptivo, 22, 29, 34, 41, 45, 70, 72,  
105, 116, 124, 138, 139  
plástica, 94, 95, 144  
Porzig, 50, 300  
pré-conceptual, 79  
protótipo, 23, 24, 40, 47, 52, 53, 59,  
119, 124, 125  
protótipos, 23, 25, 26, 40, 52, 53, 66

## Q

Quinn, 27, 28, 95, 96

## R

realismo experiencialista, 22, 25, 34,  
117  
redes de espaços mentais, 68  
representação, 20, 22, 32, 33, 34, 42,  
44, 45, 46, 47, 48, 51, 55, 61, 62, 65,  
66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76,  
77, 79, 80, 82, 90, 92, 93, 94, 97, 98,  
99, 102, 107, 108, 109, 110, 111,  
112, 115, 116, 123, 124, 125, 126,  
127, 129, 130, 131, 132, 134, 135,  
136, 138, 139, 141, 142, 143, 144,  
151, 152, 174, 175, 176, 178, 179,  
183, 185, 189, 190, 191, 192, 198,  
204, 211, 212, 215, 216, 217, 232,  
256  
representações, 17, 21, 26, 27, 28, 29,  
34, 37, 39, 46, 51, 54, 56, 57, 62, 64,  
67, 75, 76, 90, 92, 93, 95, 96, 98,

101, 102, 103, 104, 108, 109, 112,  
114, 118, 120, 121, 123, 124, 127,  
132, 134, 135, 137, 138, 139, 140,  
141, 142, 144, 145, 259  
Rosch, 23, 52, 96

## S

saltos semânticos, 74, 113  
Saussure, 48, 65, 104, 132, 295, 301  
Schmid, 23, 30, 46, 52, 303  
*scripto*-visual, 20, 32, 68, 73, 141  
semântica, 25, 26, 30, 32, 33, 36, 46,  
47, 48, 50, 51, 61, 62, 63, 64, 65, 66,  
68, 69, 70, 76, 91, 92, 93, 94, 95, 97,  
98, 99, 100, 101, 102, 104, 112, 114,  
115, 116, 117, 118, 119, 120, 121,  
122, 123, 124, 125, 126, 127, 128,  
129, 130, 131, 132, 134, 135, 136,  
137, 138, 139, 140, 141, 163, 302  
semântica cognitiva, 25, 32, 33, 36, 50,  
65, 68, 69, 91, 94, 97, 98, 99, 100,  
114, 116, 118, 121, 122, 123, 124,  
125, 126, 134, 135, 136, 137, 140  
semanticidade, 77, 109, 114, 124, 127,  
145  
semasiológica, 32  
semiótica, 17, 20, 32, 33, 34, 43, 44, 45,  
47, 55, 56, 57, 58, 62, 64, 65, 68, 69,  
70, 75, 94, 97, 98, 100, 102, 109,  
121, 123, 124, 132, 137, 144  
semiótica cognitiva, 69, 70  
significado, 20, 24, 26, 30, 32, 33, 34,  
37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 49,

50, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62,  
63, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75,  
76, 77, 78, 79, 90, 91, 92, 93, 94, 95,  
97, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107,  
108, 110, 111, 113, 114, 115, 116,  
117, 118, 119, 120, 121, 122, 123,  
124, 125, 126, 127, 128, 129, 130,  
131, 132, 134, 135, 136, 137, 138,  
139, 140, 141, 142, 143, 144, 145,  
147, 148, 151, 163, 169, 172, 174,  
175, 179, 185, 186, 189, 191, 193,  
194, 213, 215, 256  
Silva, 26, 120, 290, 302  
simbólica, 20, 32, 53, 54, 59, 62, 69, 76,  
90, 99, 107, 113, 114, 132, 142, 143,  
144, 145  
símbolo, 57, 58, 59, 80, 90, 112, 115,  
116, 209, 226, 250, 251, 252

## T

Talmy, 122, 135, 136, 139, 141, 302,  
303  
Taylor, 24, 30, 52, 66, 105, 119, 123,  
292, 294, 295, 296, 298, 303  
Teoria da Dupla Herança, 106

Tomasello, 100, 103, 104, 105, 106,  
107, 110, 303

## U

Ungerer, 23, 30, 46, 52, 303  
urbana, 17, 20, 44, 66, 89, 90, 98, 100,  
102, 103, 105, 110, 112, 113, 115,  
137, 138, 142, 143, 145, 147, 308

## V

Verspoor, 24, 37, 53, 119, 291, 292,  
302, 303  
Violi, 94, 97, 98, 99, 110, 112, 114,  
120, 123, 124, 125, 292, 296, 304  
visual, 32, 33, 66, 68, 69, 70, 71, 75, 76,  
92, 99, 129, 134, 135, 137, 140, 146

## W

Weinrich, 31, 32, 42, 43, 44, 50, 60,  
296, 304  
Wierzbicka, 117, 118, 119, 304  
Wittgenstein, 23, 24, 304

## Índice de figuras

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| Fig. 1- Esquema imagético do contentor. ....                                | 39  |
| Fig. 2- Esquema imagético da trajectória. ....                              | 40  |
| Fig. 3- Esquema imagético da ligação. ....                                  | 41  |
| Fig. 4- Neptunbrunnen (Berlim). ....                                        | 67  |
| Fig. 5- Monumento Quijote e Sancho (Munera). ....                           | 73  |
| Fig. 6- Pormenor do Monumento Quijote e Sancho (Munera). ....               | 74  |
| Fig. 7- Pintura no Taller de Especialización Profesional (Munera). ....     | 74  |
| Fig. 8 – Escultura em Stillhorn [IDSL:281]. ....                            | 76  |
| Fig. 9 – Rede de espaços mentais das obras escultóricas. ....               | 78  |
| Fig. 10 - Escultura Republique Française [IDSL:548] em Gigean. ....         | 81  |
| Fig. 12- Pormenor da imagem Republique Française [IDSL:548] em Gigean. .... | 82  |
| Fig. 13- Rede de espaços mentais da representação. ....                     | 86  |
| Fig. 14-- Vista de Hühnerdieb com o galo. ....                              | 87  |
| Fig. 15-- Vista de Hühnerdieb com a galinha. ....                           | 87  |
| Fig. 16 – Frame de Hühnerdieb. ....                                         | 88  |
| Fig. 17 – Hans Hummel (intervenção urbana em Hamburgo em 2003 e 2004). .... | 89  |
| Fig. 18 - Hiob (Nürnberg). ....                                             | 90  |
| Fig. 19- Scheveningse vissersvrouw [IDSL:72]. ....                          | 96  |
| Fig. 20- Fiskegumma [IDSL:111]. ....                                        | 97  |
| Fig. 21- Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443]. ....        | 108 |
| Fig. 22 - Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443]. ....       | 108 |
| Fig. 23- Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443]. ....        | 109 |
| Fig. 24- Pormenor de Monument à la vigne et au vin [IDSL :443]. ....        | 109 |
| Fig. 25- Pormenor de Hoschemer Käs- u. Weinsulptur [IDSL :274]. ....        | 110 |
| Fig. 26- Pormenor de Hoschemer Käs- u. Weinsulptur [IDSL :274]. ....        | 111 |
| Fig. 27- Pormenor de Hoschemer Käs- u. Weinsulptur [IDSL :274]. ....        | 111 |
| Fig. 28- Inscrição de Hoschemer Käs- u. Weinsulptur [IDSL :274]. ....       | 112 |
| Fig. 29- Het Friese Paard [IDSL:286]. ....                                  | 142 |

|                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Fig. 30- Placa de Het Friese Paard [IDSL:286].....                                                            | 142 |
| Fig. 31- Onze moeder [IDSL:288]. ....                                                                         | 143 |
| Fig. 32- Corriendo el Encierro [IDSL:59].....                                                                 | 144 |
| Fig. 33- Estátua da loba em Merida.....                                                                       | 145 |
| Fig. 34- Estátua da loba em Segóvia. ....                                                                     | 145 |
| Fig. 36- La Louve [IDSL:392]. ....                                                                            | 146 |
| Fig. 35- Toponímia (local onde se encontra La Louve [IDSL:392]).....                                          | 146 |
| Fig. 37 – Contagem de representações. ....                                                                    | 156 |
| Fig. 38 - Monumento ao leitão em Mealhada, Portugal. ....                                                     | 158 |
| Fig. 39 – Contagem de idiomas. ....                                                                           | 159 |
| Fig. 40 – Modelos de representação com maior transversalidade linguística. ....                               | 162 |
| Fig. 41 – Síntese dos modelos de representação mais frequentes e com maior transversalidade linguística. .... | 162 |
| Fig. 42- REM de [IDSL:4] Carrazedo de Montenegro.....                                                         | 165 |
| Fig. 43- REM de [IDSL:341] Vierwinden.....                                                                    | 172 |
| Fig. 44- REM de [IDSL:374] Porca de Murça. ....                                                               | 174 |
| Fig. 45- REM de [IDSL:392] La Louve. ....                                                                     | 176 |
| Fig. 46- REM de [IDSL:513] La puntaire de L’Arboç.....                                                        | 181 |
| Fig. 47- <i>Frame</i> de “puntaire”. ....                                                                     | 182 |
| Fig. 48- Placa de Der Ulenköper. ....                                                                         | 183 |
| Fig. 49 - REM de [IDSL:126] Der Ulenköper.....                                                                | 185 |
| Fig. 50- Estátua em pedra de Hans Hummel em Hamburgo. Foto em: Wikipedia – Hans Hummel .....                  | 188 |
| Fig. 51- Incrição no conjunto em pedra. Foto em: Wikipedia – Hans Hummel .....                                | 188 |
| Fig. 52- REM de [IDSL:224] Hans Hummel. ....                                                                  | 189 |
| Fig. 53- REM de [IDSL:407] Os tripeiros.....                                                                  | 194 |
| Fig. 54 - Homenagem ao Vinho da Mealhada [IDSL:429] em Mealhada. ....                                         | 200 |
| Fig. 55 - La Beauce [IDSL: 527] em Orléans.....                                                               | 202 |
| Fig. 56- REM de [IDSL:158] Justiça de Fafe.....                                                               | 204 |
| Fig. 57- Incrição na escultura Huckup. ....                                                                   | 205 |
| Fig. 58- Huckup (Hildesheim).....                                                                             | 206 |
| Fig. 59- REM de [IDSL:301] Huckup.....                                                                        | 208 |
| Fig. 60- REM de [IDSL:456] Dikkertje Dap.....                                                                 | 211 |

|                                                                                                                                                                                                                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Fig. 61- REM de [IDSL:58] El pelegrin.....                                                                                                                                                                                                                          | 213 |
| Fig. 62- REM de [IDSL:91] På kyrkstigen. ....                                                                                                                                                                                                                       | 215 |
| Fig. 63 - O cão [IDSL:8] .....                                                                                                                                                                                                                                      | 220 |
| Fig. 64 - Pormenor de um dos conjuntos de azulejos de O cão [IDSL:8].....                                                                                                                                                                                           | 220 |
| Fig. 65 – Estátua da Justiça - foto em <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio_da_Justiça_(Porto)">http://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio da Justiça (Porto)</a> .....                                                                                          | 222 |
| Fig. 66 - Pormenor do conjunto Berliner Originale [IDSL:375] com a imagem do mirone Eckensteher Nante.....                                                                                                                                                          | 226 |
| Fig. 67 - Definição de Zitronenjette retirada de Das Hamburgische Wörterbuch. Em: Das Hamburgische Wörterbuch - kulturelles Gedächtnis der Stadt - Universität Hamburg .....                                                                                        | 227 |
| Fig. 68 - Imagem escultórica de Zitronenjette. Foto em: plattdütsch künst .....                                                                                                                                                                                     | 228 |
| Fig. 69- REM de Zitronenjette. ....                                                                                                                                                                                                                                 | 229 |
| Fig. 70 - Estátua Mooswief [IDSL:175] em Maastricht.....                                                                                                                                                                                                            | 233 |
| Fig. 71 - Estátua Humsera em Bamberg na Alemanha. Foto em: Wikipedia - Humsera .....                                                                                                                                                                                | 235 |
| Fig. 72 - Estátua 'T Ootje [IDSL:461] em Volendam. ....                                                                                                                                                                                                             | 237 |
| Fig. 73 - Pormenor da placa da imagem de 'T Ootje com inscrição.....                                                                                                                                                                                                | 237 |
| Fig. 74 - Estátua De Bap [IDSL:462] e inscrição em Volendam (montagem).....                                                                                                                                                                                         | 238 |
| Fig. 75- Pormenor de Fontein op 't Zand [IDSL:453] com as imagens do grupo de mulheres, dos ciclistas e de Thijl Uilenspiegel.....                                                                                                                                  | 242 |
| Fig. 76 - Placa de Tijl Uilenspiegel [IDSL:453] (Brugge).....                                                                                                                                                                                                       | 243 |
| Fig. 77 - Imagem de Tijl Uilenspiegel [IDSL:453]. ....                                                                                                                                                                                                              | 244 |
| Fig. 78 - Pormenor de Fontein op 't Zand [IDSL:453] com a pequena imagem escultórica da coruja na base do conjunto. ....                                                                                                                                            | 245 |
| Fig. 79 – Conjunto escultórico Échasseurs namurois [IDSL:544] em Namur. ....                                                                                                                                                                                        | 247 |
| Fig. 80 – Placas direccionais toponímicas.....                                                                                                                                                                                                                      | 248 |
| Fig. 81– REM de Échasseurs namurois [IDSL:544] em Namur. ....                                                                                                                                                                                                       | 250 |
| Fig. 82- REM de [IDSL:93] Badende ungdom. ....                                                                                                                                                                                                                      | 257 |
| Fig. 83 – REM de [IDSL:563] Complicidad .....                                                                                                                                                                                                                       | 259 |
| Fig. 84 - Ethno-Linguistic Map of Europe Before 1914 - Max Riedlsperger, Professor of History, Cal Poly State University, <a href="http://cla.calpoly.edu/~mriedlsp/history315/maps/map2.html">http://cla.calpoly.edu/~mriedlsp/history315/maps/map2.html</a> ..... | 281 |



|                                                                                                                                                                                                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Fig. 85 - Mapa dialectal da Alemanha. Em: Perry-Castañeda Library Map Collection                                                                                                                                                                   | 282 |
| Fig. 86 - Distribuição das línguas oficiais na Península Ibérica. Em: Ethnologue<br>languages of the world - .....                                                                                                                                 | 283 |
| Fig. 87 - Reprodução do mercado de vegetais da época em Maastricht com a estátua de<br>Mooswief ao centro. Em: Jaegers, Guy. 2007. het Maastricht boek. Maastricht:<br>Waanders Uitgevers, Zwolle /Regionaal Historisch Centrum Limburg.[*pdf].... | 284 |
| Fig. 88 - Situação linguística na Bélgica. Em: Perry-Castañeda Library Map Collection<br>.....                                                                                                                                                     | 285 |
| Fig. 89 - Versão da lenda Les Echasseurs Namurois em banda desenhada. Em: Les<br>Echasseurs Namurois.....                                                                                                                                          | 289 |